UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

FELIPE BENJAMIN FRANCISCO

**O dialeto árabe de Essaouira: documentação e
descrição de uma variedade do sul do Marrocos**

Versão Corrigida

São Paulo
2019

FELIPE BENJAMIN FRANCISCO

**O dialeto árabe de Essaouira: documentação e descrição de
uma variedade do sul do Marrocos**

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Doutor em
Letras.

Programa: Estudos Judaicos e Árabes. Área de
concentração: Estudos Árabes.

Orientadora: Profa. Dra. Safa Alferd Abou-
Chahla Jubran

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F818d Francisco, Felipe Benjamin
O dialeto árabe de Essaouira: documentação e
descrição de uma variedade do sul do Marrocos /
Felipe Benjamin Francisco ; orientadora Safa Alferd
Abou Chahla Jubran . - São Paulo, 2019.
222 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. LÍNGUA ÁRABE. 2. ÁRABE. 3. DIALETOLOGIA. 4.
DIALETO. 5. BÉRBERES. I. Jubran , Safa Alferd Abou
Chahla, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Felipe Benjamín Francisco

Data da defesa: 26/09/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 24 / 10 / 2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

AGRADECIMENTOS

À minha amiga e orientadora, Profa. Safa A-C Jubran, por seu apoio fundamental à minha formação acadêmica durante os últimos treze anos.

Ao Prof. Jorge Aguadé, coorientador informal deste trabalho, que desde o início se mostrou disponível e solícito em me auxiliar nesta pesquisa, além de me acolher em sua universidade na cidade de Cádiz.

Aos professores que me incentivaram de tantas formas a levar adiante este trabalho, convidando-me para falar desta pesquisa em suas instituições bem como respondendo às minhas dúvidas e sugerindo melhorias neste trabalho: Alberto Sismondini, Ángeles Vicente, Jairo Guerrero, Joaquín Bustamante, Joseph Chetrit, Mamede Jarouche, Michel Sleiman, Mona Hawi, Montserrat Benítez e Peter Behnstedt.

À cidade de Essaouira e seus membros mais ilustres, os quais sempre dispuseram de muita paciência e simpatia comigo e com minhas perguntas: Nabil Abdulaziz, Sanae El Bargui, Ghizlan Elkhalfi, Sufian Kofal, Abdeljabbar Elguer, Ahmed Harrouz, Hafid Sadeq e Zhour Alsnoussi.

À comunidade judaica de Mogador dentro da qual destaco o Sr. André Azoulay, conselheiro de Sua Majestade o rei Mohammed VI, por meio do qual foi possível contatar valiosos informantes judeus, a fim de registrar um falar que está em vias de desaparecer. Agradeço a grande ajuda dos senhores Sidney Corcos, Joseph Sabbag, Ami Bouganim e do sempre disponível Asher Knafo.

Aos amigos marroquinos, no Brasil e no exterior, que me ajudaram na compreensão das gravações e na transcrição dos áudios: Profa. Laila Benyahia, Bouteina Basma Al Halabi, Azzedine Ahensal, Mohamed Elanbari e Youssef Roudaby.

Aos meus amigos que, além do apoio moral, contribuíram a este trabalho disponibilizando parte da bibliografia que se encontrava fora do Brasil: Beatriz

Gemignani, Emerson Seo, Carlos Eduardo Carrasco, Christiane Damien, André Lasmar, Aline Khoury, Marcelo Intaschi, Camila Belmonte, Saliha Soylu e Thomaz Ferrari. Meus agradecimentos também a Paula Carvalho e a Melissa Yoshioka pela leitura de meu texto.

À minha irmã, Profa. Gaby Friess Kirsch, pela tradução do texto de Albert Socin do alemão ao português.

À minha mãe, Carla, que compartilhou das minhas alegrias e conquistas nesses últimos anos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior.

RESUMO

FRANCISCO, Felipe Benjamin. **O dialeto árabe de Essaouira: documentação e descrição de uma variedade do sul do Marrocos**. 2019. 222f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta tese apresenta uma descrição linguística do dialeto árabe da cidade de Essaouira, conhecida no passado como Mogador, situada no sul do Marrocos. Localizada na fronteira linguística dos territórios Chiadma (árabe) e Haha (berbere), Essaouira foi ignorada pela dialetologia do árabe, pois acreditava-se que sua população muçulmana seria berbere (Heath, 2002), de modo que chegou até nós apenas um estudo do dialeto dos muçulmanos (Socin, 1893), ao passo que todos os outros se dedicaram ao dialeto judeu da cidade (Lévy, 1994, 2009; Heath, 2002; Chetrit, 2012). A fim de preencher essa lacuna, realizou-se a documentação linguística das variedades de muçulmanos e judeus por meio da aplicação de questionário dialetológico e registro de conversação livre (Behnstedt, 1995; Caubet 2001; Behnstedt e Woidich, 2013) e, em seguida, apresentamos um estudo linguístico abrangendo fonética e fonologia, morfologia verbal e morfologia nominal do dialeto. Constatou-se que o dialeto urbano de Essaouira consiste numa variedade de tipo beduíno hilaliano ou central (Colin, 1945; 1986), mas com traços beduínos saarianos e também pré-hilalianos citadinos, o que poderia ser explicado pela história da formação da população da cidade. O dialeto de Essaouira também revelou muitos traços linguísticos em comum com variedades do sudeste do Marrocos.

Palavras-chave: Marrocos. Dialetologia árabe. Língua árabe. Essaouira (Mogador). Judeu árabe.

ABSTRACT

FRANCISCO, Felipe Benjamin. **The Arabic dialect of Essaouira: documentation and description of a southern Moroccan variety**. 2019. 222f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This thesis presents a linguistic description of the Arabic dialect of Essaouira, once known as Mogador, situated in the South of Morocco. Located at the linguistic border between the Chiadma (Arabic) and Haha (Berber) territories, Essaouira has been ignored by the Arabic Dialectology scholarship, since its Muslim population was considered Berber (Heath, 2002). Therefore, only one single study on the Muslim dialect (Socin, 1893) arrived to this day, while all the other ones focused on the Jewish dialect of the city (Lévy, 1994, 2009; Heath, 2002; Chetrit, 2012). We aimed at documenting linguistically both varieties– the Muslim and the Jewish ones– in order to fill this gap in the area. We resorted to dialectological questionnaires and recording free conversation speech (Behnstedt, 1995; Caubet 2001; Behnstedt e Woidich, 2013). Then, a linguistic study follows, presenting data on the phonetics and phonology, verbal morphology and nominal morphology of the dialect. We confirmed that the urban dialect of Essaouira consists of a Bedouin hilalian type variety (Colin, 1945; 1986), however it contains Bedouin Saharan features and pre-hilalian features as well, probably due to the History of formation of its population. The dialect of Essaouira also showed several linguistic traits shared by southeastern Moroccan varieties.

Keywords: Morocco. Arabic Dialectology. Arabic Language. Essaouira (Mogador). Judeo-Arabic.

SUMÁRIO

Abreviaturas e símbolos	i
Símbolos de transcrição	ii
Sistema de transcrição	iv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
1. A dialetologia árabe e o árabe dialetal marroquino.....	8
1.1. Sobre a relação da língua árabe e seus dialetos.....	8
1.2. Princípios da dialetologia árabe	11
1.2.1. Os árabes e seu olhar sobre os dialetos.....	11
1.3. A origem europeia da dialetologia árabe.....	18
1.4. A dialetologia árabe tradicional.....	22
1.4.1. Classificação dos dialetos magrebins.....	27
1.4.1.1. Dialetos ocidentais e dialetos orientais.....	27
1.4.1.2. Os dialetos magrebins e as ondas de arabização	28
1.4.2. O árabe marroquino e suas variedades.....	30
CAPÍTULO II	
2. A cidade de Essaouira (Mogador): origens e povoamento.....	36
2.1. Essaouira-Mogador: questionamentos etimológicos.....	36
2.2. Fundação da cidade.....	40
2.3. Origens da população de Essaouira.....	42
2.3.1. A tribo dos Haha	46
2.3.2. A tribo dos Chiadma.....	46
2.3.3. Os judeus de Mogador.....	50
2.3.3.1. Coexistência entre judeus e muçulmanos	52
2.4. A população de Essaouira hoje: dados demográficos.....	54

CAPÍTULO III

3. O campo: documentação linguística e coleta de dados.....	56
3.1. Método de coleta.....	56
3.1.1. A qualidade dos dados.....	57
3.1.2. Um entrevistador “libanês”?.....	59
3.2. O trabalho de campo.....	60
3.3. Informantes.....	61

CAPÍTULO IV – ESTUDO LINGUÍSTICO

4. Fonética e fonologia.....	71
4.1. Fonemas vocálicos	71
4.1.1. Vogais breves e seus alofones	72
4.1.1.2. /ə/ e alofones.....	72
4.1.1.3. /ũ/ e alofones	73
4.1.2. Vogais longas e seus alofones.....	74
4.1.2.1. /ã/ e alofones.....	74
4.1.2.2. /ĩ/ e alofones.....	75
4.1.2.3. /ū/ e alofones.....	75
4.1.3. Vogais em estrangeirismos.....	77
4.1.4. Ditongos	77
4.1.5. Fenômenos vocálicos.....	80
4.1.5.1. Metátese ou inversão.....	80
4.1.5.2. Elisão.....	80
4.1.5.3. Alongamento ou alteração de base.....	81
4.2. Fonemas consonantais.....	82
4.2.1. Fonemas labiais.....	82
4.2.2. Fonemas dentais.....	83
4.2.3. Fonemas sibilantes.....	85
4.2.4. Fonemas laterais.....	85

4.2.5. Fonemas vibrantes.....	85
4.2.6. Fonemas pré-palatais fricativos	86
4.2.7. Fonemas velares.....	87
4.2.8. Fonemas uvulares	88
4.2.9. Fonemas faringais.....	88
4.2.10. Fonemas glotais ou laringais.....	89
4.2.11. Semiconsoantes	89
4.2.12. Fenômenos consonantais.....	90
4.2.12.1. Labialização	90
4.2.12.2. Alternância de /l/ e /n/	
4.2.12.3. Redução e assimilação.....	91
4.3. Estrutura silábica.....	93
5. Morfologia verbal.....	94
5.1. Conjugação e os aspectos perfectivo e imperfectivo.....	94
5.1.1. Perfectivo.....	94
5.1.2. Imperfectivo.....	95
5.1.3. Imperativo.....	95
5.2. Paradigmas verbais e suas conjugações	95
5.2.1. Verbo trilítere regular.....	95
5.2.1.1. Verbo simples.....	96
5.2.1.2. Verbo geminado ou duplo.....	98
5.2.1.3. Verbo côncavo.....	99
5.2.1.4. Verbo defectivo.....	102
5.2.1.5. Verbo assimilado.....	104
5.2.1.6. Verbos com conjugação própria	106
5.3. Formas derivadas.....	110
5.3.1. Forma II.....	110
5.3.1.1. Verbo simples.....	110

5.3.1.2. Verbo geminado.....	111
5.3.1.3. Verbo côncavo.....	112
5.3.1.4. Verbo defectivo.....	113
5.3.1.5. Verbo assimilado.....	114
5.3.2. Forma III.....	116
5.3.2.1. Verbo simples.....	116
5.3.2.2. Verbo geminado.....	117
5.3.2.3. Verbo côncavo	118
5.3.2.4. Verbo defectivo.....	120
5.3.2.5. Verbo assimilado.....	122
5.3.3. Forma V.....	123
5.3.3.1. Verbo simples.....	123
5.3.3.2. Verbo geminado	124
5.3.3.3. Verbo côncavo.....	124
5.3.3.4. Verbo defectivo.....	125
5.3.3.5. Verbo assimilado.....	126
5.3.4. Forma VI.....	127
5.3.4.1. Verbo simples.....	127
5.3.4.2. Verbo defectivo	128
5.3.5. Forma VII.....	129
5.3.6. Forma VIII	129
5.3.6.1. Verbo simples.....	129
5.3.6.2. Verbo côncavo.....	130
5.3.7. Forma IX.....	131
5.3.8. Forma X.....	131
5.3.8.1. Verbo simples	131
5.3.8.2. Verbo geminado.....	132
5.4. Verbo quadrilítere	133

5.5. Voz passiva	133
5.5.1. O verbo <i>dzād</i>	134
5.6. Valor dos aspectos verbais.....	135
5.6.1. Perfectivo.....	135
5.6.2. Imperfectivo	136
5.6.2.1. Com os prevérbios <i>ta-</i> e <i>ka-</i>	137
5.6.2.2. Sem prevérbio.....	138
5.6.3. Verbo <i>kān</i> como auxiliar.....	139
5.6.4. Futuro.....	140
5.6.4.1. Partícula <i>gādi</i>	140
5.6.4.2. Verbo <i>bga~ba</i> com valor de futuro.....	140
5.7. Negação verbal	141
6. Morfologia nominal	142
6.1. Esquemas morfológicos	142
6.1.1. Bilíteres	142
6.1.2. Trilíteres.....	142
6.1.2.1. Nomes trilíteres com modificação interna.....	144
6.1.3. Nomes quadrilíteres	145
6.1.3.1. Nomes quadrilíteres com modificação interna.....	146
6.1.4. Esquemas sem classificação	146
6.1.5. Esquemas com sufixo.....	146
6.1.6. Esquemas com prefixo.....	147
6.2. Gênero.....	148
6.2.1. Masculino.....	148
6.2.2. Feminino	148
6.3. Número.....	149
6.3.1. Nome coletivo.....	149
6.3.2. Dual.....	149

6.3.3. Plural externo.....	150
6.3.4. Plural interno ou fracto.....	151
6.3.5. Concordância de número.....	153
6.4. Adjetivo.....	154
6.4.1. Comparativo e superlativo.....	154
6.4.2. Diminutivo.....	155
6.5. Numerais	156
6.5.1. Numerais cardinais	156
6.5.2. Numerais ordinais	159
6.6. Artigo	160
6.6.1. Artigo definido.....	160
6.6.2. Artigo indefinido.....	161
6.7. Pronomes	162
6.7.1. Pronomes pessoais independentes	162
6.7.2. Pronomes pessoais sufixados.....	163
6.7.3. Pronomes demonstrativos.....	165
6.7.4. Pronomes e advérbios interrogativos.....	166
6.7.5. Pronome relativo.....	168
6.7.6. Pronome reflexivo.....	169
6.8. Genitivo.....	170
6.8.1. Sintético.....	170
6.8.2. Analítico.....	171
6.9. Preposições	172
6.10. Advérbios.....	173
6.10.1. Lugar.....	173
6.10.2. Tempo.....	173
6.10.3. Quantidade.....	174
6.10.4. Modo	175

6.10.5. Dúvida	176
6.11. Conjunções	176
6.11.1. Coordenativas.....	176
6.11.2. Subordinativas	177
6.12. Negação.....	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	179
Abreviaturas das obras	183
REFERÊNCIAS.....	184
APÊNDICE - Textos.....	198
ANEXO A – Mapas	206
ANEXO B – Fotografias do campo.....	212

Abreviaturas e símbolos

ár.cl.	árabe clássico
agricult.	agricultura
berb.	berbere
C.	consoante
conj.	conjunção
dim.	diminutivo
esp.	espanhol
Ex.	exemplo
f.	feminino
fr.	francês
heb.	hebraico
imp.	imperativo
impf.	imperfectivo
ing.	inglês
J	judeu
lit.	tradução literal
m.	masculino
M	muçulmano
p.	página
perf.	perfectivo
pl.	plural
pt.	português
R	rural
s.	singular
subst.	substantivo
V	vogal longa
v	vogal breve
voc.	vocativo
vulg.	vulgar
*	forma anterior (árabe clássico)
~	alternância
≠	oposição de pares mínimos
>	passa a (diacronia)
<	vem de (diacronia)
→	passa a (sincronia)
-	elemento clítico
Ø	conjunto vazio
√	raiz verbal
(...)	excerto continua

Símbolos de transcrição

Símbolo	Descrição	IPA	Caracteres árabes
/b/	bilabial oclusiva sonora	[b]	ب
/p/	bilabial oclusiva surda	[p]	
/m/	bilabial nasal	[m]	م
/v/	labiodental fricativa (espirante) sonora	[v]	
/f/	labiodental fricativa surda	[f]	ف
/d/	dental oclusiva sonora	[d]	د
/ð/	interdental fricativa sonora	[ð]	ذ
/d̪/	dental oclusiva sonora enfática	[d̪]	ض
/t/	dental oclusiva surda	[t]	ت
/t̪/	interdental fricativa surda	[t̪]	ث
/t͡/	dental africada	[t͡]	
/t̪̥/	dental oclusiva enfática ¹	[t̪̥]	ط
/ð̪̥/	interdental fricativa sonora enfática	[ð̪̥]	ظ
/z/	sibilante ² sonora	[z]	ز
/z̪̥/	sibilante sonora enfática	[z̪̥]	

¹ Ou faringalizada.

² Alveolar fricativa.

/s/	sibilante surda	[s]	س
/ṣ/	sibilante surda enfática	[s ^s]	ص
/ʒ/	pré-palatal fricativa sonora	[ʒ]	ج
/š/	pré-palatal fricativa surda	[ʃ]	ش
/č/	pré-palatal surda africada	[tʃ]	
/j/	Palatal africada sonora	[dʒ]	ج
/g/	velar oclusiva sonora	[g]	
/k/	velar oclusiva surda	[k]	ك
/ġ/	velar fricativa sonora	[ɣ]	غ
/ħ/	velar fricativa surda	[x]	خ
/q/	uvular oclusiva surda	[q]	ق
/ʕ/, / ^c / ³	faringal fricativa sonora	[ʕ]	ع
/ħ/	faringal fricativa surda	[ħ]	ح
/h/	laringal fricativa surda	[h]	ه
/ʔ/, / ^ʔ / ⁴	laringal/glotal oclusiva	[ʔ]	ء
	surda		
/l/	dental lateral sonora	[l]	ل
/r/	alveolar vibrante sonora	[r]	ر
/ṛ/	alveolar vibrante sonora	[r ^s]	
	enfática		
/n/	dental oclusiva sonora nasal	[n]	ن
/ā/	central aberta longa	[a:]	ا

³ O símbolo sobrescrito será utilizado para termos em árabe moderno padrão e para o árabe clássico.

⁴ Utilizado para o árabe moderno padrão e para o árabe clássico – termo utilizado para se referir à variedade descrita pelos gramáticos árabes do século VIII d.C. na qual foram escritos os textos pré-islâmicos, o Alcorão e outras fontes dos primeiros anos do Islã.

/ū/	posterior fechada longa	[u:]	و
/ī/	anterior fechada longa	[i:]	ي
/e/	anterior semifechada de duração variável	[e]	
/o/	posterior semifechada de duração variável	[o]	
/w/ ⁵	bilabial fricativa sonora	[w]	و
/y/	pré-palatal fricativa sonora	[j]	ي

Sistema de transcrição

O sistema de transcrição aqui adotado segue o modelo dos trabalhos de dialetologia árabe que nos precederam. A fim de facilitar a leitura dos dados transcritos, utilizou-se um sistema de transcrição fonológica ampla, que permite a visualização não só dos fonemas como também dos seus alofones e de certos fenômenos, como assimilações, representando a pronúncia efetiva das palavras.

Ao transcrevermos as nossas gravações, optamos pelas seguintes soluções:

- i) para a representação dos casos de assimilação: *dži < tži* “ela virá”;
- ii) para as vogais de longitude variável, que ocorrem em final de palavra, na maioria das vezes como clíticos ou possessivos, utilizam-se *a, u, i, e, o*: *mārti* “minha mulher”, *dyālu* “dele”. Também empregamos *i* como prefixo de 3s.m. do imperfectivo quando não está precedido por vogal: *išūf* “ele verá”⁶;

⁵ /w/ e /y/ como semiconsoantes e semivogais.

⁶ Muitos estudos representam a vogal desse prefixo também como a longa *ī*.

- iii) para as semivogais, utilizam-se -y/-w: *ka-yšūf* “ele vê”. No caso da conjunção aditiva *u-*, para a semiconsoante, utiliza-se *w-*: *w-ilāḥbu* “e jogarão”, porém *u-ka-nābqa* “e permanecemos”;
- iv) para os alofones do fonema breve /ə/, utilizam-se ə, ă, ŭ, ĭ⁷;
- v) os símbolos *a*, *u*, *i* representam as vogais breves na transcrição do árabe clássico;
- vi) o símbolo ^ə (sobrescrito) indica uma vogal epentética muito breve;
- vii) o símbolo ^w (sobrescrito) indica labialização.

Na transliteração do léxico do árabe padrão presente em meio à fala em árabe dialetal marroquino – o que caracteriza o fenômeno de *code-switching*⁸ –, não está clara a quantidade das vogais, isto é, se uma vogal é longa ou média. O árabe dialetal marroquino apresenta a restrição de vogais breves em sílaba aberta, o que leva o falante marroquino a alongar todas as vogais breves do léxico do árabe padrão nesse contexto e explica por que os dialetólogos, por muito tempo, optaram por representar todas as vogais como longas: *imtīḥānāt* (< ár.cl. *’imtiḥānāt*) “avaliações escolares”. No entanto, por acreditarmos que, em casos de mais de duas vogais, as vogais breves do árabe padrão assumem o status de médias, evitando que haja três ou mais longas numa mesma palavra, empregamos para elas os símbolos *a*, *u*, *i*: *imtīḥānāt*. A solução parece viável, uma vez que fatores como a entonação e, nos dialetos marroquinos, a instabilidade do acento podem interferir constantemente no alongamento das vogais médias.

Quanto às palavras dialetais comuns ao árabe clássico, as quais não necessariamente podemos considerar empréstimos recentes via árabe padrão, notamos,

⁷ Cada um desses símbolos inclui diferentes alofones em diferentes contextos consonantais. Ver capítulo IV.

⁸ Ver capítulo I.

com auxílio do Praat, que elas de fato apresentam vogais longas que nem sempre correspondem àsquelas das formas clássicas: *māṭalān* (<ár.cl. *maṭalan*), evitando *mātālān*; *dāʔimān* (<ár.cl. *dāʔiman*) ao invés de *dāʔīmān*. Para todas as outras ocorrências de duas vogais em sílaba aberta, a transcrição adotada contém duas longas, como nos itens lexicais dialetais a seguir: *wālīd* “pai”, *šāmāl* “norte”, *qāmār* “lua”, *bāḥīra* “navio”.

Por fim, serão mantidas as transliterações originais dos exemplos retirados de outras obras.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste num estudo de dialetologia árabe comparada do Magrebe que se propõe a documentar e descrever a variedade árabe urbana da cidade portuária de Essaouira, conhecida no passado por Mogador, no sul do Marrocos. Este trabalho segue o caminho traçado por tantos outros estudos dialetológicos que vêm se dedicando à descrição da variação linguística do árabe não apenas no norte da África, mas também no Oriente Médio, na Europa e onde quer que se possa ouvir alguém falando um dialeto árabe mundo afora.

Num balanço dos últimos 50 anos dessa área de estudo, Behnstedt e Woidich (2013, p. 321) ressaltam a necessidade ainda presente de não só recolher novos dados linguísticos do árabe, mas também refazer o trabalho de campo em localidades onde se esteve há muito tempo. Documentar e descrever os dialetos árabes são tarefas fundamentais para o desenvolvimento de outras subáreas da linguística, como a linguística histórica e a sociolinguística do árabe⁹, e também outras disciplinas como a antropologia e o ensino do árabe como língua estrangeira.

Essa situação é válida para o nosso objeto: o dialeto árabe de Essaouira. O interesse pelo estudo dessa variedade deu-se antes mesmo de nossa visita à cidade, sendo motivado inicialmente pela leitura do *Diccionario árabe marroquí* de Aguadé e Benyahia (2005). Nele deparamo-nos com a palavra *gārfo* “garfo”, que parecia se tratar de um lusismo no dialeto de Casablanca. Encontramos então a informação de que “garfo” seria

⁹ Cf. Owens (2001) e Al-Wer (2013).

uma isoglossa¹⁰ que distinguiria o dialeto dos judeus marroquinos de seus conterrâneos muçulmanos, que utilizavam *gārfo* e *fəršīta*¹¹, respectivamente, para o talher¹². Esse fato despertou nossa curiosidade, aproximando-nos de dois temas: o dialeto judeu-árabe marroquino e a relação histórica e linguística entre Portugal e Marrocos; o que nos levou à cidade de Mogador. Essa cidade portuária situada na costa atlântica gozou de uma numerosa população judaica e, curiosamente, fora ocupada pela Coroa portuguesa por um curtíssimo período de tempo (1506-1510)¹³ muito antes da fundação moderna da cidade em 1764.

Se por um lado a presença portuguesa não parece ter sido muito marcante em Essaouira – exceto por um pontual legado arquitetônico recente¹⁴ –, por outro lado sua população judaica foi bastante expressiva e conviveu durante dois séculos com as comunidades muçulmana e cristã (europeia) locais, tornando-se um modelo de coexistência religiosa. Por essa razão, os poucos estudos disponíveis sobre o dialeto árabe local focaram-se no dialeto judeu da cidade, o qual dificilmente se ouve nas ruas de Essaouira hoje em dia. A população de judeus da cidade foi reduzindo-se de forma acentuada ao longo do século passado, dando lugar a uma população cada vez mais representativa dos arredores rurais da cidade, naturais dos territórios dos Chiadma – falantes de árabe – e dos Haha – falantes de berbere.

¹⁰ Termo da dialetologia que indica uma linha traçada sobre o mapa de uma dada região, dividindo-a em duas áreas, de modo que em cada lado dessa linha encontram-se falantes que fazem uso de variantes linguísticas concorrentes (Chambers e Trudgill, 2004, p.89).

¹¹ <fr. *fourchette*.

¹² Heath (2002, p.108).

¹³ A presença portuguesa em Mogador estendeu-se por apenas quatro anos, da construção do forte de Castelo Real em 1506 até sua expulsão em 1510 (Carita, 1994, p.13). Foi uma ocupação extremamente breve em comparação à dominação portuguesa em áreas vizinhas, como a região dos Doukkala, onde foram tomadas na mesma época as cidades de Safi (1507), Al Jadida (1509) e Azamor (1513) (Michaux-Bellaire, 1932, p. 66). Al Jadida, conhecida como Mazagão, foi a cidade que passou mais tempo sob domínio português, ficando em suas mãos até 1769 (Cf. Michaux-Bellaire, 1932; Bouchareb, 1984).

¹⁴ Como o edifício do consulado português e uma igreja, ambos construídos no século XIX, no coração do centro antigo (medina) da cidade.

Essaouira se situa no limite do território linguístico árabe –de tipo hilaliano ou beduíno¹⁵–, que se inicia em Arzila (norte), estendendo-se pela planície atlântica em direção ao sul até a zona berbere (Colin, 1945; 1986). Contudo, a realidade linguística dessa parte da costa atlântica, tanto da cidade como de seus arredores, sempre foi uma lacuna na pesquisa sobre os dialetos do Marrocos. Os raros estudos dedicados ao falar de Essaouira focaram-se no dialeto judeu da cidade, ao passo que a variedade muçulmana foi deixada de lado, sendo objeto de um único trabalho publicado no século XIX.

Esse estudo, intitulado *Zum Arabischen Dialekt von Marokko* (“Um dialeto árabe do Marrocos”), de autoria do arabista alemão Albert Socin (1893), consistia em dois textos em árabe dialetal transcritos em símbolos fonéticos, acompanhados de tradução e notas¹⁶. Aparentemente seu informante era natural de Essaouira, da fronteira com o território arabófono, de modo que sua fala apresentava traços de árabe citadino (urbano) e de árabe beduíno (rural), além de assemelhar-se ao árabe falado por berberes (Socin, 1893, pp.154-155)¹⁷. Desde então se publicou um único estudo de Moscoso (2002) que descreveu o dialeto de Essaouira com base nos textos de Socin, porém sem apresentar dados atualizados da variedade local.

Para os dialetos judeus, Lévy (1994, 2009)¹⁸ foi o primeiro a coletar dados representativos da variedade a partir da entrevista coletiva com um grupo de pelo menos

¹⁵ Ver capítulo I. Traços linguísticos resultantes da segunda onda de arabização do Marrocos a partir do século XII d.C.

¹⁶ Segundo o autor, ele “recebeu” os textos escritos em árabe na forma de manuscrito (Socin, 1893, p.157), mas tudo leva a crer que, para transcrevê-los, seu informante teria ditado os textos para ele. O encontro com o informante ocorreu em Basileia, dezesseis anos antes da publicação do trabalho.

¹⁷ Após ter contato com uma trupe de “*šlōh*” (sic), isto é, berberes –dentre os quais havia falantes de árabe–, de visita a Leipzig em 1892, Socin percebeu que o árabe de seu informante de Essaouira era muito semelhante ao desses indivíduos (Socin, 1893, p.154). No entanto, não deixa claro em que aspecto seus dados assemelhavam-se à fala dessa trupe.

¹⁸ O filólogo e romanista marroquino Simon Lévy está entre os maiores estudiosos dos dialetos judeus do Marrocos.

quatro indivíduos em 1973. Heath (2002)¹⁹ também descreveu o dialeto judeu de Essaouira com base em quatro entrevistas, classificando-o como pertencente ao grupo dos dialetos da faixa atlântica, junto das variedades de Al Jadida, Azamor e Safi (p.26). Mais recentemente, Chetrit (2012)²⁰ publicou um estudo linguístico-literário sobre um poema canção escrito em dialeto judeu de Essaouira²¹. No entanto, nos trabalhos dos dois primeiros autores, Socin (1893) é a única fonte disponível para o dialeto dos muçulmanos.

Aparentemente, para Heath (2002), coletar dados dos muçulmanos de Essaouira não seria relevante, como explica o autor: “Não coletei dados de muçulmanos em Essaouira, acreditando que seus muçulmanos eram principalmente berberes do ponto de vista étnico”²² (p.26); e segue: “Para Essaouira não coletei dados de muçulmanos, uma vez que considero que a área tenha sido berberófona até recentemente”²³ (p. 28). Esse argumento é parcialmente válido, pois de fato os berberes da tribo Haha compuseram a população da cidade, porém não se podem ignorar os falantes de árabe provenientes de diferentes partes do Marrocos os quais também estiveram presentes em Essaouira desde sua fundação. Ademais, os falantes naturais do território vizinho Chiadma formaram uma parte representativa da população de língua árabe da cidade.

¹⁹ *Jewish and Muslim dialects of Moroccan Arabic* (Heath, 2002) consiste no estudo mais completo sobre os dialetos árabes do Marrocos como um todo, aproximando-se de um atlas linguístico do Marrocos.

²⁰ O autor nos informou a respeito de outro estudo de sua autoria, em hebraico, ao qual não tivemos acesso: “*Judeo-Arabic as Technical and Specialized Language in Mogador (Morocco). Description and Analysis of the contents of Yale Manuscript 1825-0016*”. Em M. Bar-Asher e S.D. Fraade (org.), *Studies on North African Jews: Documents Edited and Commented*. Jerusalém - New Haven, 2011, pp. 199-245.

²¹ O poema sobre a preparação da *shīna*, um prato típico judeu servido aos sábados, foi escrito em “judeu-árabe” de Essaouira, isto é, árabe dialetal em alfabeto hebraico, de autoria de David Iflah (1867-1944) (Chetrit, 2012, p.90).

²² Tradução nossa de “*I did not collect M data in Sw, in the belief that its muslims were mainly ethnic Berbers*” (Heath, 2002, p.26).

²³ Tradução nossa de “*For Sw I collected no M data since I consider the area to have been mainly Berber-speaking until recently*” (p.28).

O dialeto de Essaouira representado nos falares de ambos judeus e muçulmanos é uma lacuna que tentamos preencher neste trabalho. Não se pode desprezar o árabe falado na cidade de Essaouira e sua zona rural, devido à diversidade étnica, religiosa e linguística ali presentes. Dessa forma, sabendo da insuficiência dos dados anteriormente coletados, esta tese possui o objetivo de documentar e descrever a variedade árabe urbana da cidade de Essaouira.

Do ponto de vista sincrônico, lançamos as seguintes questões: a) quais são as características do dialeto árabe urbano de Essaouira hoje? b) Existe influência do dialeto do território Chiadma por meio de variantes linguísticas rurais no dialeto urbano? Quais são elas? c) Em que se assemelha o dialeto de Essaouira a outras variedades do sul do Marrocos e do norte? Podemos identificar traços pré-hilalianos²⁴ como em outros centros urbanos antigos? E quanto aos traços beduínos saarianos? d) Quais são as similaridades e diferenças entre os dialetos judeu e muçulmano?

Mogador parece enquadrar-se no rol de cidades que apresentam uma elite urbana decadente e uma renovação populacional decorrente da chegada de indivíduos de áreas rurais próximas, assim como é a situação da maioria dos centros urbanos antigos do Magrebe²⁵ (Miller, 2004; 2007). O dialeto da *medina* de Essaouira—seu bairro mais antigo— parece distinguir-se daqueles de cidades como Rabat ou Fez, em que predominavam traços pré-hilalianos (urbanos). A variedade dos habitantes mais antigos de Essaouira por sua vez apresenta uma maior quantidade de traços de tipo beduíno e rural que se misturam a traços urbanos, como acontece na vizinha Marraquexe (Lévy, 1998, pp. 22-23).

²⁴ Ver capítulo I. Traços linguísticos resultantes da primeira onda de arabização do Marrocos no século VII d.C.

²⁵ Cidades de fundação antiga como Fez, Rabat, Salé, Mequinez, Marraquexe e etc.

A fim de responder às questões propostas, realizamos a documentação linguística do dialeto urbano local, de muçulmanos e judeus, assim como da fala de indivíduos do interior de Essaouira quando possível, uma vez que isso nos forneceria um panorama mais completo do árabe dialetal falado nessa localidade e de suas dinâmicas internas. Feito isso, ao descrever o dialeto comparamos os dados obtidos a outras variedades marroquinas, recorrendo a outras fontes além de Heath (2002). Para o norte: Vicente (2000) e Guerrero (2015); para o sul: Cohen (1963)–*ḥassāniyya*²⁶–, Aguadé e Elyaacoubi (1995), Sánchez (2014), Behnstedt (2004); e para a faixa atlântica Singer (1995).

Assim, são quatro os capítulos desta tese:

O **Capítulo I** tem como objetivo apresentar a dialetologia árabe e a terminologia utilizada nas pesquisas dedicadas à variação do árabe no Marrocos. Inicia-se com uma introdução ao estudo dos dialetos árabes, partindo da relação de seus falantes com sua língua até chegar à disciplina moderna da dialetologia árabe. Em seguida, apresenta-se a abordagem da dialetologia histórica do Magrebe e a classificação dos dialetos árabes de modo geral e dos dialetos magrebinos e marroquinos em particular.

O **Capítulo II** apresenta a história da cidade de Essaouira, dando especial atenção aos grupos humanos que compuseram sua população desde sua fundação até os dias atuais. Aprofundamo-nos na tribo Chiadma e seu papel na formação da cidade, uma vez que a origem de grande parte dos falantes de árabe está relacionada a ela. Apresenta-se então a história da numerosa comunidade judaica da cidade e sua relação com os muçulmanos. Finalmente, fornecemos alguns dados demográficos sobre o crescimento da população da cidade e o número de falantes de árabe.

O **Capítulo III** apresenta o procedimento de documentação linguística adotado, descrevendo os métodos de coleta de dados e nossas estratégias a fim de obter um material

²⁶ Dialeto beduíno saariano falado na Mauritânia.

linguístico espontâneo e representativo da fala da cidade. Nesse sentido, compartilhamos nossa experiência pessoal como dialetólogo, descrevemos como se realizou o trabalho de campo e, por fim, traçamos um perfil de nossos principais informantes.

Finalmente, no **Capítulo IV**, apresenta-se a descrição do dialeto de Essaouira, que se divide em três partes: Fonética e Fonologia; Morfologia verbal e Morfologia nominal. O trabalho não se aprofunda na sintaxe, mas o leitor pode encontrar informações sintáticas em meio a tópicos de morfologia verbal e nominal como por exemplo: o genitivo (estado construto), orações relativas, tipos de conjunção entre outros²⁷. A análise dos dados, na forma de comparação das variantes com aquelas de outros dialetos e sua indicação geográfica estarão disponibilizadas em nota de rodapé, a fim de facilitar a leitura da descrição. No que diz respeito ao léxico, possíveis etimologias e informações a respeito de seu uso também aparecerão em notas ao longo de todo o capítulo.

²⁷ Essa maneira de dispor os dados é habitual entre os autores da área.

CAPÍTULO I

1. A dialetologia árabe e o árabe dialetal marroquino

O presente capítulo tem por objetivo introduzir o campo de estudos que contextualiza esta pesquisa, isto é, a dialetologia árabe. Num primeiro momento, demonstraremos que o interesse pela variação linguística do árabe, ou mais precisamente dos seus vernáculos e das suas variantes dialetais, remonta aos primeiros anos que se seguiram à expansão do Islã, percorrendo séculos até o aparecimento da disciplina que se consolidou entre os arabistas europeus no século XIX. Num segundo momento, descreveremos os objetivos e os métodos da dialetologia árabe na atualidade, destacando a abordagem da dialetologia histórica do Magrebe, adotada aqui, e a classificação dos dialetos árabes no Marrocos.

1.1. Sobre a relação da língua árabe e seus dialetos

Para o linguista, do ponto de vista estrutural, pouco separa a língua do dialeto, pois ambas as variedades²⁸ dispõem de sistemas linguísticos próprios. A diferença entre as duas concepções reside, na verdade, em aspectos histórico-culturais.

A língua é associada a um Estado-Nação e à identidade de um grupo e apresenta um cânone literário. O dialeto, por sua vez, como afirmam Chambers & Trudgill (2004, p. 9), é definido pelo conceito político e cultural de heteronomia (*heteronomy*), em oposição ao de autonomia (*autonomy*), indicando sua dependência em relação à língua, posto que orbita em torno dela e se estabelece entre eles um vínculo de pertencimento.

²⁸ “Variedade linguística” é uma expressão neutra que se aplica a qualquer tipo de língua ou fala que, por algum motivo, deseja-se considerar como uma entidade única e que evita o juízo de valor associado aos termos “língua” e “dialeto” (Chambers & Trudgill, 2004, p. 4; Myers-Scotton, 2006, p. 17).

Nesse contexto, a língua é tida como referência de cultura e de norma padrão pelo falante do dialeto, que tem consciência de que escreve e lê nessa mesma língua e que qualquer processo de padronização que se inicie em seu dialeto será em direção a ela. A língua é, portanto, uma entidade autônoma composta por diversos dialetos, ao passo que os dialetos integram um contínuo com base na sobreposição estrutural de seus sistemas linguísticos que permite sua inteligibilidade mútua (Myers-Scotton, 2006, p. 23).

Ainda assim, existem equívocos e preconceitos que devem ser evitados a respeito do dialeto. É necessário ter consciência de que: 1) não é uma forma corrompida ou deformada da língua; 2) não é menos expressivo que a língua; 3) possui sua própria gramática, embora não seja ensinado na escola; 4) não é vulgar em si, mas pelo uso que se faz dele; 5) não há critérios técnicos e objetivos para distingui-lo de uma língua (Durand, 2014, pp. 54-55).

Com base no último item, volta-se à ideia de que, sob a ótica linguística, não há diferença entre as duas variedades. Nos estudos linguísticos e dialetológicos, os termos “língua” e “dialeto” apresentam uma função *ad hoc*, de modo que, ao contrário do que ocorre no senso comum, “dialeto” não é empregado de maneira pejorativa ou ofensiva com referência a um “modo de falar” ou mesmo um “sotaque” fortemente marcado.

Nesse sentido, a denominação “dialeto árabe” ou “árabe dialetal” no debate acadêmico não implica um juízo de valor e reconhece a dependência, de natureza convencional e histórica, dos vernáculos árabes em relação ao árabe clássico devido ao prestígio e status oficial deste junto a seus falantes.

No caso do árabe, a relação entre língua e dialeto foi inicialmente analisada segundo o conceito de diglossia²⁹ (Ferguson, 1996). Essa situação sociolinguística,

²⁹ O termo “diglossia” se fez conhecido e se difundiu com o artigo de mesmo nome, “*Diglossia*”, publicado na revista *Word* (1959) por Charles Ferguson. Contudo, a origem e o uso do termo são anteriores, como o próprio autor aponta em seu texto: “*The term ‘diglossia’ is introduced here,*

pensada a partir dos exemplos de outras línguas³⁰, descreve a coexistência de duas variedades estruturalmente distantes, mas geneticamente relacionadas: uma “alta”, a do árabe clássico³¹, *al-luġa al-fuṣḥā*, cujo uso predominaria em contextos formais, estando associada a uma tradição literária e religiosa escrita; outra “baixa”, a do árabe popular ou dialetal, *al-luġa al-‘āmmīyya*, também denominada pelo autor “variedade regional”, empregada em conversações cotidianas e em contextos informais. De um lado, a variedade alta seria utilizada em declamação de poesia, discurso político, sermão em mesquitas, correspondência escrita, aulas no ensino superior e apresentação de noticiários televisivos e, de outro, a baixa ocorreria na delegação de tarefas a empregados (garçons, vendedores, operários), na conversação em âmbito familiar ou entre amigos, em charges e na literatura popular. Haveria, portanto, uma especialização funcional das variedades da língua (Ferguson, 1996, p. 27) manifestada pelo uso exclusivo de cada uma.

No entanto, essa divisão funcional entre o árabe clássico e o popular já não reflete necessariamente o uso real da língua árabe, de modo que é bastante comum deparar-se com as duas variedades num mesmo contexto, seja ele formal ou informal, afinal, além do grau de formalidade da situação, a preferência por uma ou outra variedade também

modeled on the French diglossie, which has been applied to this situation, since there seems to be no word in regular use for this in English” (Ferguson, 1996[1959], p. 25). O termo francês ao qual faz referência foi introduzido entre os arabistas franceses por William Marçais (1930) em “*La diglossie arabe*”. No entanto, diferentemente do que se pensa entre os arabistas, o termo já havia sido aplicado ao árabe por Jean Psichari para explicar a situação da língua grega moderna: “*en un mot, il y a deux langues, la langue parlée et la langue écrite, comme qui dirait l’arabe vulgaire et l’arabe littéral*” (Psichari, 1885 apud Larcher, 2003, p. 48).

³⁰ Ferguson (1996, p. 25) desenvolveu a noção de diglossia a partir da descrição dos traços comuns a quatro comunidades de fala e suas respectivas línguas. Seguidas, respectivamente, pelas variedades alta e baixa correspondentes, são elas: árabe (árabe clássico/dialeto), grego moderno (catarévussa/demótico), crioulo haitiano (francês/crioulo) e alemão suíço (alemão ou *Hochdeutsch*/alemão suíço ou *Schwyzertütsch*).

³¹ O árabe clássico, ou *al-fuṣḥā* (mais eloquente), é empregado nas obras literárias, filosóficas e científicas produzidas logo após a Revelação do Alcorão, livro sagrado para os muçulmanos e considerado o mais elevado modelo de língua, no século VII. d.C. e é aprendido apenas por meio da educação formal. Qualquer falante do árabe tem como língua materna o árabe popular, ou *al-‘āmmīyya*, isto é, o dialeto ou vernáculo de sua família, falado em determinada localização geográfica do mundo árabe. A variedade dialetal raramente é escrita e, em comparação com o árabe padrão, predomina na fala.

envolve fatores psicológicos e sociais. Para estudar a variação linguística do árabe, é preciso considerar que, em interações entre falantes de diferentes países, de diferentes regiões dentro de um mesmo país ou habitantes de uma mesma cidade, verifica-se a escolha pelo uso paralelo de formas do árabe clássico e do dialetal, bem como de variantes dialetais regionais mais prestigiosas. Os fatores linguísticos e psicossociais que condicionam o uso de diferentes variedades do árabe na fala do indivíduo foram abordados sob diferentes perspectivas, como a dos níveis estilísticos ou contínuos³² e, posteriormente, do ponto de vista estrutural, a de *code-switching*³³.

1.2. Princípios da dialetologia árabe

A origem da dialetologia árabe tradicional enquanto disciplina científica remete aos estudos orientalistas emergentes na Europa na segunda metade do século XIX, num contexto colonialista e expansionista, com inspiração na filologia e na geografia dialetal em voga na época. No entanto, sua consolidação como área de estudos se dá mais tarde, no século XX, sob influência de novas teorias e metodologias linguísticas. Ainda assim, o interesse pelos vernáculos árabes é muito anterior ao orientalismo europeu, uma vez que seus próprios falantes, estudiosos de questões da língua árabe, já haviam se atentado à variação linguística, relacionando traços linguísticos a localidades geográficas e categorias sociais.

1.2.1. Os árabes e seu olhar sobre os dialetos

São muitos os gramáticos e lexicógrafos do árabe que se debruçaram sobre fenômenos da língua, sobretudo sua variação em termos geográficos e sociais. Vale

³² Cf. Blanc (1960); Badawi (1973); Meiseles (1980).

³³ Cf. Eid (1988); Boussofara-Omar (2003); Mejdell (2006); Bassiouney (2006, 2009).

ressaltar, porém, que não está claro quando os árabes começaram a empregar a divisão, aparentemente moderna (século XIX), entre *al-luġa al-fuṣḥā*, ou árabe clássico, e *al-luġa al-ʿāmmiyya*, ou árabe popular³⁴, enquanto variedades linguísticas autônomas e complementares definidas por esses dois termos (Larcher, 2003, p. 53).

A motivação inicial dos gramáticos árabes para descrever e coletar variantes esteve relacionada a fatores históricos e ideológicos, mais precisamente à preservação da língua na qual foi revelado o Alcorão, uma vez que, após o início das conquistas, entendeu-se que ela poderia estar ameaçada pelo uso impróprio por parte de falantes de outras línguas fora dos limites da península arábica. Portanto, a expansão do Islã para fora da península foi o divisor de águas quanto à postura desses gramáticos e lexicógrafos frente à língua árabe e sua variação ou, em termos atuais, aos seus dialetos.

Até finais do século VIII d.C., o interesse pelas variedades árabes da península tinha como fim, na maioria das vezes, o registro das formas/variantes³⁵ mais puras (*ʿafṣaḥ*) da língua, que envolvia inquirir os seus “guardiões”, os beduínos (*ʿarab*), nômades que viviam na península e fora dela, como no sul do Iraque. Sua língua era tida como o árabe ideal e mais puro, que se conhecia como *kalām al-ʿarab* “fala/língua dos árabes” (Veerstegh, 2014, p. 43; Holes, 2018, p. 7). Atualmente, as variedades presentes na península, conhecidas no arabismo como “dialetos árabes antigos” ou “pré-islâmicos”, podem ser divididas em dois grupos: dialetos do Hedjaz³⁶, ou ocidentais, dentre os quais

³⁴ Atualmente, o árabe popular (*al-luġa al-ʿāmmiyya*) também é chamado de “língua vulgar ou corrente” (*al-luġa ad-dārija*) e utiliza-se *lahja* para “dialeto” do ponto de vista técnico.

³⁵ Distinguimos os termos “variedade” e “variante”, como é de praxe em estudos sociolinguísticos.

³⁶ Manteremos a grafia dos topônimos tal como se apresenta na língua portuguesa.

se destaca o da tribo dos Qurayš³⁷, e dialetos do Nejd³⁸, ou orientais, na área associada à tribo dos Tamīm (Vollers, 1906, p. 4; Rabin, 1951, p. 16).

Tudo indica que esses dialetos não eram vistos como entidades separadas da língua árabe, e sim como variação dela, de modo que eram denominados pelos gramáticos do período *luġa* - e seu plural *luġāt*-, atualmente “língua, fala”.

Contudo, segundo Hadj-Salah (*luġha*, *El*, p. 803), os sentidos de “língua” e “dialeto” só teriam aparecido no fim do século VIII. Segundo ele, anteriormente, o termo *luġa* indicava “*manner of realising an element of language*” e estaria relacionado a um grupo étnico, a uma tribo ou localidade, sobretudo nas obras de lexicógrafos. Muitos foram os livros sob o título *Kitāb al-luġāt* dos quais temos notícias por meio do *Fihrist* de Ibn Nadīm (Rabin, 1951), mas dos quais quase nada chegou até nossos dias, o que dificulta a investigação dos seus conteúdos.

Na obra de Sībawayhi (793/795?)³⁹, *luġa* aparece, de forma recorrente, associada a lugares ou tribos da península arábica, como em *luġat ‘ahl al-Ḥijāz* ou *al-luġa al-ḥijāziyya* “modo de falar do Hedjaz”, *luġat banī Tamīm* ou *al-luġa at-tamīmiyya* “modo de falar dos Tamīm”, *luġat Huḍayl* “modo de falar dos Huḍayl”. Para Hadj-Salah *luġa* denotaria “variante”⁴⁰ ou “modo de falar” e não indicaria o conjunto de traços linguísticos de um grupo étnico, isto é, um dialeto, mas sim uma variante local, um traço linguístico específico. Isso fica claro quando Sībawayhi discute a variação linguística no uso da

³⁷ Segundo a tradição árabe islâmica, a origem dos árabes remonta a dois ancestrais: *Qaḥṭān*, ao qual se filiam os árabes do sul da península, dentre os quais está a tribo de Ḥimyar, e *‘Adnān*, ancestral de Ismael, filho de Abraão, ao qual se associam as tribos de *Huḍayl*, *Tamīm*, *Qays*, *Rabī‘a* e os Qurayš de Meca, sendo esta a tribo a qual pertenceu o Profeta.

³⁸ Hedjaz, *al-Ḥijāz*, é a região localizada na parte oeste da península arábica, onde se encontra Meca, a cidade do Profeta. O Nejd, *Najd*, corresponde ao território oriental da península.

³⁹ Primeiro gramático a descrever as regras da língua árabe em sua obra *Al-Kitāb*.

⁴⁰ Hadj-Salah (*luġha*, *El*, p. 803) traduz o termo como “*local variant*” ao se referir a seu uso por Sībawayhi. Owens (2001, p. 421) também utiliza os termos “*variation*” e “*variant*” para se referir aos exemplos dialetais na obra do gramático.

partícula negativa *mā* no “modo de dizer” do povo de Hedjaz (*fī luġati ’ahli l-Ḥijāz*⁴¹), diferenciando-o do “modo” da tribo dos Tamīm⁴². Na mesma obra, *luġa* apresenta um uso que evidencia o sentido de “variante”, como em *’amma zāy fa-fīha luġatāni* “quanto à letra *zāy*, esta contém duas variantes (realizações)”⁴³ ou ainda quando menciona duas variantes (*luġatāni*) do substantivo “choro” (*al-bikā* e *al-bikā’*)⁴⁴.

Ao descrever as diferentes variantes do árabe, Sībawayhi demonstra que sua maneira de pensar a língua já levava em conta categorias sociais (Owens, 2001, p. 421). Além de relacionar os traços linguísticos a localidades e tribos, refere-se à frequência de seu uso: *luġa kaṭīra* “variante frequente”, *hāḍihi l-luġa ’aqallu l-luġatayni* “esta variante é menos frequente que as outras duas”. Também avalia a qualidade dos traços linguísticos: *luġa jayyida* “variante boa”, *luġa radī’a* “variante ruim”. Por fim, alude aos seus informantes de forma geral: “alguns árabes/beduínos dizem” (*yaqūlu baʿḍu l-ʿarab*), “ouvimos de árabes/beduínos que nos inspiram confiança” (*wa-samiʿna attiqata min al-ʿarab*)⁴⁵.

⁴¹ Sībawayhi, *Al-Kitāb*, 793/795?. Disponível em:

<http://www.alwaraq.net/Core/SearchServlet/searchone?docid=33&searchtext=2YTYutipINin2YTYrdis2KfYsg==&option=1&offset=1&WordForm=1&exactpage=12&totalpages=26&AllOffset=1>. Acesso em: 6 de abril de 2019.

⁴² Sībawayhi (793/795?) discute o uso da partícula de negação *mā* entre os falantes do Hedjaz e os Tamīm no exemplo “isto não é um homem”. Os primeiros tratam a partícula como o pseudoverbo *laysa* “não ser/estar”, que exige o predicado (*ḥabar*) no acusativo (*mā hāḍa bašaran*), enquanto os Tamīm empregam o nominativo (*mā hāḍa bašarun*). A citação completa, acompanhada da nossa tradução, é a seguinte: “*mā hāḍa bašaran’ fī luġati ’ahli l-Ḥijāz wa-banū Tamīm yarfaʿūnaha*” (“*mā hāḍa bašaran’* está no modo de falar do povo do Hedjaz, ao passo que os Tamīm o tratam no nominativo”) (grifo nosso).

⁴³ Sībawayhi, op.cit. Disponível em:

<http://www.alwaraq.net/Core/SearchServlet/searchone?docid=33&searchtext=2YTYutiq2KfZhg==&option=1&offset=2&WordForm=1&exactpage=233&totalpages=4&AllOffset=1>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2019.

⁴⁴ Sībawayhi, op.cit. Disponível em:

<http://www.alwaraq.net/Core/AlwaraqSrv/bookpage?book=33&session=ABBBVFAGFGFHAAWER&fkey=2&page=1&option=1>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2019.

⁴⁵ Sībawayhi, op.cit. Disponível em:

<http://www.alwaraq.net/Core/SearchServlet/searchone?docid=33&searchtext=2LnYsdio&option=1&offset=4&WordForm=1&exactpage=142&totalpages=4&AllOffset=1>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2019.

Com as conquistas e a expansão islâmica, *luġa* passou a equivaler ao conceito de língua, para o qual até então se utilizava *lisān*. Até finais do século VIII d.C., o termo para se referir à língua árabe era *lisān al-ʿarab* “a língua dos árabes” (Larcher, 2003, p. 55), tal como consta no Alcorão em *bi-lisānin ʿarabiyyin mubīnin* “em língua árabe clara” (XXVI, 195) e *wa-mā ʿarsalna min rasūlin ʾillā bi-lisāni qawmihi* “apenas enviamos mensageiros que falavam a língua de seu povo” (XIV, 4). Como demonstra Rëtso (2003, p. 41), é no Alcorão que encontramos a menção à língua árabe pela primeira vez. Destaca o autor que o adjetivo *ʿarabī* “árabe” ocorre unicamente como adjetivo de língua ou de *qurʾān*, como leitura ou recitação.

Após as conquistas, o árabe ascendeu a língua oficial, passando por um processo de padronização que se fez necessário não só pelo novo status de língua administrativa, mas também devido à divergência entre a língua dos beduínos – eloquente (*faṣīḥ*) – e as diversas variedades coloquiais que emergiam em diferentes partes do império (Veerstegh, 2014, p. 60). Os gramáticos e lexicógrafos dos primeiros séculos realizaram tal tarefa a partir de modelos de uso correto e elevado da língua, tais como o Alcorão, a poesia pré-islâmica e a fala dos beduínos que viviam no deserto, fora dos centros urbanos. A língua padrão passou a ser considerada a mais eloquente e castiça – em árabe, *al-luġa al-fuṣḥā*⁴⁶.

Com as conquistas após a morte do Profeta em 632, o árabe clássico e suas diferentes variedades presentes na península são adquiridos por populações não árabes⁴⁷

⁴⁶ Assim, inicia-se a especulação a respeito da “melhor fala árabe” ou do “modo mais eloquente de falar árabe” (*ʾafṣaḥ al-luġāt al-ʿarabiyya*), que acreditavam ser o árabe do Alcorão, uma vez que se pensava ter sido a língua do Profeta Muḥammad e, logo, da tribo dos Qurayš, *luġatu Qurayš* “o modo de falar dos Qurayš”. Assim, o emprego do superlativo *ʾafṣaḥ* no feminino *fuṣḥā*, concordando com *luġa*, resultaria na expressão *al-luġa al-fuṣḥā*, que se entende como “a língua mais eloquente” e que virá a ser denominada “árabe clássico” mais tarde pelos arabistas (Larcher, 2008). O árabe clássico vai apresentar um vocabulário padrão adaptado à nova realidade do império, que entrará em contato com sociedades sedentárias, e conceitos ainda não nomeados.

⁴⁷ No Iraque, falava-se aramaico, mas o persa médio (Pahlavi) era a língua administrativa. Na Síria, empregava-se o grego como língua administrativa e o siríaco como língua falada. O grego também era utilizado na administração no Egito, onde se falava copta. Na maior parte do norte da

no processo de arabização. Segundo as fontes árabes, é nesse contato que a língua árabe, antes uniforme e com pouca variação, sofre sua corrupção (*fasād al-luġa*) e origina o que conhecemos atualmente como “dialetos” ou “neoárabe”⁴⁸.

Ibn Khaldun (1356), em sua obra *Muqaddima* (“Prolegômenos”), distingue três variedades do árabe: “a língua dos árabes/beduínos” (*luġat al-ʿarab*)⁴⁹, “a língua de Muḍar”⁵⁰ (*luġat Muḍar*), que consistiria no árabe do Alcorão, e a “língua dos sedentários e citadinos” (*luġat ʾahl al-ḥaḍar wa-l-ʾamṣār*), que seria o neoárabe. Segundo ele, a terceira seria “outra variedade autônoma e distante da língua de Muḍar e da língua dos árabes (beduínos) que nos são contemporâneos”⁵¹. O autor explica a razão do distanciamento entre as variedades:

“Esta [o dialeto sedentário] é mais distante da primeira língua [árabe do Alcorão] do que a língua dos beduínos, pois o seu distanciamento da língua [árabe do Alcorão] se deve à miscigenação com os não árabes. Logo, quem se miscigenou em maior grau com os não árabes possui sua língua mais distante da original [o árabe do Alcorão]”.⁵²

África falava-se berbere, também conhecido como “tamazirte” ou *tamazigt*, e, em menor escala, nas cidades costeiras, o latim vulgar (Veerstegh, 2014, pp. 127-129).

⁴⁸ Essa explicação para a origem do neoárabe – compreendido como os dialetos árabes surgidos após as conquistas – atravessou séculos até os dias atuais. No entanto, hoje compete com diferentes teorias de gênese dos dialetos, como a de que muitos traços dos dialetos modernos já estavam presentes nos dialetos antigos na península arábica, antes mesmo da expansão para os novos territórios. Para um panorama da discussão, ver Veerstegh (2014), Vicente (2008) e Abboud-Haggar (*Dialects: genesis, EALL*, 2011).

⁴⁹ Menciona o dialeto beduíno de sua época como *luġat al-ʿarab li-hāḍa l-ʿahd* “língua dos beduínos deste tempo”.

⁵⁰ Ancestral de Qurayš, a tribo do Profeta, cuja linhagem remonta a ʿAdnān, ancestral de todos os árabes do norte.

⁵¹ Tradução nossa de “*Hiya luġa ʾuḥra qāʾima bi-naḥsihā baʿīda ʿan luġati Muḍar wa-ʿan luġati hāḍa l-jīl al-ʿarabī ʾallaḍi li-ʿahdinā*”. Disponível em:

<http://www.alwaraq.net/Core/SearchServlet/searchone?docid=98&searchtext=2YHZiiDY09mGINmE2LrYqSDYp9mE2LnYsdio&option=1&offset=1&WordForm=1&exactpage=352&totalpages=1&AllOffset=1>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

⁵² “*wa-ʾammā ʾannahā ʾabʿad ʿan al-lisān al-ʾawwal min luġat hāḍa l-jīl, fa-li-ʾanna l-buʿd ʿan al-lisān ʾinnamā huwa bi-muḥālaḥat al-ʿajama. fa-man ḥālaḥa l-ʿajam ʾaktar kānat luġatuhu ʿan ḍalika l-lisān al-ʾaṣlī ʾabʿad*”. Disponível em:

<http://www.alwaraq.net/Core/AlwaraqSrv/bookpage?book=98&session=ABBBVFAGFGFHAAWER&fkey=2&page=352&option=1> Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

Fica evidente a distinção que o autor faz entre as três variedades independentes. Embora ele trate as três variedades por *luġa* inicialmente, em seguida distingue a língua árabe do Alcorão das outras duas pelo termo *lisān*, de modo que se pode entender *luġa* como dialeto. Ademais, nos capítulos 47 e 48, ele ressalta que “a língua dos sedentários”, ou dialeto sedentário, “tornou-se uma outra língua, misturada” (*ṣārat luġa ’uḥra mumtazija*) (tradução nossa) devido ao mau uso e à consequente corrupção da língua árabe (*al-lisān al-‘arabī*) pelos não árabes.

O fato de Ibn Khaldun considerar as variedades dos centros urbanos o diferencia dos gramáticos tradicionais, que descreviam as variantes dos antigos dialetos da península porque, na sua visão, seus traços compunham um corpus da fala árabe original, ao passo que as variedades dos centros urbanos do império representavam deturpações da língua. Logo, os autores que se interessaram pelos dialetos das cidades estavam fora da tradição gramatical árabe, sendo, inclusive, anteriores ao autor acima, como Al-Jāḥiḍ⁵³ (868) e o geógrafo Al-Muqaddasī⁵⁴ (946).

Ainda hoje, devido ao status de língua escrita e oficial do árabe clássico, os dialetos continuam a gozar de um status inferior. Assim como ocorre com falantes de outras línguas e de outros dialetos, a postura do falante do árabe dialetal é a de que essa variedade, que também é sua língua materna, constitui uma fonte de erros e não apresenta regras. Por essa razão, os dialetos ainda hoje são desprezados no geral e não recebem a merecida atenção mesmo por parte da academia nos países árabes. Isso explica, em parte, por que a dialetologia árabe se estabeleceu como uma disciplina científica fora dos países

⁵³ Em *Kitāb al-bayān wa-t-tabīyyīn* (“Livro da retórica e elucidação”), descreve regionalismos lexicais dos centros urbanos e da península arábica, bem como fenômenos fonológicos e diferentes realizações de fonemas.

⁵⁴ Em sua obra *Aḥsan at-taqāsīm fī ma‘rifati l-‘aqālīm* (“As melhores divisões para o conhecimento das regiões”), descreve a variação linguística e os regionalismos dentro e fora da península arábica, bem como as diferentes pronúncias de determinadas localidades.

árabes, mais precisamente na Europa, muito embora haja outras razões de ordem histórica que condicionaram o surgimento da dialetologia árabe modernamente.

1.3. A origem europeia da dialetologia árabe

Em tempos modernos, o interesse dos europeus pelos dialetos árabes demonstrou-se muito maior em comparação com o dos seus falantes. Quanto ao estudo das variedades regionais árabes, constata-se que já no século XIX produziu-se um número considerável de trabalhos na forma de listas de vocabulário, dicionários e livros didáticos devido ao aumento do turismo e da possibilidade de se pesquisar *in loco* no mundo árabe.

No entanto, é importante ressaltar que até o século XIX o interesse dos linguistas europeus estava em grande parte voltado ao árabe clássico e às fontes escritas produzidas em território muçulmano. Nesse período, descobriu-se que os dialetos rurais continham formas muito mais antigas que as formas correspondentes na língua padrão, resultando no estudo das formas dialetais rurais, que passaram a ser vistas como mais naturais, a fim de se analisar e explicar a língua padrão (Veerstegh, 2014, p. 6). No entanto, isso não excluiu publicações anteriores de alguns tratados sobre as variedades coloquiais do árabe, tal como se verifica nos trabalhos pioneiros do espanhol Pedro de Alcalá, como a gramática “*Arte para ligeramente saber la lengua arauiga...*” e o léxico “*Uocabulista arauigo en letra castellana*” (1505), dedicados ao árabe dialetal de Granada.

A dialetologia árabe só se consolida como disciplina científica na segunda metade do século XIX, junto à antropologia e à linguística e paralelamente aos projetos nacionais de atlas linguísticos na França e na Alemanha, países que contribuíram com o campo, não só da dialetologia geral, como da dialetologia árabe. Os alemães contribuíram com estudos teóricos, ao passo que os franceses contribuíram, sobretudo, com a coleta de

dados e a elaboração de materiais didáticos, especialmente na zona do Magrebe, onde se localizavam as colônias francesas.

Vicente (2008, p. 21) aponta dois eventos históricos importantes na era moderna que contribuíram para a necessidade de estudar os dialetos árabes e impulsionaram o surgimento da disciplina. O primeiro teria sido a expedição de Napoleão ao Egito (1798), onde missionários, exploradores, militares e agentes consulares entraram em contato com o mundo arabófono real, inteirando-se da existência de um vernáculo árabe diverso dos livros e manuscritos de que se tinha conhecimento, o que levou à necessidade de se elaborar vocabulários práticos para se comunicar. O segundo teria sido a colonização da Argélia (1830), que resultou na descoberta da grande diferença existente entre dialetos árabes orientais e ocidentais. Como se pode observar, uma vez descoberto que a língua de comunicação cotidiana não era o árabe clássico escrito, a dialetologia serviu, no início, aos interesses imperialistas europeus: elaboraram-se livros didáticos, gramáticas, dicionários e glossários de vocabulário especializado para suprir a necessidade dos colonizadores de se comunicarem com a população local. Aliado a isso, o proselitismo religioso cristão também incentivou o estudo dos dialetos.

Essa motivação imperialista, junto a uma tradição orientalista, fez com que a academia francesa se destacasse no estudo dos dialetos árabes. O ensino universitário dos vernáculos árabes teve início na *École des Langues Orientales* (1795), na França, hoje Inalco de Paris, onde se fundou uma cátedra de árabe mista dedicada ao árabe literário e ao “árabe vulgar” (*cours d’arabe vulgaire*), cujo nome foi alterado para *cours d’arabe maghrébin* por W. Marçais em 1916. Dentre os primeiros trabalhos dedicados ao estudo do “árabe vulgar”, destaca-se a *Grammatica linguae mauro-arabicae*, por Dombay⁵⁵

⁵⁵ Dombay, Franz Lorenz vonœ. *Grammatica Linguae Mauro-arabicae: juxta vernaculi idiomatis usum. Accessit vocabularium Latino-Mauro-Arabicum*. Disponível em: < <http://reader.digitale->

(1800), um estudo gramatical sobre a “língua popular” representada pelo dialeto da região da “*Mauritania Tingitana*”⁵⁶, atual cidade de Tânger, ao norte do Marrocos, onde se reconhecia a diferença entre *Lingua arabica erudita* e *Arabum vulgaris*. Podemos citar também outro pioneiro francês, Caussin de Perceval, e sua *Grammaire Arabe-Vulgaire* (1824)⁵⁷, em cujo prefácio revelava ser consciente da importância de os alunos estudarem o árabe falado utilizado numa situação de uso real da língua:

“Facilitar ao intérprete, ao comerciante e ao viajante os meios para comunicar-se oralmente e por escrito com os árabes, abreviando, assim como um livro pode fazer, o longo aprendizado a que o estrangeiro, transportado ao Levante, está obrigado a se submeter, mesmo que tenha estudado a língua culta na Europa, tal foi o objetivo a que me propus”.⁵⁸

Ao longo do século XX, o surgimento dos Estados nacionais e os deslocamentos populacionais no mundo árabe resultaram nas primeiras tentativas de se realizar atlas dialetais. Nesse momento, a dialetologia e a geografia dialetal se confundiam, sendo que a primeira se dedicou fundamentalmente à coleta de dados linguísticos em áreas geográficas específicas do mundo arabófono, estudando-os com base na sua distribuição e apresentando-os na forma de mapas dialetais (Behnstedt & Woidich, 2013, p. 301). Os dois primeiros atlas dialetais realizados no mundo árabe, hoje documentos de valor histórico, são Bergsträßer (1915), para Palestina e Síria, e Cantineau (1940), para Ḥōrān,

sammlungen.de/en/fs2/object/display/bsb10521885_00058.html>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2019.

⁵⁶ Topônimo referente à antiga província romana com capital em *Tingis*, atual Tânger.

⁵⁷ Entre outros trabalhos importantes, está também sua gramática *Grammaire arabe vulgaire, pour les dialectes d'Orient et de Barbarie* (1833).

⁵⁸ Tradução nossa de: «Faciliter à l'interprète, au négociant, au voyageur, les moyens de communiquer verbalement et par écrit avec les Arabes; abrégé, autant qu'un livre peut le faire, le long apprentissage que l'étranger, transporté dans le Levant, est obligé de subir, lors même qu'il s'est livré en Europe à l'étude de la langue savante, tel a été le but que je me suis proposé ». Perceval, C. *Grammaire Arabe-Vulgaire [suivie de dialogues, lettres, actes etc, A l'usage des élèves]*. Paris, 1824. Disponível em : http://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/display/bsb10521872_00001.html. Acesso em: 6 de fevereiro de 2019.

no sul da Síria. Vale destacar, entre outros, o abrangente atlas de Behnstedt e Woidich (1985) para os dialetos egípcios com 560 mapas.

A partir da segunda metade do século, o campo da dialetologia árabe ganhou força graças a fatores históricos, como os deslocamentos populacionais, e científicos, seja pelo uso do gravador para o trabalho de campo, seja pela influência dos estudos linguísticos descritivos estruturalistas. A fonologia e a morfologia foram aplicadas aos trabalhos dos dialetologistas, culminando na adaptação da dialetologia árabe tradicional aos métodos modernos da linguística descritiva.

Na década de sessenta do mesmo século, soube-se também que muitos dialetos árabes ficaram sob risco de extinção devido ao aparecimento de falares regionais urbanos em detrimento das variantes rurais locais. Os acontecimentos políticos e as migrações internas também foram um fator de risco, conforme evidencia o gradual desaparecimento de dialetos comunitários, como o dos judeus árabes (Behnstedt & Woidich, 2013, p. 302). Por essa razão, nas últimas décadas, houve uma grande expansão na coleta de dados por meio da dialetologia árabe na forma de atlas e mapas dialetais, estudos focados em regiões específicas, estudos comparativos e gerais, descrição gramatical de variedades individuais, dicionários, estudos lexicais, coletânea de textos orais (de interesse linguístico, etnográfico e folclórico), material didático (de interesse pedagógico) e estudos de evidência histórica que englobam dialetos extintos, como os falares de Al-Andalus (península ibérica) e da Sicília (Behnstedt e Woidich, 2013, p. 306).

Nesse período, surgiram importantes revistas acadêmicas voltadas para esse campo de estudos. Dentre as principais publicações da área, destacam-se, na Alemanha, o periódico *Zeitschrift für arabische Linguistik* (ZAL), fundado por Otto Jastrow e Hartmut Bobzin, bem como a coleção *Semitica viva* (1987), também fundada por Jastrow. Os arabistas espanhóis têm desempenhado papel fundamental e, dentre suas publicações

de destaque, estão o periódico *Estudios de dialectología norteafricana y andalusí* (EDNA), de 1996, e a coleção *Estudios de dialectología árabe*, ambos editados pela Universidad de Zaragoza e dedicados principalmente às variedades do Magrebe.

Em 1993, o Inalco (*Institut National des Langues et Civilisations Orientales*), em Paris, organizou o primeiro colóquio internacional dedicado à dialetologia árabe, onde se decidiu fundar a *Association Internationale de la Dialectologie Arabe* (Aida), que seguiu promovendo muitas outras conferências até os dias atuais⁵⁹.

1.4. A dialetologia árabe tradicional

A dialetologia árabe tradicional ocupa-se especificamente do estudo dos dialetos árabes. Behnstedt e Woidich (2013, p. 305), a partir de um olhar abrangente sobre os estudos de dialetologia realizados até hoje, apontam como objetivos da dialetologia árabe tradicional:

- registrar ao máximo o falar árabe contemporâneo dos membros representantes de uma comunidade qualquer, onde quer que uma variedade do árabe seja falada;
- documentar os dados, disponibilizando-os ao pesquisador na forma de monografias, atlas, gramáticas, dicionários bilíngues, livros didáticos e coletâneas de textos (de interesse etnográfico e folclórico);

⁵⁹ A primeira participação do Brasil em um congresso da Aida se deu em 2015, em Bucareste, com a apresentação e posterior publicação do trabalho de Jubran e Francisco (2016). Na ocasião, reuniu-se um número recorde de pesquisadores, totalizando 40 países representados. Cf. GRIGORE, George. *A Bibliography of Aida (Association Internationale de Dialectologie Arabe): 1992-2017*. Iasi: Ars Longa, 2016.

- descrever a variação e as diferenças entre o dialeto local e outro dialeto, disponibilizando descrições comparativas de tipo regional e global na forma de monografias e artigos;
- classificar os dialetos de acordo com critérios sincrônicos e diacrônicos, agrupando-os, definindo áreas, detectando contínuos dialetais, além de demonstrar as relações linguísticas entre várias regiões do mundo árabe;
- coletar os registros mais antigos dos dialetos árabes documentados em registros historiográficos, debruçando-se sobre obras de historiografia, textos literários, estudos lexicais históricos e relatos de viagem. Esse objetivo também é compartilhado pelos estudos do árabe médio⁶⁰.

Quanto à sua execução, a dialetologia dispõe basicamente de um método que não prioriza bases teóricas, de modo que suas técnicas de coleta de dados coincidem, em grande parte, com aquelas utilizadas pelo trabalho de campo linguístico (Vaux e Cooper, 2003) empregado geralmente na descrição de línguas sob risco de extinção.

A dialetologia apresenta um importante papel na coleta de dados a serem utilizados por outras áreas da linguística, uma vez que, por muito tempo, a disciplina foi a única fonte de dados e de descrição da variação linguística do árabe. Apesar de diferenças na coleta e nas técnicas de análise, a sociolinguística, por exemplo, iniciou seus trabalhos baseada nas descobertas da dialetologia tradicional. Al-Wer (2013, p. 242) explica que, até a década de 1980, com os estudos variacionistas de Labov, as descrições dos dialetos e a geografia dialetal em si eram a única fonte de dados dos dialetos árabes

⁶⁰ Em inglês, o termo *Middle Arabic* é empregado por arabistas para se referir ao árabe no qual foi escrita uma enorme variedade de textos, como correspondências particulares, crônicas históricas, relatos de viagem, tratados científicos e textos literários. Não se trata de uma variedade independente, e sim do árabe escrito clássico com forte presença de desvios da norma estabelecida pela tradição gramatical árabe que se revelam no texto, seja na forma de erros gramaticais, seja na presença de coloquialismos oriundos dos dialetos árabes. Cf. Jarouche e Jubran (2017).

modernos. Hoje, a sociolinguística e a linguística de contato têm ganhado cada vez mais espaço no estudo da variação linguística do árabe⁶¹.

No entanto, isso não exclui o papel central da dialetologia na descrição da realidade linguística do árabe, a qual ainda nos é bastante desconhecida. Behnstedt e Woidich (2013) destacam que, a partir dos anos 1960, muitos dialetos árabes passaram a ficar sob risco de extinção, pois as variedades locais rurais passaram a se dissolver dentro das variedades regionais urbanas. Além disso, acontecimentos políticos e migrações internas levaram ao gradual desaparecimento de dialetos comunitários, como é o caso dos dialetos falados por judeus.

Esses fatores ressaltam a necessidade e a urgência da coleta de dados, não só em áreas nunca estudadas, mas também em áreas pouco estudadas – caso da zona de Essaouira. Faz-se necessário atualizar os dados de determinadas localidades e os estudos anteriores sobre uma determinada variedade.

Em suas origens, a dialetologia tradicional é basicamente uma dialetologia rural, também conhecida como “geografia dialetal”, com foco na descrição dos dialetos mais arcaicos, mais “puros”, movida por um interesse histórico e filológico, adotando uma perspectiva horizontal, isto é, geográfica (Behnstedt, 1995).

Seu método, que não se distingue muito do adotado por outras áreas da linguística, está fundamentado no registro dos dados coletados por meio da aplicação de um questionário, seguido pela tabulação das respostas para itens linguísticos específicos e, por fim, pela apresentação em mapas, de modo que cada mapa esteja reservado a um item, indicando a variação dialetal em determinada área geográfica.

⁶¹ Cf. Bassioney (2009) para um panorama das diferentes tendências e abordagens sociolinguísticas do árabe. Entre os que se dedicam a esse tema, destacam-se como pioneiros Al-Wer, Miller e Owens.

Tradicionalmente, os informantes ideais haviam residido em uma mesma localidade durante toda sua vida, tinham idade avançada, provinham de áreas rurais e eram do sexo masculino, sendo identificados pela sigla em inglês NORMs (*nonmobile, older, rural males*) (Chambers e Trudgill, 2004, p. 29). No entanto, a preferência por esse perfil passou a ser vista como um problema de representatividade da fala de uma maioria, uma vez que, em determinados casos, entrevistava-se um único indivíduo da área examinada.

Sob influência das ciências sociais e, mais tarde, da sociolinguística, a atenção dos dialetólogos voltou-se igualmente aos dialetos sociais e urbanos e a variedade de uma determinada localidade passou a ser investigada numa perspectiva vertical, considerando variáveis como idade, sexo e nível socioeconômico. Como apontam Chambers e Trudgill (2004, pp. 45-47), todos os dialetos são igualmente regionais e sociais. Todo falante possui um *background* social e uma posição geográfica, de modo que o informante se identifica não só como nativo ou habitante de um lugar específico, mas também como membro de grupos sociais – classe social, grupo etário, grupo étnico etc. Concluiu-se que, tanto nas cidades quanto nos vilarejos, não necessariamente o mais “genuíno” é o mais “típico”, entendido aqui como frequente.

Dessa forma, a dialetologia deixou de se dedicar exclusivamente a descrever a variação linguística numa perspectiva horizontal. A urbanização e o surgimento de grandes centros urbanos no mundo árabe levaram a dialetologia a se aproximar da sociolinguística, compartilhando um objetivo comum: a associação entre variáveis linguísticas e sociais. Frente a essa realidade, os dialetos urbanos passaram a ser estudados segundo diferentes abordagens.

Germanos e Miller (2011, p. 8) definem duas tendências no estudo da variação dialetal no espaço urbano: 1) a dialetologia histórica, predominante nos estudos sobre os

dialeto do Magrebe; 2) a perspectiva variacionista, adotada em trabalhos dedicados, em sua maioria, às variedades do Oriente Médio.

Nossa pesquisa segue a linha da *dialetologia histórica*, caminho iniciado pelos trabalhos pioneiros de Ph. Marçais, W. Marçais, George S. Colin, Jean Cantineau e David Cohen, para mencionar alguns nomes que se dedicaram ao estudo e à descrição de dialetos árabes na região do Magrebe. Em linhas gerais, essa abordagem da variação dialetal em espaço urbano

“dedica-se ao estudo dos falares urbanos atuais e das suas variações, seus trabalhos destacam as consequências de mudanças demográficas antigas ou mais recentes (ou então das diversas fases de arabização no caso do Magrebe) na formação de variedades claramente comunitárias⁶², o surgimento de coínés urbanas, a difusão de variantes faladas por grupos migrantes ou a conservação de antigos traços de falares citadinos por grupos minoritários”⁶³ (Germanos e Miller, 2011, p. 8).

O estudo dos dialetos árabes na região do Magrebe, que inclui o Marrocos, está intimamente relacionado a fatores históricos, isto é, às ondas de arabização do território, as quais estão refletidas nas variedades faladas ali até os dias atuais. Caubet (2001, p. 74) reforça tal ideia ao dizer que “não se pode conceber a dialetologia no Magrebe sem se considerar a história dos movimentos da população e de arabização da região” (tradução nossa). Esse fato faz do Magrebe uma região bastante peculiar, uma vez que em nenhuma outra área do mundo arabófono houve um intervalo tão grande entre duas etapas de arabização (Veerstegh, 2014, p.211).

⁶² Cf. “Classificação dos dialetos magrebinos” neste trabalho.

⁶³ Tradução nossa de: «*En s'intéressant aux parlers urbains actuels et à leurs variations, les travaux mettent en évidence les conséquences de bouleversements démographiques anciens ou plus récents (ou de diverses phases d'arabisation pour le Maghreb) dans la formation de variétés notamment communautaires, l'émergence de koinés urbaines, la diffusion de variantes parlées par les groupes migrants ou la conservation par des groupes minoritaires de(s) vieux traits des parlers citadins*».

Desse modo, a classificação dos dialetos magrebinos foi condicionada por fatores históricos. Antes de apresentá-la, é necessário introduzir as diferenças entre os dialetos magrebinos e os outros dialetos árabes.

1.4.1. Classificação dos dialetos magrebinos

1.4.1.1. Dialetos ocidentais e dialetos orientais

A divisão entre dialetos magrebinos e orientais pode ser estabelecida por diferentes critérios estruturais sobre os quais se apoia a classificação diatópica ou geográfica, expressa pelos termos “ocidental” e “oriental”. Os dialetos ocidentais são falados no território que corresponde atualmente a Mauritânia – cujo dialeto é conhecido como *ḥassāniyya* –, Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia, incluindo ainda, do grupo norte-africano, o maltês⁶⁴ e dois dialetos extintos – o árabe andalusino⁶⁵ e o árabe siciliano⁶⁶.

Dentre as isoglossas⁶⁷ que dividem os dois grupos, a mais unânime diz respeito à ocorrência do prefixo *n-* como indicador da primeira pessoa do *singular* junto ao verbo no imperfectivo, traço presente em todos os dialetos magrebinos: *naṛkab* “monto” (Mauritânia)⁶⁸, *našrúb* “bebo” (andalusino)⁶⁹ e *nḥɔss* “sinto” (Maltês)⁷⁰. A título de ilustração, enquanto no Marrocos tem-se *nəktəb* (1s.) /*nkətbu* (1pl.)

⁶⁴ Embora seja reconhecido pelos linguistas como pertencente ao grupo dos dialetos árabes magrebinos, o maltês é definido por seus falantes como uma língua, sendo, inclusive, língua oficial de Malta. Muitas características permitem classificá-lo como um dialeto árabe, como seus pronomes pessoais: *hu/huwa* (3p.m.), *hi/hija* (3p.f.), *int/inti* (2p.s.), *jien/jiena* (1p.s.), *huma* (3p.pl), *intom* (2p.pl.) e *aḥna* (1p.pl) (Mifsud, EALL, 2011, p. 150).

⁶⁵ O árabe andalusino está associado a Al-Andalus, denominação da península ibérica entre os séculos VIII e XV. Sua origem esteve atrelada à ocupação da península, ainda no século VIII, por exércitos de árabes muçulmanos e berberes parcialmente arabizados. Muitos dos seus traços coincidem com os dialetos magrebinos da atualidade: *dāba* “agora”, *ašḥál* “quanto é?”, *biḥal~baḥál* “como, igual a” (Corriente, *Andalusi Arabic*, EALL, 2011, p. 106).

⁶⁶ Relativo à variedade do árabe falado na Sicília sob domínio islâmico entre 827 e 1072 d.C.

⁶⁷ Ver introdução.

⁶⁸ Cohen, 1963, p. 87.

⁶⁹ Corriente, 2013, p. 88.

⁷⁰ Vanhove, 1993, p.19. Mantivemos a transcrição fonética da autora, que utiliza [ɔ] para a vogal posterior semiaberta arredondada (p. 11).

“escrevo/escrevemos”, na Síria encontramos *ʔaktob/naktob* (Veerstegh, 2014, p. 178). Graças ao atlas linguístico do Egito de Behnstedt e Woidich (1985), pôde-se perceber que a fronteira entre as duas áreas se localiza no delta do Nilo⁷¹, apesar de também haver ocorrências no Alto Egito⁷².

Do ponto de vista fonético-fonológico, os dialetos magrebinos também se distinguem pela restrição de *todas* as vogais breves em sílabas abertas⁷³ (Veerstegh, 2014, p. 213; Aguadé, 2018, p. 33), guardadas as raras exceções, como veremos adiante. A restrição é imposta por diferentes mudanças morfológicas, dentre elas a elisão: *nāḥḥūḍ* “pego, tomo”, *nāḥḥūdu* “pegamos, tomamos” (Marrocos)⁷⁴.

No âmbito lexical, a isoglossa de “peixe” permite visualizar com clareza a divisão entre as duas áreas: no Magrebe, *ḥūt* denota genericamente “peixe”, que, por sua vez, é empregado para “baleia” no árabe padrão e no oriente, onde predominam *samak~simač~simac*⁷⁵.

1.4.1.2. Os dialetos magrebinos e as ondas de arabização

Classificaram-se os dialetos magrebinos segundo o processo de arabização linguística e étnica do Magrebe, o qual se deu em duas etapas distintas, resultando no que

⁷¹ Ver anexo A, mapa 1.

⁷² As hipóteses mais conhecidas para a origem desse traço são duas: 1) a primeira parte da forma no singular, que derivaria da contração do pronome pessoal **ānā* e do imperfectivo **(i)ktib > n-iktib* (Veerstegh, 2014, pp.178-179; Behnstedt, 2016b); 2) a segunda consiste na analogia morfológica a partir de *t-...-u* (2.pl.) e *i-...-u* (3.pl.), de onde surgiria *niktibu* e, por consequência, se passaria a utilizar *n-* para o singular. Tal fato seria corroborado pela isoglossa *aktib-niktibu* no atlas do Egito. Mais recentemente, Behnstedt (2016b) revisitou a questão, propondo que *n-* (1.s.) e *n- -u* (1.pl.) já estavam presentes em alguns dialetos da península arábica e que a ocorrência desse traço até mesmo em partes do Alto Egito se deveria à migração de populações do Magrebe para essas áreas em tempos mais recentes.

⁷³ Essa característica é constantemente um dos motivos das queixas dos falantes de países como Síria e Líbano quanto à compreensibilidade dos dialetos magrebinos. O fenômeno da redução vocálica também está presente nos dialetos orientais, no entanto, não sob as mesmas regras das variedades no Magrebe.

⁷⁴ Harrell, 2004, p. 18.

⁷⁵ Ver anexo A, mapa 2.

se costuma denominar “dialetos sedentários e beduínos”⁷⁶ (Marçais, 1961). A primeira fase começa com a invasão ocorrida no século VII d.C., e a segunda, com a chegada das tribos dos Banū Hilāl, na segunda metade do século XII d.C., e dos Maʿqil, a partir do século XIII d.C. (Colin, 1945, p. 219). Por essa razão, os períodos históricos e as respectivas variedades do árabe que neles se formaram são identificados pelos termos “pré-hilaliano” e “hilaliano”, em referência ao marco da chegada dos Banū Hilāl ao Magrebe. Nesse sentido, a classificação é mais *genética* que cronológica, uma vez que os dialetos pré-hilalianos continuaram sendo ouvidos mesmo após o século XII e se estenderam a outras localidades (Lévy, 1998, p.12).

Os dialetos pré-hilalianos, ou sedentários, surgiram com a conquista das áreas sedentárias do norte da África, mais especificamente de centros urbanos, como Fez, de onde irradiou a arabização para áreas vizinhas. São representados pelos dialetos de antigas cidades, como Túnis (Tunísia), Cherchell (Argélia), Fez e Tetuão (Marrocos), pelo árabe andalusino, pelo árabe siciliano e pelo maltês (Colin, 1945, p. 222; Aguadé, 2018, p. 33). Também pertencem a esse grupo as variedades comunitárias⁷⁷ faladas pelos judeus arabófonos desde a Líbia até o Marrocos (Aguadé, 2018).

Os dialetos hilalianos, ou beduínos, resultam da arabização das zonas rurais, de população berbere, por beduínos vindos da área que corresponde à atual Tunísia, mas originários da península arábica. Dentre eles estavam indivíduos das tribos dos Banū Hilāl

⁷⁶ Classificar um dialeto como beduíno não implica que seu falante apresenta um modo de vida nômade, e sim que na sua fala está presente uma série de traços associados a um grupo de variedades árabes muito próximas estruturalmente. Essas categorias surgiram entre os próprios árabes, como se nota em Ibn Khaldun.

⁷⁷ Na dialetologia árabe, entende-se por dialetos comunitários, em inglês *communal dialects*, variedades associadas a grupos cuja identidade se define por sua crença ou doutrina religiosa. O trabalho de referência sobre esse assunto é *Communal dialects in Baghdad*, publicada em 1964 e escrita por Haim Blanc. Nele, a diferenciação entre os dialetos comunitários de muçulmanos, judeus e cristãos se deve a uma combinação da história do assentamento e da migração dos grupos étnico-religiosos e a uma maior ou menor segregação dessas comunidades. Outros exemplos são os dialetos de cristãos, muçulmanos e drusos em países como Palestina, Líbano e Síria, de sunitas e xiitas no Barein e de muçulmanos e judeus no norte da África.

e Banū Sulaym. Foi o período de arabização de grande parte do Marrocos, especificamente das planícies atlânticas, das regiões saarianas e do Marrocos oriental. Ocupando previamente a Tunísia, os Banū Hilāl foram expulsos e transferidos para o interior do Marrocos, tendo alguns se instalado nas regiões desérticas do Haouz de Marraquexe e outros se dirigido às planícies pantanosas do Gharb (Colin, 1945, p. 223). Os Banū Sulaym concentraram-se na Líbia e no sul da Tunísia.

No século XV, os Maʿqil, naturais da arábia meridional, arabizaram completamente o território correspondente à Mauritânia, onde se fala *ḥassāniyya* atualmente graças à confederação dos Banū Ḥasān. Também se fizeram presentes no interior do Marrocos, claramente na região do rio Tansīft, território dos ʿAbda, também no alto vale do rio Morbeia (em árabe, *Umm ʾar-rbīʿ*), território dos Zaʿīr, e na região de Sefrou. Contudo, foram os sultões saadianos, na primeira metade do século XVI, que os introduziram em massa na região de Marraquexe, sendo utilizados como “tropas de cobertura”, ou *guich-s* (*gīš*) (<ár.cl. *jayš*), pelos saadianos e, mais tarde, pelos alauítas ao redor das grandes cidades (Colin, 1945, p. 224). Como se verá mais adiante, os dialetos beduínos também seriam utilizados nas cidades, que foram “beduinizadas” – caso de Marraquexe no Marrocos (Veerstegh, 2014, p. 186).

1.4.2. O árabe marroquino e suas variedades

Seguindo a distinção entre dialetos pré-hilalianos e hilalianos, o árabe dialetal marroquino⁷⁸ apresenta uma subclassificação pensada por Colin (1986), que identifica três categorias de variedades árabes faladas no país:

⁷⁸ Embora seja habitual tratar os dialetos árabes por sua relação com as nacionalidades de seus falantes (árabe marroquino, árabe sírio, árabe egípcio), eles são compostos por mais de uma variedade, de modo que o termo “árabe marroquino” apresenta uma função *ad hoc* para se referir a todos os dialetos árabes falados dentro das fronteiras do Reino do Marrocos. Muitas vezes essa denominação é empregada para se referir ao árabe falado na capital ou em algum centro urbano de importância econômica dentro país, como Casablanca, no caso do Marrocos. No entanto,

a) citadino ou *ḥaḍari* (Lévy, 1998), também conhecido por *mdīni* (Boukous, 1995). São variedades pré-hilalianas faladas nos antigos centros urbanos, onde houve forte presença andalusina resultante da chegada de judeus e moriscos que se refugiaram dentro dos muros da medina⁷⁹ devido às perseguições cristãs sofridas na Espanha e em Portugal⁸⁰. As principais cidades onde se falam esses dialetos são Fez, Rabat e Salé, Tetuão, Taza, Alcácer Quibir, Tânger, Ouezzan (*Wazzān*) e Xexuão (*Šəfšāwən*). No entanto, nem todos os antigos centros urbanos, segundo Colin (1986, p. 1194), apresentam esse tipo de dialeto, uma vez que a população de origem rural dos entornos das cidades predominou sobre a população citadina. É o caso de Casablanca, Essaouira, Mazagão (Al Jadida) e, até certo ponto, Mequinez e Marraquexe. Retornaremos a esse ponto mais adiante.

b) montanhesco ou *žabli*. São dialetos pré-hilalianos encontrados nas zonas rurais do Marrocos que primeiro foram arabizadas, territórios conhecidos como *Žbāla*, estendendo-se de Tânger a Taza em forma de meia-lua. Estão associados a duas tribos: os Ġmāra (Ghomara) e os Šanhāja-Zanāta.

c) beduíno ou *ṣrūbi* (rural, beduíno). São variedades hilalianas faladas nas planícies atlânticas, estendendo-se de Arzila a Essaouira (Colin, 1945, p. 230; Colin,

adverte-se quanto a considerá-lo uma coíné nacional marroquina, apesar de sua importância e de seu alcance por meio dos canais de televisão e de rádio, cujos efeitos podem indicar um caminho de unificação das variedades a longo prazo.

⁷⁹ Em árabe, *al-madīna al-qadīma/al-ʿatīqa* “cidade antiga”. Escolhemos utilizar “medina” ao longo do trabalho com o sentido de cidade antiga, mais precisamente como referência ao centro antigo de cidades do Magrebe, que costuma ser cercado por muros e coincide com o ponto de fundação da cidade.

⁸⁰ Devido às batalhas da *Reconquista*, muitos andalusinos muçulmanos arabófonos deixaram Granada (1482-1492) com destino a cidades como Tetuão, Fez, Salé e outras do norte. Seguiu-se a expulsão definitiva de judeus da Espanha (1492) e de Portugal (1496), que também se dirigiram a essas cidades (Lévy, 2009, p. 113). Mais tarde, em meados do século XVII, a expulsão dos mouriscos de Granada (1610-1614) resultou numa segunda onda migratória de falantes de espanhol para esses antigos centros urbanos. Esses indivíduos, principalmente de origem granadina e valenciana, atuaram por séculos nas atividades comerciais marítimas, bem como na pirataria e no transporte de novos imigrantes andalusinos para o Marrocos (García-Arenal, 2014).

1986, p. 1195). Fazem-se presentes igualmente no interior, como no Marrocos oriental e no Saara marroquino. No entanto, como descreve Lévy (1998, p.13), existe apenas um dialeto realmente beduíno no Marrocos: o *ḥassāniyya* dos Dwi Ḥassān, de origem Ma^cqil. Mais recentemente, Heath (2002, p.8) distingue, a partir de alguns dos traços apresentados na tabela abaixo, os dialetos beduínos marroquinos (*ṣrūbi*) entre tipo central e tipo saariano:

	NORTE⁸¹ (pré- hilaliano)	SAARIANO (hilaliano - Ma^cqil)	CENTRAL (hilaliano)
*qāf	[q], [ʔ]	[g]	[q] e [g]
Interdentais	<u>d</u> , <u>t</u> → d, t (ocl.)	d, <u>d</u> , t, <u>t</u>	<u>d</u> , <u>t</u> → d, t (ocl.)
Ditongos	*aw, ay → ū, ī → ăw, ăy	*aw, ay → ăw, ăy	*aw, ay → ū, ī
Genitivo	<i>dyāl</i> , d-	ntāṣ	<i>dyāl</i> , d- e/ou ntāṣ
Prevérbio impf.	ā- (Taza), lā- (Xexuão), kā-	Ø	kā- e/ou tā-
Partícula de futuro	māši, māš-	lāhi (ḥassāniyya)	ḡādi, ḡā-
Negação verbal	ma- + verbo + ši	mā + verbo	ma+ verbo + š

Adaptado de Heath (2002, pp. 9-10).

d) judeu ou judeu-árabe⁸². São os chamados “dialetos comunitários”, de origem pré-hilaliana, falados pelos judeus marroquinos. Eles compartilham muitos traços com

⁸¹ Heath (2002) agrupa os dialetos pré-hilalianos, citadinos e montanhescos na categoria *Northern-type* ou dialetos de tipo setentrional.

⁸² O termo “judeu-árabe” é empregado originalmente para se referir a qualquer forma de árabe escrito com caracteres hebraicos pelo menos desde o século IX d.C, chegando até o século XX (Khan, 2016, p. 24). Hoje utiliza-se o termo amplamente na dialetologia árabe ao referir-se a

aqueles de cidades do norte do país, como Tetuão e Tânger, e apresentam uma maior uniformidade estrutural⁸³ do que os dialetos muçulmanos entre si. Quanto ao seu distanciamento dos dialetos dos muçulmanos, houve uma maior diferenciação em localidades onde os judeus preservaram um dialeto sedentário mais antigo, que claramente se distingue do dialeto muçulmano beduíno *ṣrūbi*, de avanço mais tardio, devido à chegada de falantes provenientes de zonas rurais, como foram os casos de Marraquexe e Mequinez. Outro fator que contribuiu para essa distinção foi a concentração dos judeus no *mallāḥ*⁸⁴, como veremos mais adiante. Por outro lado, nos centros urbanos em que as comunidades judaica e muçulmana tinham maior contato, vivendo nos mesmos bairros e nas mesmas ruas, a diferenciação ocorreu em menor grau, como é o caso de Azamor e Ujda. Ademais, fatores como a proximidade de uma elite aristocrática

dialetos falados em comunidades judaicas de todo o mundo árabe, cujos membros encontram-se, em sua maioria, em outros países, como Israel. Contudo, nossa escolha de utilizar “dialeto judeu” deve-se ao seu uso na literatura da área que aborda os dialetos comunitários, além de enfatizar sua contraposição aos dialetos dos muçulmanos. Logo, nossa opção tradutória baseou-se no uso de termos como *Jewish dialect* e *Muslim dialect* (Blanc, 1964; Heath, 2002) e *parlers arabes des juifs du Maroc* (Lévy, 2009), embora esses autores não deixem de utilizar “judeu-árabe”. Diferentemente do emprego observado nesses autores, o termo pode sugerir, em alguns trabalhos, uma entidade separada dos outros dialetos árabes, como se ostentasse um status de língua à parte, caracterizado por uma suposta unidade dos traços das variedades faladas por todos os judeus árabes do mundo. A iraquiana-israelense-americana Ella Shohat (2016) é crítica ao uso ideológico e nacionalista do termo que busca sobrepor a identidade judia à identidade árabe do indivíduo que imigra para Israel.

⁸³ Tal uniformidade chega ao ponto de existirem poucas diferenças entre as falas dos judeus do norte e do sul do Marrocos, todas de tipo sedentário pré-hilaliano. Heath (2002, pp. 10-12) apresenta duas hipóteses para essa uniformidade e se mostra adepto da segunda: 1) os judeus conhecidos como *megorashim* “expulsos”, vindos da Espanha a partir de 1492, assentaram-se em centros como Rabat, Mequinez e Fez e, como falantes de um árabe ou judeu-árabe andalusino, teriam influenciado o árabe falado pelos judeus marroquinos autóctones, os *toshavim* (*toshabim*) “residentes”; 2) estes últimos, também conhecidos como *baldīyyīn*, seriam falantes de judeu-berbere e também de um dialeto citadino devido ao seu contato anterior com a aristocracia muçulmana das cidades. Ademais, o que corrobora a segunda hipótese é o fato de que muitos judeus expulsos da Espanha teriam vindo de localidades onde já não se falava árabe, e sim judeu-espanhol, como Toledo. Segundo o autor, esse substrato pode ter deixado marcas nos dialetos judeus.

⁸⁴ Termo utilizado para referir-se ao bairro judeu dentro da medina. Segundo Lévy (2009), o termo aparece pela primeira vez como referência a um bairro de *Fās ʾaš-Ṣūdī* “Fez Nova”, fundado em 1276. Uma das hipóteses mais aceitas quanto à origem de seu nome deve-se ao fato de haver bairros em Fez que teriam sido utilizados anteriormente como “depósito de sal”. O autor ainda menciona que, em árabe andalusino, *mallāḥ* possuía esse sentido específico (Lévy, 2009, pp. 102-103).

muçulmana e a busca de prestígio social podem ter levado ao apagamento de traços marcadamente judeus na fala de alguns indivíduos (Khan, 2011, p. 532; Khan, 2016).

Durante o último século, fatores como o crescimento da população, a urbanização dos antigos centros urbanos e, no caso dos judeus, a imigração levaram a um crescente contato entre distintas variedades do árabe dialetal marroquino e o iminente desaparecimento de algumas delas.

Segundo Miller (2004, 2007), na atualidade, o arquétipo da cidade no Magrebe como um todo consiste num “antigo centro urbano que apresenta uma elite decadente e uma renovação populacional decorrente da chegada da população de áreas rurais próximas” (Miller, 2004, p.194). Nesse sentido, a autora caracteriza o falar urbano dessas cidades pela diminuição do prestígio do antigo dialeto citadino falado no centro velho da cidade (medina), o qual não é adquirido nem pelos novos habitantes nem pelas gerações mais jovens de habitantes originais.

Dessa forma, os migrantes, bem como todos os habitantes urbanos, tenderiam a utilizar uma coiné urbana no espaço público, mantendo seus dialetos restritos ao contexto familiar. No entanto, é difícil especificar qual seria essa coiné, uma vez que o processo de coineização⁸⁵ não se completou nem no nível nacional nem no nível da cidade. Ademais, não há estudos sobre a convergência das diferentes coínés que existem nas grandes cidades marroquinas. Por exemplo, não está claro se os “vernáculos neourbanos”

⁸⁵ O termo “coineização” refere-se ao processo de contato dialetal que acarreta a reestruturação linguística das variedades, com implicações diacrônicas, e tem uma variedade “mista” como produto final. Costuma caracterizar-se pela seleção dos traços mais comuns e regulares em detrimento dos mais particulares de cada variedade, exigindo um certo grau de nivelamento (Palva, 1982; Miller, *dialect koine*, EALL, 2011). O conceito sociolinguístico de nivelamento, em inglês *leveling*, aplica-se ao nível sincrônico, indicando a supressão de traços do dialeto de um dos falantes na interação por aqueles do dialeto de maior prestígio, que não necessariamente é o do ouvinte (Bassiouny, *leveling*, EALL, 2011).

(sic) de Rabat-Salé e Fez são coinés urbanas regionais ou se reproduzem a coiné de Casablanca, que goza de grande prestígio nacionalmente (Miller, 2007, p. 12).

No próximo capítulo, apresentaremos o caso de Essaouira, que parece se enquadrar no arquétipo de Miller para cidades magrebina contemporâneas no que se refere à relação entre quatro variedades: i) um dialeto da medina falado por seus antigos moradores, ii) o dialeto *ṣrūbi* de seus entornos, iii) uma nova coiné urbana e iv) a língua berbere *tašəllḥīt*. Logo, a realidade linguística da cidade parece muito mais complexa do que foi retratado na literatura da área, que resumia o dialeto da cidade a uma variedade *ṣrūbi*. Como veremos adiante, as condições históricas de formação e povoamento da cidade estão intimamente ligadas a essa pluralidade do árabe dialetal falado na cidade.

CAPÍTULO II

2. A cidade de Essaouira (Mogador): origens e povoamento

Essaouira⁸⁶, no árabe local *الصويرة* *ṣ-Ṣwīra*, consiste numa pequena cidade situada 177 km a oeste de Marraquexe, mais precisamente na costa atlântica do Marrocos, entre as cidades de Safi e Agadir⁸⁷. Em comparação a outros centros urbanos do país, sua fundação é bastante recente, datando de 1764, por ordem do Sultão Sīdi Muḥammad Bin ʿAbdillāh, o qual escolheu esta localização para fundar o que viria a ser o porto internacional mais importante do reino do Marrocos no século XIX.

Seu surgimento recente e seu papel comercial nos âmbitos local e internacional resultaram diretamente na formação de uma população bastante diversificada tanto na sua composição étnica como religiosa, cujas marcas permaneceram no dialeto árabe local. Dessa forma, faz-se necessário apresentar os motivos de sua fundação, assim como os diferentes grupos e tribos que compuseram os habitantes de sua estreita medina, destacando o contato entre árabes e berberes bem como a coexistência entre muçulmanos e judeus. Em seguida, apresentaremos a evolução demográfica da cidade ao longo do século XX até os dias atuais.

2.1. Essaouira-Mogador: questionamentos etimológicos

Muito antes de se chamar Essaouira, essa localidade era conhecida entre os europeus como Mogador, nome utilizado pelos portugueses desde pelo menos o século XVI, como atestado por Duarte Pacheco Pereira (1505-1508?)⁸⁸, que cita a *Ilha de*

⁸⁶ Adotamos a grafia francesa, que é a oficial, a fim de facilitar a referência à cidade.

⁸⁷ Ver anexo A, mapa 3.

⁸⁸ *Esmeraldo de Situ Orbis*, pp.31-33.

Mouguador, e em Damião de Góis (1566)⁸⁹, a respeito da construção do forte *Castelo Real*, durante a curta ocupação portuguesa de 1506 a 1510 (Ricard, 2013, p.27, 61). Sua origem parece remeter ao topônimo berbere presente nas obras de geógrafos árabes, como Al-Bakrī (1014-1094) que mencionava o porto de 'Amgdūl⁹⁰ أمجدول e Ibn Saʿīd Al-Maġribī (1214 -1286), que menciona a foz de um pequeno rio de nome *Amgdūl* امكدول, muito provavelmente a desembocadura de Oued Ksob, em Diabat, ao sul da cidade atual⁹¹. Até o presente, diversas localidades em território berbere no sul do Marrocos recebem o nome de *Amagdoul*, *Amigdoul* ou *Amegdoul*, na sua maioria situadas na região de Taroudant, próxima a Agadir (Lakhdar, 2015b, p.10). O topônimo também apresenta relação com o nome de um santo marabuto⁹² local, Sīdi Mogdūl, patrono da cidade de Essaouira e seus marinheiros, e cujo mausoléu está ao sul da cidade, sendo visitado desde tempos imemoriais (Laoust, 1923, p.247, 353; Mauny, 1949, p. 59). É interessante notar que *Amgdoul* significa “guardião” em berbere (Mana, 2014, p.167).

Quanto à sua etimologia, a hipótese mais aceita baseia-se na origem fenícia da palavra, uma vez que os fenícios se estabeleceram na costa atlântica do Marrocos na Antiguidade⁹³. Em fenício (púnico)⁹⁴, a raiz $\sqrt{gdr}$ denota “muro, muralha” (Krahmalkov,

⁸⁹ Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel: “*defno rio Dazamor àtte ho Mogador delongo da cofta (...)*” (Fol.30) e “*Mandou fazer ho castello Real nas Ilhas do Mogadór[r], a quem do cabo de guer*” (Fol. 110).

⁹⁰ *Al-Maġrib fī dīkr bilād 'Ifriqiyya wa-l-Maġrib*, p. 86.

⁹¹ *Kitāb Al-Juġrāfya*, 1970, p. 123.

⁹² Do árabe *murābiṭ* ou *marbūṭ*, utiliza-se no norte da África para se referir a um personagem considerado santo pelo povo, uma espécie de intercessor dos fiéis junto a Deus, a quem se roga para que se derrame sobre eles a *baraka*, isto é a benção. Também é utilizado para o mausoléu do santo em si, local de peregrinações por parte da população local, onde se costumam realizar sacrifícios animais.

⁹³ Estima-se que os fenícios permaneceram nas ilhotas de Mogador entre VII a.C. e a primeira metade de VI a.C. (Al-ʿAzīfī, 1994), onde se produzia o corante de púrpura, que continuou a ser comercializado pelos romanos, os quais também estiveram nessa parte da costa atlântica (Desjacques e Koeberlé, 1955).

⁹⁴ No primeiro milênio antes de Cristo, o fenício púnico era falado na Sicília ocidental, Sardenha, Malta, sul da península ibérica e norte da África, após a colonização do mediterrâneo ocidental por Tiro e Sídón. Mesmo em período romano, o púnico continuou a ser utilizado no norte da África, tanto como língua cotidiana como na literatura (Krahmalkov, 2000, p.10-11).

2000, p.137). O nome da cidade de Agadir parece corroborar essa teoria, pois seu nome se deve a *agadir* (pl. *igudar*) “celeiro coletivo fortificado”⁹⁵, que teria entrado como um empréstimo lexical nos dialetos berberes, que o adaptaram com a adição do prefixo *a-*, próprio dos substantivos masculinos. Isso fica claro também quando examinamos o nome da cidade espanhola de Cádiz, muito próxima geograficamente de Essaouira e Agadir, e que foi fundada por fenícios, sendo *Gader* (*Gades*, *Gadis*, gr. *Γαδεῖρα*) seu nome original (Krahmalkov, 2000, p.137). Segundo Jodin (1966, p.4), já na costa da Síria e do Líbano, encontravam-se os topônimos *migdol* ou *mogdoul*, cujo sentido seria “lugar fortificado” ou “torre de observação”. A sugestão do autor é coerente com o sentido da raiz semítica √gdl, que carrega a conotação de “grande”, sendo *migdal* “torre”, em hebraico.

Quanto ao nome atual da cidade, a hipótese mais provável é a de que teria sua origem no diminutivo de *sūr*, em árabe, “muro, muralha”, pronunciado originalmente com /s/ **s-Swīra* السويرة, mas que teria passado a /ʃ/ na pronúncia local pelos falantes de berbere, resultando em *ʃ-Swīra* الصويرة. Em *’Īqāḍ*, Aṣ-Ṣiddīqī⁹⁶(1969) chama a atenção ao fato de que, embora o mais comum em seu tempo fosse pronunciá-la *ʃ-Swīra*, os antigos letrados da cidade e de outras partes do reino⁹⁷ grafavam-na com *sīn* /s/ (p.19) e isso se devia à origem do nome, como explica:

“Este nome é antigo e é o correto, pois deriva da Qaṣba em território Ḥāḥa chamada *əṣ-Swīra lə-qdīma*”⁹⁸, da qual dista 16

⁹⁵ Adam, “*Agadir*”, Ad-Aḡuh-n-Tahlé, *Encyclopédie berbère* 1985.

⁹⁶ Muḥammad Bin Sa‘īd Al-Ṣiddīqī (1893 - 1975) foi um letrado, imã e historiador, natural de Essaouira. Sua obra *’Īqāḍ as-sarīra li-tārīḥ aṣ-Swīra* (*O Despertar da consciência à História de Essaouira*) é uma fonte importante sobre a história da cidade: seus personagens, bairros e monumentos. Também descreve desde fatos históricos, como revoltas e conflitos, até curiosidades, como o dia em que uma baleia encalhou nas imediações da cidade. A única edição a que tivemos acesso na *Bibliothèque Nationale du Royaume du Maroc* em Rabat, publicada pela Dār Al-Kitāb, em Casablanca, não estava datada. No catálogo da biblioteca consta 1961(1969), contudo o autor diz ter terminado o livro em 1349 H. ou 1930 d.C. (p.10).

⁹⁷ As-Sūsī, em sua obra *’Īlīg, qadīman wa-ḥadītan* (’Īlīg, Ontem e Hoje), de 1966, destaca que os letrados, dentre os quais inclui a si próprio, grafam o nome da cidade com *sīn*, tomando por base a palavra *sūr* “muralha” (p.66).

⁹⁸ Localizada na foz do rio Tensift, é mencionada como um porto nas fontes árabes mais antigas sob o nome *Agūz*, grafado أگوز ou أقوز.

km. A Qaşba foi fundada pelos reis dos Hāḥa antes do Islā, contudo a construção atual é obra do sultão Muḥammad Aṣ-Ṣayḥ Ibn Zaydān, da dinastia saadiana, falecido em 1064 H. [1557 d.C.], tendo sido completada por seu filho, o sultão 'Aḥmad Al-Manṣūr, falecido em 1096 H. [1603 d.C.]”⁹⁹ (Aṣ-Ṣiddīqī, 1969, p. 19).

Essa correção ortográfica corrobora a etimologia de que o nome Essaouira estaria relacionado a “pequena muralha”, ou ainda, “pequena fortificação”. Ademais, a grafia oficial “Essaouira” só começa a ser adotada em 1957, de modo que até então empregava-se *Souira* ou *Souera*, com referência ao topônimo na foz do rio Tensift (Jodin, 1966, p.4). Esta hipótese ainda é corroborada pelo fato de o nome berbere atual da cidade *Taṣṣurt*¹⁰⁰ consistir num arabismo formado a partir da adição das desinências do berbere *ta-...-t*, marca de substantivo feminino, a *ṣūr* (ár.cl. < *sūr*) “muralha”.

Atualmente, vale destacar que existem cidades com nomes semelhantes em outros países árabes, como *aṣ-Ṣuwayra*¹⁰¹, no Iraque, e a cidade fenícia de Tiro, *Ṣūr*, no Líbano. No entanto, neste último caso, o nome não parece ter origem árabe, mas sim fenícia, na qual as consoantes ṢR podem ser lidas como *ṣir* “a cidade de Tiro” ou *ṣur* “rocha” (Fuentes 1980, p.218), assim como em hebraico *tsur* (צור) “rocha”. Ademais, os romanos de origem púnica, no norte da África, intitulavam-se *Sorem*, isto é, naturais da cidade de Tiro (Krahmalkov, 2000, p.11).

Essas “coincidências” semânticas, num território dominado por fenícios, romanos, berberes e árabes, parecem um indício de contato linguístico secular, que resultou num significado comum para os três topônimos: Mogador, entre os europeus; Essaouira, entre os árabes; e *Taṣṣurt*, entre os berberes. O uso de diferentes nomes

⁹⁹ Tradução nossa de: وهذه التسمية قديمة وهو الصحيح أو نقلت لها من قصبة ببلاد حاحا تسمى الصويرة القديمة تبعد عنها بستة عشر كلم والقصبة من تأسيس ملوك حاحا قبل الإسلام والبناء الموجود بها ابتناه السلطان محمد الشيخ ابن زيدان السعدي المتوفى سنة ١٠٦٤ وتممه ولده السلطان أحمد المنصور المتوفى سنة ١٠٩٦.

¹⁰⁰ El Mountassir (2009, p.150). Mantivemos a transcrição do autor.

¹⁰¹ Não se sabe se o sultão Sīdi Muḥammad Bin ‘Abdillāh tinha conhecimento de sua existência quando deu o nome de Essaouira à cidade portuária.

demonstra a diversidade da população que habitou a cidade portuária a partir de finais do século XVIII.

2.2. Fundação da cidade

A formação da população da cidade de Essaouira está diretamente relacionada ao projeto de sua fundação pelo Sultão Sīdi Muḥammad Bin ʿAbdillāh, que governou o Marrocos de 1757 a 1790. Considerado um humanista, aberto ao contato com o exterior¹⁰², Sīdi Muḥammad redefiniu a política externa do Reino do Marrocos, priorizando o comércio marítimo internacional, atividade controlada pelos europeus, e mantendo uma relação pacífica com estes últimos do ponto de vista bélico.

Essaouira surge neste contexto, servindo como um porto comercial e como *taḡr*, isto é, uma cidade fortificada¹⁰³. Ao mesmo tempo em que a cidade passou a concentrar todo o comércio internacional do reino, também apresentava o maior contingente armado depois de Tânger, que se localiza a poucos quilômetros da Espanha (Harrak, 1992, p.198).

Como demonstram as crônicas históricas daquele momento¹⁰⁴, o objetivo desta abertura tinha como finalidade a consolidação de um Estado alauíta forte e a defesa contra

¹⁰² Seu reinado caracterizou-se por uma nova diplomacia com países europeus e americanos, a qual resultou em tratados internacionais não só comerciais, mas também de paz, trazendo ao país cônsules e mercadores de diversas nações, além de devolver presos cristãos (Harrak, 1992, p.194). Chamam a atenção ainda fatos como o acordo de paz com a Espanha, inimigo histórico do Marrocos, e o fato de ter sido o primeiro país a reconhecer a independência dos Estados Unidos da América em 1777.

¹⁰³ Originalmente, o termo árabe *taḡr* (pl. *tuḡūr*) “abertura” referia-se a pontos de acesso entre *Dār al-ʿIslām* e *Dār al-ḥarb*. No mediterrâneo e no atlântico, mais especificamente no norte da África, o termo é empregado para referir-se a cidades fortificadas na costa que estavam sujeitas a ofensivas por mar.

¹⁰⁴ Entre as principais fontes para se entender o contexto em que se deu a decisão de erguer a cidade de Essaouira, estão os escritos dos contemporâneos ao surgimento da cidade: Muḥammad Bin aṭ-Ṭayyib al-Qādirī (1712-1773) e sua obra *Naṣr al-Maṭānī li-ʿAhd al-Qarn al-Ḥādī ʿĀshr wa-ṭ-Ṭānī* (Livro das crônicas dos séculos XI e XII), *Dār al-Maḡrib* (1977), que relata a história de personagens e acontecimentos históricos de seu tempo; e Muḥammad Aḍ-Ḍuʿayyif Ar-Ribāī (1752-1818), com sua obra *Tārīḥ Aḍ-Ḍuʿayyif : Tārīḥ ad-Dawla as-Saʿīda* (A História de Aḍ-Ḍuʿayyif : A História da dinastia bem aventurada), *Dār Al-Maʿtūrāt* (1986), a qual cobre dois séculos do reinado da dinastia alauíta no Marrocos.

os ataques dos cristãos (Harrak, 1992; Bin as-Ṣaġīr, MM¹⁰⁵). An-Nāṣirī, em *Al-'Istiḳṣā'*¹⁰⁶, cita o relato de Al-Ġazzāl¹⁰⁷ a respeito dos motivos que levaram à fundação da cidade:

“Disse o Secretário 'Abū l-ʿAbbās 'Aḥmad bin al-Mahdī l-Ġazzāl, em seu relato de viagem, o que se resume a seguir, a respeito do motivo da construção da cidade de Essaouira: o sultão sīdi Muḥammad bin ʿAbdillāh desejava combater por mar, logo decidiu fazer uso de embarcações de guerra que passavam grande parte do tempo nos portos de Rabat-Salé e de Larache, viajando um período que se limitava a dois meses ao ano, durante o inverno, uma vez que os portos estavam conectados aos Udaia. Ademais, fora do período de inverno, como o nível de água diminui e o de areia sobe, nas embocaduras dos portos, obstrui-se a passagem das embarcações, o que acaba por dificultar a viagem. Por essa razão, o Sultão, que Deus tenha misericórdia, teve a ideia de permitir que as embarcações viajassem todos os dias do ano e, assim, construiu a cidade fortificada de Essaouira, armando-a com a finalidade de proteger seu porto da situação aqui descrita”¹⁰⁸. (p.21)

E menciona ainda outras razões relacionadas à situação da política interna:

“Além de al-Ġazzāl outros indicaram que a motivação do sultão aqui citada em construir Essaouira é de que o forte de Agadir estava cercado por insurgentes provenientes do Sus, como por exemplo: aṭ-Ṭālib Ṣāliḥ e outros, os quais desejavam ganhar as mercadorias do forte por traição, a fim de lucrar com elas. Viu-se que a única alternativa para evitar este problema foi criar outro porto mais próximo daquela região, mais interno, reino a dentro, [próximo] de Agadir, a fim de evitar a ação desses insurgentes, de modo que ninguém poderia atingi-lo. Então, planejou-se a cidade de Essaouira. Delimitaram com perfeição sua localização, construindo-a com excelência. As duas ilhas circulares em seu porto, a maior e a menor, receberam canhões e ergueu-se uma torre sobre um rochedo dentro do mar, igualmente armado. Desta forma, aquele que tivesse a intenção de adentrar a cidade fazê-lo-ia unicamente sob o disparo dos canhões da torre e das ilhas concomitantemente. (...) Ao terminá-la, trouxeram mercadores cristãos para que ali comercializassem, isentando-os de pagar taxas alfandegárias como incentivo, o que os atraiu rapidamente, bem como gente de todas as partes. Nesse ínterim, a cidade foi sendo construída e concederam-lhes uma licença por um período de

¹⁰⁵ *Maʿlamat al-Maġrib*, Enciclopédia do Marrocos (MM), vol.16, pp. 5587-5589.

¹⁰⁶ An-Nāṣirī, Jaʿfar; an-Nāṣirī, Muḥammad. *Al-'Istiḳṣā' li-'aḥbār duwal al-Maġrib: ad-dawla al-ʿalawiyya* (Exame das crônicas das dinastias do Marrocos: a dinastia alauíta). Vol.8. Casablanca: Dār al-Kitāb, 1956.

¹⁰⁷ 'Aḥmad bin al-Mahdī l-Ġazzāl al-Fāsī foi um diplomata marroquino de origem ibérica, autor de *Natījat al-Ijtihād fī l-Muhādana wa-l-Jihād* (Frutos dos esforços em negociar a paz e a guerra)-manuscrito disponível na BNF Gallica-, um relato de viagem de missão diplomática à Espanha, a mando do Sultão Sīdi Muḥammad Bin ʿAbdillāh, partindo da cidade de Ceuta até Madri, por volta de 1765-1766.

¹⁰⁸ Os dois trechos de *Al-'Istiḳṣā'* citados a seguir são traduções nossas, contudo optamos por não disponibilizar o texto árabe original aqui por comprometer a estética do texto.

alguns anos. Mais tarde, sua condição voltou a ser como a de outros portos no que se refere ao pagamento de taxas de exportação e outras obrigações. Atualmente ela está nessa condição e seu futuro a Deus pertence”. (pp.20-21)

É nesse contexto que aparece Essaouira e ocorre um povoamento diversificado, resultante da convocação de populações com origem em diferentes tribos, fossem elas árabes ou berberes, bem como pertencentes a diferentes comunidades religiosas: muçulmanos e judeus, além de europeus cristãos e convertidos, como veremos nas próximas páginas.

2.3. Origens da população de Essaouira

A população original de Essaouira é composta em sua maioria de migrantes provenientes do interior, dos territórios Chiadma e Haha¹⁰⁹, mas também de outras partes do sul do Marrocos, com destaque para Marraquexe e Agadir. No entanto, entre seus habitantes estiveram também indivíduos de outros centros urbanos antigos como Fez, Tetuão e Rabat, muçulmanos e judeus, árabes e berberes, além de cristãos europeus. Este contexto resultou numa espécie de *melting-pot* (Schroeter, 1988), que se reflete por consequência no árabe falado localmente.

Segundo Aş-Şiddīqī (1969, p.22), os primeiros que foram chamados a mudar-se a Essaouira consistiam em muçulmanos, marinheiros e artilheiros¹¹⁰, provenientes de Agadir, mas também judeus. Cita também a mão-de-obra vinda do extremo Sus¹¹¹ para a

¹⁰⁹ Mantivemos a romanização mais comum para os nomes destas duas tribos, muito mais frequentes na literatura sobre Essaouira e em fontes contemporâneas que as outras tribos que serão elencadas mais adiante.

¹¹⁰ Localmente conhecidos, em árabe, por *ṭabẓīyya/ṭūbẓīyya*. Em DAF (vol.8 p.249) transliterado *ṭobbẓi/ṭabẓi* [< turco *tobgi* “artilheiro”], com o sentido de *canonnier, artilleur*.

¹¹¹ Topônimo referente ao sul do Marrocos. Costuma-se dividir esta área em *Sūs al-’adnà* “Sus próximo”, que se estende do rio Sus وادي سوس até o rio Massa وادي ماسة; e *Sūs al-’Aqsà* “Extremo Sus” que abrange a zona que se estende do rio Massa até o rio Noun وادي نون e o deserto do Saara.

construção de residências, a fim de receber aqueles que organizariam o Exército e o assentamento na cidade. Pouco a pouco chegariam mais delegações do Sus e de Agadir, compostas por indivíduos de diferentes tribos às quais seriam designadas funções específicas pelo Maḥzan¹¹².

Ar-Rajrājī¹¹³ (1935), em *aš-Šumūs*¹¹⁴, menciona as tribos que compuseram a população da cidade, provenientes, sobretudo, do sul do Marrocos (pp.11-12)¹¹⁵. Entre aquelas vindas do Sus estavam: š-Šabbānāt¹¹⁶ الشبانات, árabes pertencentes aos Banū Maʿqil, vindos das planícies do extremo Sus¹¹⁸; Masgīna¹¹⁹ مسكينة, berberes, do leste de Agadir, do território aos pés do Alto Atlas ocidental (’Afā, 2017, p.63); os berberes Ayt Tamaṣṣit¹²⁰ أيت تمعيت; la-Mnābha المنابها, pertencentes aos árabes Maʿqil (Bin Manšūr,

¹¹² “Tesouro” como referência ao aparelho estatal do Rei do Marrocos. De *ḥukm al-maḥzan* “Governo do maḥzan”.

¹¹³ No Marrocos, é comum encontrar em nomes de origem berbere ou do árabe dialetal o fonema /g/ representado na escrita árabe por *jīm* ج, sobretudo em fontes antigas, uma vez que o fonema não está presente no árabe clássico. Hoje, esse som é representado por duas variações gráficas de *kāf*: گ e ك. Por exemplo, “Agadir” é escrito أكادير por ar-Rajrājī, mas اكدير e اجدير por aš-Šiddīqī, contudo predomina atualmente أكادير. Quanto ao nome do autor, gentílico da tribo Regraga, optamos por romanizá-lo com *j*, pois o próprio autor grafia seu nome الرجراجي ao passo que escreve todos os outros nomes com /g/ com o *kāf* adaptado. Acreditamos que isso se deva à ideia de que a origem do nome é árabe. Testemunhamos um informante do interior, em Bḥaybāḥ (Francisco 2019a), que de fato pronunciava o nome com /j/.

¹¹⁴ *Aš-Šumūs al-munīra fī ’aḥbār madīnat aš-Šwīra (A luz do Sol sobre as crônicas da cidade de Essaouira)*. Rabat: *Al-maṭbaʿa al-waṭaniyya*, 1935.

¹¹⁵ Tanto aš-Šiddīqī (1969) quanto ar-Rajrājī (1935) trazem informações muito semelhantes no que diz respeito aos grupos que formaram a população da cidade na sua fundação, mas ainda assim este último traz informações mais detalhadas sobre este assunto, descrevendo as origens e as funções dos primeiros que se assentaram na cidade. Quando da publicação de seu *’Iqāḍ*, criticou em sua introdução o suposto pioneirismo da obra *aš-Šumūs*, explicando que seu livro já estava pronto mas que ar-Rajrājī se adiantou na publicação de seu livro. Destaca também que outros autores como as-Sūsī (1966) e Al-Kānūnī (1932) já haviam escrito sobre a cidade anteriormente (aš-Šiddīqī, 1969, p.8).

¹¹⁶ Também transliterado š-Šbānāt. Ibn Khaldun, em *Kitāb Al-ʿIbar* (2003, p. 2396), vocaliza o mesmo nome como aš-Šubbānāt e destaca que habitavam próximo aos Ḍwī Ḥassān, sendo ambos pertencentes aos Maʿqil, ou Miʿqal, segundo o autor.

¹¹⁷ A grafia árabe do nome desta e das outras tribos aqui citadas varia, seja em árabe ou em inglês, entre os autores a que tivemos acesso (aš-Šiddīqī, ar-Rajrājī, Schroeter e Hoffman), por essa razão optamos por apresentar nossa transcrição de sua pronúncia dialetal, acompanhada da grafia oficial árabe utilizada na *Maʿlamat al-Maḡrib (MM)*.

¹¹⁸ MM vol.16, pp. 5283-5285.

¹¹⁹ Com diversas grafias nas fontes árabes: مسكينة; ماسكينة; مسكينة (’Afā, 2017, p.63).

¹²⁰ Ayt é próprio de nomes de tribos e vilarejos berberes e significa “filhos de” assim como a construção *banū* + *subst.* em árabe (*Encyclopédie Berbère*, vol.3, p.383).

1968, p.425); além de habitantes de Adawwār¹²¹ أهل أدوار. De acordo com o autor, dentre as tribos estavam também os r-Rəḥḥāla¹²² الرحالة, cujo território é limítrofe aos lə-Mnābha, a leste de Taroudant¹²³. Ademais, são citados os Banū^cAntar بنو عنتر, que desempenharam um papel importante na infantaria e na artilharia, mas cuja origem é obscura, provavelmente árabes naturais do lado ocidental do Alto Atlas¹²⁴.

No que diz respeito à língua falada pelos grupos acima, as-Sūsī (1966, p.10) explica que as tribos dos Banī Hilāl que ocuparam o deserto do Sus preservaram a língua árabe até os dias atuais, ao passo que a maioria dos árabes do centro do Sus “berberizaram-se” (*tašalḥata*) (sic), adotando o idioma tachelhite. Contudo, ressalta que se preservou o árabe em Ulād Žərrār, nos arredores de Tiznit, e nas tribos que circundam Taroudant, tais como Huwāra¹²⁵ a oeste e Ulād Yaḥya e lə-Mnābha a leste. Portanto, parece que o Sus contribuiu com falantes das duas línguas a Essaouira.

A cidade recebeu igualmente um grande contingente de soldados escravizados negros conhecidos como lə-Bwāḥər¹²⁶ البواخر, ou Abīd al-Buḥāri, trazidos das tribos de š-Šəbbānāt e dos Haha, de acordo com Schroeter (1988, p.13). Outros que vieram foram os renegados¹²⁷, ou lə-ʕlūž العلوج, cristãos convertidos ao Islā responsáveis pela

¹²¹ Em aš-Šiddīqī aparece acompanhado de *ahl* “povo, gente” o que nos leva a crer que seja um topônimo da região do Sus e não o nome de uma tribo. Provavelmente sua origem está no árabe dialetal *ḍūwwār* “vilarejo, aldeia” com adição do prefixo *a-*, marca de substantivos masculinos no berbere.

¹²² Também transliterado *Rḥāla*.

¹²³ Ver anexo A, mapa 4.

¹²⁴ Essa é interpretação de Schroeter (p.14) para a localização citada por ar-Rajrājī (p.11): “*min aḥbāla bi-jihat al-ḡarb*”. Ainda assim, sua origem é obscura, uma vez que não se consegue ter certeza a que se refere ar-Rajrājī com “*aḥbāla*”, um topônimo claramente berbere referente às montanhas. Em aš-Šiddīqī, “*aḥbāla*” aparece elencado ao lado das tribos como se fosse mais uma.

¹²⁵ Sobre o dialeto desta tribo, ver Socin e Stumme (1894) “*Der Arabische Dialekt der Houwāra des Wād Sūs in Morokko*”.

¹²⁶ Exército de homens negros fundado pelo sultão Mūlāy Ismaʿīl (1645-1727 d.C.) cujo nome faz referência ao livro *Ṣaḥīḥ al-Buḥāri*, célebre livro de *Ḥadīṭ*, sobre o qual juraram lealdade ao sultão (MM, vol.4, p.1091-1094).

¹²⁷ Plural dialetal de *ʕlūž* <ár.cl. *ʕlūj*. Referia-se, no final da Idade média, a todos que mudassem de religião, fossem muçulmanos que se convertessem ao cristianismo ou cristãos que abraçassem o Islā. Mais tarde, formas como *al-ʾaʿlāj*~*ʕulūj*~*al-mawālī* *al-ʕulūjiyyūn*~*al-maʿlūjī* costumam

construção do sistema de defesa da cidade. Sabe-se também que o sultão ordenou a vinda de artesãos, soldados de elite (*rumāt*) e ulemás de Fez dado o caráter de *ḥāḍira*, centro urbano com papel civilizacional, que o fundador da cidade quis imprimir a Essaouira (aṣ-Ṣiddīqī, 1969, p.22; Schroeter, 1988, p.15).

Os autores acima mencionam que os arredores da cidade também contribuíram inicialmente com um pequeno número de indivíduos, das tribos Chiadma e Haha, que viriam a se tornar maioria mais tarde, uma vez que Essaouira localiza-se na fronteira entre os dois territórios. Dentre eles estavam indivíduos da região de Tawrīrt¹²⁸ أهل تاوريرت, provavelmente não a cidade de mesmo nome no nordeste do país, mas sim a tribo em território Chiadma, próxima aos Regraga, ou então provenientes do Sus.

O assentamento de cada um desses grupos, cujos homens traziam consigo mulheres e filhos, deu-se de forma separada dentro dos muros da cidade, ocupando bairros específicos, no árabe local *ḥūma*, que passarão a levar seus nomes (Schroeter, 1988, pp.14-15). Com o passar do tempo, no entanto, Schroeter explica que a importância da cidade atraiu um fluxo cada vez maior de migrantes vindos das zonas rurais, em territórios Haha e Chiadma, resultando na diluição de especificidades étnicas dentro da medina da cidade¹²⁹.

ser utilizadas para os renegados a serviço dos governantes muçulmanos (Dozy, 1881, vol.2, p.159). Os renegados consistiam em oficiais europeus convertidos ao Islã, que podiam casar-se com muçulmanas. Costumavam ser desertores dos exércitos de seus países de origem ou fugitivos após terem sofrido alguma pena. O sultão costumava beneficiar-se de seus conhecimentos técnicos, além de ocuparem muitas vezes a função de capitães de navios, embora fossem visto como mercenários pelos europeus. O diplomata dinamarquês Höst, em seu relato de viagem no Marrocos entre 1760-1768, descreve os renegados como homens vindos, sobretudo, de Ceuta e que gozavam de pouca confiança, exatamente por se dizerem “mouros” entre os árabes, maldizendo os cristãos, ao passo que entre os cristãos vilipendiavam o Profeta Maomé e sua família, bem como comiam carne de porco e bebiam vinho (Höst, 2002, pp.103-104). Em Essaouira, encontra-se uma rua com seu nome *Rue Laalouj*.

¹²⁸ Ou تاوريرت, “planalto” em berbere (’Afā, 2017, p. 64). Mantém-se uma rua com este nome *Rue Taourirt*.

¹²⁹ Ver anexo A, mapa 5.

2.3.1. A tribo dos Haha

Os Haha (Hāḥa), em árabe حاحا ~ حاحة, são berberes da tribo dos Maṣmūda, falantes de tachelhite, e habitam o Marrocos meridional desde tempos pré-islâmicos. Seu território variou muito ao longo dos séculos, contudo, após o século XII d.C., com a chegada dos Banī Hilāl e o processo de arabização seu território ficou delimitado ao norte pela cidade de Essaouira e ao sul por Agadir (Bin Manṣūr, 1968). Atualmente, compõem um percentual importante da origem dos habitantes da cidade.

2.3.2. A tribo dos Chiadma

Abordar a origem dos Chiadma e seu papel na formação da população da cidade exige um estudo ainda mais detalhado, uma vez que a grande maioria da população de língua árabe de Essaouira é natural do território dessa tribo, de onde partiu um forte êxodo rural em direção a Essaouira, ao longo de todo século passado.

Sua origem não é muito clara, embora seus membros declarem-se árabes, provavelmente para distinguir-se dos falantes de tachelhite¹³⁰ do território vizinho dos berberes Haha¹³¹. Ar-Rajrājī (1935, p.88) afirma que os Haha falam em sua grande maioria berbere tachelhite, ao passo que os Chiadma são falantes de árabe, sendo raros aqueles, dentre estes últimos, que dominam a língua berbere, mesmo estando próximos geograficamente.

¹³⁰ Tachelhite (*taṣḥlīt*), ou popularmente em árabe local *ṣaḥḥa*, consiste em uma das três variedades do *amāzīg*, conhecido como berbere, ao lado do tarifite (*tarīfīt*) e do tamazirte (*tamāzīgīt*). Os falantes de tachelhite vivem no sudoeste do país, habitando das regiões montanhosas do Alto Atlas ocidental ao Anti-Atlas, até as planícies do Sus e parte do vale do Draa.

¹³¹ Ver anexo A, mapa 6.

O nome da tribo tornou-se o topônimo do território atual a norte de Essaouira, delimitado ao norte com os *ʿAbda* e o Rio Tensift, ao sul com os Haha e a cidade de Essaouira, a leste com os territórios de *ʿAḥmar* e *Al-Ḥawz* e a oeste com o Oceano Atlântico. A mesma região, antes da chegada das tribos árabes no século XII, recebia o nome de *Regraga* (an-Nāṣirī apud MM, vol. 16 p.5437), nome de uma célebre tribo berbere dos Maṣmūda¹³², que foi incorporada aos Chiadma posteriormente¹³³.

Os autores locais parecem estar de acordo com a origem árabe dos Chiadma. O primeiro a afirmar isso aparentemente foi Al-Kānūnī (1932)¹³⁴, que diz que são “árabes descendentes de Muḍar, assim como os Al-Ḥārīt e outros, e incluem entre eles árabes dos Maʿqil bem como berberes *Maskāla* e *Regraga*” (tradução nossa) (p.34). A etimologia do nome “Chiadma”, na pronúncia local *š-Šyāḍma*, reflete a aparente origem árabe da tribo. De acordo com o *Lisān Al-ʿArab*, derivam da raiz $\sqrt{\text{šdm}}$ os nomes *šayḍam*~*šayḍamī* denotando “alto, corpulento e jovem” (*aṭ-ṭawīlu al-jasīmu al-fatīyyu*)¹³⁵, podendo ser utilizado para seres humanos e animais, como cavalo, camelo e leão. No plural, tem-se *šayāḍima*, como em *rijāl šayāḍima* “homens grandes”, forma que deu origem ao nome no árabe dialetal.

¹³² No plural *Maṣāmida*, uma das maiores tribos berberes do Marrocos.

¹³³ Os *Regraga*, como é romanizado comumente, pronuncia-se localmente *r-Rəgrāga* الرگراغة ou *r-Rəḡrāḡa* الرجراغة. É uma tribo pertencente aos Maṣmūda que habitam dentro do território Chiadma. Diz-se que em tempos remotos alguns de seus integrantes empreenderam uma viagem até Meca, onde encontraram o Profeta Maomé. Na ocasião, dirigiram-lhe a palavra em língua berbere, e este último lhes respondeu na mesma língua, levando-os a se converterem ao Islā (*Qabāʿil*, p.324). Popularmente, e como confirmado por nossos informantes, acredita-se que esse episódio deu origem ao nome da tribo, uma vez que os árabes que ali estavam teriam dito ao Profeta que chegara um povo de língua obscura e incompreensível. De fato, em árabe clássico a raiz $\sqrt{\text{rjr}}$ denota “confusão” e temos a expressão *māʾ rajrāj* “água turva” (Dozy, vol.I, p.511) o que corroboraria a hipótese de origem do nome. Ainda hoje apresentam um papel religioso local importante com sua peregrinação anual pelo território Chiadma, conhecida como *mawsim r-Rəgrāga*.

¹³⁴ Aṣ-Ṣiddīqī cita *ipsis litteris* a colocação de Al-Kānūnī acima, sem mencioná-lo, enquanto ar-Rajrājī também menciona a origem árabe de Muḍar dos Chiadma, porém citando este último.

¹³⁵ Ibn Manẓūr. *Lisān Al-ʿArab*. “تنظيم”, Ed. 1984, Irã: Naṣr *ʿAdab al-Ḥawza*. Vol.12. p.323.

O nome “Chiadma” começa a aparecer em fontes históricas apenas na era Saadiana, por volta do século XVI, aparecendo constantemente como vizinhos dos Al-Ḥārīt, pertencentes aos Banī Hilāl.

Leão Africano, em seu *Descrittione dell’Africa* (1528), refere-se aos Chiadma ao mencionar os Banī Hilāl: “*Elcherit* [Al-Ḥārīt] vivem nas planícies de *Heli* [Banī Hilāl ?] na companhia dos *Saidima* [Chiadma] e recolhem tributo do povo de *Hea* [Haha]. São homens de baixa estirpe e de poucos recursos”¹³⁶. Luis de Mármol, em *Descripción general de África* (1573), calcado claramente no texto do seu predecessor, acrescenta a respeito dos grupos que compunham os Banī Hilāl, ou *Pueblo de Hilela*, como segue:

“O nono se chama *Vled el Querid* [Al-Ḥārīt] e vivem nas planícies de *Helin* [Banī Hilāl], na província dos *Heha* [Haha], a qual se encontra no reino de *Marruecos* [Marraquexe], na companhia dos *Vled Saydima* [Chiadma], e embora colham tributo dos berberes daquela província, são gente vil e mal armada” (Tradução nossa)¹³⁷.

Por outro lado, Ibn Khaldun, em seu *Kitāb al-ʿIbar*, não menciona os Chiadma ao tratar dos Al-Ḥārīt e do que corresponderia à sua região que viviam, mas cita a tribo dos Kilābiyya em seu lugar, o que poderia sugerir alguma relação dos Chiadma com estes últimos, como se nota em:

“A tribo de Sofyan estabeleceu-se de forma fixa, ocupando as fronteiras da província de Temsna, do lado de Anfa, de modo que os Kholt tomaram vastas planícies desse território. Dentre suas famílias, apenas os Hareth e os Kelabīa continuaram a percorrer com suas tropas o território do Sus e o deserto; frequentando as

¹³⁶ Tradução nossa com base nos comentários do Prof. Dr. Alberto Sismondini do original “*Elcherit habitano nelle pianure hi Heli in compagnia di Saidima, & hanno tributo dal popolo di Hea. fono huomini vili, & male agiati.*” (Ramusio 1613, Fol. I. 4f). Neste caso, “vili” poderia significar “covardes, de baixa estirpe ou pobres”.

¹³⁷ “*El noueuo es llaman Vled el Querid, y viuen en los llanos de Helin, en la prouincia de Heha, que es enel reyno de Marruecos, en compañía de Vled Saydima, y aunque folian coger tributo de los bereberes de aquella prouincia, fon gente vil y mal armada*” (Fol.38).

planícies das terras dos Hèha, ramo dos Masmouda”¹³⁸ (pp 63-64).

Na *Chronica do felicissimo rei Dom Manuel* (1566-67), de Damião de Góis, fica bastante clara a distinção entre “*Arabes*” em oposição a “*Barbaros*” (Fol.88-89). Os Chiadma são citados diversas vezes, sob a grafia “*Xiatima*”, no que diz respeito aos tributos cobrados pelos portugueses das tribos que ocupavam o território entre o rio Morbeia e Mogador (Fol.30), que permaneceu como seu território até os dias atuais. A relação entre o território Chiadma e a presença árabe também fica evidente na passagem: “*Do rio Daguz [Tensift] contra ho Sul, & meo dia eftá ha terra de xiatima, em q ha muitos Arabes [...]*” (Fol.89).

Sabe-se também que uma parcela dos Chiadma se encontrava no território Doukkala, ao norte do rio Morbeia (Al-Kānūnī, 1932, p.34). Segundo Michaux-Bellaire (1937), em seu trabalho sobre as tribos do território Doukkala, os Chiadma seriam originalmente berberes que se arabizaram: “Os Chtouka e os Chiadma, berberes arabizados, perderam o uso da língua tamazirte e falam árabe”¹³⁹ (p.187). Contudo, seu argumento para afirmar que teriam sido arabizados consiste no uso do léxico de origem tamazirte, como *mūka* < ber. *tamukt* “coruja” e *mūš* < ber. *amšiš* “gato” (Michaux-Bellaire, 1937, p.187). No entanto, essas palavras estão amplamente difundidas nos dialetos marroquinos o que não parece ser suficiente para apontar uma origem berbere da tribo.

¹³⁸ Tradução nossa de: «*La tribu de Sofyan était établie à demeure fixe: elle occupait les bords de la province de Temsna, du côté d'Anfa; les Kholt leur ayant enlevé la possession des vastes plaines de cette contrée. De toutes leurs familles il n'y a que les Hareth et les Kelabia qui ont continué à parcourir, avec leurs troupeaux, le territoire du Sous et le désert qui en dépend; ils fréquentent les plaines du pays des Hèha, branche des Masmouda* » .Edição francesa de *Kitāb al-ʿIbar* de Slane, *Histoire des Berbères*, 1852.

¹³⁹ Tradução nossa de « *Les Chtouka et les Chiadma, Berbères arabisés, ont perdu l'usage de la langue tamazight et parlent l'arabe* ».

Ao que tudo indica, os Chiadma hoje apresentam em suas origens diferentes tribos, árabes e berberes, que foram incorporadas ao longo da arabização das planícies atlânticas. Ainda assim, a língua árabe parece ser um elemento essencial de identificação dos seus falantes, distinguindo-se dos *šlūh*, berberes, associados aos Haha, nesta parte do país.

2.3.3. Os Judeus de Mogador

Outro elemento humano fundamental na composição da população da cidade foram os judeus marroquinos, *l-īhūd* (ar-Rajrājī 1935; Aṣ-Ṣiddīqī 1969), que chegaram em grande número ao lado dos muçulmanos mencionados acima, desde os tempos da fundação da cidade. Muitas cidades no Marrocos contavam com judeus habitando em suas medinas, contudo Essaouira será um caso particular, devido à proporção de sua população com relação à de muçulmanos.

A primeira leva de judeus a chegar na cidade deu-se por ordem do sultão, a fim de que controlassem as transações comerciais de importação e exportação internacionais realizadas no novo porto. Dessa forma, prestigiosas famílias judias vieram de cidades como Agadir, Safi, Marraquexe, Rabat e Tetuão. Conhecidos como *tujjār as-sulṭān* “mercadores do sultão”, residiam na Qaṣba, onde se localizavam as propriedades do Maḥzan, vivendo lado a lado com alguns mercadores muçulmanos - vindos de Tetuão, Fez e Rabat-Salé -, além de cônsules europeus de países como Inglaterra, Espanha e França¹⁴⁰. Diferentemente dos judeus em outros países árabes, os judeus marroquinos dos séculos XVIII e XIX formaram uma burguesia próspera e influente, caracterizada por um estilo urbano e europeu. No caso de Essaouira, o prestígio dessa elite mercantil concedeu-lhes o privilégio de não sofrerem com decretos reais aplicados aos judeus, como a

¹⁴⁰ Ao longo do século XIX, diversas nações tiveram representações consulares e escritórios comerciais em Essaouira, dentre as quais estavam: Inglaterra, Espanha, Portugal, França, Dinamarca e até mesmo o Brasil.

proibição do uso de trajes europeus ou então a obrigação de viver no *məllāḥ*, como aconteceu em Marraquexe, Mequinez e Fez, no ano de 1807. Seus filhos eram educados em Jerusalém ou na Inglaterra, bem como eram habituais viagens até Gibraltar e à Inglaterra, o que se refletia em estrangeirismos na sua fala. Ainda assim, mantinham o árabe judeu na comunicação diária e em suas correspondências (Schroeter, 1988, pp.50-56).

Já a segunda leva, muito mais numerosa, de judeus estabeleceu-se no *məllāḥ*, e mais tarde no *l-məllāḥ əzzdīd*, o novo bairro judeu da cidade fundado em 1808, próximo aos bairros de lə-Bwāḥər e de š-Šəbbānāt¹⁴¹. Ao contrário dos primeiros, estes viviam sob difíceis condições econômicas e sociais. Vinham principalmente do Sus, do território Haha e de Marraquexe, deslocados devido às epidemias de tifo e às crises de fome que assolaram o sul do Marrocos (Lévy, 2009, p. 361).

Os judeus marroquinos dividem-se em dois grupos. Os *toshavim* “residentes”, também conhecidos como *bəldīyyīn* “nativos, locais”, sendo os judeus autóctones de origem berbere, que se encontram no norte da África desde antes da chegada dos árabes. Ao passo que os *megorashim* “expulsos” são aqueles que fugiram da Espanha, após sua expulsão em 1492, e de Portugal em 1496. A comunidade judia de Essaouira será composta pelos dois grupos, muito embora não parece ser possível notar tal distinção no árabe dialetal judeu local, como veremos mais adiante (Lévy, 2009, p. 364).

Se por um lado essa população cresce exponencialmente ao longo do século XIX, por outro sofre uma queda vertiginosa na primeira metade do século XX, devido a motivos diversos, de ordem econômica e política, resultando na migração para outras cidades marroquinas, como Casablanca, mas também para a Europa e, após 1948, ao

¹⁴¹ Ver anexo A, mapa 5.

recém-fundado Estado de Israel e mais intensamente após a independência do Marrocos em 1956 (Lakhdar, 2015a).

2.3.3.1. Coexistência entre judeus e muçulmanos

Quanto à relação entre judeus e muçulmanos na cidade, a convivência entre as duas comunidades, a quem se somam os cristãos, é lembrada como bastante amigável e próxima pelos seus membros, o que se reflete na imagem de uma cidade cujo passado era de tolerância e que se tornou símbolo da coexistência harmônica entre as três religiões, *ta'āyush*, em árabe.

É considerada uma idiossincrasia da cidade o número elevado de judeus, que chegou a ser tão grande em proporção ao de muçulmanos, a ponto de igualar-se a estes, ou mesmo superá-los, conforme algumas fontes, como demonstra a tabela:

	Judeus	Muçulmanos + estrangeiros
1867 Beaumier ¹⁴²	6 mil	6 mil
1875 Consulado francês	10.400	7.600
Consulado espanhol	*7,500 ¹⁴³	10.500
Beaumier	10.000	7.500
1878 Consulado francês	11.500	6.000
1879 <i>Alliance Israelite Universelle</i>	6 mil	-----
1896 George Broome	7.500	7.500
1927 Protetorado francês (<i>Ottmani 1997, p.271</i>)	7.750	9.850
Adaptado de Schroeter (1988, p.219)		

Não é certo que o número de judeus foi realmente maior que o de muçulmanos, mas parece claro que as cifras das duas populações eram bastante próximas. No entanto,

¹⁴² Cônsul francês em Mogador.

¹⁴³ Schroeter destaca que o mais provável é que a estimativa do consulado francês esteja equivocada, uma vez que os números dos dois consulados parecem invertidos.

o número de judeus caiu progressivamente durante o século XX: 5.468 (1931), 4.989 (1947), 2.917 (1960) e apenas 150 em 1973 (Lévy 2009, p.154, 363).

Como mencionamos acima, judeus e muçulmanos estavam em contato direto não só dentro da *Qaṣba*, mas também na medina, uma vez que o *məllāḥ* no século passado recebeu gradualmente um número cada vez maior de muçulmanos. Ademais, a partir da segunda metade do século XIX, o *məllāḥ* parece contar com a maior parte dos judeus da cidade, por exemplo em 1875 havia ali 7 mil indivíduos, ao passo que 700 na *Qaṣba* (Castellanos apud Ottmani, 1997, p. 218). Os informantes deste trabalho relatam essa convivência durante a infância, dos anos quarenta em diante, em que mães judias e muçulmanas cuidavam dos filhos umas das outras e até mesmo os amamentavam, e famílias das duas comunidades compartilhavam o mesmo edifício e participavam das festividades uns dos outros.

A cidade contava com dezenas de sinagogas. Só no *məllāḥ*, havia aproximadamente quarenta (Lakhdar, 2015, p. 149). Também existem até os dias atuais dois cemitérios judeus, os quais estão sob os cuidados da senhora Malika, muçulmana, auxiliada por seu marido e seu filho. Está também sob sua responsabilidade a manutenção da sinagoga do célebre rabino Rabbi Haim Pinto. O mesmo ocorre com o cemitério cristão da cidade, cuidado por um muçulmano, o senhor Jamal.

Hoje há um abundante material que registra e revive as memórias deste passado de coexistência, como reportagens jornalísticas de canais marroquinos e árabes, documentários¹⁴⁴, exposições¹⁴⁵ e obras literárias, como as crônicas de Ami Bouganim, judeu de Essaouira de expressão francesa.

¹⁴⁴ Destacamos o documentário “*aṣ-Ṣwīra madīnat at-tāʿāyūš*” (Essaouira, cidade de coexistência), Aljazeera (2017); e “*Sous les vents de Mogador*”, produção independente do diretor Abdel Mouzi (2019).

¹⁴⁵ Como a exposição itinerante “*Lieux saints partagés*” do Mucem (*Musée des civilisations de l’Europe et de la Méditerranée*), em Marselha, iniciada em 2015.

2.4. A população de Essaouira hoje: dados demográficos

Segundo o censo nacional de 2014¹⁴⁶, a cidade apresenta uma população de 77.118 habitantes, sendo capital da província de mesmo nome com 449.113 habitantes, dos quais 343.537 (76,5%) vivem em áreas rurais. A partir de 2015, passou a pertencer à região de Marraquexe-Safi, antiga Marraquexe-Tensift-AlHaouz.

Em meados de 1980, metade da população da cidade apresentava chefes de família naturais de outro município. No censo de 1982, dentre as famílias de migrantes, 85% eram de origem rural e os 15% restantes de origem urbana. No total, 57% das famílias de Essaouira pertenciam a cidades e 43% a zonas rurais. Das famílias de origem rural, 90% destas eram provenientes da sua província administrativa, isto é, vindas em grande parte dos territórios Chiadma e Haha, o que parece uma constante no caso de Essaouira; 40% do total das famílias desta cidade vêm diretamente de suas adjacências enquanto que as famílias restantes (10%) provêm das províncias de Marraquexe, Al Jadida, Safi, Agadir e Tiznit (Al-Ġwāt, 1994, p.246).

Quanto às famílias de origem urbana, seus chefes de família eram provenientes de vinte cidades, de modo que 78% destas são originárias do sul do Marrocos, com Marraquexe no topo da lista, mas com números menos expressivos de Casablanca e Rabat. A imigração urbana deu-se principalmente na segunda metade do século passado, de modo que 85% dos imigrantes só se estabeleceram em Essaouira após a independência (1956), certamente para compensar o êxodo dos judeus e também para apoiar a estrutura administrativa da cidade depois que foi elevada à capital da província, anteriormente administrada por Marraquexe (Al-Ġwāt, 1994, p.247).

¹⁴⁶ *Recensement général de la population et de l'habitat* de 2014, realizado pelo Alto Comissariado de Planeamento do Marrocos. Disponível em <http://rgphentableaux.hcp.ma/Default1/>. Acesso às 14:00 de 20 de Maio de 2019.

Os dados acerca da formação da população da cidade desde sua fundação até os dias atuais permitem-nos compreender a dinâmica da formação do árabe dialetal da cidade e seus desenvolvimentos e mudanças numa perspectiva diacrônica. Como veremos no próximo capítulo sobre o estado da questão do dialeto da cidade de Essaouira, conhecer os elementos humanos que ali estiveram em contato possibilita confirmar ou refutar afirmações e posicionamentos a respeito da realidade linguística local.

CAPÍTULO III

3. O campo: documentação linguística e coleta de dados

3.1. Método de coleta

Para a recolha dos dados primários na documentação, recorre-se a duas técnicas amplamente utilizadas no trabalho de campo linguístico: (i) aplicação de questionário ou inquérito¹⁴⁷ – etapa na qual empregamos o questionário dialetológico para o Magrebe de Peter Behnstedt¹⁴⁸ e o de Caubet (2001), que identificam os pontos dos sistemas linguísticos das variedades magrebina em que se espera encontrar maior variação –; (ii) coleta de texto oral ou registro de conversa livre, por meio da gravação da interação espontânea do informante em diferentes contextos.

Quanto à seleção das técnicas, o inquérito é mais recomendado para a coleta dos dados relativos aos sistemas mais fixos, cujas regras se mostram mais definidas, tais como a fonologia, a morfologia derivacional e o léxico, ao passo que o registro de conversação livre é mais apropriado para a coleta de dados relativos à semântica lexical, à sintaxe (orações e conjunções), à morfologia flexional (tempo, aspecto e modo) e assim por diante (Payne, 1997; Vaux e Cooper, 2003).

Neste estudo, nem sempre foi possível aplicar o questionário a fim de cobrir todos os tópicos gramaticais de nosso interesse, o que nos obrigou a recorrer ao registro de conversa livre para descrever os sistemas linguísticos como um todo. Essa estratégia não

¹⁴⁷ Além das perguntas do questionário dialetológico, a técnica de inquérito inclui outros três tipos de pergunta ao informante: a) inquérito contextualizador: solicita-se que comente e contextualize o uso de palavras e construções; b) tradução: solicita-se que traduza uma dada forma para sua língua materna; c) emissão de juízo: solicita-se que avalie a possibilidade ou gramaticalidade de determinada construção (Himmelmann, 1984, p. 186).

¹⁴⁸ O acesso ao questionário não publicado deu-se por meio de Jordi Agudé, o qual traduziu para o espanhol o original francês. Com base no exemplar bilíngue, adicionamos perguntas, sobretudo no campo lexical, relacionadas ao ambiente costeiro e às atividades portuárias e marítimas.

é estranha aos estudos dialetológicos do árabe em razão de as duas técnicas serem complementares para a descrição.

Em ambos os casos, a documentação da variedade é realizada por meio da gravação, seguida da transcrição fonético-fonológica dos dados obtidos conforme o sistema de transcrição adotado por nós e da sua tradução para o português, como se pode ver no apêndice deste trabalho.

3.1.1. A qualidade dos dados

Ao utilizar as técnicas acima, principalmente o inquérito, é necessário atentar ao efeito, em certa medida, constrangedor da presença do pesquisador e do seu gravador na qualidade e natureza dos dados obtidos, uma vez que o contexto de entrevista aumenta o nível de atenção do informante à sua fala e fornece dados menos espontâneos, caracterizando o paradoxo do observador (Labov, 2008).

O contexto de entrevista interfere nas escolhas de variantes pelo informante, o qual pode recorrer a: 1) variantes dialetais não locais, que podem pertencer a outros centros urbanos de maior prestígio regional ou nacional; 2) formas linguísticas¹⁴⁹ do árabe padrão; 3) uma alternância entre ambas as variedades, inclusive com o uso de formas intermediárias ou híbridas¹⁵⁰, como se verifica nas situações de contato interdialeto entre falantes do árabe; 4) palavras em outros idiomas.

¹⁴⁹ Utilizamos “forma” para designar elementos linguísticos que se alternam na fala, mas provêm de variedades distintas – no caso, o árabe clássico e o árabe dialetal –, ao passo que mantivemos “variante” para elementos linguísticos em variação pertencentes a uma mesma variedade.

¹⁵⁰ O conceito de híbrido já havia aparecido em Ferguson (1996, p. 38) quando discute a estabilidade da diglossia, destacando o que denominou “formas intermediárias ou mistas”, próprias de situações semiformais ou de contato interdialeto. Mitchell (1986, p. 19) se aprofunda nesse fenômeno de sobreposição do árabe clássico e do popular por meio dos “híbridos”, algo como uma interferência do vernáculo no clássico que resulta em formas que exibem traços das duas variedades. Por exemplo, o verbo *ra'ēt* “eu vi” (híbrido) se distingue da forma *ra'aytu* (árabe clássico) e é formado pela raiz *rā'a* “ver” (árabe clássico) e pelo sufixo de conjugação verbal de 1s.perf. *-ēt* (dialeto).

Dessa forma, partimos do pressuposto de que a interação tanto com o pesquisador quanto com outros ouvintes na situação de coleta leva o informante a acomodar sua fala à sua audiência (Giles & Powesland, 1975; Bell, 1984), o que acaba influenciando a variação estilística¹⁵¹. Assim, consideramos que os contextos ou eventos comunicativos em que ocorre a interação e a qualidade dos dados estão diretamente relacionados aos diferentes papéis assumidos pelo linguista enquanto “observador ouvinte”¹⁵² (Labov, 2008; Bell, 1984).

Para evitar o paradoxo do observador e obter dados representativos do dialeto local, optamos sempre que possível pelo registro de textos orais ou conversação livre. Definimos, assim, três contextos de coleta caracterizados pela crescente espontaneidade da fala do informante: (i) estímulo à produção de narrativas ou relatos com base em temas cotidianos e experiências pessoais e familiares, como casamento, falecimento e modo de preparo de receitas; (ii) registro de conversa em que o pesquisador atua como observador ouvinte participante na interação com mais de um informante; (iii) registro de conversa entre os informantes em que o pesquisador atua como observador ouvinte ausente, isto é, presente no ambiente, mas sem participação na interação. Acreditamos que a última situação seja a mais apropriada para a obtenção de dados espontâneos, embora tenhamos

¹⁵¹ Aqui não entendemos *variação estilística* apenas como a *variação diafásica* tradicional, isto é, a alternância entre os polos formal e informal, ou como Labov (1972), para quem a noção de estilo está basicamente associada aos graus de monitoramento da fala. Consideramos que *estilo* e *variação estilística* abrangem as escolhas linguísticas do falante a fim de construir sentidos sociais, personas ou mesmo sua identidade em diferentes interações (Coupland, 2007; Eckert, 2012).

¹⁵² Labov (2008 [1972a], pp. 244-245) aponta algumas formas de observação por parte do sociolinguista durante a coleta de dados: *observação sistemática*, durante entrevista em que informante e observador ficam frente a frente; *observação participante*, realizada em sessões em grupo; *observação assistemática e espontânea*, realizada em lugares públicos. Por sua vez, Bell (1984, p. 172) propõe o termo *ouvinte* e apresenta categorias correspondentes a tipos de audiência, sendo que o dialetólogo pode se inserir igualmente nela: *destinatário*, sujeito ao qual o falante refere-se diretamente em segunda pessoa; *ouvinte participante*, cuja participação na conversa é reconhecida pelo falante; *ouvinte ausente*, cuja participação na conversa não é reconhecida, embora sua presença no ambiente seja.

consciência de que a presença dos outros interlocutores ouvintes influencia a fala do informante principal, o que nos obriga sempre a tomar notas sobre os sujeitos, a temática da conversação e o local da gravação.

3.1.2. Um entrevistador “libanês”?

Nossa interação com os informantes se deu sempre em árabe dialetal marroquino, mais especificamente na variedade de Rabat e Casablanca. No entanto, temos consciência de que transparece em nossa fala o resultado de anos de estudo de árabe padrão e de prática oral do dialeto sírio de Damasco por influência de nossa atividade profissional como intérprete.

Dessa forma, acreditamos que, embora tenhamos utilizado o árabe marroquino, nossa fala se contaminou no nível fonológico pelas variedades acima. A isso soma-se o fato de ser brasileiro, isto é, estrangeiro – o que condiciona o uso pelo informante de um registro de *Foreigner talk* do árabe (Al-Sharkawi, 2011) – além de estarmos “armados” com um gravador. Esses fatores muitas vezes condicionaram claramente a variação estilística na fala de certos informantes, os quais faziam uso de um *code-switching* de árabe dialetal marroquino, árabe padrão e francês.

A confirmação de que nosso árabe não soava “marroquino” o suficiente veio logo no primeiro trabalho de campo em 2016, na zona rural de Essaouira, onde um senhor com seus sessenta anos classificou nosso árabe como *lābnāni*, isto é, “libanês”. Outros desconhecidos, em diferentes partes do país, em contatos de menor duração, arriscaram países mais próximos, cogitando origem egípcia, tunisina, argelina ou simplesmente afirmando que falávamos árabe *fūṣḥā* ou clássico. Por isso, é importante reconhecer que, embora falássemos em árabe dialetal marroquino, a percepção de nossos interlocutores não estava de acordo com esse fato, o que certamente interferiu nos dados coletados.

Ainda assim, consideramos que a grande maioria dos dados obtidos é bastante espontânea graças a fatores como a falta de familiaridade de alguns informantes com línguas estrangeiras e mesmo com a comunicação oral em árabe padrão. Contudo, era comum recorrerem pontualmente a sinônimos em árabe padrão ou francês na tentativa de parafrasear frases ou explicar o uso e o sentido de determinadas palavras quando inqueridos a respeito.

Conseguimos administrar a natureza dos dados conforme ganhamos a confiança e a intimidade dessas pessoas durante os últimos anos, de modo que pouco a pouco ficaram mais à vontade diante do gravador. Ademais, muitas vezes foi possível acompanhá-las em suas interações com outros falantes, como familiares e conhecidos, permitindo que identificássemos variações na sua fala ou que confirmássemos o uso de certas variantes que já havíamos documentado.

3.2. O trabalho de campo

O trabalho de campo foi realizado durante três estadias na cidade de Essaouira¹⁵³, durante as quais tivemos a oportunidade de realizar duas curtas viagens à zona rural, mais precisamente ao município de Aqermoud (Aqərmūd), em vilarejos próximos à praia de Bḥəybəḥ e de Sīdi Ishāq, em território Chiadma. A cada visita, além de contatos por e-mail e telefone, conseguimos gradualmente construir uma rede de contatos para agendar entrevistas e encontros. Os períodos foram:

- 1ª estadia: de 21 a 26 de janeiro de 2016 (8h36 de gravação);
- 2ª estadia: de 24 a 29 de dezembro de 2017 (9h45 de gravação);
- 3ª estadia: de 7 a 13 de junho de 2018 (11h35 de gravação).

¹⁵³ Ver anexo B, imagens 1 e 2.

Em tempos de redes sociais, pudemos contar também com uma ampla quantidade de material disponível na internet, onde é possível ter acesso à fala dos habitantes da cidade. Focamo-nos essencialmente no conteúdo disponibilizado na página de um de nossos informantes, o senhor Hafid Sadeq. Identificando-se como jornalista e pesquisador da memória de sua amada cidade, Hafid publica diariamente em sua página no Facebook vídeos ao vivo, os chamados *lives*, que são entrevistas com habitantes naturais da cidade de faixa etária diversificada sobre problemas atuais da região ou mesmo sobre as dificuldades enfrentadas por eles. Compara o estado atual da cidade com um passado saudoso, dos anos 1960 em diante, e relembra antigos costumes, personagens locais, nomes de vizinhos e professores, a convivência com os judeus e o que mudou ao longo das últimas décadas. Suas gravações são bastante naturais e têm tom informal, pois muitos entrevistados são amigos de infância ou conhecidos de longa data. Para efeito deste trabalho, os vídeos revelaram-se um tesouro por trazer amostras da fala, sobretudo, de indivíduos de idade avançada, com mais de oitenta anos, por exemplo, expressando-se de modo espontâneo com um conterrâneo no dialeto local. Antes de iniciar suas conversas, o entrevistador pergunta quando e onde seu conterrâneo nasceu dentro da medina, o que nos foi de muito valor.

Recorreu-se também às mensagens de áudio de *Whatsapp* com um único informante, o senhor Asher, residente em Israel. O aplicativo foi bastante útil na coleta de relatos pessoais e de respostas a perguntas pontuais sobre o léxico.

3.3. Informantes

A coleta de dados deu-se com informantes naturais da cidade, falantes de árabe exclusivamente, representativos de diferentes grupos sociais: muçulmanos e judeus, homens e mulheres, habitantes da medina e de bairros extramuros, de construção mais

recente, pertencentes a faixas etárias variadas. Quanto à etnia, a maioria dos informantes considerava-se árabe, da tribo Chiadma, não tendo familiaridade com a língua tachelhite dentro da família. Obtivemos, porém, dados de alguns falantes cujos pais ou avós falavam tachelhite, mas, como ficará claro mais adiante, sua fala apresentava os traços “típicos” da cidade presentes na fala dos que se diziam árabes.

Nossa predisposição foi selecionar informantes cujos pais tivessem nascido na cidade – de fato, alguns alegam que suas famílias estão na cidade há gerações. Contudo, não descartamos aqueles cujas famílias têm origem nos arredores da cidade, pois, como indicamos no capítulo anterior, ela tem recebido um fluxo de pessoas de suas proximidades há décadas. Ademais, contamos também com alguns informantes que nasceram fora da cidade, no interior da província de Essaouira, a que se referem os marroquinos como *ṣrūbīyya* ou *bādīyya*.

Acreditamos que as diferentes origens das famílias dos informantes e os dados fornecidos pelos que nasceram e vivem no interior auxiliam a verificação da origem, da continuidade e da mudança dos traços linguísticos presentes no dialeto árabe local. Durante a aplicação dos questionários, foram feitos julgamentos de valor pelos informantes com relação a determinadas variantes, que eram apontadas como próprias da medina, da cidade como um todo ou do interior, embora todas fossem ouvidas na cidade.

Houve também casos em que não foi possível gravar a fala das pessoas, restando-nos apenas a possibilidade de fazer anotações pontuais sobre traços relevantes, como a fala de algumas senhoras dentro da medina, que guarda traços importantes das variedades citadinas (Miller, 2004), ou mesmo a fala dos zeladores dos cemitérios judaico e cristão e de comerciantes dentro da medina.

Apresentam-se a seguir, na ordem em que os conhecemos, alguns dos nossos principais informantes.

M1¹⁵⁴: mulher de 30 anos, nascida em Essaouira, de origem Chiadma. Reside no bairro popular, de classe média baixa, conhecido como *Sqāla əž-ždīda*¹⁵⁵, fora dos muros da medina. Vive na companhia de sua mãe (50-60 anos), da filha (5 anos) e de duas irmãs, tendo sido gravada a fala de uma delas (24 anos). Seu pai é natural de Aquermoud, de um vilarejo próximo à praia de *Bḥaybəḥ*¹⁵⁶, interior da província de Essaouira. Sua mãe é de Safi, mas viveu grande parte de sua vida em Aquermoud e, pelo menos nos últimos 30 anos, em Essaouira. M1 frequenta o vilarejo de seu pai, onde está grande parte de sua família, desde sua infância. É professora primária de francês na mesma zona rural, com curso técnico em administração escolar, e parece ter sido um dos primeiros membros de sua família a completar o secundário. Fala árabe dialetal e francês.

Quanto à sua fala, verificamos um raro *code-switching* entre as duas línguas, restrito ao emprego do léxico francês de modo bastante isolado, e o pouco uso do árabe padrão na oralidade¹⁵⁷. Mesmo em mensagens escritas via *Whatsapp*, utiliza sempre o árabe dialetal. Consegue distinguir as variantes de outras regiões do Marrocos, principalmente de sua própria zona, separando com clareza variantes rurais de urbanas. Segundo ela, há um falar urbano de Essaouira em oposição ao do interior, *bādīyya* ou *ṣrūbīyya*-, e também identifica um falar da cidade antiga, dentro dos muros da medina (*lə-mdīna lə-qdīma*), falado por mulheres.

Gravamos a fala da informante na forma de entrevista e também durante conversações livres com sua mãe, suas irmãs e seus tios e primos no vilarejo de seu pai

¹⁵⁴ M: informante muçulmano.

¹⁵⁵ Loteamento residencial surgido nos anos 1980, localizado na zona norte da cidade. Desde seu surgimento, caracterizou-se por um crescimento desordenado e é conhecido localmente como um bairro popular.

¹⁵⁶ Ver anexo B, imagens 3 e 4.

¹⁵⁷ Ver apêndice, texto 1.

em uma visita de um dia. A propósito, os dados das falas destes já foram previamente apresentados em Francisco (2019).

M2 (Hafid)¹⁵⁸: homem de 55 anos, funcionário público e jornalista, nascido em Essaouira, no bairro de Bni Ṣāntār, dentro dos muros da medina, na rua Taourirt (*d̥arb¹⁵⁹ Tāwrīrt*). Seu pai também é natural de Essaouira. Viveu toda sua vida na cidade, mas hoje reside com sua família fora da medina. Fala bem o francês e o árabe padrão.

Tivemos encontros com o informante em diferentes anos. Apresenta-se como pesquisador da memória da cidade de Essaouira, orgulhando-se de sua capacidade de memorizar nomes de ruas, nomes de vizinhos e famílias, personalidades da cidade que foram contemporâneos ou anteriores a ele, além de ser um colecionador de fotos, documentos e, sobretudo, anedotas e “causos” da cidade. Escreve artigos para jornais locais sobre a cidade e já concedeu entrevistas sobre essa temática a canais de televisão, sendo também convidado com frequência a dar palestras em escolas públicas, como o *Lycée Akensous*, onde completou seus estudos.

Nossas entrevistas com o informante foram bastante ricas, pois cantou canções populares de mais de quarenta anos atrás, além de nos fornecer um léxico do tempo de seus pais e avós que não se ouve entre as gerações mais novas¹⁶⁰. Esses dados puderam ser confrontados com dados fornecidos por outros informantes de mesma idade e até confirmados nos vídeos das entrevistas de M2 com seus conterrâneos nas redes sociais.

Transcrevemos e descrevemos a fala de indivíduos entrevistados por ele nascidos em Essaouira, mais precisamente na medina, onde vivem até os dias atuais. Dentre eles estão: um alfaiate de 80 anos, que trabalha no Sūq Wāqa; um padeiro de 87 anos,

¹⁵⁸ Ver anexo B, imagem 5.

¹⁵⁹ *d̥arb* “rua, viela” < ár.cl. *darb* “caminho”.

¹⁶⁰ Ver apêndice, texto 2.1.

deficiente visual, que trabalhou grande parte da sua vida no *məllāḥ* e teve uma convivência próxima com os judeus da cidade; e uma mulher de 43 anos¹⁶¹.

M3 (Ahmed)¹⁶²: artista plástico, 62 anos, coordenador de eventos culturais na Associação Dar Souiri e pesquisador dedicado à cultura local, ao intercâmbio cultural na cidade e às tradições material (arte em madeira e arquitetura) e imaterial (história de algumas *zawiyas*¹⁶³ locais, como Ḥamdūši, Gnāwi e Ṣisāwi). Nasceu em território Chiadma no interior, mas com um ano seus pais se mudaram para a medina de Essaouira e passaram a viver no bairro de š-Šəbbānāt. Alguns anos mais tarde, mudaram-se para o *məllāḥ*, onde sua família compartilhava o mesmo andar do edifício com uma família judia. Entre 1967 e 1971 foram a Safi, onde fez o primário, e, em seguida, retornaram a Essaouira, onde completou o secundário e viveu até seus vinte anos. Do tempo em Safi, recorda-se de como seus colegas notavam que sua fala era diferente por determinadas palavras que utilizava. Em 1983, completou o ensino superior em Rabat e bacharelou-se em filosofia e ciências humanas, com especialidade em psicologia. Passou alguns anos na França para uma pós-graduação em sociologia, mas não terminou seus estudos, voltando a Essaouira para viver como artista plástico.

Nossos encontros se davam em sua galeria na medina, mais exatamente na rua *Sqāla*, numa torre tombada como patrimônio arquitetônico, dentro da muralha que separa a cidade do mar¹⁶⁴. Nas primeiras entrevistas, embora o árabe padrão aparecesse pontualmente em sua fala, sobretudo devido aos assuntos que exigiam linguagem mais acadêmica e a seu nível cultural, o árabe dialetal predominava¹⁶⁵.

¹⁶¹ Ver apêndice, texto 2.2.

¹⁶² Ver anexo B, imagem 6.

¹⁶³ Espécie de escola islâmica e local de culto, geralmente de orientação sufi, bastante comum no Marrocos.

¹⁶⁴ Ver anexo B, imagem 7.

¹⁶⁵ Ver apêndice, texto 3.

Por ter familiaridade com o árabe clássico e sua terminologia gramatical, bem como consciência da distinção entre as variedades padrão e dialetal, a aplicação do questionário dialetológico foi muito produtiva, principalmente na morfologia e no léxico. Também obtivemos narrativas muito interessantes sobre festividades locais, costumes, vida no porto e técnicas de pescaria¹⁶⁶ – pois seu pai era pescador ali – e convivência entre judeus e muçulmanos na cidade. Ademais, como dominava o francês e o inglês, foi possível pedir que traduzisse algumas construções e palavras para o árabe dialetal.

R¹⁶⁷ (Sufyan)¹⁶⁸: jovem de 19 anos, de origem Chiadma, natural de Sidi Ishaq, próximo a Aquermoud. Está no último ano do secundário numa tradicional escola pública local, o *Lycée Akensous*, e vive em Essaouira há dois anos com a família do segundo casamento de seu pai. Vai com frequência à sua cidade natal e à praia de Bḥəybəḥ, onde existe uma pequena comunidade que vive da pesca tradicional. Não tem conhecimento de línguas estrangeiras, mas consegue expressar-se oralmente em árabe padrão.

Acompanhamos o informante em uma visita de um dia a Sidi Ishaq e Bḥəybəḥ, gravando sua fala em interação com amigos e conhecidos no *s-sūq l-ḡāmm*, espécie de mercado popular a céu aberto, comum nas cidades do interior. Também gravamos a fala de alguns pescadores, numa espécie de “leilão” de peixes em Bḥəybəḥ, e realizamos uma entrevista com seus amigos: Saḡīd (22), que nos falou sobre tradições de Sidi Ishaq e brincadeiras da infância, e ḡəbd l-Žəbbār (31), presidente de uma cooperativa de agricultores tradicionais de figo-da-índia. Já em Essaouira, foi possível entrevistar seu pai (46), natural de Aquermoud, que, além de pescador, trabalha como vendedor de peixes.

¹⁶⁶ Ver anexo B, imagem 8.

¹⁶⁷ R: Para este e todos os outros informantes muçulmanos da zona rural de Essaouira.

¹⁶⁸ Ver anexo B, imagem 9.

J1¹⁶⁹ (Joseph)¹⁷⁰: homem de 60 anos, apresenta-se como o último judeu da cidade, no sentido de ser o último que vive ali. Por essa razão, já concedeu diversas entrevistas a canais marroquinos e árabes, como a rede Aljazeera, por ser uma testemunha e um representante de um tempo de coexistência entre as duas comunidades. Tanto ele quanto seus pais nasceram na medina, na Qaṣba, na rua do Relógio (*dərḇ l-magāna*). Seus avós nasceram no bairro de š-Šabbānāt, próximo ao məllāḥ, e, segundo ele, sua família encontra-se em Essaouira há duzentos anos. Menciona que seu avô falava berbere. Atualmente, é proprietário de um antiquário, a *Galerie Aida*, na rua Sqala, que pertencia aos seus pais, empresários no setor de importação e exportação. Após anos vivendo nos Estados Unidos, voltou a sua cidade natal para assumir a loja do pai que permaneceu fechada durante anos. Sua mãe e dois de seus irmãos vivem em Casablanca, os quais costuma visitar.

Fala fluentemente inglês e francês e é formado em informática, embora também tenha estudado jurisprudência judaica. Sua fala em árabe não apresenta formas do árabe padrão, exceto palavras muito pontuais que são comuns ao árabe dialetal, como *dūla* (<ár. *dawla*) “Estado, país” e *āktārīyya* (<ár. *’akṭariyya*) “maioria”. Ele também distingue o dialeto dos judeus, *d-dāriḥa dyālna* “nosso dialeto”, daquele dos muçulmanos (*d-dāriḥa dyāl lə-msəlmīn*) ou marroquinos (*lə-mḡāṛba*), em suas palavras. Vale ressaltar que, muitas vezes, ele teve dificuldade de recordar-se de palavras do contexto rural e da natureza, quando muito mencionando-as em línguas estrangeiras, o que provavelmente se explica por uma falta de vivência fora do ambiente urbano. Por outro lado, estava bastante familiarizado com o nome de peixes da região e de elementos do porto da cidade.

¹⁶⁹ J: informante judeu.

¹⁷⁰ Ver anexo B, imagem 10.

Nossas entrevistas foram realizadas na sua loja, na companhia ora de seu gato, ora de sua cadela cega, Rosa, que em alguns momentos interferiram na gravação. Estar na loja contribuiu para que acompanhássemos sua rotina, pois éramos frequentemente interrompidos por visitas de amigos e clientes. Algumas entrevistas foram acompanhadas por uma amiga sua, também de Essaouira, e por seu funcionário. Também presenciamos sua interação com outras pessoas, no caso muçulmanos, alguns próximos e outros apenas conhecidos que passavam pela loja tentando vender algum objeto ou oferecendo serviços, como engraxar sapatos. Gravamos seus relatos sobre o cotidiano dos judeus de Essaouira antigamente, suas tradições, seus costumes e seu modo de falar¹⁷¹. Muito curioso, também nos fez muitas perguntas pessoais, principalmente sobre o Brasil, o que nos permitiu registrar pronomes interrogativos e um léxico inesperado. Somam-se à entrevista dialetológica suas entrevistas em árabe para canais de televisão, o que nos permitiu comparar sua fala em diferentes contextos.

Embora alegue ser o último judeu em Essaouira, não é o único. Outro célebre judeu que pode facilmente ser visto caminhando pela cidade ou em eventos culturais e oficiais é o senhor André Azoulay (78), conselheiro real, cujo nome é reconhecido dentro e fora do Reino do Marrocos. Azoulay é fundador da Associação Dar Souiri e dedica-se à conservação da memória de sua cidade natal e à promoção dos valores de tolerância e coexistência religiosa. Tivemos a oportunidade de ter uma reunião de meia hora com ele durante o *World Congress for Middle Eastern Studies*, sediado em Sevilha, em julho de 2018, em que pudemos explicar o propósito de nossa pesquisa e receber algumas sugestões de pessoas com quem poderíamos falar. Infelizmente, não foi possível gravá-lo em árabe, embora haja alguns vídeos públicos que possibilitam escutá-lo falando em árabe dialetal, uma vez que pertence a uma elite marroquina francófona.

¹⁷¹Ver apêndice, texto 4.

Graças à intermediação de Azoulay, foi possível contatar outros judeus da cidade, como o escritor Ami Bouganim (68) e Sidney Corcos, hoje residentes em Israel e pouco habituados a falar árabe, devido ao uso pouco frequente dessa língua durante décadas, haja vista que deixaram Essaouira ainda muito pequenos. Eles me colocaram em contato com um amigo em comum, o senhor Asher, o qual preserva sua língua materna e se expressa nela com muita naturalidade.

J2: 84 anos, nasceu na medina de Essaouira, mais precisamente na Qaşba, onde viveu até seus 16 anos. Seus avós maternos eram naturais de Ifrane e possuíam origem berbere. Hoje reside em Israel, mas chegou a viver no Panamá como diretor de uma escola judaica. Além de seu dialeto, domina o francês e o hebraico e fala um pouco de espanhol, língua que já não utiliza há muitos anos.

Desde o primeiro contato, nossa comunicação se deu em árabe dialetal marroquino, estendendo-se ao longo de meses via mensagens de áudio com o aplicativo *Whatsapp*. Nessas mensagens, o informante nos contou histórias pessoais de sua família, bem como piadas e costumes da comunidade judaica local¹⁷².

Essaouira ainda recebe um fluxo contínuo de judeus com a finalidade de visitar seus antepassados enterrados no cemitério local e a cidade em que nasceram e passaram parte de suas vidas antes de imigrar para lugares como Estados Unidos, Europa e Israel. Durante nosso trabalho de campo, conversamos brevemente com alguns judeus que visitavam o cemitério judaico¹⁷³. Um deles foi o senhor Yaşqūb, certamente com mais de setenta anos, que disse ter vivido no Rio de Janeiro e que, naquele momento, residia nos Estados Unidos. Tomamos notas durante uma conversa em árabe desse senhor com o porteiro do cemitério cristão em que trocavam histórias antigas sobre a cidade de sua

¹⁷² Ver apêndice, texto 5.

¹⁷³ Ver anexo B, imagem 11.

juventude. Em outro momento, tivemos uma breve interação, também em árabe, com dois irmãos que saíam do cemitério judaico que resultou numa tentativa frustrada de entrevista.

Os informantes deste trabalho parecem representar bem a diversidade do árabe dialetal de Essaouira, tanto do ponto de vista sincrônico, por agrupar falantes da medina e de bairros mais recentes, com origem em Essaouira ou no seu interior, quanto diacrônico, por incluir diferentes gerações num mesmo estudo. Ademais, é oferecida uma visão das diferenças e semelhanças dos dialetos comunitários de muçulmanos e judeus na cidade ao longo do tempo.

CAPÍTULO IV

Estudo linguístico

4. Fonética e fonologia

4.1. Fonemas vocálicos

Do ponto de vista fonológico, o sistema vocálico do dialeto de Essaouira não difere da situação geral dos dialetos marroquinos já descrita na literatura da área¹⁷⁴. Esse sistema é constituído por três vogais estáveis longas ou médias (/ā/, /ī/ e /ū/) e duas vogais instáveis breves ou ultrabreves (/ə/ e /ǔ/)¹⁷⁵.

Os pares mínimos abaixo mostram que a distinção entre as vogais longas é de natureza quantitativa:

/ə/ (= [ǎ]) ≠ /ā/

ḥamsa [xamsa] “cinco” ≠ *ḥāmsa* [xa:msa] “quinta”

ḥall [hal:] “ele abriu” ≠ *ḥāll* [ħa:l:] “abrindo, quem abre”.

ḥəžž [ħəʒ:] “ele peregrinou” ≠ *ḥāžž* [ħa:ʒ:] “senhor”(voc.).

/ǔ/ ≠ /ū/

tūḥḥa [tʰoḥ:a] “médicos” ≠ *tūḥḥa* [tʰo:bʰ:a] “rato”

shūn! [sxɔn] “esquente! (m.)” ≠ *shūn* [sxɔ:n] “quente”

Quanto às breves, confirmou-se o par mínimo /ə/ ≠ /ǔ/, comum na diferenciação entre a 3s.perf. e o imperativo: *gʕəd* “ele sentou-se” ≠ *gʕǔd* “sente-se!”; *ḥrəž* “ele saiu” ≠ *ḥrǔž* “saia!(m.)”.

¹⁷⁴ Dentre os autores que estudaram o vocalismo nos dialetos marroquinos estão Cohen (1970), Ph. Marçais (1977) e Aguadé (2010).

¹⁷⁵ Cf. Aguadé (2010) para um panorama da discussão do número de vogais breves nos dialetos árabes do Marrocos.

Esses fonemas vocálicos podem apresentar diferentes alofones conforme seu contexto consonantal, uma vez que a presença de determinadas consoantes modifica seu timbre.

4.1.1. Vogais breves e seus alofones

4.1.1.2. /ə/ e alofones

Para /ə/, suas realizações são¹⁷⁶:

[ə]: breve central médio. Aparece em contextos que não são velares, glotais, faringais ou faringalizados. Encontramos casos que confirmam essa restrição, como *sədd* [səd:] “ele fechou, represa”, *tkəlləm* [tkəl:əm] “ele me disse”, *gləs* [gləs] “ele sentou”, *nzəl* [nzəl] “ele desceu”, *šədd* [ʃəd:] “ele segurou” e *məss* [məs:] “ele tocou”.

[a]: breve central aberto (de máxima abertura). Aparece no contato com fonemas velares, glotais e faringais. Exemplos: *ħəll* [ħal:] “ele abriu”, *ħətt* [ħatʰ:] “ele colocou”.

[ɑ]: breve central, mais posterior e labializado que o anterior. Ocorre em contato com os fonemas faringalizados e o fonema uvular /q/. Exemplos: *bətt* [bʰatʰ:] “pato”, *yīhḏār* [yihḏarʰ], “ele falará”, *fṭār* [ftʰarʰ] “ele tomou café da manhã”, *rqaḏ* [rʰqad] “ele dormiu, deitou-se”, *qālīb* [qalʰ:īb] “ele procurou”.

[i]: breve anterior fechado. Ocorre na maioria das vezes quando /ə/ precede /-yy/ ou segue /y-/, não estando em contato com fonemas velares, glotais, faringais nem faringalizados. Exemplos: *yīmši* [yimʃi] “ele vai”, *rīyyāḥ* [riy:aḥ] “ele sentou-se”, *fīyya* [fiyya] ou [fi:ya] “em mim”.

¹⁷⁶ Os símbolos do IPA foram empregados apenas na seção de descrição fonética deste capítulo. Para fins de tornar a leitura das transcrições mais fácil em todo o texto, nosso sistema de transcrição utiliza os símbolos ă para os alofones breves [a] e [ɑ], ȳ para os alofones [i] e [ɪ] e ũ tanto para os alofones [ʊ], [o] e [u] como para o próprio fonema /ũ/.

[i] pode mudar para [ɪ] em contato com /h/ e outros fonemas faringalizados. Exemplo: *tqǝyya* [tqɪy:a] “ele vomitou”.

[u]: breve posterior e fechado. Ocorre na maioria das vezes quando /ə/ precede ou segue /-ww/, não estando em contato com fonemas velares, glotais, faringais nem faringalizados. Exemplos: *tfūwwəh* [tfuw:əh] “ele bocejou”, *sūwwəl* [suw:əl] “ele perguntou”. Ocorre também quando segue a semivogal /w-/ e não está no mesmo contexto consonantal do caso anterior: *wūlla* [wul:a] “ele tornou-se”, *mwūḏḏi* [mwudʰ:i] “limpo, arrumado”. Por fim, também pode ocorrer quando /ə/ está na presença de fonemas que promovem a labialização, como /m/ e /b/ ou a velar /k/. Exemplos: *būḡla* [buɣla] “mula”, *sūkkār* [suk:arʰ] “açúcar”, *mūšš* [muʃ:] “gato”, *kūll* [kul:] “todo, cada”.

[ʊ] ou [o]: realização mais aberta que [u]. Podem ser encontrados nos casos em que /ə/ está em contato com /w-/ e /-ww/ num contexto de fonemas velares, faringais e faringalizados, como *mhūwwəd* [mhʊw:əd] “aquele que desce” e *ḏūwwār* [dʰʊw:ɑ:rʰ] “vilarejo”, também na presença de *w-*, com faringalizadas ou velares próximas, como *ḡm̥la* [ḡʊm̥la] “piolho”, *kūḥḥ* [koḥ:] “ele tossiu”, *shūr* [sxorʰ] “ele roncou”, *iḥūll* [iḥol:] “ele abrirá” e *kūbb* [kob:] “ele versou (líquido)”.

4.1.1.3. /ū/ e alofones

Para /ū/, suas realizações estão condicionadas pelos mesmos contextos descritos acima: [ʊ], [o] em contato com faringais ou consoantes faringalizadas, como *gḡūd* [gḡʊd] “sente-se (m.)”, e [u] para todos os outros contextos, como *mūškīl* [muʃkɪ:l] “problema” e *fūmm* [fu:m:] “boca”. Outros exemplos são: *āḥūr* [a:xorʰ] “outro”, *šūkrān* [ʃʊkra:n] “obrigado”, *qūddām* [qʊd:a:m] “em frente”, *ḥūbz* [xʊbz] “pão”.

O fonema também aparece nos pronomes *hūmma~hūma* “eles” e nos sufixos pronominais, como *-kūm* [kʊm] (2pl.) e *-hūm* [hʊm] (3pl.). Contudo, foram registrados

como variantes das mesmas palavras *həmma* [hɪmma] “eles” (J) e *-həm* [hɪm] e *-kəm* [kɪm] (R), como em Aquermoud: *ibbāhəm* “o pai deles”, *mʕāhəm* “com eles” e *līhəm* “para eles”. Esse fenômeno pode decorrer do fato de /ʊ/ ser confundido pelo falante como alofone de /ə/, pois os dois fonemas apresentam alofones em comum. Essa interpretação corrobora a opinião de Caubet (2011b, p.275), que vê na região de Marraquexe, próxima de Essaouira, um único fonema breve /ə/, mas, a nosso ver, não anula a confirmação dos pares mínimos encontrados acima¹⁷⁷.

5.6.2. Vogais longas e seus alofones

5.6.2.1. /ā/ e alofones

Para /ā/, as realizações são:

[a:]: longo central aberto. Ocorre na presença de faringais, glotais e das velares /ħ/ e /ǧ/. Exemplos: *wāhħa* [wa:x:a] “conj. adversativa”, *ħāf* [xa:f] “ele temeu”, *hākkā* [ha:k:a] “assim, desta forma”, *ħāza* [ħa:za] “coisa”, *bħāl* [bħa:l] “igual a, como”; *ǧādī* [ʕa:di] (partícula de futuro), *mʕāk* [mʕa:k] “contigo”.

[ɑ:]: realização posterior. Ocorre na presença de fonemas faringalizados e da uvular /q/. Exemplos: *btātā* [btʰɑ:tʰɑ] “batata”, *šāfi* [sʰɑ:fi] “basta”, *dār* [dʰɑ:rʰ] “casa”, *āra* [ɑ:rʰɑ] “dê (m.)”, *nād* [nʰɑ:dʰ] “ele levantou”, *šāk* [sʰɑ:k] “bolsa”, *blāša* [bʰlʰɑ:sʰɑ] “lugar”, *qāmār* [qa:ma:rʰ] “lua”, *qāl* [qa:l] “ele disse” (J).

[æ:]: realização mais fechada e anterior que /ā/. Ocorre na maioria das vezes quando não está em contato com fonemas consonantais faringalizados. Exemplos: *nās* [næ:s] “pessoas”, *wālu* [wæ:lu] “nada”, *wālda* [wæ:lɔda] “quem dá à luz, útero” *dār* [dæ:r] “ele fez”, *snān* [snæ:n] “dentes”, *bārka* [bæ:rka] “sentada”, *lābās* [læ:bæ:s] “bem”,

¹⁷⁷ Como argumenta Aguadé (2010).

āš [æ:ʃ] “o quê?”, *sārūt* [sæ:ru:t] “chave”, *tlāta* [tlæ:ta] “três”, *ballātī* [bəl:æ:ti] “espere”, *gāl* [gæ:l] “ele disse”, *škāma* [ʃkæ:ma] “escama” e *šāmāl* [ʃæ:mæ:l]/[ʃa:ma:l] (R) “norte”.

Curiosamente, encontramos [æ:] junto a /q/ em *Sqāla* [sqæ:la] (bairro, topônimo) e em contextos enfáticos, como *Šyāḍma* [ʃyæ:d^sma] “Chiadma” (R) e *Ḥāḥa* [ḥæ:ḥa] (R).

5.6.2.2. /ī/ e alofones

Para /ī/, as realizações são:

[i:]: longo anterior e fechado. Não se encontra na presença de consoantes velares, faringais, glotais e nem faringalizadas. Exemplos: *bīt* [bi:t] “quarto”, *zīt* [zi:t] “óleo”, *kbīr* [kbi:r] “grande”, *lə-ḥmīs* [ləxmi:s] “quinta-feira”, *dīk* [di:k] “galo”, *zīb* [zi:b] “traga”, *ḥāssīt* [ḥas:īt] “senti”.

[ɪ:] ou [e:]: realização mais aberta. Aparecem em contato com velares, faringais, glotais ou faringalizados. Exemplos: *trīq* [t^sre:q] “estrada”, *tḥīb* [t^sb^se:b^s] “médico”, *ḥīnī* [ḥt^se:ni] “dê-me”, *ka-tḥīḥ* [kat^se:ḥ] “ela cai”, *bḥīr* [bxe:r^s] “bem”, *ṣīfāt* [s^se:faṭ] “ele enviou”, *gīr* [ɣe:r^s] “apenas”, *bḡīt* [bɣi:t] “eu quero”, *dqīqa* [dqɪ:qa] “minuto”, *bḥīda* [bḥɪ:da] “distante” (f.).

5.6.2.3. /ū/ e alofones

Para /ū/, as realizações são:

[u:]: longa posterior fechada. Ocorre quando não há consoantes velares, faringais, glotais ou faringalizadas. Exemplos: *žūž* [ʒu:ʒ] “dois”, *idūz* [idu:z] “ele passará”, *ṣābūn* [s^sɑ:bu:n] “sabonete”, *šūf* [ʃu:f] “olhe”.

[ʊ:] ou [o:]: realização mais aberta. Ocorre na presença de fonemas velares, faringais, glotais ou faringalizados. Exemplos: *shūn* [sxʊ:n] “quente”, *ḥūt* [ḥʊ:t] “peixe”,

ilūh [ilʊ:h], “ele lança”, *šlūh* [ʃlʊ:h] “berberes”, *ʕūd* [ʕʊ:d] “madeira”, *šhūra* [ʃho:rʕa] “meses”, *dyūr* [dʕyʊ:rʕ] “casas”, *grūn* [grʕo:nʕ] “chifres ou trompas de falópio”, *šūni* [sʕo:ni] “pedra”.

[Y:]¹⁷⁸ aparece em alguns itens lexicais específicos na fala da medina. Exemplos: *āgrūr* [agrʏ:r] ou [agru:r] “corredor”, *āgždūr* [agʒdʏ:r] “lamento durante enterro” (J), *lūn* [lʏ:n] “cor” (J)¹⁷⁹, *lūz* [lʏ:z] “amêndoa”, *lūsa* [lʏ:sa] “cunhada”, *īhūd* [i:h:ʏ:d] “judeus”. Esse alofone foi identificado na fala de judeus e muçulmanos da medina, embora seja um traço muito característico da fala de judeus não só em Essaouira, mas também em Marraquexe e Fez (Lévy, 2009). No passado, os judeus de Essaouira também realizavam o fonema breve /ū/ como [Y], conforme se observa em *ta i-zīhōm* [-hʏm] “chegava-lhes”¹⁸⁰. Ademais, nossos informantes confirmaram ter ouvido de judeus no passado formas como *qāl līkūm* [-kʏm] “disse-lhes (2pl.)” e *mālīkūm* [-kʏm] “o que vocês têm?”.

O fato de muçulmanos da medina ainda o pronunciarem em alguns itens lexicais é um indício de que foi de um traço comum da fala das duas comunidades em certo momento. O caso de Marraquexe é similar, pois lá muçulmanos também apresentam o alofone (Sánchez, 2014, p. 82). Sánchez sugere que isso se deve à presença de [Y] em dialetos da língua tachelhit, falada pelas populações vindas do Sul, bem como ao grande número de judeus em Marraquexe (segundo o autor, 15% da população em 1936). Essaouira, por sua vez, recebeu igualmente ondas de migrantes provindas do sul,

¹⁷⁸ Lévy (2009) descreve esse alofone como correspondente à pronúncia de *eu* no francês *jeu* “jogo”, que equivale ao alofone [ø] – anterior semifechado arredondado –, e, para representá-lo, emprega um símbolo similar a õ, porém com os pontos sobre o traço. No entanto, em nossas gravações, o som da vogal parece ser levemente mais fechado e menos anterior que [ø], levando-nos a optar por [Y] para o árabe de Marraquexe, assim como Sánchez (2014).

¹⁷⁹ O alofone, como nesse caso, parece estar restrito a itens lexicais específicos. Ele também foi registrado na palavra *lūn* “cor” em Marraquexe (Sánchez, 2014, p. 82). Ao coletar essa palavra por meio do questionário, o informante nos corrigiu quando dissemos [lu:n] sem o alofone.

¹⁸⁰ Transliteração do autor (Lévy, 2009, p. 367).

muçulmanos e judeus berberes, assim como gente proveniente da própria cidade de Marraquexe, o que pode explicar a presença do alofone em sua medina.

5.6.3. Vogais em estrangeirismos

Podem ser encontradas em estrangeirismos as vogais médias /o/ e /e/ em final de sílaba. Exemplos: *gānžo* “anzol”, *plāto* “prato”, *gārfo* “garfo”, *bārko* “barco”, *trīko* “blusa”, *gāšte* “marmita dos pescadores”.

5.6.4. Ditongos

O árabe de Essaouira apresenta uma tendência à monotongação de /āw/ e /āy/ em /ū/ e /ī/, como é esperado dos dialetos hilalianos de tipo *ḥrūbi* (Heath, 2002, p. 9): *bīt n-nār* “forno”, *dīn* “dívida”, *ṣīḥ* “líder religioso de uma *zawiya*”, *ḥīn* ‘olho’, *ṣīf* ‘verão’, *ṣīd* “pesca”, *zīt* “óleo”, *līla* “noite”, *mnīn* “de onde, quando (conj.)”¹⁸¹, *zītūn* “oliva”. Há, porém, casos em que coexistem as duas formas, como *āymta~īmta* “quando?”, e casos em que figura apenas o ditongo, como na locução *mnāymta* (<*mān āymta*) “tempos atrás” bem como em *tawb* “tecido”¹⁸², *āysri* “canhoto” e *skāyri* “ébrio”.

Há também casos em que se preserva o ditongo em contextos de consoantes faringais e faringalizadas, permitindo as duas realizações em alguns momentos, como *ṣūf~ṣāwf* “lã”, *bīd~ḥāyḍ* “ovo”, *ḥīb~ḥāyb* “vergonha” e *ṣwīṛīyyīn~ṣwāyṛīyya* (gentílico de Essaouira (pl.)), casos em que aparece somente como ditongo, como *ḥāyḍīn* “brancos”, *ṣāwbīṣ* “devasso”, *ḥāwli* “carneiro” e *ḥāwd* “cavalo” (≠ *ḥūd* “madeira”) ¹⁸³, e casos em

¹⁸¹ Socin (1893) fornece a variante com ditongo também: *mēnēn~mēnein~mēnīn* “quando (conj.)”.

¹⁸² Essa variante é característica do norte, onde *ṭāwb* significa “vestido, traje” (Ángeles, 2000, p.35). No centro do Marrocos, como em Marraquexe, é mais comum *tūb* (Sánchez, 2014, p. 83).

¹⁸³ Em Socin (1893), são abundantes os casos em que uma palavra pode apresentar ditongo, não sendo as ocorrências restritas a contextos consonantais enfáticos, como notamos nos exemplos a seguir, para os quais mantivemos o sistema de transcrição do autor: *elbeid~elbīd* “ovo”, mas *leil* “noite” (p. 186).

que a semivogal do ditongo é geminada, como *šāyyāḍ* “pescador”, *āyy* “isto é” e *ḥāyy* “vivo”.

O dialeto comunitário dos judeus de Essaouira, por sua vez, caracterizava-se pela manutenção dos ditongos num maior número de casos: *ḥāyṭ* “parede”, *lāyl* “noite” e *rāwz* “arroz” (Lévy, 2009, p. 363). Nossos dados (J2) confirmam esse traço em *mnāyn* “de onde”, *āymta* “quando?”, *fāyn*¹⁸⁴ “onde?”, *t-tnāyn* “às duas (horas)”, *ṭāyfūr* “prato”¹⁸⁵, *fārṭāyṭu* “borboleta”, *ṭāyṛ* “pássaro”, *dāyf* “convidado”, *ḥāyma* “tenda”, *d-l-āwkāt*¹⁸⁶ “vezes”¹⁸⁷, havendo, porém, ocorrências como *lūz* “amêndoa”, *lūn* “cor”, *l-yūm* “hoje”, *šūk* “espinho”, como na fala dos muçulmanos. No caso do dialeto judeu, a ocorrência de ditongos em contextos consonantais comuns é claramente um traço setentrional (Vicente, 2000; Heath, 2002).

Como se pode notar por meio da comparação dos exemplos da fala dos muçulmanos da medina com a fala dos judeus, houve a preservação de ditongos na fala das duas comunidades em contextos de consoantes simples, como *āymta* “quando?”. Em Essaouira, a variante com ditongo aparece quase isolada, uma vez que em seus arredores, tanto na faixa atlântica quanto em Marraquexe, predomina *īmta* (Heath, 2002, p. 197; Sánchez, 2014, p. 83). Isso nos leva a pensar num indício de nivelação entre os dialetos de muçulmanos e judeus, de modo que a variante que teria predominado seria a do segundo grupo. Tal situação pode ser explicada por seu grande número de falantes na medina. Outra hipótese é a de que o ditongo teria vindo por influência de dialetos com

¹⁸⁴ A realização com ditongo nesse pronome é comum a todos os dialetos judeus do Marrocos (Heath, 2002, p. 483). Também *fīn* na fala de J1, provavelmente um sinal de nivelação por estar exposto há mais tempo à variedade dos muçulmanos.

¹⁸⁵ “Prato individual” apenas no dialeto judeu, possuindo o significado “pequena mesa” no resto do país (DAF, vol.8, p. 408).

¹⁸⁶ *<āwqāt* “tempos”. Ver descrição de *q para o dialeto judeu de Essaouira.

¹⁸⁷ J2: *kūnti fā-ṣ-ṣwīra d-l-āwkāt?* “esteve algumas vezes em Essaouira?”.

traços saarianos, já que *āymta* ocorre em partes do Sus¹⁸⁸, de onde vieram muitos daqueles que se assentaram em Essaouira e Marraquexe.

Atualmente, os informantes percebem a ditongação como uma característica da *ḥrūbīyya*, isto é, do interior, confirmando sua ocorrência na cidade na fala de pessoas do campo. Nossos dados para a área (R) demonstraram uma continuidade da redução dos ditongos, assim como em Essaouira, em contextos sem enfáticas e faringais, como *mūža* “onda”, *fīn* “onde”, *ḥīl* “linha de pesca”, *līl* “noite”, *īmta* “quando?”, *mīda* “mesa”, *zīt* “óleo”, *zītūn* “oliva”, além de ocorrências como *ḥūd* “madeira” ($\neq$ *ḥāwd* “cavalo”) e *tūb* “tijolo de terra”¹⁸⁹ e como *ḥīn~ḥāyn* “olho” e *ṣīf~ṣāyf* “verão”, sendo que nos dois últimos exemplos são aceitas as duas variantes. Os ditongos tendem a aparecer mais com consoantes faringais, faringalizadas e uvulares, como se observa em *qāws* “arco”, *ḥāyda* “branca”, *ḥāwli* “carneiro”, *bḡāyt* “quero”¹⁹⁰ e *bqāyna* “permanecemos”, fenômeno que acaba se estendendo a outros verbos defectivos sem esse contexto enfático, por exemplo, *nsāyt* “esqueci” e *bnāyna* “construímos”.

Esses ditongos podem assumir também a realização das vogais médias [o:] e [e:]¹⁹¹, traço próprio dos dialetos saarianos (Heath, 2002, p. 198), como em *zāwz* [zo:z]¹⁹² “arado puxado por bois” e *dzādāyna* [dza:de:na] “nascemos”, ambos registrados em Aquermoud.

Ademais, ocorrem ditongos, verificados tanto na cidade quanto no interior, em que o primeiro elemento é uma vogal longa /āy/ e /āw/: *āylāl* “gaivota”, *ḥāyk* “traje

¹⁸⁸ O único estudo que menciona essa variante na região do Sus é Destaing (1937, vol.1, p. 178). Heath (2002, p. 481) menciona ocorrências pontuais em Marraquexe, onde ainda predomina *īmta*, e Skura. Também pode ter ocorrido uma analogia com a variante saariana *wāynta* “quando”.

¹⁸⁹ Similar à taipa. Também *tāwb* em outras partes (DAF, vol.8 p. 360).

¹⁹⁰ *ībḡait* (Socin, 1893, p. 186).

¹⁹¹ Representados por ē^v e ō^w por Cohen (1963, p.53) para o *ḥassānīyya*.

¹⁹² Outras variantes nos dialetos marroquinos são *zūža* ou *žūža* (< *žūž* “dois”) (DAF, vol.5, p. 406).

feminino tradicional”, *kāyk* (J) “bolo”, *bāyy* “pagamento”¹⁹³, *shāyān* “*shīna* (pl.)”¹⁹⁴, *flāyki* “barqueiro” (condutor de *flūka*), *ntlāqāw* “nos encontramos”, *žāwəž* “segundo”.

5.6.5. Fenômenos vocálicos

5.6.5.1. Metátese ou inversão

O fenômeno de metátese, conhecido também como “*ressaut*” entre os arabistas franceses (Marçais, 1977, p. 26), tal como é abordado na dialetologia, caracteriza-se pelo deslocamento da vogal breve para a posição entre as duas primeiras consoantes da raiz da palavra, evitando sua presença em sílaba aberta, como se verifica em:

- i) *šžar* “árvores” + -a (marca de unidade) → *šəžra* “árvore”;
- ii) *ḍrəb* “ele bateu” + -u (suf. 3m.pl.perf.) → *ḍərbu* “eles bateram”;
- iii) *šəbka* “rede” + -i (clítico poss. 1s.) → *šəbkti* “minha rede”.

5.6.5.2. Elisão

Tratado por alguns autores como síncope¹⁹⁵, a elisão da vogal breve em sílabas abertas ocorre em todos os dialetos marroquinos. Neles, a estrutura silábica se caracteriza pela ocorrência de encontros consonantais, de modo que é bastante comum uma sílaba começar por CC-, o que não ocorre no árabe clássico. Dessa forma, raízes com no mínimo uma vogal breve no árabe clássico, isto é, Cv₁Cv₂C, passam a CCv₂C. Por exemplo, o esquema C₁C₂vC₃ é comum a todos os verbos trilitérios do tipo *sālim* (raiz de três consoantes) na terceira pessoa do singular masculino no aspecto perfectivo: *ktəb*

¹⁹³ Também *bāyy/pāyy* (DAF, vol. 1, p. 136), consiste na cota do valor obtido pelo barco pesqueiro em um dia de trabalho. Cada marinheiro recebe como pagamento um número de cotas que varia de acordo com a sua função no barco.

¹⁹⁴ Prato típico dos judeus servido aos sábados.

¹⁹⁵ Cf. Heath, 2002, p. 201.

<**kataba* “ele escreveu”. Essa situação também se verifica em substantivos, como *bṣəl* < **baṣal* “cebolas”.

Alguns casos levantados são:

- i) *ṛāžəl* “homem/marido” + *-i* (clítico 1s.) → *ṛāžli* “meu marido”;
- ii) *kāyən* “está presente (m.)” + *-a* (marca de feminino) → *kāyna* “está presente (f.)”;
- iii) *mhūwwəd* “o que desce” (subst.m.) + *-a* (marca de feminino) → *mhūwwda* “a que desce” (subst.f.).

Ressalta-se que frequentemente, em Essaouira, a vogal /ə/ é elidida em nomes participios ativos e nomes na forma de plural fracto, sem que seja necessário haver a adição de sufixo para que a vogal fique em sílaba aberta: *swārət* > *swārt* “chaves”, *ḥāməd* > *ḥāmḍ* “limão”.

A elisão da vogal breve em sílaba aberta também acontece nos verbos no imperfeito, como se observa a seguir:

- i) *nkəmməl* “completo (verbo imperf.)” + *-u* (suf.1pl.) → *nkəmmḷu* “completamos”.
- ii) *šāfət* “viu (3s.f.)” + *-u* (clítico 3s.m.) → *šāftu* “ela o viu”.

5.6.5.3. Alongamento ou alteração de base

Esse fenômeno se caracteriza pelo alongamento de qualquer vogal média em final de palavra ao adicionar um sufixo:

- i) *žadda* “avó” + *-i* (possesivo 1s.) → *žaddāti* “minha avó”;
- ii) *mədra* “forquilha (agricult.)” + *-i* (possesivo 1s.) → *madrāti* “minha forquilha”;

- iii) *māzyāna* ‘boa’ + *ma-* -š (negação) → *ma māzyānā-š* “ela não é boa”;
- iv) *sməʕt* “ouvi” + *-ha* (clítico 3s.fem.) + *ma-* -š (negação)
→ *ma sməʕthā-š* “não a ouvi”;
- v) *ka-ylābbsu* “eles vestem (alguém)” + *-ha* (clítico 3s.f.)
→ *ka-ylābbsūha* “eles a vestem”.

Pode ocorrer igualmente a geminação, ou duplicação, de uma consoante para evitar a vogal em sílaba aberta. Esse fenômeno já havia sido registrado para verbos¹⁹⁶ em outras partes do Marrocos, assim como para substantivos em dialetos beduínos: *bəggər̥ti* “minha vaca” (< *bəgra* + *-i*) (Colin, 1986, p. 1196). No entanto, em Essaouira, tanto na cidade como no interior, a consoante duplicada é a marca de feminino *-t-*:

- i) *bəgra* “vaca” + *-i* (possesivo 1s.) → *bəgrātti* “minha vaca” (R);
- ii) *mākla* “comida” + *-k* (possesivo 2s.m.) → *māklattək* “tua comida (2s.m.)”.

5.7. Fonemas consonantais

Os fonemas consonantais presentes no árabe dialetal de Essaouira são:

4.2.1. Fonemas labiais

/b/: oclusiva bilabial sonora. Exemplos: *bəzzāf* “muito, bastante”, *bāb* “porta”, *bānān* “banana”, *bīt* “quarto”, *bħār* “mar”, *sbīb* “linha para pesca sem vara”, *ktūb* “livros”, *ka-tšūwwəb* “ela conserta”.

Entre seus alofones estão:

¹⁹⁶ Em Harrell (2004, p. 19): *šif̣ṭət* “enviou (3f.)” + *-u* (clítico 3s.m.) → *šif̣f̣əttu* ou *šif̣f̣ātu* “ela o enviou”. Para Safi, tem-se o mesmo fenômeno: *kətbət* “escreveu (3f.)” + *-u* (clítico 3s.m.) → *kətbəttu* “ela o escreveu” (Heath, 2002, p. 223).

[b^ɕ]¹⁹⁷: oclusiva bilabial sonora faringalizada. Aparece em contextos faringalizados: *təḥṣīl* “prato”, *iḥḥa~ḥḥa* “meu pai”, *ḥōṭ* “bota do marinheiro”, *ḥaṣla* “cebola”.

[p]: oclusiva bilabial surda. Ocorre principalmente em estrangeirismos: *pāpōr*¹⁹⁸(J) ~ *ḥāḥūrāt* (J/M) “barco a vapor ou não”, *pəṭqīzīyyīn* (J) ~ *bəṭqīz* “portugueses”, *plāya* (J) “praia”¹⁹⁹. Há casos em que é ouvido na fala de judeus e muçulmanos: *ūrūpa~ūrūba* “Europa”.

/p/: oclusiva bilabial surda. Exemplos: na fala de judeus e muçulmanos, como *plāto* “prato” (<esp. *plato*), e em alguns galicismos na fala de judeus, como *papa* (<fr. *papa*) “papai”, *pepe* (fr. *pépé*) “vovô”.

/f/: fricativa labiodental surda. Exemplos: *fāš* “quando (conj.)”, *fūq* “em cima”, *flūka* “barco, bote”, *fṛānsa* “França”, *ka-nšūf* “vejo”. Apresenta um alofone faringalizado [f^ɕ], como em *fār* [f^ɕa:r^ɕ] “rato”.

/m/: nasal bilabial. Exemplos: *šmāš* “vela”, *māskīn* “pobre”, *nīmšī* “vou”, *tāmān* “preço”. Apresenta um alofone faringalizado [m^ɕ]: *ma* “água”, *mṁ^wi* “minha mãe”.

4.2.2. Fonemas dentais

/t/: oclusiva dental surda. Exemplos: *ka-tāšrəf* “ela sabe”, *tlāta* “três”, *tāni* “segundo”, *tālta* “terceira”, *ḥatta* “também”, *nta* “tu (m.)”, *twūlldu* “eles foram concebidos”, *t-igūlu* “eles dizem”, *wūrtu* “eles herdaram”, *ḥūt* “peixe”.

É comum nos dialetos marroquinos a presença do alofone africado [t̪] em contextos com vogais médias e longas, como em *īnṭīwi* “afeminado”. Contudo, no caso

¹⁹⁷ Os alofones faringalizados de /b/, /m/, /t/, /s/ serão representados por *ḥ*, *t*, *ṣ*, *ḍ*, *m*, *n*, *l*, *r*, ao longo do trabalho, podendo coincidir com alguns fonemas enfáticos, como /t̪/, /ṣ̪/, /ḍ̪/ e /r̪/, a fim de facilitar para o leitor a identificação da pronúncia das palavras.

¹⁹⁸ Lévy, 2009, p. 367.

¹⁹⁹ Variante de *blāya* (DAF, vol.1, p. 292), mas que não aparece em nossos dados.

de Essaouira, embora ambas as variantes [t] e [t̪] possam ocorrer nesse contexto, como em *māṣṣalān~māṣṣalān* “por exemplo” e *ḥamṣīni* “entendeu-me?” ~ *ḥamti* “entendeu (2s.m.)”, a não africacão de /t/ é predominante, sobretudo no interior: *ḥtu* “sua irmã”, *tamma* “lá”, *ka-yṣṣtāmdu* “eles dependem, apoiam-se”, *ka-tākūl* “ela come”.

Seu alofone faringalizado é [t̪ʕ]. Em *ta-tṣṣyyāb* “ela cozinha”, o primeiro /t/, prefixo de 3s.f.impf., é faringalizado pelo segundo /t/ do verbo *tṣṣyyāb* “ele cozinhou”.

/t̪/: oclusiva dental surda faringal. Exemplos: *tūl* “reto, direto”, *təḥḥūn* “vagina (vulg.)”, *təḥḥūz* “balófo”, *tāẓīn* “tagine”, *tṣṣāb* “terra”, *wūṣṣ* “meio”, *iṣṣīk* “que ele te dê”.

/d/: oclusiva dental sonora. Exemplos: *mdīna* “cidade, medina”, *dāba* “agora”, *dūk* “aqueles”, *ṣāndna* “temos”, *ṣaddīti* “pegou (2s.)”, *wāḥad* “um”.

/d̪/: oclusiva dental sonora faringal. Exemplos: *māṣṣd* “doença ou homossexual (vulg.)”, *nqāṣṣdāt* “ela foi extinta”, *bu ḥḥīyyra* “indivíduo corcunda”, *ḥāmāḥ* “limão”, *dū* “luz, eletricidade”, *yīqḍār* “ele conseguirá”, *ḍālf~ḍḍlf~ḍḍlf* “figueira da Índia”²⁰⁰.

Do árabe clássico representa diacronicamente /ḍ/, como em *ḍfār* (< ár.cl. **adḥār*) “unhas” e *ḍrīf* “simpático” (< ár.cl. **ḍarīf*), e /d/ – por faringalização das consoantes vizinhas, por exemplo, quando próxima a /r/ –, como em *dār* (< ár.cl. **dār*) “casa”, *iḍūr* (< ár.cl. **yadūr*) “ele girará”.

/n/: nasal dental. Exemplos: *nsa* “ele esqueceu”, *mən* “de”, *ntīna* “tu” (J). Assim como as consoantes anteriores, possui um único alofone faringalizado [n̪ʕ]: *ṣəṣṣāra* “anzol”, *mṣṣūra* “atrás” (J).

²⁰⁰ *Opuntia Ficus-indica*. A fruta da planta é chamada localmente de *hīndīyya* “lit. indiana”.

4.2.3. Fonemas sibilantes

/s/: fricativa alveolar surda. Exemplos: *sāknīn* “que moram”, *k-itsamma* “ele se chama”, *Āsfi* “Asfi (cidade)”, *fās* “âncora”, *skwīla* (<esp. *escuela*) “escola” (J/M), *kāssāla* “massagista do *ḥāmmām*²⁰¹ (f.)”, *tūfts* “tifo (doença)”, *sīyyāḥa* “turistas”. Apresenta alofone faringalizado [s^ʕ] quando próxima a consoantes enfáticas em palavras que refletem o árabe clássico: *ūṣār* (<ár.cl. **’usar*) “famílias”, *mərṣa* (<ár.cl. **marsa*) “porto”, *ṛāṣ* (<ár.cl. **ra’s*) “cabeça”, *ṣṭāḥ* (<ár.cl. **saṭḥ*) “terraço”.

/ʃ/: fricativa alveolar surda faringal. Exemplos: *nṣāra* “cristãos”, *ṣūl* “linguado (peixe)”²⁰², *āṭrāṣ* “freia! (barco)”, *ṣandūq* “caixa”, *ṣḡīr* “pequeno”, *ṣāfi* “tá bom”²⁰³, *ta-nṣāffqāk* “te estapeio”, *ṣaqṣa* “ele perguntou”.

/z/: fricativa alveolar sonora. Exemplos: *ḥūbz* “pão”, *zwīna* “bonita”, *māzāl* “ainda”, *kāza* “Casablanca”, *zāmāl* “homossexual (vulg.)”, *zūk* “nádegas”, *zərba* “rapidez”. Seu alofone faringalizado é [z^ʕ]: *ṣarḥīyya* “tapete”, *ṣanzūn* “mudo”.

4.2.4. Fonemas laterais

/l/: lateral alveolar. Exemplos: *lli* (pronome relativo), *kla* “ele comeu”, *līh* “para ele”, *yīdhūl* “ele entrará”, *lūz* “amêndoas”, *kḥal* “preto”. Pode apresentar um alofone faringalizado [l^ʕ] condicionado pelo contexto consonantal: *dəlfə* “ramo achatado de um cacto”, *ṣāllāq* “ele pendurou”, *ḡa-tṣālli* “você rezará”. Na palavra *(ā)llāh* “Deus”, o alofone ocorre sem um contexto enfático.

4.2.5. Fonemas vibrantes

²⁰¹ Conhecido no Brasil como banho turco.

²⁰² *Soleidae*.

²⁰³ <fr. *ça suffit* “é o suficiente”. Interjeição para expressar “basta” ou “chega!”. Também empregada para pedir confirmação: “certo?”, “tá bom?”.

/ɾ/: pré-palatal líquida vibrante sonora. Exemplos: *fārīna* “tipo de trigo”, *sīr* “vá (imp.)”, *bəkri* “cedo”. Seu alofone faringalizado [rʕ] ocorre próximo a consoantes faringais, faringalizadas, velares e uvulares, como em *ṭrīq* “caminho, estrada”, *qrīb* “próximo”, *āḥūr* “outro”, *bəḡra* “vaca”, *təṛžəʕ* “que volte (2s.m.)”, e próximo a pré-palatais, como em *šrəb* “ele bebeu”, *žrāf* “rochas”, *rāžəl* “homem” e *žār* “vizinho”.

/ɾ/: pré-palatal líquida vibrante sonora faringal. Os pares mínimos a seguir o confirmam: *žāri* “aquele que corre, líquido” ≠ *žāri* “meu vizinho”; *(i)bra* “agulha” ≠ *ḡra* “curou-se”; *dār* “casa” ≠ *dār* “ele fez”.

4.2.6. Fonemas pré-palatais fricativos

/š/: fricativa pré-palatal surda. Exemplos: *āš* “o quê?”, *nīšān* “reto, direto”, *bāšna* “milho”, *ḡšūma* “vergonha”, *bu šūk* “robalo (peixe)”²⁰⁴, *šabka* “rede de pesca”, *māši* (partícula de negação), *mšīna* “fomos (ir)”, *kanāšta* (<esp. *canasta*) “canastra, cesto”.

/ž/: fricativa pré-palatal sonora. Exemplos: *ḡžər* “pedra”, *žūž* “dois”, *žābu* “trouxeram”, *ta-yḡūržu* “eles saem”, *žədd* “avô”, *nəžžāra* “carpinteiros”, *šrīž* “torneira”, *žəllāba* “traje típico”, *ta-yži* “ele vem”, *žəlbāna* “ervilha”.

Particularmente no dialeto dos judeus de Essaouira, houve a neutralização total das sibilantes com as fricativas²⁰⁵, de modo que /š/ > /s/ (*hād s-si* “esta coisa”, *ḡansa* “bolsa”, *ḡāšra* “dez”) e /ž/ > /z/ (*zūz* “dois”, *ḡəzbni* “eu gostei”, *rāžəl* “homem”, *həzzāla* “viúva”). No entanto, também ocorreram exceções, como *žəddi~zəddi* “meu avô” e *džāža* “galinha”, o que poderia ser explicado por um processo de nivelação linguística entre

²⁰⁴ *Dicentrarchus labrax*.

²⁰⁵ Esse fenômeno foi descrito por Lévy (2009, p. 363) e foi confirmado nos nossos dados do informante judeu de 85 anos. O informante mais jovem (60) não apresenta essa neutralização.

judeus e muçulmanos, cujo resultado se revela na fala do informante judeu mais novo (60), o qual não apresenta a neutralização desses fonemas na sua fala.

/č/: africada pré-palatal surda. Foi verificado em dois empréstimos do espanhol *lčĩn* (<esp. *de la China*) “laranja”²⁰⁶ e *kūčĩ* (<esp. *coche* “carro, carruagem”) “charrete” (táxi)²⁰⁷.

4.2.7. Fonemas velares

/k/: oclusiva velar surda. Exemplos: *kāyən* “há, existe (s.m.)”, *kīsān* “copos”, *kārta* “baralho” (J), *kūrtĩna* “cortina” (J), *kəswa* “mortalha, traje de festa”, *šāk* “bolsa”, *lĩk* “para você”, *mĩka* “plástico”.

/g/: oclusiva velar sonora. Reflete *q do árabe clássico: *ta-yħəgru* “eles negligenciam, desprezam” (<ár.cl. *yaħqurũna*), *bəgra* “vaca” (<ár.cl. *baqara*). Ocorre também em palavras como *gāf* (<ár.cl. *qāʿ*) “fundo, em absoluto” e em prováveis empréstimos de outras línguas, por exemplo, *lārga* (<esp. *largar*) (ordem para que o barco avance), *māgāna* “relógio”²⁰⁸, *Āgādĩr* (cidade de Agadir), *gārfo* (<port. *garfo*, esp. *garfio*) “garfo”, *nəggāfa* “auxiliar da noiva”²⁰⁹. Representa o /j/ do árabe clássico em contextos de consoantes sibilantes ou fricativas, onde o fonema do árabe clássico teria perdido o traço fricativo: *gləs* (<ár.cl. *jalasa*) “ele sentou”, *gəzzār* (<ár.cl. *jazzār*) “açougueiro”, *gnāza* (<ár.cl. *janāza*) “funeral”. Os pares mínimos que confirmam o fonema /g/ são: *qəřfa* “garrafa” ≠ *gəřfa* “abóbora”, *qəřn* “século” ≠ *gəřn* “chifre”, *qálləb* “procurar” ≠ *gəlleb* “revirar”.

²⁰⁶ Verificado em Essaouira, entre muçulmanos e judeus, e também no interior. É raro o uso dessa palavra nessa parte do Marrocos, pois se trata de um traço típico do norte do país e da Argélia (WAD, I, mapa 170). O mais comum no resto do país é *lĩmũn~lăymũn*.

²⁰⁷ Para o transporte de pessoas na parte nova da cidade.

²⁰⁸ Também *māngāna*. Do persa *pingan* “clepsidra” (Dozy, vol. 2, p. 617).

²⁰⁹ Mulher especialista na organização de um casamento, responsável por trocar os vestidos da noiva durante a celebração e anunciar em voz alta as somas de dinheiro que são dadas de presente. A origem parece ser berbere, embora a palavra siga um padrão do árabe (DAF, vol. 11, p. 473).

/ħ/: fricativa velar surda. Exemplos: *ħăṭṭra* “vez”, *ħmīsa* “amuleto de mão de Fátima”, *ħšəb* “madeira”, *l-əħħəṛ* “último”, *ħāyəb* “feio”, *bħīṛ* “bem”, *ħūya* “meu irmão”, *mħədda* “travesseiro”, *ħənz* “fedido (vulg.)”.

/ġ/: fricativa velar sonora. Exemplos: *ġədda* “amanhã”, *ġādi* (partícula de futuro), *tāġārt* “praia de Essaouira”, *bəlġa* “chinelo tradicional”, *šġīṛ* “pequeno”, *ġūla* “ogra”, *būġla* “mula”.

4.2.8. Fonemas uvulares

/q/: oclusiva uvular²¹⁰ surda. Reflete *q do árabe clássico, alternando, segundo o léxico, com [g]²¹¹: *qlīl* “pouco”, *qḥəḍ* “ele pegou”, *qbīḥ* “feio”, *qūddām* “em frente”, *sūq* “mercado”, *š-šəṛqi* “vento leste”, *qīšša* “história”, *qəlb* “coração”, *qənnba* “corda”, *mqādd* “nivelado”, mas *qāmār~gəmra* “lua”²¹², *fūq~fūg* “sobre, acima”, *mqābəl~mgābəl* “vigia, cuidador”. Alguns vocábulos são pronunciados apenas com [g], como *gāl* “ele disse”²¹³, *gməl* “piolho”, *gənfūd* “porco-espinho”, *dīgg* “estilo de joia local”, *gəmh* “trigo”, *glīyya* “pipoca”, *bgār* “vacas”, *tḥəg* “cesto de fibra para servir alimento” e *šāgrā* “infértil (f.)”. Palavras originalmente com /g/, de origem berbere, são arabizadas e passam a ser pronunciadas com [q]: *qāždər* (<berb. *igəjdər*) “lagartixa”.

4.2.9. Fonemas faringais

²¹⁰ Descrito também como velar.

²¹¹ A realização [g] é um traço beduíno saariano (Heath, 2002, p. 141), mas ocorre na planície atlântica e nos dialetos centrais de modo geral.

²¹² <ár.cl. *qamar*. Claramente um empréstimo do árabe clássico, aparece com o sentido específico de lua cheia em algumas gravações, ocorrendo também em Fez (DAF, vol 10, p. 422). Verificamos a palavra tanto na cidade como no interior com diferentes informantes, judeus e muçulmanos, embora no interior tenha aparecido também *gəmra*, variante mais comum nessa parte do país.

²¹³ No norte do Marrocos *qāl*.

/ħ/: fricativa faringal surda. Exemplos: *qəħba* “prostituta (vulg.)”, *ħəllūf* “porco, javali”, *bħār* “mar”, *ħlīb* “leite”, *māhya* “água ardente dos judeus feita de figos”, *šhāl* “quanto”, *b-əṣ-ṣəḥḥ* “realmente?”, *məlhūn* (estilo de poesia dialetal), *təhmīma* “banho”, *šlūh* “berberes”.

/ʕ/: fricativa faringal sonora. Exemplos: *ʕəzri* “solteiro”, *žāməʕ* “mesquita”, *ʕūwwa* “gaivota”, *ʕīd* “feriado, festa”, *mʕəlləm* “professor”, *ʕāmər* “cheio”, *mʕīlqa* “colher”, *ʕəwwər* “caolho”.

4.2.10. Fonemas glotais ou laringais

/ʔ/: oclusiva laringal surda. Ocorre geralmente em empréstimos do árabe padrão, como em *məsʔūl* “responsável” (J), *ʕāʔīla* “família”, *l-ʔānna* “porque (conj.)”, *žarəʔīd* “jornais”, mas também em *lāʔ* “não (resposta)”.

/h/: fricativa laringal surda. Exemplos: *hād* (demonstrativo), *həḍra* “fala”, *hākka* “assim, desta forma”, *wžəh* “rosto”, *hūwwa* “ele”, *ihūdi* “judeu”, *thāra* “circuncisão”, *īyyəh* “sim”, *hnāk* “lá”, *žīhət* “ao lado de”.

O emudecimento do fonema ocorre em muitos casos, como em pronomes pessoais, clíticos e demonstrativos: *ʕānda* < *ʕāndha* “ela tem”, *ūma* < *hūma* “eles” (J), *ādi* < *hādi* “esta” (J). A instabilidade de /h/ é comum tanto em dialetos pré-hilalianos quanto hilalianos²¹⁴. Em Socin (1893), aparecem exemplos que o colocam como uma ocorrência comum na região há muito tempo: *fādi* (< *f*- + *hādi*) “nesta”.

4.2.11. Semiconsoantes

Encontramos para o dialeto local duas semiconsoantes:

²¹⁴ Cf. Vicente (2000) e Sánchez (2014).

/w/: bilabial. Exemplos: *zwīn* “bonito, gostoso”, *wāqīla* “talvez”, *wālu* “nada”.

/y/: semiconsoante pré-palatal sonora. Exemplos: *mya* “cem”, *dyāl* (partícula de genitivo), *lāmārya* “maré”, *kāyən* “existe, há”, *yāk?* “não é?”.

4.2.12. Fenômenos consonantais

4.2.12.1. Labialização

É frequente a labialização ou labiovelarização nos dois casos a seguir:

a) aparece uma semiconsoante /w/ como transição entre uma consoante labial e uma vogal longa aberta (ā ou ī), o que se verifica em alguns plurais e diminutivos: *f^wām* “bocas”, *h^wānt* “lojas”, *m^wīha* (dim. de água), *f^wīyyər* “ratinho”, *l-h^wāhər* (nome de um bairro na medina).

b) ocorre junto a consoantes velares e uvulares /ħ/, /ğ/, /q/, /k/, /g/ em encontros consonantais em início de palavra. É um traço bastante comum nas variedades do sul do Marrocos, que poderia ter resultado do contato com a língua tachelhite²¹⁵. Exemplos: *k^wf^rān* “furioso”, *k^wtār* “muitos”, *q^wdām* “antigos”, *q^wšīyyər* “maré baixa”, *g^wīda* “reunião, encontro”, *ğ^wrīsi* “decorador de casamento”, *ğ^wzāla* “linda”, *h^wđīyyra* “tipo de ervilha”.

4.2.12.2. Alternância de /l/ e /n/

Constata-se a realização de /l/ como [n] no campo, em território Chiadma, como se verifica em *mānni* < *mālli* “quando (conj.)”, *šhān* < *šhāl* “quanto(s)”, *šānabār* < *šālabār*²¹⁶ “rede de aterragem (pesca)”, assim como o inverso, isto é, a realização de /n/

²¹⁵ Cf. Aguadé (2003, p. 91) e Caubet (2011a, p. 622).

²¹⁶ Presente em Safi (Singer, 1995, p. 247).

realizado como [l], como demonstra *ka-lgūlu* < *ka-ngūlu* “dizemos” (R). Na cidade a alternância ocorre em determinados itens lexicais na fala de muçulmanos, sendo que, nesses casos, o fenômeno aparece de forma cristalizada, ocorrendo em dialetos de distintas partes do país: *sərdīl* (< *sərdīn*) “sardinha”, *mnūn* (< *mlūn*) “melão”.

Na fala dos informantes judeus, é possível notar a alternância em outros itens lexicais, o que a diferencia da fala dos muçulmanos. O informante judeu mais jovem (J1) forneceu as variantes *āylān* < *āylāl* “gaivota”²¹⁷, *ṇūṛa* < *lūṛa* “atrás, depois”, *mānyūn* < *mālyūn* “milhão”, *mānyār* < *mālyār* “bilhão”, e o mais idoso²¹⁸, *blītāt* < *bnītāt* “menininhas” e *slīl* < *snīn* “anos”²¹⁹.

O mesmo fenômeno foi descrito por Behnstedt (2004) em Tafilalt e também na região de Erfoud, nas zonas de contato com o berbere e na região de Essaouira. Ademais, sendo os informantes judeus deste trabalho netos de judeus berberes, é possível que a sua ancestralidade explique a maior presença desse fenômeno na sua fala.

4.2.12.3. Redução e assimilação

Foram registrados como casos de redução ou contração: *ḥatta* > *tta* “também”, *šəfti* > *fti* “você viu?”, *mən l-ṁa* > *m-əl-ṁa* “d’água”, *ʕla + l* > *ʕāl-* “sobre o”, *ʕāṛṭīḥūm* > *ʕāṛṭīḥūm* “você os conhece?”, *ila* > *la* (conj. condicional)²²⁰.

²¹⁷ A variante comum entre muçulmanos é *āylāl*. A variante com /n/ fornecida por J1 aparece registrada em Sánchez (2014, p. 401) como nome de uma das portas da medina de Marraquexe: *bāb āylān*.

²¹⁸ A. Knāfo (85), cuja família é natural de Ifrane.

²¹⁹ O mesmo fenômeno foi descrito por Behnstedt em Tafilalt (*Notes sur le parler “bédouin” des ʕṛāb Səbbāḥ*, no prelo) e no povoado de Īgli, próximo a Erfoud (Behnstedt, 2004, p. 49), consideradas áreas de contato com o berbere, assim como é o caso de Essaouira. É curioso que os informantes judeus eram netos de judeus berberes, o que pode explicar uma maior presença deste fenômeno na sua fala.

²²⁰ Este fenômeno demonstra que a vogal /i/ é instável nesta palavra, por essa razão não a transcrevemos como longa, optando pela vogal média. Também não optamos em transcrevê-la como breve por apresentar uma realização mais longa nas gravações.

Apesar de os casos de assimilação encontrados no dialeto local não permitirem enunciar uma regra geral, nota-se que são frequentes em determinados encontros consonantais, admitindo, muitas vezes, ora a assimilação, ora a falta dela²²¹, como exemplifica *kătt-kănt* “eu era, fui”.

Entre os casos de assimilação total estão:

/f/ + /t/ → [tt]: *šətti* < *šəfti* “você viu”.

/l/ + /t/ → [tt]: *gūtt* < *gūlt* “eu disse”.

/r/ + /t/ → [tt]: *dətt* < *dərt* “eu fiz”.

/d/ + /t/ → [tt]: *wlətt* < *wlədt* “eu tive (filhos)”.

/n/ + /t/ → [tt]: *kătt* < *kănt* “eu era, fui”.

/ð/ + /t/ → [tð]: *nətt* < *nədt* “eu levantei”.

/n/ + /d/ + /n/ → [nn]: *ʕănnə* < *ʕăndnə* “temos”.

/t/ + /d/ → [dd]: *ka-dgūl* < *ka-tgūl* “ela diz”.

/t/ + /ð/ → [dð]: *ka-yīdðāṛəb* < *ka-yītðāṛəb* “ele briga”.

Há ainda casos de assimilação parcial:

/t/ + /ʒ/ → [dʒ]: *dʒīb* < *tʒīb* “ela traz”.

/t/ + /z/ → [dz]: *dziwwəʒ* < *tziwwəʒ* “ele se casou”.

A assimilação pode ocorrer também devido à harmonização de sibilantes, que consiste na assimilação de um fonema sibilante a uma fricativa. Esses casos ocorrem em itens lexicais específicos que incorporaram à sua estrutura esse fenômeno. Exemplos:

/š/ + /s/ → /š/ + /š/: *šəms* < ár.cl. **šams* “Sol”.

/s/ + /ʒ/ → /š/ + /ʒ/: *məšʒīd* < ár.cl. **masjid* “mesquita”

ka-tšəʒʒəl “está gravando (2m.)” < *ka-tsəʒʒəl* < ár.cl. **tusajjil*.

²²¹ Em nossa transcrição, sempre indicamos quando se ouve a assimilação.

/z/ + /ž/ → /ž/ + /ž/: *žūž* “dois” < ár.cl. **zawj* “par”.

/ž/ + /z/ → [dz]: *dzīra* < ár.cl. **jazīra* “ilha”.

4.3. Estrutura silábica

As combinações possíveis de consoantes e vogais para a formação de uma sílaba nesse dialeto são:

/V/ (longa): *ā* (partícula de vocativo), *ā•hūr* “outro”, *ū•līdāt* “filhos”;

/CV/: *hā•žab* “sobrancelha”, *mū•tūr* “motor”, *žīrān* “vizinhos”;

/vC/: *əh•hər* “último”, *əš•šwīra* “Essaouira”, *ūhti* “minha irmã”;

/VC/: *īb•ha* “meu pai”, *āš•nu* “o quê?”, *īm•ni* “destro”;

/CCV/: *šlā•qam* “lábios”, *žru* “filhote canino”;

/CvC/: *kəh•la* “preta”, *tən•fī•ha* “aspirar rapé”, *nəq•qāš* “ele aplicou hena”;

/CVC/: *āy•lāl* “gaivota”, *dār* “casa”, *hūk* “teu irmão (m.)”;

/CCvC/: *fhəm•ti* “entendeu (2s.)”, *šwīy•ya* “pouco”;

/CCVC/: *šrāb* “vinho”, *b•hāl* “como, igual a”, *l•čīn* “laranja”;

/CvCC/: *məšš* “gato”, *bātt* “pato”, *šədd* “ele pegou”;

/CVCC/: *hāl* “quem abre”, *m•qādd* “nivelado”;

/CCvCC/: *mfar•qīn* “dispersos”.

5. Morfologia verbal

No árabe dialetal, assim como no padrão, o verbo é formado por uma raiz de três ou quatro letras à qual se adicionam prefixos e sufixos que marcam o aspecto (perfectivo, imperfectivo), o número (singular, plural), o gênero (masculino, feminino) e a pessoa (primeira, segunda e terceira pessoas).

5.1. Conjugação e os aspectos perfectivo e imperfectivo

5.1.1. Perfectivo

O perfectivo no árabe dialetal de Essaouira apresenta uma conjugação sufixal, tal como segue:

1s.	- <i>t</i>	1pl.	- <i>na</i>
2s.	- <i>ti</i>	2pl.	- <i>tu</i>
3s.m.	Ø	3pl.	- <i>u</i>
3s.f.	- <i>āt/-t</i>		

A segunda pessoa do perfectivo nesse dialeto não apresenta distinção entre 2.m. e 2.f., assim como na maioria dos dialetos marroquinos. A 3s.f. é marcada por *-āt*, mas utiliza *-t* quando o verbo termina com vogal, traço compartilhado pelos dialetos hilalianos meridionais, como os de Marraquexe²²², Tafilalt²²³ e Settāt²²⁴, ao passo que na própria costa atlântica, como na cidade vizinha de Safi²²⁵, e no norte do país predomina o sufixo *-āt/-t*²²⁶.

²²² Sánchez (2014, p. 116).

²²³ Heath (2002, p. 223).

²²⁴ Aguadé (2013, p. 4).

²²⁵ Heath (op. cit.)

²²⁶ Mesmo na região do Sus, em Skura, encontra-se *ktābt* “ela escreveu”, e não *kātbāt* (Aguadé e Elyaacoubi, 1995, p. 151).

5.1.2. Imperfectivo

A conjugação do imperfectivo é prefixal e sufixal:

1s.	$n(\partial)$ -	1pl.	$n(\partial)$ -... -u/-w
2s.m.	$t(\partial)$ -	2pl.	$t(\partial)$ -... -u/-w
2s.f.	$t(\partial)$ -...-i/-y		
3s.m.	$y(\partial)$ -/i-	3pl.	$y(\partial)$ -/i-...-u/-w
3s.f.	$t(\partial)$ -		

A única distinção com relação a outros dialetos marroquinos é a diferenciação entre 2s.m. e 2s.f., o que se considera um traço beduíno, uma vez que nos dialetos do norte, como em Tânger e Tetuão, existe uma única forma para a 2s., não sendo empregado o sufixo -i²²⁷.

5.1.3. Imperativo

São encontradas três formas do imperativo no árabe de Essaouira, as quais são verificadas nos mesmos dialetos que fazem distinção de gênero na conjugação de 2s.impf.:

2s.m.	$\emptyset$	2.pl.	-u/-w
2s.f.	-i/-y		

5.2. Paradigmas verbais e suas conjugações

5.2.1. Verbo trilitere regular

²²⁷ Heath (2002, p. 215).

5.2.1.1. Verbo simples

Os verbos regulares na sua forma simples são compostos por três consoantes e seguem o padrão {12v3}²²⁸.

šrəb, *yīšrəb* “beber”²²⁹

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>šrəbt</i>	<i>šrəbna</i>
2.	<i>šrəbti</i>	<i>šrəbtu</i>
3m.	<i>šrəb</i>	<i>šərbu</i>
3f.	<i>šərbāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nəšrəb</i>	<i>nšərbu</i>
2m.	<i>təšrəb</i>	<i>tšərbu</i>
2f.	<i>tšərbī</i>	
3m.	<i>yīšrəb</i>	<i>išərbu</i>
3f.	<i>təšrəb</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>šrəb</i>	2.pl.	<i>šərbu</i>
2s.f.	<i>šərbī</i>		

²²⁸ Os números representam a posição das consoantes.

²²⁹ Devido à ausência de infinitivo na língua árabe, costuma-se referir aos verbos pelas suas formas em 3m. no perfectivo *šrəb* “ele bebeu” e no imperfectivo *yīšrəb* “ele beberá”, pois elas servem de paradigma para as outras pessoas do verbo nos dois aspectos.

Nome participio²³⁰

Ativo s.m. {1ā2ə3}. Exemplos: *šārəb* “que bebe”, *dāḥəl* “que entra”,
gāləs “que senta”.

Ativo s.f. {1ā23a}. Exemplos: *šārba*, *dāḥla*, *gālsa*.

Ativo pl. {1ā23īn}. Exemplos: *šārbīn*, *dāḥlīn*, *gālsīn*.

Passivo s.m. {mə12ū3}. Exemplos: *məṣṣūf* “conhecido”, *məžmūf*
“reunido, junto”, *məfhūm* “entendido”.

Passivo s.f. {mə12ū3a}. Exemplos: *məṣṣūfa*, *məžmūfa*, *məfhūma*.

Passivo pl. {mə12ū3īn}. Exemplos: *məṣṣūfīn*, *məžmūfīn*, *məfhūmīn*.

Alguns verbos regulares simples apresentam em 3m. do imperfectivo o paradigma {yī12ū3}, como *yīdhūl* “ele entrará”. Esses mesmos verbos apresentam a vogal breve /ū/ também no imperativo: *dhūl* “entre” (m.), *dūḥli* (f.), *dūḥlu* (pl).

Tanto na cidade de Essaouira como no interior, os informantes confirmam que o plural do nome participio ativo em -īn é utilizado para o masculino e para o feminino: *lə-ṣyālāt ḥārżīn* “as mulheres estão saindo”. No entanto, afirmam também que se usa a forma em -āt como em *ḥārżāt*, fornecendo-nos outros exemplos para o f. pl.: *rākbīn~rākbāt* “que se ajoelham”, *dāḥlīn ~dāḥlāt* “que entram”. Segundo eles, são formas que, apesar de serem ouvidas dentro e fora da cidade, predominam apenas com esse tipo de verbo simples, o que poderia ser um traço beduíno saariano em Essaouira e no território Chiadma, pois é comum nos dialetos saarianos a utilização de -āt (f.pl.) para nomes participios com função predicativa²³¹.

²³⁰ O nome participio pode cumprir papel de adjetivo, como *gāləs* (lit. que senta) “sentado”, ou de verbo com sentido de uma ação que ocorre concomitantemente ao tempo de fala, como *āna ḡādi* “eu estou indo”.

²³¹ Heath (2002, p. 259).

5.2.1.2. Verbo geminado ou duplo

É o verbo cujas consoantes radicais em segunda e terceira posições são idênticas, como em {1v22}. No perfectivo, um infix -ī- precede o sufixo de primeira e de segunda pessoa.

šədd, yšədd “pegar, segurar”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>šəddīt</i>	<i>šəddīna</i>
2.	<i>šəddīti</i>	<i>šəddītu</i>
3m.	<i>šədd</i>	<i>šəddu</i>
3f.	<i>šəddāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nšədd</i>	<i>nšəddu</i>
2m.	<i>tšədd</i>	<i>tšəddu</i>
2f.	<i>tšəddi</i>	
3m.	<i>yšədd</i>	<i>išəddu</i>
3f.	<i>tšədd</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>šədd</i>	2.pl.	<i>šəddu</i>
2s.f.	<i>šəddi</i>		

Nome participio

Ativo s.m. {1ā2ə3}. Exemplos: *ḥāll* “que abre”, *sādd* “que fecha”.

Ativo s.f. {1ā23a}. Exemplos: *ḥālla*, *sādda*.

Ativo pl. {1ā23īn}. Exemplos: *ḥāllīn*, *sāddīn*.

Passivo s.m. {mə12ū3}. Exemplos: *məḥlūl* “aberto”, *məsdūd* “fechado”.

Passivo s.f. {mə12ū3a}. Exemplos: *məḥlūla*, *məsdūda*.

Passivo pl. {mə12ū3īn}. Exemplos: *məḥlūlīn*, *məsdūdīn*.

5.2.1.3. Verbo côncavo

Os verbos simples côncavos apresentam a vogal *ā* como a segunda consoante radical, segundo o esquema {1ā2}. No imperfectivo, a vogal radical pode passar a *ū*, *ī* ou *ā*, aparecendo também no imperativo. Exemplos: (I) *gāl*, *igūl* “dizer”; (II) *fāq*, *ifīq* “despertar”; (III). *bān*, *ibān* “aparecer”.

I) *šāf*, *išūf* “ver”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>šʔft</i>	<i>šʔfna</i>
2.	<i>šʔfti</i>	<i>šʔftu</i>
3m.	<i>šāf</i>	<i>šāfu</i>
3f.	<i>šāft</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nšūf</i>	<i>nšūfu</i>
2m.	<i>tšūf</i>	<i>tšūfu</i>
2f.	<i>tšūfi</i>	
3m.	<i>išūf</i>	<i>išūfu</i>
3f.	<i>tšūf</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>šūf</i>	2.pl.	<i>šūfu</i>
2s.f.	<i>šūfi</i>		

II) *dār, idār* “fazer”²³²

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>dart~datt</i>	<i>darna</i>
2.	<i>darti</i>	<i>dartu</i>
3m.	<i>dār</i>	<i>dāru</i>
3f.	<i>dārt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>ndār</i>	<i>ndāru</i>
2m.	<i>ddār (<tdār)</i>	<i>ddāru</i>
2f.	<i>ddāri</i>	
3m.	<i>idār</i>	<i>idāru</i>
3f.	<i>ddār</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>dār</i>	2.pl.	<i>dāru</i>
2s.f.	<i>dāri</i>		

²³² É a variante mais comum no Marrocos para o verbo “fazer”. No dialeto judeu de Essaouira, utiliza-se *ʕməl, yʕməl*.

III) *ḥāf, iḥāf* “temer”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>ḥāft</i>	<i>ḥ^afna</i>
2.	<i>ḥ^afti</i>	<i>ḥ^aftu</i>
3m.	<i>ḥāf</i>	<i>ḥāfu</i>
3f.	<i>ḥāft</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nḥāf</i>	<i>nḥāfu</i>
2m.	<i>tḥāf</i>	<i>tḥāfu</i>
2f.	<i>tḥāfi</i>	
3m.	<i>iḥāf</i>	<i>iḥāfu</i>
3f.	<i>tḥāf</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>ḥāf</i>	2.pl.	<i>ḥāfu</i>
2s.f.	<i>ḥāfi</i>		

Nome particípio

Ativo s.m. {1ā2ə3}. Exemplos: *dāyər* “que faz”, *šāyəf* “que vê”, *ḥāyəf* “que teme”, *bāyəf* “que vende”.

Ativo s.f. {1ā23a}. Exemplos: *dāyra*, *šāyfa*, *ḥāyfa*, *bāyfa*.

Ativo pl. {1ā23īn}. Exemplos: *dāyrīn*, *šāyfīn*, *ḥāyfīn*, *bāyfīn*.

Quanto ao nome particípio passivo, o único exemplo que encontramos para o paradigma {mə12ū3} foi *məbyūf* “vendido” (m.), *məbyūfa* (f.) e *məbyūfīn* (pl.), derivado

do verbo *bāʕ* “ele vendeu”, *ibīʕ* “ele venderá”. Para os outros verbos, os informantes utilizaram verbos na voz passiva, como *tgāl* “foi dito”, *tdār* “foi feito”.

5.2.1.4. Verbo defectivo

Essa classe de verbos apresenta a vogal *a* como terceira letra radical no perfectivo {12a}. No imperfectivo, ela pode passar a *i*, como em (I) *šra* “ele comprou”, *yīšri* “ele comprará”, ou manter-se como *a*, como em (II) *bqa* “ele permaneceu” *yībqa*, “ele permanecerá”. Na primeira e na segunda pessoas do perfectivo a vogal *a* passa a *ī*.

I) *šra*, *yīšri* “comprar”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>šrīt</i>	<i>šrīna</i>
2.	<i>šrīti</i>	<i>šrītu</i>
3m.	<i>šra</i>	<i>šrāw</i>
3f.	<i>šrāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nīšri</i>	<i>nīšrīw</i>
2m.	<i>tīšri</i>	<i>tīšrīw~ tīšru</i>
2f.	<i>tīšri</i>	
3m.	<i>yīšri</i>	<i>yīšrīw ~yīšru</i>
3f.	<i>tīšri</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>šri</i>	2.pl.	<i>šrīw</i>
2s.f.	<i>šri</i>		

Essa categoria de verbos defectivos não distingue entre 2m. e 2f. impf.

A marca de plural pode ser *-īw* ou *-u*: *ka-təšru* “vocês compram”, *ta-yīšru* “eles compram”. O sufixo *-u* associado a essa categoria de verbos é um traço dos dialetos beduínos saarianos, como o *ḥassāniyya*²³³, comum em outras partes do sul do Marrocos, ao passo que no resto do país predomina *-īw*²³⁴. No caso de Essaouira, parece ser uma variante do interior que passou a ser utilizada dentro da cidade, uma vez que também a encontramos em Aquermoud: *ka-yīžru* “eles correm”.

II) *bqa, yībqa* “permanecer”.

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>bqīt</i>	<i>bqīna</i>
2.	<i>bqīti</i>	<i>bqītu</i>
3m.	<i>bqa</i>	<i>bqāw</i>
3f.	<i>bqāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nəbqa</i>	<i>nəbqāw</i>
2m.	<i>təbqa</i>	<i>təbqāw</i>
2f.	<i>təbqāy</i>	
3m.	<i>yəbqa</i>	<i>yəbqāw</i>
3f.	<i>təbqa</i>	

²³³ Em *ḥassāniyya*: *nəšru* (1pl.impf.), *təšru* (2pl.impf.) e *yəšru* (3pl.impf.) (Cohen, 1963, p. 103).

²³⁴ Heath (2002, p. 187).

Imperativo

2s.m.	<i>bqa</i>	2.pl.	<i>bqāw</i>
2s.f.	<i>bqāy</i>		

Nome participio

Ativo s.m. {1ā2ə3}. Exemplos: *bāqi* “que permanece”, *šāri* “que compra”.

Ativo s.f. {1ā23a}. Exemplos: *bāqya~bāqa*, *šārya*.

Ativo pl. {1ā23īn}. Exemplos: *bāqyīn*, *šāryīn*.

Passivo s.m. {mə12ū3}. Exemplo: *məšri* “comprado”.

Passivo s.f. {mə12ū3a}. Exemplo: *məšrya*.

Passivo pl. {mə12ū3īn}. Exemplo: *məšryīn*.

O grupo de verbos defectivos analisados distingue 2m. de 2f. impf. Quanto às suas formas no plural, apresenta sempre o ditongo *-āw*, tanto na conjugação de perfectivo quanto na de imperfectivo.

O nome participio ativo feminino dos verbos defectivos apresenta uma variante *bāqa* “que permanece” (f.), sem *-y-*, que ocorreu na fala dos informantes com origem no interior, sendo bastante frequente na faixa Atlântica²³⁵.

5.2.1.5. Verbo assimilado

São verbos que apresentam uma semiconsoante *w-* ou, muito raramente, *y-* como primeira letra radical, seguindo os esquemas {w1v2} ou {y1v2}.

wqāf, *yūwqāf* “parar”

²³⁵ Heath (2002, p. 168).

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>wqǎft</i>	<i>wqʰfna</i>
2.	<i>wqʰfti</i>	<i>wqʰftu</i>
3m.	<i>wqǎf</i>	<i>wǔqfu</i>
3f.	<i>wǔqfāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nǔwqǎf</i>	<i>nwǔqfu</i>
2m.	<i>tǔwqǎf</i>	<i>twǔqfu</i>
2f.	<i>twǔqfi</i>	
3m.	<i>yǔwqǎf</i>	<i>ywǔqfu</i>
3f.	<i>tǔwqǎf</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>wqǎf</i>	2.pl.	<i>wǔqfu</i>
2s.f.	<i>wǔqfi</i>		

Para o paradigma iniciado com *y-* conseguimos registrar apenas o perfectivo neste verbo:

ybəs “secar, morrer (planta)”.

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>ybʰst</i>	<i>ybʰsna</i>
2.	<i>ybʰsti</i>	<i>ybʰstu</i>
3m.	<i>ybəs</i>	<i>yǐbsu</i>
3f.	<i>yǐbsāt</i>	

Nome participio

Ativo s.m. {1ā2ə3}. Exemplos: *wāqəf* “parado”, *wārət* “que herda”,
wāṣəl “que chega”.

Ativo s.f. {1ā23a}. Exemplos: *wāqfa*, *wārta*, *wāṣla*, *wālda* “que dá à luz”.

Ativo pl. {1ā23īn}. Exemplos: *wāqfīn*, *wārtīn*, *wāṣlīn*.

Passivo s.m. {mə12ū3}. Exemplo: *mūṣūd* “que se encontra, presente”.

Passivo s.f. {mə12ū3a}. Exemplo: *mūṣūda*.

Passivo pl. {mə12ū3īn}. Exemplo: *mūṣūdīn*.

5.2.1.6. Verbos com conjugação própria

Alguns verbos apresentam uma conjugação própria, como é o caso de *kla* “ele comeu”, *ža* “ele veio” e *bga~ba* “ele quer”.

kla, *yākūl* “comer”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>klīt</i>	<i>klīna</i>
2.	<i>klīti</i>	<i>klītu</i>
3m.	<i>kla</i>	<i>klāw</i>
3f.	<i>klāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nākūl</i>	<i>nāklu</i>
2m.	<i>tākūl</i>	<i>tāklu</i>
2f.	<i>tāk^wli</i>	

3m.	<i>yākūl</i>	<i>yāklu</i>
3f.	<i>tākūl</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>kūl</i>	2.pl.	<i>kūli</i>
2s.f.	<i>kūlu</i>		

O verbo “comer” se conjuga como um verbo defectivo no perfectivo, como uma forma similar ao ár.cl. *ya ’kul* “ele come” no imperfectivo e como um verbo côncavo no imperativo.

Em alguns lugares, como Marraquexe, ele pode ser conjugado como um verbo côncavo no perf. *kāl* “ele comeu”²³⁶. Registramos em Essaouira duas formas dessa conjugação – *kūlti* “você comeu” e *kālu* “eles comeram” –, porém elas apareceram pontualmente na fala de dois informantes da medina. Para o nome particípio ativo, utiliza-se *wākəl* “que come, satisfeito” e para o passivo *mūkūl* “que foi comido”, como nos verbos assimilados iniciados por *w-*.

Outro verbo que alterna entre duas conjugações no perfectivo é o verbo *ħda~ħād* “ele pegou”, *yāħūd* “ele pega”.

Perfectivo					
	s.	pl.		s.	pl.
1.	<i>ħdīt</i>	<i>ħdīna</i>	1.	<i>ħātt (<ħādt)</i>	<i>ħādna</i>
2.	<i>ħdīti</i>	<i>ħdītu</i>	2.	<i>ħātti</i>	----- ²³⁷
3m.	<i>ħda</i>	<i>ħdāw</i>	3m.	<i>ħād</i>	-----
3f.	<i>ħdāt</i>		3f.	<i>ħādət</i>	

Seu imperativo é como o dos verbos côncavos: *ħūd* (m.), *ħūdi* (f.), *ħūdu* (pl).

²³⁶ Sánchez (2014, p. 132).

²³⁷ Não conseguimos registrar estas formas.

ža, iži “vir”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>žīt</i>	<i>žīna</i> ²³⁸
2.	<i>žīti</i>	<i>žītu</i>
3m.	<i>ža</i>	<i>žāw</i>
3f.	<i>žāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nži</i>	<i>nžīw</i>
2m.	<i>dži (<tži)</i>	<i>džīw~džu</i>
2f.	<i>dži</i>	
3m.	<i>iži</i>	<i>ižīw~ižu</i>
3f.	<i>dži</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>āži~ tšāla</i> ²³⁹	2.pl. <i>āžīw~ āžu</i>
2s.f.	<i>āži</i>	

Assim como nos verbos defectivos terminados em *-i* no imperfectivo, como *mša* “ele foi”, *yīmši* “ele irá”, esse verbo também apresenta para o pl. impf. ambas as variantes

²³⁸ Em Aquermoud, pronunciado como *žāyna* [ʒe:na], assim como em *ħassānīyya* (Cohen, 1963, p. 110).

²³⁹ Não apresenta relação com o verbo *ža*, mas aparece como variante ao imperativo masculino em Aquermoud (Francisco 2019, p.87). Na cidade predomina *āži*, assim como no resto do país. A variante beduína *tšāla* foi identificada nas seguintes localidades: no território Začr (próximo a Rabat), na vizinha Azamor (faixa atlântica), em Guelmime (sul) e em Rissani (Heath 2002, p.244). Behnstedt (2004, p. 56) verificou a variante *tšāna* (< *tšāla*) em Īgli, província de Errachidia, próximo a Rissani (sudeste).

-īw e a beduína -u: *ka-yžīw ~ ka-yžu* “eles vêm”, *ka-dži ~ ka-džu* “vocês vêm”. O mesmo ocorre no imperativo: *āžīw ~ āžu*²⁴⁰.

Apresenta apenas o nome particípio ativo: *žāy* “que vem” (m.), *žāya* (f.) e *žāyīn* (pl.).

bğa~ba, yībgi ~ibi “querer, gostar”²⁴¹

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>bgiṭ</i> ²⁴² ~ <i>bīt</i>	<i>bgiṇa</i>
2.	<i>bgiṭi</i> ~ <i>bīti</i>	<i>bgiṭu</i> ~ <i>bītu</i>
3m.	<i>bğa~ba</i>	<i>bgiāw</i>
3f.	<i>bgiāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nabgi</i>	<i>nabgiw</i>
2m.	<i>tābgi</i>	<i>tābgiw</i>
2f.	<i>tābgi</i>	
3m.	<i>yābgi</i>	<i>yābgiw</i>
3f.	<i>tābgi</i>	

Nome particípio ativo: *bāgi* (m.) “que quer”, *bāgya~bāga* (f.), *bāgyīn* (pl.).

²⁴⁰ Em *ḥassānīyya, ižu* (3pl.impf.), *tžu* (2pl.impf.), *nžu* (1pl.impf.) e *žu* (pl. imperativo) (Cohen, 1963, p.100).

²⁴¹ Esse verbo possui conotações diferentes nos dois aspectos: no perfectivo, seu sentido é de presente ou passado *bğa* “ele quer” ou “ele quis”, de acordo com o contexto da frase, ao passo que, no imperfectivo, *yībgi* possui como significado “amar” ou “gostar”.

²⁴² Também *bgiāt* (R) “eu quero”.

A variante *bġa* predomina sobre *ba*, que parece estar restrita à fala das pessoas mais velhas, sobretudo na fala de homens e mulheres da medina, como em *āš bīti nta?* “o que você quer?” e *āš bītu ntūma?* “o que vocês querem?”.

5.3. Formas derivadas

As formas derivadas do verbo consistem na adição de prefixos e infixos às raízes dos verbos de tipo simples, conferindo-lhes matizes de significado ou mesmo mudando a agentividade do verbo.

5.3.1. Forma II

5.3.1.1. Verbo simples

Essa forma verbal apresenta o esquema {1v22v3} e conota geralmente um sentido causativo da forma simples.

labbas, ilabbas “vestir (alguém)”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>labbast</i>	<i>labbasna</i>
2.	<i>labbasti</i>	<i>labbastu</i>
3m.	<i>labbas</i>	<i>labb-su</i>
3f.	<i>labb-sāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nlabbas</i>	<i>nlabb-su</i>
2m.	<i>tlabbas</i>	<i>tlabb-su</i>
2f.	<i>tlabb-si</i>	
3m.	<i>ilabbas</i>	<i>ilabb-su</i>
3f.	<i>tlabbas</i>	

Imperativo

2s.m. *labbās* 2.pl. *labbṣu*

2s.f. *labbṣi*

Nome participio:

S.m. {m1v22v3}: *mʕāllām* “que ensina, professor”, *mḥāddār* “urbano, citadino”.

S.f. {m1v223a}: *mʕāllma*, *mḥāddāra*.

Pl. {m1v223īn}: *mʕāllmīn*, *mḥāddārīn*.

5.3.1.2. Verbo geminado

Os verbos geminados possuem a segunda e a terceira letras radicais idênticas, seguindo o esquema {1v22v2} na forma II. Exemplos: *dallāl*, *idallāl* “regatear”, *ḥammām*, *iḥammām* “passar carvão ou fuligem”²⁴³.

A sequência de três consoantes idênticas pode resultar em alguns fenômenos, como no caso do verbo *šallāl*, *išallāl*²⁴⁴ “enxaguar”. No perfectivo, tem-se:

	s.	pl.
1.	<i>šallālt~šallāyt</i>	<i>šallālna~ šallāyna</i>
2.	<i>šallālti~šallāyti</i>	<i>šallāltu~šallāytu</i>
3m.	<i>šallāl</i>	<i>šallāl</i>
3f.	<i>šallālāt</i>	

²⁴³ Do árabe dialetal *ḥmūm* “fuligem”. O verbo *ḥammām* também denota a ação de dar banho, contudo, para evitar confusão com o verbo anterior, costuma-se utilizar expressões como *dār līh l-ḥammām* “fez para ele o banho” (tradução literal), empregando o verbo “fazer” (*dār*, *idīr*).

²⁴⁴ Não obtivemos registro da conjugação completa no imperfectivo e no imperativo para essa categoria de verbos, o que não significa que estejam ausentes no dialeto árabe local.

Note-se que se insere uma vogal epentética em 3f. e 3pl. para evitar a sequência de três consoantes idênticas. Destacam-se também as variantes com ditongo nas formas de 1 e 2, verificadas na fala do interior. Essa conjugação poderia ser resultado de uma analogia com um verbo simples regular *šall*, que exigiria o sufixo *-īt*, ou, como é o caso, a variante beduína *-āyt*.

5.3.1.3. Verbo côncavo

Os verbos côncavos na forma II apresentam *w* ou *y* como letras radicais na segunda posição, assumindo os esquemas {1ūwwə3} (*kūwwār*, *ikūwwār* “enrolar, fazer em formato de bola”, *šūwwəb*, *išūwwəb* “reparar, consertar”) e {1īyyə3} (*rīyyəḥ*, *irīyyəḥ* “sentar-se”, *ḥīyyəṭ*, *iḥīyyəṭ* “tecer”).

sūwwəl, *isūwwəl* “perguntar”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>sūwwəlt</i>	<i>sūwwəlna</i>
2.	<i>sūwwəlti</i>	<i>sūwwəltu</i>
3m.	<i>sūwwəl</i>	<i>sūwwlu</i>
3f.	<i>sūwwlāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nsūwwəl</i>	<i>nsūwwlu</i>
2m.	<i>tsūwwəl</i>	<i>tsūwwlu</i>
2f.	<i>tsūwwli</i>	
3m.	<i>isūwwəl</i>	<i>isūwwlu</i>
3f.	<i>tsūwwəl</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>sǔwwəl</i>	2.pl.	<i>sǔwwlu</i>
2s.f.	<i>sǔwwli</i>		

Nome participio:

S.m. {m1v22ə3}: *mzǔwwəž* “casado”, *mrǐyyəḥ* “sentado”.

S.f. {m1v223a}: *mzǔwwža*, *mrǐyyḥa*.

Pl. {m1v223īn}: *mzǔwwžīn*, *mrǐyyḥīn*.

5.3.1.4. Verbo defectivo

Na forma II, o verbo defectivo apresenta os paradigmas {1v22a} e {1v22i}, respectivamente, para o perfectivo e para o imperfectivo.

ṣəlla, *iṣəlli* “rezar, abençoar”.

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>ṣəllīt</i>	<i>ṣəllīna</i>
2.	<i>ṣəllīti</i>	<i>ṣəllītu</i>
3m.	<i>ṣəlla</i>	<i>ṣəllāw</i>
3f.	<i>ṣəllāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nṣəlli</i>	<i>nṣəllīw</i>
2m.	<i>tṣəlli</i>	<i>nṣəllīw</i>
2f.	<i>tṣəlli</i>	
3m.	<i>iṣəlli</i>	<i>iṣəllīw</i>
3f.	<i>tṣəlli</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>ṣəlli</i>	2.pl.	<i>ṣəllīw</i>
2s.f.	<i>ṣəlli</i>		

Atesta-se a variante beduína *-u* no imperativo plural: *nʔqqu* “limpem”, *ṣʔffu* “peneirem”²⁴⁵.

O nome particípio costuma ser passivo com o esquema {m1v22i}, com exceção de *mṣəlli* “que abençoa”, que aparece em fórmulas religiosas e canções²⁴⁶. Todas as outras formas possuem uma conotação passiva:

S.m. {m1v22i}: *mṛābbi* “criado (animais ou pessoas)”.

S.f. {m1v22īyya}: *mṛābbīyya*.

Pl. {m1v22īyyīn}: *mṛābbīyyīn*.

5.3.1.5. Verbo assimilado

O verbo assimilado apresenta a geminção da segunda letra radical, como é próprio dessa forma derivada, e *w* como primeira letra radical, seguindo o paradigma {wū22v3}.

wūkkəl, iwūkkəl “alimentar”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>wūkkəlt</i>	<i>wūkkəlna</i>
2.	<i>wūkkəlti</i>	<i>wūkkəltu</i>
3m.	<i>wūkkəl</i>	<i>wūkklu</i>
3f.	<i>wūkkālāt</i>	

²⁴⁵ Assim como nos verbos simples defectivos do primeiro grupo e com o verbo “vir” (*ža*).

²⁴⁶ Referindo-se normalmente a Deus, como nas canções de trabalho dos pescadores da cidade: *āllāh mṣəlli ṣlik ā raṣūl llāh* “Que Deus faça recair suas bênçãos sobre ti, ó, Enviado de Deus”.

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nwŭkkəl</i>	<i>nwŭkklu</i>
2m.	<i>twŭkkəl</i>	<i>twŭkklu</i>
2f.	<i>twŭkkli</i>	
3m.	<i>iwŭkkəl</i>	<i>iwŭkklu</i>
3f.	<i>twŭkkəl</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>wŭkkəl</i>	2.pl.	<i>wŭkklu</i>
2s.f.	<i>wŭkkli</i>		

O sentido do particípio é sempre passivo: {mwŭ22v3}:

S.m. {m1v22i}: *mwŭkkəl* “que foi alimentado”.

S.f. {m1v22ŭyya}: *mwŭkkla*.

Pl. {m1v22ŭyyīn}: *mwŭkklīn*.

Alguns verbos podem ser assimilados e defectivos seguindo o paradigma {wŭ22a}, como em:

wŭrra “ele mostrou”, *iwŭrrī* “ele mostrará”.

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>wŭrrīt</i>	<i>wŭrrīna</i>
2.	<i>wŭrrīti</i>	<i>wŭrrītu</i>
3m.	<i>wŭrra</i>	<i>wŭrrāw</i>
3f.	<i>wŭrrāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nwŭrri</i>	<i>nwŭrrīw</i>
2m.	<i>twŭrri</i>	<i>twŭrrīw</i>
2f.	<i>twŭrri</i>	
3m.	<i>iwŭrri</i>	<i>iwŭrrīw</i>
3f.	<i>twŭrri</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>wŭrri</i>	2.pl.	<i>wŭrrīw</i>
2s.f.	<i>wŭrri</i>		

Exemplos de nome particípio para esse tipo de verbo são os seguintes: *mwŭḍḍi* “limpo, com as abluções feitas” e *mwŭnni* “certo, seguro”²⁴⁷, utilizado nas perguntas *mwŭnni?* “tem certeza?” e *wāš nta mwŭnni?* “você está certo disso?” para se certificar de algo.

5.3.2. Forma III

5.3.2.1. Verbo simples

Os verbos regulares seguem o esquema {1ā2v3}, que é formado pela adição de um infix -ā- após a primeira letra radical.

ṣāfəṛ, iṣāfəṛ “viajar”

²⁴⁷ Do verbo *wŭnna iwŭnni*, que denota o ato de cavar em torno da tenda para o escoamento de água. Seu sentido figurado é “tomar precaução” (DAF, vol. 12, pp. 283-284).

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>ṣāfəṭ</i>	<i>ṣāfəṭna</i>
2.	<i>ṣāfəṭti</i>	<i>ṣāfəṭtu</i>
3m.	<i>ṣāfəṭ</i>	<i>ṣāfṛu</i>
3f.	<i>ṣāfṛāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nṣāfəṭ</i>	<i>nṣāfṛu</i>
2m.	<i>tṣāfəṭ</i>	<i>tṣāfṛu</i>
2f.	<i>tṣāfṛi</i>	
3m.	<i>iṣāfəṭ</i>	<i>iṣāfṛu</i>
3f.	<i>tṣāfəṭ</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>ṣāfəṭ</i>	2.pl.	<i>ṣāfṛu</i>
2s.f.	<i>ṣāfṛi</i>		

Nome participio ativo segue o paradigma:

S.m. {m1ā2ə3}: *mṣāfəṭ* “que viaja, viajante”, *mqābəl* “que cuida, vigia”.

S.f. {m1ā23a}: *mṣāfṛa*, *mqābla*.

Pl. {m1ā23īn}: *mṣāfṛīn*, *mqāblīn*.

5.3.2.2. Verbo geminado

O paradigma do verbo geminado de forma III é {1ā22}.

qādd, *iqādd* “nivelar, reparar”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>qāddīt</i>	<i>qāddīna</i>
2.	<i>qāddīti</i>	<i>qāddītu</i>
3m.	<i>qādd</i>	<i>qāddu</i>
3f.	<i>qāddāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nqādd</i>	<i>nqāddu</i>
2m.	<i>tqādd</i>	<i>tqāddu</i>
2f.	<i>tqāddi</i>	
3m.	<i>iqādd</i>	<i>iqāddu</i>
3f.	<i>tqādd</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>qādd</i>	2.pl.	<i>qāddu</i>
2s.f.	<i>qāddi</i>		

Nome participio segue o paradigma:

S.m. {m1ā2ə3}: *mqādd* “nivelado”.

S.f. {m1ā23a}: *mqādda*.

Pl. {m1ā23īn}: *mqāddīn*.

5.3.2.3. Verbo côncavo

Corresponde aos paradigmas {lāwv3} e {lāyv3}.

O paradigma com *w* como segunda letra radical apresenta a conjugação:

ṣāwǔn, iṣāwǔn “ajudar”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>ṣāwǔnt</i>	<i>ṣāwǔnna</i>
2.	<i>ṣāwnti</i>	<i>ṣāwǔntu</i>
3m.	<i>ṣāwǔn</i>	<i>ṣāwnu</i>
3f.	<i>ṣāwnāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nṣāwǔn</i>	<i>nṣāwnu</i>
2m.	<i>tṣāwǔn</i>	<i>tṣāwnu</i>
2f.	<i>tṣāwni</i>	
3m.	<i>iṣāwǔn</i>	<i>iṣāwnu</i>
3f.	<i>tṣāwǔn</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>ṣāwǔn</i>	2.pl.	<i>ṣāwnu</i>
2s.f.	<i>ṣāwni</i>		

Nome participio

S.m. {m1āwə3}: *mṣāwǔn* “nivelado”.

S.f. {m1āw3a}: *mṣāwna*.

Pl. {m1āw3īn}: *mṣāwnīn*.

O paradigma com *y* como segunda letra radical conjuga-se da seguinte forma:

ṣāyəb, iṣāyəb “preparar, fazer”²⁴⁸

²⁴⁸ A forma deste verbo com *y* como segunda letra radical é comum tanto no território Chiadma como na cidade de Essaouira, podendo ser encontrada também em Marraquexe (Sánchez, 2014, p.146). Este mesmo verbo apresenta a variante *ṣāwəb*, mais comum em outras partes do Marrocos.

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>ṣāyəbt</i>	<i>ṣāyəbna</i>
2.	<i>ṣāybti</i>	<i>ṣāybtu</i>
3m.	<i>ṣāyəb</i>	<i>ṣāybu</i>
3f.	<i>ṣāybāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nṣāyəb</i>	<i>nṣāybu</i>
2m.	<i>tṣāyəb</i>	<i>tṣāybu</i>
2f.	<i>tṣāybi</i>	
3m.	<i>iṣāyəb</i>	<i>iṣāybu</i>
3f.	<i>tṣāyəb</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>ṣāyəb</i>	2.pl.	<i>ṣāybu</i>
2s.f.	<i>ṣāybi</i>		

Nome participio

S.m. {m1āyə3}: *mṣāyəb* “preparado, feito”.

S.f. {m1āy3a}: *mṣāyba*.

Pl. {m1āy3īn}: *mṣāybīn*.

5.3.2.4. Verbo defectivo

O verbo defectivo segue o padrão {1ā3a}.

sāla, *isāli* “terminar”²⁴⁹

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>sālīt</i>	<i>Sālīna</i>
2.	<i>sālīti</i>	<i>Sālītu</i>
3m.	<i>sāla</i>	<i>Sālāw</i>
3f.	<i>sālāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nsāli</i>	<i>nsālīw</i>
2m.	<i>tsāli</i>	<i>tsālīw</i>
2f.	<i>tsāli</i>	
3m.	<i>isāli</i>	<i>isālīw</i>
3f.	<i>tsāli</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>sāli</i>	2.pl.	<i>sālīw</i>
2s.f.	<i>sāli</i>		

Nome participio

S.m. {m1āyə3}: *msāli* “terminado”.

S.f. {m1āy3a}: *msālya*.

Pl. {m1āy3īn}: *msālyīn*.

²⁴⁹ A forma desse verbo com y como segunda letra radical é comum tanto no território Chiadma como na cidade de Essaouira, podendo ser encontrada também em Marraquexe (Sánchez, 2014, p. 146). Ele também apresenta a variante *ṣāwəb*, mais comum em outras partes do Marrocos.

5.3.2.5. Verbo assimilado

A primeira letra radical desse verbo é *w* e seu paradigma é {wā2v3}.

wāfəq, *iwāfəq* “concordar”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>wāfəqt</i>	<i>wāfəqna</i>
2.	<i>wāfəqti</i>	<i>wāfəqtu</i>
3m.	<i>wāfəq</i>	<i>wāfqu</i>
3f.	<i>wāfqāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nwāfəq</i>	<i>nwāfqu</i>
2m.	<i>twāfəq</i>	<i>twāfqu</i>
2f.	<i>twāfqi</i>	
3m.	<i>iwāfəq</i>	<i>iwāfqu</i>
3f.	<i>twāfəq</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>wāfəq</i>	2.pl.	<i>wāfqu</i>
2s.f.	<i>wāfqi</i>		

Nome particípio

S.m. {m1ā2ə3}: *mwāfəq* “acordado”, *mbārək* “abençoado”.

S.f. {m1ā23a}: *mwāfqa*, *mbārka*.

Pl. {m1ā23īn}: *mwāfqīn*, *mbārķīn*.

5.3.3. Forma V

5.3.3.1. Verbo simples

A forma V é estruturada a partir da adição de um prefixo *t-* à forma II, seguindo o esquema {t1v22v3}. Esses verbos, em geral, possuem um valor passivo ou reflexivo: *gǎyyar* “ele mudou (transitivo)” (forma II), *tǎǎyyar* “ele mudou (intransitivo)” (forma V).

tfǎrrǎž, *yǐtfǎrrǎž* “assistir”.

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>tfǎrrǎžt</i>	<i>tfǎrrǎžna</i>
2.	<i>tfǎrrǎžti</i>	<i>tfǎrrǎžtu</i>
3m.	<i>tfǎrrǎž</i>	<i>tfǎrrǎžu</i>
3f.	<i>tfǎrrǎžāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nǎtfǎrrǎž</i>	<i>nǎtfǎrrǎžu</i>
2m.	<i>tǎtfǎrrǎž</i>	<i>tǎtfǎrrǎžu</i>
2f.	<i>tǎtfǎrrǎži</i>	
3m.	<i>yǐtfǎrrǎž</i>	<i>yǐtfǎrrǎžu</i>
3f.	<i>tǎtfǎrrǎž</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>tfǎrrǎž</i>	2.pl.	<i>tfǎrrǎžu</i>
2s.f.	<i>tfǎrrǎži</i>		

Nome participio

S.m. {mǎt1v22ǎ3}: *mǎtǎllǎm* “educado, culto”.

S.f. {mǎt1v223a}: *mǎtǎllma*.

Pl. {mæt1v223īn}: *mætʕallmīn*.

5.3.3.2. Verbo geminado

Seu paradigma é {t1v22v2}, como na conjugação a seguir:

tḥamməm, yṯḥamməm “sujar-se de carvão ou fuligem”²⁵⁰

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>tḥamməmt</i>	<i>tḥamməmna</i>
2.	<i>tḥamməmti</i>	<i>tḥamməmtu</i>
3m.	<i>tḥamməm</i>	<i>tḥammʔmu</i>
3f.	<i>tḥammʔmāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nəṯḥamməm</i>	<i>nəṯḥammʔmu</i>
2m.	<i>təṯḥamməm</i>	<i>təṯḥammʔmu</i>
2f.	<i>təṯḥammʔmi</i>	
3m.	<i>yṯḥamməm</i>	<i>yṯḥammʔmu</i>
3f.	<i>təṯḥamməm</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>tḥamməm</i>	2.pl.	<i>tḥammʔmu</i>
2s.f.	<i>tḥammʔmi</i>		

5.3.3.3. Verbo côncavo

Esses verbos seguem o paradigma {t1ūwwə3}.

²⁵⁰ Também pode significar “banhar-se”, mas, para evitar ambiguidade, utiliza-se a expressão *ḍrəb b-tāḥmīma* “tomou um banho”, assim como acontece na forma II.

tsǔwwəl, yǐtsǔwwəl “ser perguntado”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>tsǔwwəlt</i>	<i>tsǔwwəlna</i>
2.	<i>tsǔwwəlti</i>	<i>tsǔwwəltu</i>
3m.	<i>tsǔwwəl</i>	<i>tsǔwwlu</i>
3f.	<i>tsǔwwlāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nətsǔwwəl</i>	<i>nətsǔwwlu</i>
2m.	<i>tətsǔwwəl</i>	<i>tətsǔwwlu</i>
2f.	<i>tətsǔwwli</i>	
3m.	<i>yǐtsǔwwəl</i>	<i>yǐtsǔwwlu</i>
3f.	<i>tətsǔwwəl</i>	

5.3.3.4. Verbo defectivo

Esses verbos, para o perfectivo, apresentam a vogal *a* como terceira letra radical no esquema {t1ə22a}. Ela é mantida no imperfectivo, seguindo o paradigma {yǐt1ə22a}.

tsəmma, yǐtsəmma “chamar-se”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>tsəmmīt</i>	<i>tsəmmīna</i>
2.	<i>tsəmmīti</i>	<i>tsəmmītu</i>
3m.	<i>tsəmma</i>	<i>tsəmmāw</i>
3f.	<i>tsəmmāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nətsəmma</i>	<i>nətsəmmāw</i>
2m.	<i>tətsəmma</i>	<i>tətsəmmāw</i>
2f.	<i>tətsəmmāy</i>	
3m.	<i>yītsəmma</i>	<i>yītsəmmāw</i>
3f.	<i>tətsəmma</i>	

Em nossas gravações, o verbo é utilizado normalmente com o prevérbio *ka-*, resultando em formas sem a primeira vogal breve: *ka-ntsəmma* “eu sou chamado de”, *ka-ttsəmma* “você é chamado de”, *ka-ttsəmmāw* “vocês são chamados de”.

Para o nome particípio desses verbos, utilizam-se os nomes da forma II, como *msəm̩mi* (m.) “que é chamado de”, *msəm̩y̯ya* (f.), *msəm̩y̯yīn* (pl.).

5.3.3.5. Verbo assimilado

O paradigma dos verbos assimilados é {twũ22ə3}.

twũkkəl, *yĩtwũkkəl* “ser alimentado”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>twũkkəlt</i>	<i>twũkkəl̩na</i>
2.	<i>twũkkəlti</i>	<i>twũkkəltu</i>
3m.	<i>twũkkəl</i>	<i>twũkklu</i>
3f.	<i>twũkk̩lāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nətwũkkəl</i>	<i>nətwũkklu</i>

2m.	<i>tətwǔkkəl</i>	<i>tətwǔkklu</i>
2f.	<i>tətwǔkkli</i>	
3m.	<i>yǐtwǔkkəl</i>	<i>yǐtwǔkklu</i>
3f.	<i>tətwǔkkəl</i>	

Não registramos o imperativo e o nome particípio para esses verbos.

5.3.4. Forma VI

5.3.4.1. Verbo simples

A forma VI consiste na forma III acrescida de um prefixo *t-*: {t1ā2ə3}. Em alguns casos, pode apresentar um sentido reflexivo ou recíproco: *tṣāyər*, *yǐṣāyər* “insultar-se”.

Não conseguimos dados para os verbos geminados e côncavos.

tḥāsən, *yǐtḥāsən* “fazer o bem a”.

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>tḥāsənt</i>	<i>tḥāsna</i>
2.	<i>tḥāsənti</i>	<i>tḥəsəntu</i>
3m.	<i>tḥāsən</i>	<i>tḥāsnu</i>
3f.	<i>tḥāsnāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nəṭḥāsən</i>	<i>nəṭḥāsnu</i>
2m.	<i>təṭḥāsən</i>	<i>təṭḥāsnu</i>
2f.	<i>təṭḥāsni</i>	
3m.	<i>yǐṭḥāsən</i>	<i>yǐṭḥāsnu</i>
3f.	<i>təṭḥāsən</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>thāsən</i>	2.pl.	<i>thāsnu</i>
2s.f.	<i>thāsni</i>		

5.3.4.2. Verbo defectivo

O verbo defectivo segue a conjugação dos defectivos nas outras formas, acrescido de *t-* em sua raiz.

*tlāqa, yītlāqa*²⁵¹ “encontrar-se”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>tlāqīt</i>	<i>tlāqīna</i>
2.	<i>tlāqīti</i>	<i>tlāqītu</i>
3m.	<i>tlāqa</i>	<i>tlāqāw</i>
3f.	<i>tlāqāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nətlāqa</i>	<i>nətlāqāw</i>
2m.	<i>tətlāqa</i>	<i>tətlāqāw</i>
2f.	<i>tətlāqāy</i>	
3m.	<i>yītlāqa</i>	<i>yītlāqāw</i>
3f.	<i>tətlāqa</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>tlāqa</i>	2.pl.	<i>tlāqāw</i>
2s.f.	<i>tlāqāy</i>		

Não se verificou o uso de nomes participípios.

²⁵¹ Alterna com a variante *tlāga, yītlāga*.

5.3.5. Forma VII

Essa forma se constrói a partir da adição do prefixo *n-* ao verbo regular da forma I, conferindo-lhe o sentido de uma ação reflexiva ou passiva, conforme o esquema {n12ə3}. Ela não consta nos nossos dados de Essaouira. Obtivemos apenas *nqārəd* “ele desapareceu, acabou” e *nqārđāt* (3f.perf.), que não se enquadram no seu paradigma e parecem um empréstimo da forma do árabe padrão **inqaraḍa* “foi extinto”. O mesmo informante utilizou o nome particípio *mūnqārəd* “extinto” (<ár.cl. *munqariḍ*).

5.3.6. Forma VIII

5.3.6.1. Verbo simples

Essa forma é caracterizada pelo infixo *-t-* e segue o paradigma {1tā2ə3}. Possui um sentido reflexivo muitas vezes e parece resultar da influência do árabe padrão sobre o dialeto. Exemplificam-na: *ʕtāməd*, *yʕtāməd* “apoiar-se, depender”; *ftāḥər*, *yiftāḥər* “orgulhar-se”, *ḥtārəm*, *yḥtārəm* “respeitar”; *ntāqəl*, *yntāqəl* “mudar-se”. Seu uso foi identificado na cidade e no interior. Não foram encontrados verbos geminados, assimilados e defectivos. Conjuga-se do seguinte modo:

stāfəd, *yistāfəd* “aproveitar, usufruir”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>stāf^odt</i>	<i>stāfdna</i>
2.	<i>stāf^oditi</i>	<i>stāf^odtu</i>
3m.	<i>stāfəd</i>	<i>stāfdu</i>
3f.	<i>stāfd^ot</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nəstāfəd</i>	<i>nəstāfdu</i>
2m.	<i>təstāfəd</i>	<i>təstāfdu</i>
2f.	<i>təstāfdi</i>	
3m.	<i>yīstāfəd</i>	<i>yīstāfdu</i>
3f.	<i>təstāfəd</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>stāfəd</i>	2.pl.	<i>stāfdu</i>
2s.f.	<i>stāfdi</i>		

Não se verificou o uso de nomes participios.

5.3.6.2. Verbo côncavo

Encontramos um único exemplo, que segue a conjugação:

ṛtāḥ, yīṛtāḥ “descansar”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>ṛtāḥ^at</i>	<i>ṛtāḥna</i>
2.	<i>ṛtāḥti</i>	<i>ṛtāḥtu</i>
3m.	<i>ṛtāḥ</i>	<i>ṛtāḥu</i>
3f.	<i>ṛtāḥət</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nəṛtāḥ</i>	<i>nəṛtāḥu</i>
2m.	<i>təṛtāḥ</i>	<i>təṛtāḥu</i>

2f.	<i>təṛtāḥi</i>	
3m.	<i>yṛtāḥ</i>	<i>yṛtāḥu</i>
3f.	<i>təṛtāḥ</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>ṛtāḥ</i>	2.pl.	<i>ṛtāḥu</i>
2s.f.	<i>ṛtāḥi</i>		

Nome participio

S.m. {mə12ā3}: *məṛtāḥ* “à vontade, descansado”.

S.f. {mə12ā3a}: *məṛtāḥa*.

Pl. {mə12ā3īn}: *məṛtāḥīn*.

5.3.7. Forma IX

Segue o paradigma {12ā3} e indica qualidades físicas, como cor ou estado, segundo se vê em *šlāḥ*, *yṣlāḥ* “ser correto”, ou ainda a mudança dessas qualidades, como em *ḥmāq*, *yḥmāq* “enlouquecer”. Um verbo bastante utilizado nessa forma é *ḥlāq* “nascer”, para o qual encontramos as conjugações *ḥlāqt* “eu nasci” e *ḥlāqu* “eles nasceram”²⁵². Não obtivemos a conjugação completa para essa categoria.

5.3.8. Forma X

5.3.8.1. Verbo simples

Essa forma se constrói com a adição do prefixo *st-* ao verbo regular conforme o paradigma {stə12ə3}. Não obtivemos dados para os verbos côncavos, defectivos e assimilados.

²⁵² O verbo aparece com frequência na fala de J2, o informante judeu mais idoso. Também foi confirmado no interior.

stəʃməl, yǐstəʃməl “utilizar”

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>stəʃməlt</i>	<i>stəʃməlna</i>
2.	<i>stəʃməlti</i>	<i>stəʃməltu</i>
3m.	<i>stəʃməl</i>	<i>stəʃmlu</i>
3f.	<i>stəʃmlāt</i>	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nəstəʃməl</i>	<i>nəstəʃmlu</i>
2m.	<i>təstəʃməl</i>	<i>təstəʃmlu</i>
2f.	<i>təstəʃmli</i>	
3m.	<i>yǐstəʃməl</i>	<i>yǐstəʃmlu</i>
3f.	<i>təstəʃməl</i>	

Imperativo

2s.m.	<i>stəʃməl</i>	2.pl.	<i>stəʃmlu</i>
2s.f.	<i>stəʃmli</i>		

Nome participio

S.m. {məstə12ə3}: *məstəʃməl* “usado”.

S.f. {məstə123a}: *məstəʃmla*.

Pl. {məstə123īn}: *məstəʃmlīn*.

5.3.8.2. Verbo geminado

O verbo geminado segue o paradigma {st1ə22}. Conseguimos um único exemplo:

stʰəqǎrʰ “ele se estabeleceu”, *stǎqʰrʰu* “eles se estabeleceram”. O paradigma do nome

particípio é {məstlə22}, para o qual obtivemos unicamente *məstāqrra* (f.) “estabelecida, residente”.

5.4. Verbo quadrilítere

São verbos que possuem uma raiz formada por quatro letras, que podem ser consoantes ou vogais. Os verbos encontrados apresentam os paradigmas a seguir:

- a) {1ə23ə4}: *hərnəṭ, ihərnəṭ* “relinchar, zurrar”, *hənqāz, ihənqāz* “pular”; *təṭṭəm, itəṭṭəm* “traduzir”.
- b) {1v23a}: *ṣəqṣa, iṣəqṣi* “perguntar” (<ár. cl. *istaqṣa* “indagar, inquirir”).
Nome particípio: *mṣəqṣya* (f.) “pergunta” (J).
- c) {1ī3v4}: *ṣīfəṭ, iṣīfəṭ* “enviar” (<berb. *ssifd*)²⁵³. Também *ṣāfəḍ* (<ṣāfəṭ) para os informantes judeus.

5.5. Voz passiva

As marcas das vozes passiva e reflexiva nos verbos são o prefixo *t-* e o infix *-t-*, que aparecem nas formas V, VI e VIII. Nesse sentido, a prefixação de *t-/tt-* em verbos regulares serve para expressar a voz passiva. A seguir, listam-se exemplos de verbos simples e de uma sentença: *ddəṣṣəṣ, yiddəṣṣəṣ* “ferir-se”²⁵⁴; *ṭṭəḍṭəḍ, yṭṭəḍṭəḍ* “apanhar”; *ṭṭəḥṭəḥ, yṭṭəḥṭəḥ* “queimar-se”; *ṭəṭṭəṭ b-əl-māšākīl* “fui estraçalhado pelos problemas” (lit. “macerado”).

Os verbos côncavos também apresentam esta forma: *tgāl, yṭgāl* “ser dito”; *tšāf, yṭšāf* “ser visto”; *tdār, yṭdār~yiddār* “ser feito”²⁵⁵; *tkāl, yṭkāl* “ser roubado, explorado” (lit. “comido”). Exemplo: *ḍ-ḍār tbāṣəṭ* “a casa foi vendida”.

²⁵³ DAF (vol. 8, p. 152).

²⁵⁴ /dd/ < /tt/ devido à sonorização na presença de /ž/.

²⁵⁵ Sem sonorização de /t/.

5.5.1. O verbo *dzād*

O verbo *dzād*, *yǐdzād* “nascer” é amplamente utilizado na cidade de Essaouira e na sua zona rural. Sua origem provável é o verbo *zād* “aumentar, adicionar” acompanhado pelo prefixo de reflexivo *t-*, que se sonoriza devido à proximidade de /z/²⁵⁶. Ele apresenta uma conjugação híbrida com grande variação em muitas formas no perfectivo.

Perfectivo

	s.	pl.
1.	<i>dzətt</i> ²⁵⁷ ~ <i>dzādīt</i>	<i>dzədna</i> ~ <i>dzādīna</i>
2.	<i>dzətti</i> ~ <i>dzādīti</i>	<i>dzəttu</i> ²⁵⁸ ~ <i>dzādītu</i>
3m.	<i>dzād</i>	<i>dzādu</i> ~ <i>dzādāw</i>
3f.	<i>dzādət</i> ~ <i>dzādāt</i> ²⁵⁹	

Imperfectivo

	s.	pl.
1.	<i>nədzād</i>	<i>nədzādu</i>
2m.	<i>ddzād</i> ²⁶⁰	<i>ddzādu</i>
2f.	<i>ddzādi</i>	
3m.	<i>yǐdzād</i>	<i>yǐdzādu</i>
3f.	<i>ddzād</i>	

A conjugação sufixal no perfectivo desse verbo apresenta duas possibilidades. A conjugação com redução de /ā/ em /ə/ para 1. e 2., como é comum nos verbos côncavos,

²⁵⁶ DAF (vol 5, p. 434)

²⁵⁷ < *dzədt*.

²⁵⁸ Uma única vez *dzādtu* no questionário de J1.

²⁵⁹ O uso do sufixo *-āt* (3f.) para um verbo côncavo no perfectivo, ao invés de *-ət*, remete aos relatos dos informantes que afirmam existir formas como *šāfāt* “ela viu” na fala de mulheres da medina e *kānīt* “ela era, foi” na fala dos judeus.

²⁶⁰ < **tdzād*.

predominou na fala dos informantes com origem na medina de Essaouira, enquanto a conjugação com preservação de /ā/ e adição de -ī- (1. e 2.), bem como -āt (3f.) e -āw (3pl.), predominou em Aquermoud e nos informantes de Essaouira com origem no interior. Curiosamente, o informante judeu que deixou a cidade ainda jovem e retornou há alguns anos alternou entre as duas conjugações para determinadas pessoas²⁶¹. Isso pode ser um indício de que a variante rural está entrando no falar da cidade.

Outro ponto interessante é que essa conjugação de marca rural *dzādīt* (1s.) parece ser própria de localidades no norte do Marrocos²⁶², onde Heath (2002, p. 363) registrou a forma *tšāft* “fui visto”, ao passo que no sul registrou-se *tšəft~ttšəft* para a mesma forma.

5.6. Valor dos aspectos verbais

O sistema verbal do dialeto marroquino, assim como o do árabe clássico e o das outras línguas semíticas²⁶³, não diferencia tempos verbais, e sim ações concluídas e não concluídas, definindo o que se entende como aspecto perfectivo, no primeiro caso, e imperfectivo, no segundo caso.

5.6.1. Perfectivo

O perfectivo expressa ações acabadas com relação ao tempo em que se fala. Os principais contextos dos seus usos são:

- a) expressão de ações que aconteceram no passado e que já foram concluídas no momento em que se fala: *šāmmi lli māt* “meu tio que morreu”; *hādīk ḍ-ḍār hīyya fīn kḥər bāḥa* “aquela é a casa onde cresceu meu pai”;

²⁶¹ J1 mesclou os paradigmas seguindo a regra dos verbos côncavos para 1s. (*dzātt*), mas a dos defectivos para 2s. (*dzādīti*). Também é interessante notar que o segundo informante judeu (J2), que nunca retornou à cidade para morar, utiliza o verbo *hlāq* para “nascer”.

²⁶² Tânger, Mequinez, Fez, Taza, Ujda, Sefrou e Erfoud.

²⁶³ Cf. Lipinski (1997).

- b) na prótase das orações condicionais: (I) *ila žiti tāhfūr fə-l-ārd, ka-talqa l-ma* “se você for²⁶⁴ cavar o solo, vai encontrar água”; (II) *ila galti* “se você disser (...)”; (III) *kūn kūnt āna l-bāša, gādi ndīr (...)* “se eu fosse o governador, faria (...)”;
- c) com sentido optativo ou de juramento, contendo normalmente valor de futuro e correspondendo ao presente do subjuntivo do português: *tbārək āllāh ʕlīk* “bom trabalho, parabéns” (lit. “que Deus te abençoe”);
- d) com verbos resultativos²⁶⁵ e verbos que expressam conhecimento, sentimento ou sensação, contendo valor de presente: *fhəmti?* “entende?”; *ma ʕrāf-š*²⁶⁶ “não sei”; *āš həbbāt ʕlīk hətṛək?* “precisa de alguma coisa?”;
- e) com o verbo *bga~ba* “querer” no perfectivo, sempre com sentido de presente: *āš bīti?* “o que você quer?”, *bga yīthərrəš* “ele quer assediar”, *bīt nsīwwlək* “quero te perguntar”;
- f) quando acompanhado do advérbio *dāba* “agora”, contém sentido de i) passado recente, como em *dāba twūffa* “acabou de morrer”, ou ii) presente, como em *dāba ma bqāw-š* “não restam, não existem mais”.

5.6.2. Imperfectivo

Os verbos no imperfectivo expressam ações inacabadas e podem aparecer acompanhados ou não de prevérbio.

²⁶⁴ Lit. “você veio”.

²⁶⁵ Termo utilizado por Aguadé e Elyacoubi (1995, p. 82) para se referir a verbos que indicam um estado final como resultado de um processo concluído.

²⁶⁶ < *ma ʕrāft-š*.

5.6.2.1.Com os prevérbios *ta-* e *ka-*

O verbo no imperfeito pode ser utilizado com os prevérbios *ta-* e *ka-*²⁶⁷, que são partículas prefixadas com o fim de expressar nuances temporais. A vogal /a/ dessas partículas demonstrou-se instável quando seguida do prefixo de 3m. *yə-/i-*, passando a *k-* e *t-*.

Uma de suas funções consiste em relatar verdades universais, fatos ou definições: *t-iṣmār lə-bḥār* “o mar enche”, *lāmārya ta-džīb l-ḥūt šwīyya* “a maré cheia traz um pouco mais de peixe”, *l-bāḥīra hādīk lli ka-təbqa f-əd-dāxəl d-əl-bḥār yūmāyn* “*l-bāḥīra* é aquele [tipo de navio] que fica dentro do mar por dois dias”, *k-yītsamma* “chama-se”, *ta-ykūn l-ḥūt bəzzāff l-ə-bḥār* “o mar fica com muito peixe”.

É empregado também para expressar ações habituais com um certo padrão de repetição ou para descrever costumes, apresentando geralmente sentido de presente: *ta-ngūlu* “dizemos, costumamos dizer”, *kāyən lli ka-ydīrha b-əl-lḥām* “há quem a prepare com carne”, *k-ižībdu mənha l-ḥlīb* “eles tiram leite dela”, *l-bāḥīrya ta-ykūnu səttās* “costumam ser dezesseis marinheiros”.

Em alguns casos pode, inclusive, expressar uma ação que ocorre no momento em que se fala: *ka-tšūm?* “você jejuia, está jejuando?”, *ta-dži* “(a palavra) está vindo”²⁶⁸. Outra maneira de conferir duração à ação envolve a sequência nome participio ativo *bārək* “sentado” como auxiliar + verbo no imperfeito: *āna bārka ka-nšūf* “eu fico olhando” (lit. “estou sentada e olho”).

A maioria de nossos informantes alternou entre os dois prevérbios. Identificou-se, porém, que aqueles com origens no interior, no território Chiadma, empregaram *ka-* com

²⁶⁷ Aguadé (1998a) faz um levantamento da distribuição dessas partículas no Marrocos, demonstrando que, embora haja alternância entre as duas em diferentes partes do país, *ka-* é um traço pré-hilaliano predominante no norte do país e nos dialetos citadinos, ao passo que *ta-* é hilaliano, verificado em localidades como Marraquexe, Tadla, Skura e vale do Draa e notado com maior frequência na fala da população mais idosa.

²⁶⁸ Expressão utilizada enquanto tenta recordar uma palavra.

muito mais frequência, ao passo que os habitantes da medina de Essaouira utilizaram mais *ta-*, inclusive os judeus, em cuja fala figurou apenas a segunda partícula²⁶⁹. Logo, no caso de Essaouira, *ka-* parece ser uma variante rural²⁷⁰ e *ta-*, uma variante urbana.

A ausência de prevérbio nas situações acima é um traço beduíno²⁷¹ e quase não ocorre no dialeto local, exceto pela fala de um único informante judeu²⁷²: *āna nəʕqəl ʕla l-mərša d-əṣ-ṣwīra* “eu me lembro do porto de Essaouira”, *kūnna nəṣṣyydu hnāk* “pescávamos ali”, *ma nəṣṣəf-s* “não sei”.

No entanto, há casos específicos em que não se utiliza o prevérbio junto ao verbo no imperfeito.

5.6.2.2. Sem prevérbio

O verbo imperfeito sem o prevérbio exprime nuances de tempo.

Pode se referir a um futuro próximo, com ou sem o advérbio *dāba* “agora”: *dāba nwūrrīk tṣāwəṛ Rāṣīda* “já vou lhe mostrar as fotos de Rachida”, *dāba nəṣāwd nəḥkəṛ fiha* “volto a pensar nela daqui a pouco”, *nəṣāwdək wāḥəd l-qīṣṣa* “vou lhe contar uma história”, *nkəmməl līk l-histoire?* “posso terminar a história para você?”.

Outro sentido veiculado por ele é o de desejo, geralmente em expressões de polidez, correspondendo ao presente do subjuntivo em português: *āllāh ikəmmel ʕlīk* “que Deus concretize aquilo que desejas”, *āllāh yīḥfdək* “Deus te proteja”.

²⁶⁹ Lévy (2009) havia apontado que o dialeto dos judeus de Essaouira era marcado por um predomínio de *ta-* sobre *ka-*, contudo, em nossos dados, obtivemos unicamente *ta-*.

²⁷⁰ Socin (1893) descreve *ka-* na fala de seus informantes muçulmanos para Essaouira.

²⁷¹ Cohen (1963, pp. 111-116).

²⁷² J2 quase não utiliza prevérbios, exceto pelo uso pontual de *ta-*. Segundo Heath (2002, p.216), a ausência de prevérbio no imperfeito com função de presente habitual é uma característica de falantes judeus tanto no norte quando no sudeste do Marrocos.

Aparece também em insultos e pragas: *ǎllāh yǐḥṭīk ṭ-tūfīs* “Deus te dê tifo”, *ǎllāh yǐḥṭīk ž-žhəl* “que Deus te dê raiva (doença)”, *ǎllāh yǐnḥəl²⁷³ ḥlīk wālidīk* “que Deus amaldiçoe seus pais”.

Por fim, é comum que verbos no imperfectivo não apresentem prevérbios em relatos, uma vez que já estão contextualizados temporalmente por um prevérbio de um verbo que os precede: *l-ḥrūsa ka-tḥāwūd u-təmši u-təržəḥ b-ləbsa ūḥra* “a noiva repete (a entrada), sai e volta com outro vestido”.

5.6.3. Verbo *kān* como auxiliar

É utilizado junto a um verbo principal ou a um nome particípio ativo para exprimir matizes de aspecto e tempo.

O exemplo mais comum em nossos dados é o uso de *kān* “ser” no perfectivo, precedendo um verbo principal no imperfectivo, o que equivale ao pretérito imperfeito do português. Como se pode observar nos exemplos a seguir, o verbo auxiliar se conjuga na mesma pessoa, no mesmo número e no mesmo gênero do verbo principal: *kūnna ka-nžīw lā-ḥrūbīyya u-ḥna ṣḡār* “vínhamos para o interior quando éramos pequenos”, *kānu ka-ydīru š-šmāḥ* “eles colocavam a vela”, *kānu ta-yḥūrzu* “eles saíam”. Embora o verbo no imperfectivo apresente prevérbio, também foram encontrados exemplos sem prevérbio devido ao contexto de relato em que se inserem os verbos: *kūnna ṇḥūrzu* “nós saíamos”, *kānu yībqāw hna* “eles ficavam aqui”.

Com o nome particípio ativo de valor verbal, o verbo auxiliar *kān* confere o mesmo matiz de tempo dos exemplos anteriores: *kān ḥəddām* “ele trabalhava”, *kūnt ḥāyəs f-əṣ-ṣwīra* “eu vivia em Essaouira” (J2).

²⁷³ < *yǐḥən*. Nos dialetos marroquinos ocorre metátese para esse verbo. Localmente, “maldição” se diz *nəḥla* (<ár. cl. **laḥna*).

5.6.4. Futuro

5.6.4.1. Partícula *ġādi*

A partícula de futuro do dialeto de Essaouira é o particípio ativo *ġādi* “que vai” (<ár.cl. **ġādin*²⁷⁴), que pode ser contraída em *ġa-* e precede o verbo no imperfectivo. Essa construção pode expressar futuro próximo, como em *ġa-təmši dāba?* “você irá agora?” e *ġādi nžību līk* “vou trazê-lo até você”, ou distante, como em *l-šām ž-žāy ġādi naskūn f-wāḥad l-bḷāša (...)* “ano que vem morarei num lugar (...)”.

5.6.4.2. Verbo *bġa~ba* com valor de futuro

O verbo *bġa~ba* “ele quer” acompanha o verbo no imperfectivo para expressar futuro em muitos dialetos do sul do Marrocos²⁷⁵. No caso de Essaouira, o verbo se contraiu, dando origem a uma partícula invariável *b(ə)-*²⁷⁶ que indica futuro próximo: *fīn bə-tkūn dāba?* “onde você estará daqui a pouco?”, *fīn bə-tkūn ġadda?* “onde você estará amanhã?”, *b-nāḥḍru dāba šāl-lə-bḥār* “falaremos agora sobre o mar”, *ġadda b-yīšru l-ḥwāyāž* “amanhã eles comprarão roupas”. Ela aparece com frequência na prótase de orações condicionais, assumindo o sentido do futuro do subjuntivo em português, como demonstram os exemplos *ila b-yīšmār, k-yīšmār ġīr šwīyya* “se encher (a maré), enche só um pouco” e *ila b-yīšnīw* “se eles quiserem dizer”, e também em construções com o pronome relativo *lli* “que”, como em *lli b-ikūn* “seja o que for”.

²⁷⁴ Do verbo ár.cl. *ġadā, yaġdū* “partir de manhã cedo, de madrugada”.

²⁷⁵ Heath (2002, p. 217) mostra que o uso desse verbo como auxiliar de futuro é comum em Marraquexe e nas proximidades de Safi.

²⁷⁶ Heath (2002) cita também o caso do dialeto do Sus, que apresenta a partícula invariável *ba- ~ bo-*, assim como ocorre em Essaouira. No norte e na parte oriental do Iêmen, também utiliza-se a partícula de futuro *bā-*, originada do mesmo verbo (Behnstedt, 2008, p. 122).

5.7. Negação verbal

A negação de orações independe do aspecto verbal e realiza-se com a partícula *ma*, que precede o verbo, e o sufixo *-š* ou, em caso de ênfase, *-šāy*. Alguns exemplos são: *l-ḡrūsa ma ka-yšūfhā-š l-ḡrīs* “o noivo não vê a noiva”; *ma ḡa-ykūn-š l-ḡūt* “não haverá peixe”; *ma ka-yšūmu-šāy* “não jejuam em absoluto”; *ma ḡāḡfī-š?* “não conhece?”, *ma tṛāḡḡā-š* “não foi criado (em)”. O sufixo *-ši* costuma ser omitido quando um pronome indefinido com valor negativo está presente na oração: *ḡatta wāḡad ma žāwəb* “ninguém respondeu”.

6. Morfologia nominal

6.1. Esquemas morfológicos

Os paradigmas nominais do dialeto árabe de Essaouira são muito similares aos de outros dialetos marroquinos²⁷⁷.

6.1.1. Bilíteres

{1v}: *du* “luz”, *ki?* “como?”, *ma* “água”, *si* “senhor (voc.)”, *žu* “tempo (meteorológico)”.

{v12}: *uht* “irmã”, *arḍ* “terra”.

{v22}: *ayy* “isto é”.

6.1.2. Trilíteres

{12v3}: consiste num esquema característico do árabe dialetal marroquino, que resultou da redução vocálica de {1v2v3} e da metátese vocálica de {1v23} no árabe clássico²⁷⁸. Aparece em nomes coletivos, concretos e abstratos, o que inclui cores e qualidades físicas e morais: *šžar* “árvores”, *bḥār* “mar”, *gdām* “calcanhar”, *dfar* “unha”, *dhār* “costas”, *šdar* “peito”, *kḥal* “preto”, *byāḍ* “branco”, *šlāf* “careca”, *bgār* “vacas”.

{1v23}: variante do primeiro, com esse esquema formam-se nomes coletivos, concretos e abstratos. Exemplos: *kīrš* “barriga”, *qālb* “coração”, *bāyḍ* “ovos”, *žarf* “rocha”, *šārḡ* “orientes”, *kālb* “cão”, *gāmḥ* “trigo”, *qard* “macaco”, *šamš* “Sol”, *fārḥ* “potro”²⁷⁹.

²⁷⁷ Ver Aguadé e Elyacoubi (1995, pp. 89-97), Vicente (2000, pp. 111-118), Sánchez (2014, pp. 185-194), Guerrero (2015, pp. 124-129).

²⁷⁸ Guerrero (2015, p. 124).

²⁷⁹ Em nossos dados apareceu como “potro”, mas pode ser utilizado para qualquer filhote ou animal jovem. Cf. DAF (vol. 10, p. 50).

{1v23a}: é a forma feminina dos dois paradigmas acima. Seguem esse esquema também os nomes de unidade, os numerais e alguns substantivos sem forma masculina. Exemplos: *kəḥla* “preta”, *šəḏra* “árvore”, *bəgra* “vaca”, *zəṛqa* “azul (f.)”, *gəṛʕa* “abóbora”, *ḥəmsa* “cinco”, *kəbda* “fígado”, *kīlma* “palavra”, *kəfta* “carne moída”, *qəṣba* “vara de pesca”, *šəbka* “rede de pesca”, *šəlḥa* “língua berbere”.

{1v22}: com esse esquema formam-se nomes concretos, abstratos, coletivos e adjetivos originários de raízes duplas ou geminadas. Exemplos: *ḏədd* “avô”, *sīdd* “represa”, *ʕəmm* “tio paterno”, *kəff* “palma da mão”, *ḥəqq* “verdade”, *ḥəḏ* “alguém”, *fūmm* “boca”, *zəbb* “pênis (vulg.)”.

{1v22a}: é a forma feminina do esquema anterior. Também aparece em nomes sem forma masculina. Exemplos: *ḏədda* “avó”, *ʕəmma* “tia paterna”, *gədda* “amanhã”, *qīṭa* “gata” (J), *sənnā* “dente”, *fənnā* “linda”, *bāṭa* “pato”.

{1V2}: aparece em substantivos de raízes côncavas, que podem ser nomes coletivos, concretos ou abstratos. Exemplos: *kāk* “torneira”, *dār* “casa”, *fār* “rato”, *nāb* “dente canino”, *šīf* “verão”, *qāf* “fundo”, *līl* “noite”, *šūr* “muro, muralha”, *zīt* “óleo”, *ḥūt* “peixes”, *ḏār* “vizinho”, *lūz* “amêndoas”, *sūq* “mercado”, *ḏūḏ* “dois”.

{1V2a}: é a forma feminina do esquema anterior, aparecendo em nomes de unidade, adjetivos femininos e nomes sem forma masculina. Exemplos: *ḥūta* “peixe”, *ḏāra* “vizinha”, *ḥāza* “coisa”, *sāʕa* “hora”, *šība* “absinto”, *kūrā* “bola, futebol”.

{12v}: aparece em substantivos e adjetivos, incluindo aqueles com origem em raízes defectivas. Exemplos: *šta* “chuva”, *mra* “mulher, esposa”, *ḏru* “filhote (cão)”, *dwa* “remédio”, *gda* “almoço”, *qfa* “nuca”, *šla* “sinagoga”.

{v11a}²⁸⁰: aparece em substantivos específicos no dialeto local. Exemplos: *iḥba* “meu pai”, *iṇṇa* “minha mãe”.

²⁸⁰ Com vogal média.

6.1.2.1. Nomes trilíteres com modificação interna

{1V2v3} ou {1V23}, {1ā22} para as raízes geminadas e {1ā2i} para as raízes defectivas. Estão presentes nos nomes participípios ativos dos verbos regulares: *ḥāyāk* (traje tradicional feminino), *ṣāmāṣ* “mesquita”, *qāṣṣḥ* “duro”, *tālāt* “terceiro”, *ḥāmāḍ* “ácido, limões”, *ḥārṛ* “picante”, *ṣāmār* “cheio”, *kāyk* (J) “bolo”²⁸¹.

{1V23a}, {1ā22a} e {1ā2ya}: são as formas femininas dos esquemas anteriores e formam palavras que são essencialmente femininas. Exemplos: *gāyla* “calor”, *qāṣṣa* “dura”, *ḥāwya* “vazia”, *ḥāmḍa* “ácida, um limão”, *ṣāmra* “cheia”, *mākla* “comida”.

{1V2V3}: forma substantivos e adjetivos variados. Exemplos: *sārūt* “chave”, *ḥānūt* “loja”, *fāqīr* “pobre, membro de uma *zāwiya*”, *qāmār* “lua”, *sālām* (saudação), *wālīd* “pai”, *mālīk* “rei”, *ḥātār* “perigo, perigoso”, *ṣūnāt* “sinal, alarme (escola)”, *ṣārāb* “língua árabe”²⁸², *fāḥūr* (<esp. *favor*) “grátis”.

{1V2V3a}: é a forma feminina do esquema anterior. Exemplos: *māgāna* “relógio”, *wālīda* “mãe”, *mālīka* “nome próprio”, *kānāṣṣa* (<esp. *canasta*) “canastra, cesto para armazenar peixes”.

{12V3}, {12V2}: aparecem em substantivos e adjetivos. Exemplos: *blād* “país”, *ḥmār* “burro”, *ṣbāḥ* “manhã”, *lsān* “língua”, *tḥīb* “médico”, *tṛīq* “caminho, estrada”, *qbīḥ* “feio”, *ḥlīb* “leite”, *ḥdīd* “ferro”, *zwīn* “bonito”, *shūn* “quente”, *fīūr* “café da manhã”, *būt* “galocha (marinheiro)”.

{12V3a}, {12V2a}: são as formas femininas do esquema anterior e podem aparecer em nomes sem forma masculina. Exemplos: *shīna* (prato típico dos judeus), *tṛīfa* “migalha”, *qbīḥa* “feia”, *zwīna* “feia”, *dqīqa* “minuto”, *bhīma* “animal de carga”, *rīla*

²⁸¹ <ing. *cake*. (Lévy, 2009, p. 364). Hoje em desuso, mas confirmado por um dos informantes judeus.

²⁸² Utilizado no contexto escolar de Essaouira antigamente para se referir a *la-mṣallam da-l-ṣārāb* “professor de língua árabe”. Provavelmente com origem no fr. *arabe*.

“aranha”, *lbūya* “camaleão”, *flūka* “barco” (tipo de piroga), *bṛāṣa* (<pt. *braça*) (unidade de medida para distância e profundidade)²⁸³, *škāma* (<esp./pt. *escama*) “escama”.

{1v22V3}, {1v22V2}: consistem nos paradigmas dos nomes de ofício, nomes coletivos e adjetivos. Exemplos: *bəḥḥār* “marinheiro”, *fəllāḥ* “camponês”, *nəžžār* “carpinteiro”, *gəzzār* “açougueiro”, *ḥīyyāt* “alfaiate, costureiro”, *labbān* “leiteiro”, *ḥāllāq* “barbeiro”, *ḥāmmāl* “carregador”, *ḥābbāz* “padeiro”, *ḥərrāz* “sapateiro”, *bənnāy* “pedreiro”, *dəllāḥ* “melancias”, *kəddāb* “mentiroso”, *ṣəbbāt* “sapatos”, *gəllās* “penico”.

{1v22V3a}, {1v22V2a}: são as formas femininas do paradigma anterior, incluindo nomes de unidade, substantivos femininos e nomes de instrumentos. Exemplos: *ḥīyyāta* “costureira”, *dəllāḥa* “uma melancia”, *žəllāba* “traje tradicional²⁸⁴”, *ṣənnāra* “anzol”, *kārṛūṣa* (<esp. *carroza*) “carro de mão” (utilizado por carregadores), *qənnūfa* “lábio”.

{1v22v3}: aparece em substantivos e adjetivos. Exemplos: *sūkkār* “açúcar”, *sīyyəd* “senhor”, *mīyyət* “morto”, *ḥūmmūṣ* “grão-de-bico”.

{1v223a}: é a forma feminina do anterior. Exemplos: *sīyyda* “senhora”, *mīyyta* “morta”.

6.1.3. Nomes quadrilíteres

{1v23v4}: aparece em substantivos e nomes coletivos. Exemplos: *ṣānbār* “porão” (barco), *ṣāgrāb* “escorpiões”, *qāždār* “lagartixa”²⁸⁵, *təfləb* “raposa”.

²⁸³ Presente em Safi (Singer, 1995, p. 246).

²⁸⁴ Tipo de blusa muito longa, na altura das canelas, que pode ter mangas curtas ou longas e dispõe de um capuz.

²⁸⁵ < berb. *igəjdər*. O verbo berbere *igəjdər* denota “arranhar o rosto como sinal da dor do luto”. Está relacionada com *gəždūr* que significa “ação de arranhar o rosto” ou “calamidade, desgraça” (DAF, vol. 10, p. 690). É a primeira vez que se registra *qāždār* para lagartixa ou pequeno lagarto (*Gekkonidae*), confirmado tanto na cidade quanto no território Chiadma. Outras variantes comuns são o berberismo *tīqlīt* e o árabe *bu bṛāyṣ*, lit. “pai da lepra” ou “aquele que é portador de lepra”.

6.1.3.1. Nomes quadrilíteres com modificação interna

{1v23V4}: formam-se com esse esquema substantivos em geral, nomes coletivos e adjetivos. Exemplos: *sārdīl* “sardinhas”, *kārmūš* “figo”, *gānfūd* “porco-espinho (ouriço terrestre)”, *dāblīz* “bracelete”, *dānžāl* “berinjela”, *qāzbūr* “coentro”, *gārgāf* “nozes”, *nāfnāf* “hortelã”, *tāhtāh~tāmtām* “gago”.

{1v23V4a}: é o feminino da forma anterior, que dá origem a substantivos sem forma masculina. Exemplos: *žālbāna* “ervilha”, *bālbūza~bālbūla* “pupila”, *hānfūsa* “um besouro”.

{12V3V4}: aparece em alguns substantivos masculinos. Exemplo: *šbītār* “hospital”.

6.1.4. Esquemas sem classificação

Dentre os vocábulos que não se enquadram em nenhum paradigma estão: *fāṭīṭu~fāṭāyṭu* “borboleta”, *skānžbīr* “gengibre”, *māfdnūs* “salsa (planta)”, *bāṭqīz* “portugueses”, *bāllāṛāž* “cegonha”, *skwīla* (<esp. *escuela*) “escola”, *kārwīla* “charrete” (para o transporte de bens e pessoas)²⁸⁶, *fūndu* (<esp. *fondo* ou pt. *fundo*) “fundo (subst.)”, *plāto* (<esp. *plato*) “prato”.

Alguns estrangeirismos apresentam um padrão semelhante: *bārko* (<esp. *barco*) “barco, embarcação”, *bānḍo* “corda” (naval), *gārfo* “garfo”, *gāšte* “marmita” (marinheiro), *gānžo* (<port./esp. *gancho*) “gancho, anzol”, *kūči* “charrete” (táxi).

6.1.5. Esquemas com sufixo

Sufixo *-i* (*-wi*, após vogal): utilizado na formação de adjetivos a partir de substantivos. Exemplos: *ḥāzri* “solteiro”, *īhūdi* “judeu”, *flāyki* “barqueiro” (condutor de

²⁸⁶ Também confirmado na zona rural de Essaouira.

flūka), *mʕǧrībi* “marroquino”, *ḥrūbi* “rural, do campo”, *mwāgni* “relojoeiro”, *frānsāwi* “francês”, *ḡanwi* (tipo de faca), *qəhwi* “marrom, cor de café”.

Sufixo *-īyya*: corresponde ao feminino do sufixo *-i*, podendo formar nomes derivados de raízes defectivas e nomes que não apresentam forma masculina. Exemplos: *smīyya* “nome”, *mʕǧrībīyya* “marroquina”.

Sufixo *-ān*: esquema nominal a que pertencem adjetivos que expressam um estado momentâneo. Exemplos: *fəṛḥān* “alegre”, *zīḥān* “faminto” (J), *ḥāyyān* “cansado”, *sāhrān* “desperto”.

Sufixo *-āni*: forma adjetivos. Exemplo: *nəṣṛāni* “cristão”.

6.1.6. Esquemas com prefixo

Prefixo *t-*: forma o nome de ação, ou *maṣdar*, em árabe²⁸⁷, da forma II {tv12ī3} ou {tv12ī3a}. Exemplos: *tāḥmīma* “banho”, *tānfīḥa* (ato de aspirar rapé), *tāḥlīm* “ensino”,

Prefixo *m-*: é empregado na formação de nomes de lugar e instrumento. Exemplos: *məšṣīd* “mesquita”, *māthāf* “museu”, *mədra* “forquilha (agricult.)”, *məhrāz* “pilão”, *mḥīlqa* “colher”, *mḥədda* “travesseiro”, *məqdāf* “remo”, *mārfāq* “cotovelo”, *mənḥra* “nariz”.

Prefixo berbere *ā-*: aparece nos empréstimos do berbere ao árabe marroquino. Exemplos: *āylāl* “gaivota”²⁸⁸, *āḡždūr* “lamento durante enterro”²⁸⁹, *āḡrūr* “corredor”,

²⁸⁷ Também chamado “nome deverbal”, consiste num nome derivado de um verbo. Seu papel corresponde ao do infinitivo ou ao de uma oração subordinada no português.

²⁸⁸ Trata-se de um berberismo no árabe local que os informantes com 30 anos ou menos já não conhecem, para os quais é mais comum a variante *ḥwwa*, comum nas cidades vizinhas na costa atlântica.

²⁸⁹ Também *ḡəždūr*~*ḡəždōr* “ato de arranhar o rosto; fig. má sorte, calamidade, aflição, desgraça”. (DAF, vol.10, p.690).

ātāy “chá”. Muitos nomes locais de peixes são de origem berbere: *āzaggāg* “peixe-bica”²⁹⁰, *āzzāyz* “polvo”²⁹¹, *āzlāmza* “corvina”²⁹².

Prefixo berbere *tā-* ou *t-*: prefixo feminino dos nomes em berbere que passou ao árabe dialetal por meio dos empréstimos lexicais. Exemplos: *tāgārt* (praia de Essaouira)²⁹³, *tīqlīt* “lagartixa”.

6.2. Gênero

6.2.1. Masculino

Os nomes masculinos não carecem de uma marca de gênero própria. Alguns exemplos de nomes masculinos são: *ṛāžal* “homem”, *bḥār* “mar”, *ma* “água”, *qərđ* “macaco”, *ḥmār* “burro”, *mʕalləm* “professor”, *rbīb* “enteado”, *ḥāl* “tio materno”, *nsīb* “cunhado”. Há também nomes masculinos terminados em *-a*, que, como veremos, costuma ser marca de feminino. Exemplos: *ḥlīfa* (lit. “sucessor”) “ajudante do capitão do navio”, *iḥḥa* “pai, meu pai”, *ma* “água”.

6.2.2. Feminino

Os substantivos que se referem a seres animados costumam apresentar marca de feminino *-a*. Exemplos: *kālba* “cadela”, *ṣāwda* “égua”, *mʕallma* “professora”, *rbība* “enteada”, *ḥāla* “tia materna”, *nsība* “cunhada”, *šūwwāfa* “vidente”.

²⁹⁰ *Pagellus erythrinus*.

²⁹¹ Também conhecido no território Chiadma por *ṛūṭāl*.

²⁹² *Sciaena aquila*.

²⁹³ Nome como se referiam localmente à praia de Essaouira. Utilizada pelos pescadores berberes com o sentido de “maré baixa” ou “praia”. Do berbere *gar* “estar seco” (Laoust, 1923, p. 336). Em Skura, a forma *tāgārṭ* denota “resto de água que fica numa acéquia” (Aguadé e Elyaacoubi, 1995, p. 97). Pessoas mais jovens já não conhecem essa palavra, mas ela é constantemente citada pelos moradores mais antigos e em livros sobre a cidade. A variante *lāplāž* (fr. < *la plage* “a praia”) também é bastante utilizada pelas gerações mais antigas como topônimo para a praia de Essaouira.

Também são femininos a maioria dos substantivos terminados em *-a*, sem forma masculina, normalmente inanimados: *mdīna* “medina, cidade”, *ləḥya* “barba”, *ḥəṭṭa* “vez”, *mənḥra* “nariz”, *žālāla* “majestade”, *ṛəkba* “joelho”, *qāržūṭa* “garganta”, *təṣša* “planta do pé”, *fšīyya* “tarde”, *šəṭṭāba* “vassoura de mão”.

Os adjetivos femininos recebem a marca de feminino *-a*: *zwīna* “bonita”, *ṣḡīra* “pequena, jovem”, *kbīra* “grande”, *bəldīyya* “do campo, local”. No caso de qualidades físicas e cores, assumem o padrão {1v23a}: *ḥəḍṛa* “verde”, *ṣəḥra* “amarela”.

Existem nomes que são femininos mesmo sem a marca acima: *ḍār* “casa”; *bənt* “menina, filha”, *ḥīn* “olho”²⁹⁴, *yīd* “mão”, *blād* “país”.

6.3. Número

6.3.1. Nome coletivo

Alguns substantivos possuem um valor coletivo ou de representação de um grupo ou gênero, o que corresponde ao plural do português. Exemplos: *təffāḥ* “maças”, *šžər* “árvores”, *džāž* “galinhas, carne de frango”, *ḥūt* “peixes”, *šbək* “redes de pesca”, *bəyḍ* “ovos”, *bgār* “vacas, gado bovino”. Sintaticamente, o nome comporta-se como singular: *fāš ka-ydḥūl l-ḥūt lə-l-məṛša* “quando o peixe entra no porto”.

O nome de unidade do substantivo coletivo se constrói com o sufixo *-a* e se comporta como um substantivo feminino. Exemplos: *džāža* “uma galinha”, *šəbka* “uma rede de pesca”, *ḥūta* “um peixe”, *bəyḍa* “um ovo”, *bəḡra* “uma vaca”.

6.3.2. Dual

O dual está restrito a alguns substantivos, dentre eles unidades de tempo e determinados numerais. Sua marca é o sufixo *-āyn*, como pode se observar nos exemplos

²⁹⁴ As partes do corpo humano em número par costumam ser femininas.

a seguir: *yūmāyn* “dois dias”, *ḡāmāyn* “dois anos”, *myātāyn* “duzentos”, *ālfāyn* “dois mil”. Todos os outros casos que não aceitam o sufixo de dual utilizam a construção *ḡūḡ d-/dyāl* (lit. “dois de”): *ḡūḡ dā-n-nāḡḡāra* “dois carpinteiros”, *ḡūḡ dyāl d-dyūr* “duas casas”.

Algumas partes do corpo humano em pares aceitam um dual com o sufixo *-īn*²⁹⁵: *wūdnīn* “ouvidos”, *īdīn* “mãos”, *rāḡlīn* “pés, pernas”, *ḡīnīn* “olhos”. O plural dual de *wālīd* “pai, genitor” emprega o mesmo sufixo: *wālīdīn* “pai e mãe, pais”.

6.3.3. Plural externo

O plural de substantivos masculinos, que incluem os nomes participios ativo e passivo, bem como alguns adjetivos -masculinos e femininos-, forma-se com o sufixo *-īn*. Exemplos: *māktūbīn* “escritos”, *zwīnīn* “bonitos, bonitas”²⁹⁶, *ḡāybīn* “feios, feias”, *msālmīn* “muçulmanos”, *ḡāyḡīn* “que vivem”, *ḡwīḡīyīn* (gentílico de Essaouira), *ḡamḡīn* “vermelhos”, *snīn* “anos”²⁹⁷.

Formam-se com *-āt* o plural de alguns substantivos femininos e nomes de unidade²⁹⁸. Exemplos: *ḡyālāt* “mulheres” (s. *mḡa*), *māḡḡāt* “vezes”, *ḡūwwāt* “gaivotas”, *bnāt* “meninas”, *ḡādāt* “costumes”, *mḡāḡḡyāt* “perguntas” (J), *dḡāḡāt* “galinhas”, *ḡābkāt* “redes de pesca”, *ḡāḡḡāt* “amarelas”. Alguns substantivos masculinos que apresentam esse sufixo no plural são: *ḡḡwāt* “pais” (s. *ḡḡa*), *ūlīdāt* “filhos, crianças” (s. *ūlīyḡad*), *ḡāmāt* “anos” (s. de *ḡām*) (J), *bāḡkwāt* “barcos” (s. *bāḡko*), *ḡāḡfwāt* “garfos” (s. *ḡāḡfo*).

O sufixo *-a* aparece geralmente no plural de nomes de ofício e em alguns adjetivos terminados em *-ī*. Exemplos: *bāḡḡāra* “marinheiros”, *nāḡḡāra* “carpinteiros”, *lābbāna*

²⁹⁵ Reflexo de uma forma anterior (<ár.cl.* *-ayni*) que originou *-āyn* e *-īn* para o dual nos dialetos árabes do Marrocos.

²⁹⁶ A forma *zwīnāt* “bonitas” aparece apenas no nome de uma rua local: *dāḡb z-zwīnāt*.

²⁹⁷ Pl. de *sāna* “ano”, substantivo feminino.

²⁹⁸ Formados com *-a* para indicar a unidade de um nome coletivo.

“leiteiros”, *ḥabbāza* “padeiros”, *bəḥrīyya* “marinheiros” e *ṣwāyīyya* (gentílico de Essaouira). Também ocorre em *šalḥa* “berberes”²⁹⁹.

6.3.4. Plural interno ou fracto

É um tipo de plural muito difuso nos dialetos árabes e no árabe padrão ou clássico. Caracteriza-se pela inserção de infixos e sufixos na raiz dos nomes seguindo os esquemas descritos a seguir.

{12ā3}, {12ā2}: corresponde aos nomes no singular com os esquemas {12ə3}, {1ə23}, {1ə23a}, {1ə22a}, {1V2}, {12V3}, {1V2ə3}, {1ə22ə3}. Exemplos: *ṣṣāf* (s. *ṣṣaf* “rochedo”)³⁰⁰, *ṣbāl* (s. *ṣbal* “montanha”), *ḍfār* (s. *ḍfar* “unha”), *ḥnāk* (s. *ḥank* “bochecha”), *ktāf* (s. *ktaf* “ombro”), *klāb* (s. *kālb* “cão”), *ḥḥād* (s. *ḥḥad* “coxa”), *ṣḥāb* (s. *ṣḥab* “amigo”), *ḥwām* (s. *ḥām* “ano”), *ḥmām* (s. *ḥamm* “tio paterno”), *wṣāḥ* (s. *wṣah* “rosto”), *snān* (s. *sann* “dente”), *mṣāṣ* (s. *māṣṣ* “gato”). Também seguem esse padrão: *mṣās* (s. *mūs* “faca”), *fṣām* (s. *fūmm* “boca”), *kṣbār* (s. *kbār* “grande”), *ṣḡār* (s. *ḡār* “pequeno”), *qṣdām* (s. *qdām* “antigo”), *kṣtār* (s. *ktār* “muito”), *ḡṣlād* (s. *ḡlād* “gordo”), *ḥṣbāl* (s. *hbāl* “louco, tonto”), *ḥṣfāf* (s. *ḥṣf* “leve”), *ṣṣāq* (s. *ṣṣaq* “magro”), *ṣḍād* (s. *ṣḍād* “novo”).

{12ū3}, {12ū2}: corresponde aos nomes no singular com os esquemas {12ə3}, {1ə23}, {1ə22}, {1ə23a}, {1ə22a} e {1V2}. Exemplos: *ḍyūr* (s. *ḍār* “casa”), *šlūḥ* (s. *šalḥ* “berbere”), *ḥnūk* (s. *ḥank* “bochecha”)³⁰¹, *ḥyūn* (s. *ḥīn* “olho”)³⁰², *ḍrūs* (s. *ḍarṣ* “dente, molar”), *qṣtūt* (s. *qṣṣtūt* “gato”) (J).

²⁹⁹ s. *šalḥ* “berbere”. Também significa a língua berbere.

³⁰⁰ Os nomes de unidade podem apresentar o plural externo em *-āt*, como *ṣṣfāt*, mas também o interno, como neste caso.

³⁰¹ Apresenta mais de um plural. Ver esquema anterior.

³⁰² Esta como outras partes do corpo que apresentam um plural dual, como *ḥīnīn*, também podem apresentar plurais internos, como neste caso.

{12ī3}: bastante raro, corresponde aos nomes no singular com os esquemas {12V3} e {1ə23}. Exemplos: *ḥmīr* (s. *ḥmār* “burro”), *ʕbīd* (s. *ʕabd* “servo”)³⁰³.

{12ā3a}: corresponde a alguns nomes no singular terminados em -i ou no padrão {1V2ə3}. Exemplos: *ʕzāra* (s. *ʕazri* “jovem solteiro”), *ṛžāla* (s. *ṛžəl* “homem”). Também ocorre em *nšāra* (s. *nəṣṛāni* “cristão”).

{12ā3i}: corresponde aos nomes no singular com os esquemas {1ə23a} e sufixos -i e -īyya. Exemplos: *drāri* (s. *dərri* “criança”), *lʕāʕi* (s. *ləʕa* “serpente”), *ḥnāsi* (s. *ḥənsa* “saco”) (J)³⁰⁴.

{12ū3a}: bastante recorrente no dialeto de Essaouira, corresponde aos nomes no singular com os esquemas {12ə3}, {1ə23} e {1ə22}. Exemplos: *šhūra* (s. *šhər* “mes”), *fhūra* (s. *fərḥ* “filhote, pássaro”), *dṛūba* (s. *dərḥ* “viela, rua”), *šdūra* (*šdər* “peito”), *kḥūfa* (s. *kəff* “palma da mão”), *qrūda* (s. *qərḍ* “macaco”), *ḍbūʕa* (s. *ḍbəʕ* “hiena”), *šbūʕa* (s. *šbəʕ* “dedo”), *dyūka* (s. *dīk* “galo”).

{12ā3ə4}: bastante comum, corresponde aos nomes no singular com os esquemas {1ə22V3}, {1ə22V3a}, {1ə23V4}, {1ə23V4a}, {1ə23ə4}, {mə12ə3}, {m1ə23a}, {mə12V3}. Exemplos: *dbāləž* (s. *dəblīž* “pulseira”), *šnādəq* (s. *šəndūq* “caixa, baú”), *šṛāwəṭ* (s. *šərwiṭa* “trapo”), *gnāfəd* (s. *gənfūd* “ouriço terrestre”), *znāžən* (*zənžūn* “mudo”), *mšāmər* (s. *məšmār* “prego”), *qnānəf* (s. *qənnūfa* “lábio”)³⁰⁵.

{1wā2ə3}³⁰⁶: correspondem aos nomes no singular que apresentam vogal longa após a primeira letra radical - {1V2V3} e {1V2ə3}. Exemplos: *swārət* (s. *sārūt* “chave”), *ḥwānət* (s. *ḥānūt* “loja”), *ṭwābəg* (s. *ṭābəg* “axila”), *ḥwātəm* (s. *ḥātəm* “anel”). Também

³⁰³ No nome do exército que povoou a cidade, os *ʕbīd l-buḥāri*.

³⁰⁴ Na pronúncia dos judeus, com /s/, mas geralmente *ḥənša* “saco”.

³⁰⁵ Variante comum de Safi (Heath, 2002, p. 90).

³⁰⁶ A vogal /ə/ desse esquema é frequentemente elidida.

seguem esse esquema de plural: *gwārəf* (s. *gārfo* “garfo”) (J), *šwākəš* (s. *šākūš* “sacola, bolsa”), *šwārəb* (s. *šārəb* “lábio”³⁰⁷) (J).

{12āyə3}, {12āyə2}: correspondem aos nomes no singular em esquemas que apresentam uma vogal longa depois da segunda letra radical - {12V3} e {12V3a}. Exemplos: *shāyən* (s. *shīna* “prato típico judeu”), *ḥlāyəs* (s. *ḥlāša* “lugar”).

{1wāyə2}: corresponde a nomes no singular com raízes côncavas no esquema {1V2a}. Exemplo: *ḥwāyəž* (s. *ḥāža* “coisa”)³⁰⁸.

{m1ā2ī3}: corresponde a nomes no singular de raízes quadrilíteras ou então de raízes trilíteras com os esquemas {mə12V3}. Exemplo: *msākīn* (s. *məskīn* “coitado, pobre”).

{1ī2ān}: corresponde aos nomes no singular de raízes côncavas no esquema {1V2}. Exemplos: *bībān* (s. *bāb* “porta”), *fīsān* (s. *fās* “machado, âncora”), *nībān* (*nāb* “dente canino”), *bītān* (s. *bāt* “axila”), *fīrān* (s. *fār* “rato”), *tīrān* (s. *tūr* “touro”).

{1ə23ān}: corresponde aos nomes no singular nos esquemas {12V3} e {1V2ə3}. Exemplo: *dərʕān* (s. *drāʕ* “braço”), *ḥəžbān* (s. *ḥāžəb* “sobrancelha”).

6.3.5. Concordância de número

O adjetivo que qualifica um substantivo no plural pode concordar no plural ou no feminino singular, embora o primeiro seja mais comum. Exemplo: *flūs*³⁰⁹ *ktīra* “muito dinheiro” (R), *ktāf k^wbār* “ombros grandes”, *l-ūlidāt š-š^wgār* “as crianças pequenas”, *bāṭwāt*³¹⁰ *k^wtār* “muitos barcos”, *b^wqāʕ ḥəḍrīn* “manchas verdes”.

³⁰⁷ Lit. “bigode” ou “aquele que bebe”. Nos dialetos judeus significa “lábio” e está bastante presente no sul do Marrocos e em Marraquexe (Heath, 2002, p. 89).

³⁰⁸ No plural, também significa “roupas”. Aceita o plural externo *ḥāžāt*.

³⁰⁹ Pl. de *fəls*.

³¹⁰ S. *bāto* (< fr. *bateau*) “barco”.

6.4.Adjetivo

6.4.1. Comparativo e superlativo

Os paradigmas do adjetivo no comparativo e no superlativo são invariáveis quanto ao gênero e ao número e consistem em {12v3} e {1v22} para raízes geminadas. Não encontramos {12a} para raízes defectivas.

Para a comparação, o adjetivo adapta-se ao paradigma e exige a preposição *mən* “de”. Por exemplo, para “magro”, podem ser utilizados *ḏṣāf* “mais magro” (*ḏṣāf* “magro”) e o adjetivo de raiz geminada *ṛāqq* (*ṛqīq*) com o mesmo sentido: *nta ḏṣāf mənni* “você é mais magro do que eu” ou *nta ṛāqq mənni*. Outro exemplo é *ṛḥāṣ* “mais barato” (*ṛḥīṣ* “barato”): *nqāḍṛu nəlqa f-Məṛṛākəṣ ṛḥāṣ mən hnāya* “conseguiremos encontrar mais barato em Marraquexe do que aqui”.

Há outra construção bastante frequente que não adapta o adjetivo aos paradigmas acima e emprega a preposição *ḥla* “sobre”³¹¹: *hād t-tunūbīl³¹² ḏdīd ḥla l-ūḥṛa* “este carro é mais novo que o outro”. Nota-se que se mantém o adjetivo *ḏdīd* “novo” sem adaptá-lo ao paradigma {1v22}. Outros exemplos são: *hād ātāy ḥāyāb ḥla l-āḥūr* “este chá é pior que o outro”, *hād ātāy ḥlu ḥla l-āḥūr* “este chá é mais doce do que o outro”³¹³.

Para o superlativo, encontramos o paradigma {12v3} para o adjetivo “melhor”: *hādi ḥyya ḥsən restaurant³¹⁴ f-əṣ-Ṣwīra* “este é o melhor restaurante em Essaouira”, *ḥsən l-ḥūbz* “o melhor pão”. Outra possibilidade é a utilização do adjetivo na sua forma simples: *David Knafo ḥūwwa l-kbīr d-rābbānīm³¹⁵ f-wūqtu* “ele é o maior dos rabinos de seu tempo” (J2).

³¹¹ Trata-se de um calco do berbere, sendo bastante comum em diferentes dialetos do Marrocos. Ver Aguadé e Vicente (1997, pp. 225-240).

³¹² ~ *tunūbīla* (fr. <*automobile*> “carro”).

³¹³ Não obtivemos a forma *ḥla* {12a} nem mesmo nos inqueritos.

³¹⁴ *Code-switching* com francês.

³¹⁵ Hebraísmo refletido no sufixo de plural *-īm*.

Para o substantivo com papel de adjetivo, o substantivo é seguido da construção *mən* “de” + pron. suf. + *ma kāyən* “não há”: *hādāk wāḥəd əl-ḥmār mənnu ma kāyən* “ele é o mais burro” ou lit. “não há mais burro do que ele”.

6.4.2. Diminutivo

O diminutivo se dá por meio da modificação interna dos nomes, podendo conferir um tamanho pequeno, um valor afetivo ou ainda um valor depreciativo ao que se refere.

Os esquemas do diminutivo são:

{12īyyə3}. Exemplos: *k^wbīyyəš* (dim. de *kəbš* “carneiro”), *q^wrīyyəd* (dim. de *qərđ* “macaco”), *k^wlīyyəb* (dim. de *kəlb* “cão”), *š^wgīyyər* (dim. de *šgīr* “pequeno”), *k^wbīyyər* (dim. de *kbīr* “grande”), *ḏhīyyər* (dim. de *ḏhər* “costas”³¹⁶), *q^wšīyyər* (dim. de *qšīr* “curto, baixo”³¹⁷), *f^wīyyər* (dim. de *fār* “rato”), *b^wīyyəb* (dim. de *bāb* “porta”), *f^wīyyəs* (dim. de *fās* “machado”), *mšīyyəš* (dim. *məšš* de “gato”), *f^wīyyəm* (dim. de *fūmm* “boca”), *ḥmīyyər* (dim. de *ḥmār* “burro”), *ūlīyyəd* (dim. de *wūld* “menino, filho”), *fnīyyən* (dim. de *fənn* “lindo”).

{12ī3ī4}. Exemplos: *šnīdīq* (dim. de *šəndūq* “caixa, baú”), *gnīfīd* (dim. de *gənfūd* “ouriço terrestre”), *swīrīt* (dim. de *sārūt* “chave”), *ḥwīnīt* (dim. de *ḥānūt* “loja”), *mšīmīr* (dim. de *məšmār* “prego”), *dbīlīž* (dim. de *dəblīž* “bracelete”), *šīrwīt* (dim. de *šərwīta* “trapo”), *drīwīš* (dim. de *dərwīš* “pobre, coitado”).

{12īwə3}, {12īwə2}. Exemplos: *glīwəl* (dim. de *glīl* “pouco”), *šgīwər* (dim. de *šgīr* “pequeno”).

{1wī23}. Exemplo: *rwīžəl* (dim. de *rāžəl* “homem”), *ḥwītəm* (dim. de *ḥātəm* “anel”).

³¹⁶ No substantivo composto *bu ḏhīyyər* “pessoa corcunda”.

³¹⁷ Maré baixa.

{12īwa}. Exemplo: *mṛīwa* (dim. de *mṛa* “mulher”).

{11ī23a}. Exemplo: *ṁṁ^wīṭha* (dim. de *ṁa* “água”), *ṁṁ^wīma* (dim. de *ūmm* “mãe”).

{12ī3a}. Exemplo: *ržīla* (dim. de *ržal* “pé, pata”³¹⁸).

{12īw2a}. Exemplo: *qṭīwṭa* (dim. de *qṭṭa* “gato”).

O plural dos diminutivos costuma ser externo, formado com os sufixos *-āt*, para feminino, e *-īn*, para masculino. Exemplos: *blītāt* (s. *blīta* “menininha”³¹⁹) (J), *šgīwṛīn* (s. *šgīwəṛ* “pequeninos”).

6.5. Numerais

6.5.1. Numerais cardinais

Os numerais de cardinais de zero a dez são:

<i>šifr</i> , zero	“zero”	<i>sətta</i>	“seis”
<i>wāḥəd</i>	“um”	<i>səbša</i>	“sete”
<i>žūž</i>	“dois”	<i>tmənya</i>	“oito”
<i>tlāta</i>	“três”	<i>təsšūd</i>	“nove”
<i>(ā)ṛbša</i>	“quatro”	<i>šašša</i>	“dez”
<i>ḥāmsa</i>	“cinco”		

O numeral *wāḥəd* “um” possui uma forma feminina *wāḥda* e outra plural *wāḥdīn* (m.)/*wāḥdāt* (f.)³²⁰. Exemplos: *māši gīṛ šəbka wāḥda* “não é uma rede só”, *žāw wāḥdīn ūḥṛīn* “vieram mais alguns (uns) outros”.

Esses numerais aparecem frequentemente com a partícula de genitivo *d-/dyāl-* para designar a quantidade de algo, com exceção de *žūž* “dois”, que aceita a omissão da partícula. Exemplos: *žūž d-əl-ktūb* ou *žūž ktūba* “dois livros”, *žūž d-məlyūn* “dois

³¹⁸ No substantivo composto *bu ržīla* “centopeia”.

³¹⁹ 1 < n: *bnīta* (pl. *bnītāt*).

³²⁰ A forma no feminino plural *wāḥdāt* foi fornecida por um único informante, durante a aplicação do questionário, mas não obtivemos exemplos.

milhões”, *ṣūṣ d-ṣarḥam* “dois *dirhams*”³²¹; porém: *tlāta d-ṣyālāt* “três mulheres”, *ḥāmsa d-ṣ-simānāt* “cinco semanas”, *ḥāmsa d-ṣ-ṣhūra* “cinco meses”, *ḥāmsa d-ṣ-ryāl* “cinco reais”³²², *ārbṣa d-mālyūn* “quatro milhões”.

Os numerais acima, de 3 a 10, apresentam igualmente uma forma apocopada como segue:

<i>təlt</i>	“três”	<i>sbāṣ</i>	“sete”
<i>rbāṣ</i>	“quatro”	<i>tmən</i>	“oito”
<i>ḥāms</i>	“cinco”	<i>tsāṣ</i>	“nove”
<i>sətt</i>	“seis”	<i>ṣṣəṣ</i>	“dez”

Essa forma pode designar a medida da unidade de tempo, como hora, dia, mês e ano. Nesse caso, o substantivo sempre está no plural e dispensa-se a partícula de genitivo.

Exemplo: *ḥāms ṣyyām* “cinco dias”, *təlt snīn* “três anos”.

De 11 a 19, os numerais são:

<i>ḥdāṣ~ ḥdāṣṣ</i> ³²³	“onze”	<i>səttāṣ</i>	“dezesseis”
<i>tnāṣ</i>	“doze”	<i>sbāṣtāṣ</i>	“dezessete”
<i>təltāṣ</i>	“treze”	<i>tmənāṣ</i>	“dezoito”
<i>(ā)rbāṣtāṣ</i>	“catorze”	<i>tsāṣtāṣ</i>	“dezenove”
<i>ḥāmsṣtāṣ</i>	“quinze”		

³²¹ Moeda oficial do Reino do Marrocos, o *dirham* marroquino.

³²² Trata-se de um sistema monetário popular em que 1 *ryāl* = 0,20 *dirhams*. É amplamente utilizado nos mercados e comércios populares.

³²³ Um informante de Sīdi Ishāq, zona rural de Essaouira, pronunciava levemente os numerais de 11 a 19 com a faringal /ṣ/ (*ḥāmsṣtāṣṣ* “quinze”), o que é pouco comum nos dialetos marroquinos, mas que se pode verificar em Skura (Aguadé e Elyaacoubi, 1995, p.117). Até então, tinha-se notícia dessa variante também na faixa atlântica, com uma ocorrência pontual em Azamor, Al Jadida e Safi (Heath, 2002, p. 179).

São invariáveis, mas, ao indicar a quantidade de algo, recebem o sufixo *-ər*.

Exemplos: *tnāšər bəgra* “doze vacas”, *təltāšər kīlu* “treze quilos”, *ḥāmstāšər tūmubīla* “quinze carros”.

Os numerais de 20 a 90 são:

<i>ʕəšrīn</i>	“vinte”	<i>səttīn</i>	“sessenta”
<i>tlātīn</i>	“trinta”	<i>səbʕīn</i>	“setenta”
<i>(ā)ṛbāʕīn</i>	“quarenta”	<i>tmānīn</i>	“oitenta”
<i>ḥāmsīn</i>	“cinquenta”	<i>təšʕīn</i>	“noventa”

No árabe, a unidade precede a dezena e é separada dela pela conjunção aditiva *u*.

Exemplos: *tlāta u-səbʕīn* “setenta e três”, *sətta u-ʕəšrīn* “vinte e seis”, *wāḥəd u-ḥāmsīn* “cinquenta e um”. As unidades são invariáveis, com exceção de *žūž* “dois”, que passa a *tnīn*. Exemplo: *tnīn u-ʕəšrīn* “vinte e dois”.

Para as centenas, temos:

<i>mya</i>	“cem”	<i>sətt mya</i>	“seiscentos”
<i>myātāyn~mīyytāyn</i>	“duzentos”	<i>sbāʕ mya</i>	“setecentos”
<i>təlt mya</i>	“trezentos”	<i>tmən mya</i>	“oitocentos”
<i>āṛbāʕ mya</i>	“quatrocentos”	<i>tsāʕ mya</i>	“novecentos”
<i>ḥāms mya</i>	quinhentos		

Acompanhadas das unidades, temos: *mya u-wāḥəd* “cento e um”, *mya u-žūž* “cento e dois”, *mīyytāyn u-wāḥəd* “duzentos e um”, *mīyytāyn u-žūž* “duzentos e dois”, *mīyytāyn u-ḥāmsīn* “duzentos e cinquenta”.

Para os milhares, temos:

<i>ālf</i>	“mil”	<i>sətt ālāf</i>	“seis mil”
<i>ālfāyn</i>	“dois mil”	<i>sbāʕ ālāf</i>	“sete mil”
<i>təlt ālāf</i>	“três mil”	<i>tmən ālāf</i>	“oito mil”
<i>(ā)ṛbāʕ ālāf</i>	“quatro mil”	<i>tsāʕ ālāf</i>	“nove mil”

ḥāms ālāf “cinco mil” *ʕšār ālāf*

Em primeiro lugar vem o milhar, seguido pela centena e pela unidade e, por último, pela dezena. Exemplo: *sətt ālāf u-tsāʕ mya u-təsʕūd u-təsʕīn d-ər-ryāl* “seis mil novecentos e noventa e nove reais”. Após dez mil, volta-se a utilizar *ālf*: *ʕəšrīn ālf ryāl* “vinte mil reais”.

6.5.2. Numerais ordinais

Os numerais ordinais são:

<i>lūwwəl</i>	“primeiro”	<i>sətt ~ sādəs</i>	“sexto”
<i>žāwəž ~ tāni</i>	“segundo”	<i>sābəʕ</i>	“ sétimo”
<i>tālət</i>	“terceiro”	<i>tāmən</i>	“oitavo”
<i>ṛābəʕ</i>	“quarto”	<i>tāsəʕ ālāf</i>	“nono”
<i>ḥāmas</i>	“quinto”	<i>ʕāšər</i>	“décimo”

O numeral *lūwwəl* “primeiro” apresenta a forma feminina *lūwwla* e o plural *lūwwlīn*. Exemplos: *škūn sbāq l-lūwwəl?* “quem chegou primeiro?”, *lə-mṛa l-lūwwla* “a primeira mulher”, *n-nās l-lūwwlīn* “os antigos” (lit. “as primeiras pessoas”).

Os outros numerais ordinais apresentam uma forma feminina {1ā23a}. Exemplos: *ʕāšra* “décima”, *tāmna* “oitava”, *tālta* “terceira”.

O numeral sempre está definido para concordar com o substantivo a que se refere: *ṛ-ṛāžəl l-ʕāšər* “o décimo homem”. Quanto aos ordinais de 11 em diante, utilizam-se os numerais cardinais indeterminados: *ḥūwwa ḥdāš* “ele é o décimo primeiro”.

Para “segundo”, o dialeto de Essaouira apresenta a forma *žāwəž*, que tem origem no numeral cardinal *žūž* “dois”. Essa variante é característica de áreas rurais e predomina

na parte mais oriental do país, como em Tafilalt, Taza, Ujda e Branes³²⁴, áreas distantes de Essaouira.

Já a forma *sātt* “sexto” é compartilhada pela faixa atlântica, na altura de Essaouira (Safi), mas também no resto do sul, em áreas como o Sus, Marraquexe e Tafilalt. Verifica-se também uma predominância nos dialetos judeus do sul do país³²⁵.

Para “o último” é frequente a variante *t-tāli* (< ár.cl. **at-tālī* “o seguinte”), *t-tālya* (f.). Exemplo: *ḍ-ḍār t-tālya* “a última casa”. Essa variante encontra-se na vizinha Safi, em partes do norte, como Ujda e Branes, Mequinez e também Tafilalt. Nos dialetos judeus, é predominante na região de Fez, Mequinez e Sefrou.³²⁶

Outras variantes encontradas são: *d-dīrni* (< fr. *dernier* “último”), *d-dīrniyya* (f.) e *ləḥḥər*, *ləḥḥra* (f). Este último pode funcionar como advérbio: *f-əl-ləḥḥər* “por fim, último”.

6.6. Artigo

6.6.1. Artigo definido

O artigo definido *l-* é invariável, sendo prefixado ao nome que determina: *l-ḥāža* “a coisa”, *l-ḥūbz* “o pão”, *l-bəgra* “a vaca”, *l-qāmār* “a lua”, *l-ṃa* “a água”, *l-ləbsa* “a roupa”, *l-kūrda* “a pedra”, *l-yīd* “a mão”, *l-wālīd* “o pai”, *l-fəṛṛān* “o forno”, *l-həbbāra* “os pobres, pedintes”, *l-ṣūd* “a madeira”.

O artigo passa a *lə-* quando precede um encontro consonantal: *lə-mṛa* “a mulher”, *lə-mdīna* “a cidade”, *lə-bḥār* “o mar”, *lə-ḥmār* “o vermelho”, *lə-ḥžər* “as pedras”, *lə-ṣyālāt* “as mulheres”.

³²⁴ Heath (2002, p. 75).

³²⁵ Ibid., p. 365.

³²⁶ Ibid. p.75.

Ocorre a assimilação de *l-* diante dos fonemas /ʒ/, /ʃ/, /t/, /s/, /d/, /z/, /n/, /r/, /t/, /s/, /d/, /z/, /r/. Exemplos: *əž-žbəl* “a montanha”³²⁷, *š-šəhr* “o mês”, *t-tūm* “o alho”, *s-sāʕa* “a hora”, *d-dərri* “a criança”, *əz-zbīb* “a uva passa”, *ən-nhār* “o dia”, *r-rīh* “o vento”, *t-tūn* “o atum”, *š-šəndūq* “a caixa”, *ḍ-ḍu* “a luz”, *z-zənzūn* “o mudo”, *ər-rqāq* “pão ázimo”.

O artigo exige uma vogal epentética /ə/ quando se encontra entre consoantes, passando a *əl-*. Exemplos: *b-əl-lhām* “com carne”, *f-əd-dāhəl* “no interior, dentro”, *f-əš-Šwīra* “em Essaouira”.

Alguns substantivos não admitem artigo definido, dentre os quais estão: i) vocábulos de origem berbere: *ātāy* “chá”, *āylāl* “gaivota”; ii) construções de genitivo com *bu*: *bu dhīyyr* “pessoa corcunda”, *bu hāli* “mendigo, andarilho”; iii) os substantivos: *iḥḥa* “pai”, *iḥḥa* “mãe”; iv) e o pronome de tratamento *hənnə* “minha irmã, minha velha”, utilizado entre mulheres.

Alguns estrangeirismos cristalizaram-se com o artigo definido francês *la* “a” (s.f.), não exigindo o artigo *l-*. Exemplos: *lākāl* (o cais do porto de Essaouira) (< fr. *la cale*), *lāmārya~lāmārīyya* “maré” (< esp. *la marea*), *lāplāž* (a praia de Essaouira) (< fr. *la plage*)³²⁸.

6.6.2. Artigo indefinido

O dialeto de Essaouira apresenta duas partículas de indeterminação, que equivalem ao artigo indefinido em português.

A partícula *wāḥəd* “um” aparece geralmente junto a substantivos no singular, que ficam determinados com a prefixação de *l-*, embora o sentido seja de indeterminação. Exemplos: *b-wāḥəd l-hənsa* “com uma sacola” (J), *wāḥəd l-ḥāda* “um costume”, *wāḥəd*

³²⁷ A adição de uma vogal epentética /ə/ antes do artigo assimilado, que precede encontro consonantal, segue o mesmo princípio de *l - > lə-*.

³²⁸ Já o hispanismo *plāya* aceita o artigo definido: *f-əl-plāya* “na praia”.

l-ḥīt “uma linha”, *wāḥəd l-gəṣba* “uma vara de pescar” (R), *wāḥəd l-blūmāt*³²⁹ “uma chumbada (rede)”.

A segunda partícula é *ši* e acompanha substantivos no singular e no plural sem determinação. A diferença para a primeira é que esta parece expressar uma imprecisão maior. Exemplos: *ši ḥāža* “alguma coisa”, *ši sər wāl* “uma calça”, *ši šwīyya* “um pouco”, *ši ārbāṣṭāšər sāḥa* “umas catorze horas”, *hādi ši ṣām māt* “faz um ano mais ou menos que morreu”, *ṣāndu ši sīmāna* “ele tem uma semana (bebê), mais ou menos”.

6.7. Pronomes

6.7.1. Pronomes pessoais independentes

Os pronomes pessoais independentes³³⁰ possuem função de sujeito. Encontram-se em Essaouira:

Singular		Plural	
1.	<i>āna ~ ānāya</i>	1.	<i>ḥna</i>
2m.	<i>nta ~ ntāya ~ ntīna ~ tta</i>	2.	<i>ntūma</i>
2f.	<i>nti ~ ntīyya ~ tti</i>		
3m.	<i>hūwwa</i>	3.	<i>hūma ~ hūmma (~ hamma)</i> ³³¹
3f.	<i>hīyya</i>		

³²⁹ Talvez do esp. *plomada* (peso de chumbo para linha ou rede de pesca).

³³⁰ Tradução da terminologia gramatical árabe *aḍ-ḍamā'ir al-munfašila*, por não estarem nem prefixados nem sufixados a outros nomes.

³³¹ O pronome que apresenta geminação de /m/ não foi verificado em outras partes do Marrocos até o momento. No entanto, segundo Guerrero (2015, p.142), ele pode ser facilmente verificado em dialetos beduínos da Líbia e da Tunísia e mesmo em dialetos orientais. No Cairo, ocorre *humma* (Corriente, 2008b, p. 240). A variante *hamma* foi atestada apenas na fala dos dois informantes judeus.

Na segunda pessoa do singular, há a distinção entre interlocutor masculino e feminino. As formas masculinas empregadas na cidade são *nta* ~ *ntāya* para muçulmanos e *ntīna* no dialeto judeu. Esta última, uma variante setentrional³³², foi bastante comum no dialeto judeu de Essaouira, segundo o relato dos informantes, mas hoje já não se ouve mais na cidade. Um único informante a utilizou para a 2s.m³³³.

Quanto às formas *tta* e *tṭi*, elas são próprias da zona rural, no território Chiadma, e não foram registradas na cidade. Registrou-se na fala de um pescador na praia de Bḥəybəḥ: *tta tṭāla* “vem aqui, você!”.

6.7.2. Pronomes pessoais sufixados

São estreitamente relacionados aos pronomes anteriores, podendo ser sufixados a verbos (valor de objeto)³³⁴, nomes (valor de possessivo)³³⁵ e preposições. São eles:

Singular		Plural	
1.	-i, -ni, -ya, -īyya	1.	-na
2m.	-k, ək	2.	-kūm (~ -kəm)
2f.	-k, -ki		
3m.	-h, -u	3.	-hūm (-həm), -ūm
3f.	-ha, -a		

Na primeira pessoa do singular, o sufixo *-i* é incorporado a nomes terminados por consoante: *šāmmi* “meu tio paterno”; *-y* segue nomes terminados por vogal: *ḥūya* “meu

³³² Utilizada para ambos os gêneros no norte do Marrocos, embora alguns falantes aleguem utilizá-la somente para a 2s.f., em Larache (Guerrero, 2015, p. 141). É uma variante bastante comum nos dialetos judeus (Heath, 2002, p. 270).

³³³ J2 emprega *ntīna*. Exemplo: *mnāyn ntīna?* “De onde você é?”. Também utiliza *nti* para 2s.m., bastante comum para os dialetos judeus do sul do Marrocos (Heath, 2002, p. 270).

³³⁴ Corresponde ao pronome pessoal do caso oblíquo em português.

³³⁵ Corresponde ao pronome possessivo no português.

irmão”³³⁶; e *-lyya* acompanha nomes ou preposições terminados com o sufixo *-i*: *rkāblyya* “meus joelhos”, *flyya* “em mim”, *lyya* “para mim”. O sufixo *-ni* aparece somente com verbos: *ḡṭni* “dê-me”.

Na segunda pessoa singular, predomina o sufixo *-ək* para o masculino e para o feminino. No entanto, ocorre também para o feminino *-ki*, tanto na cidade como no interior. Essa variante é encontrada em Tafilalt e Īgli³³⁷ (província de Errachidia), mas não nos dialetos saarianos³³⁸. Exemplos: *ṣībək* (m./f.), *ḥūk~ḥūki* “teu irmão (f.)”, *ḥbāk~ḥbāki* “teu pai (f.)”, *dyālki* “teu (f.)”, *ṣāndki ūlidāt* “você tem filhos (f.)?”, *āna kənt hna ṣāndki* “estive aqui na sua casa”, *nsūwwəlki* “vou te perguntar (f.)”, *yīqdār iṣāwūnki* “ele poderá te ajudar (f.)”.³³⁹

Na 3s., *-h* aparece após vogal, e *-u*, após consoante: *mṣāh* “com ele”, *ta-nzūrūh* “nós o visitamos”, *flūsu* “o dinheiro dele”, *wūldu* “filho dele”, *ḍarḥātu* “ela bateu nele”, *ṣāndu* “ele tem”. Na 3s.f., *-ha* aparece após consoante e vogal: *ṛāṣha* “a cabeça dela”, *līha* “para ela”, *t-igūlūha* “eles a dizem”. Neste último caso, é comum ocorrer a elisão de /h/ após consoante, resultando em /-a/: *ṣāndha* > *ṣānda* “ela tem”³⁴⁰.

Esse mesmo fenômeno de queda de *h* pode ser verificado na 3pl. de modo que *-hūm* > *-ūm*, principalmente após consoante: *ṣāndūm* “eles têm”, *mṣāhūm* “com eles”, *ka-yṣṭihūm* “ele lhes dá”, *ṣāfdūm* “envie-as” (J).

³³⁶ Um informante judeu utilizou *-y*, variante setentrional, em *ḥāy* “meu irmão”.

³³⁷ Behnstedt (2004, p. 56); Ibid. (*Notes sur le parler “bédouin”*, no prelo, p. 6).

³³⁸ A presença de um pronome sufixado feminino *-ki*, em Essaouira e na província de Errachidia, pode ser explicada por analogia morfológica com o uso do sufixo *-i*, marca de feminino na 2f. do imperfeito, e nas formas femininas de pseudoverbos, como *hāk* (m.)/*hāki* (f.) “tome, pegue” e *ṣāndāk* (m.)/*ṣāndāki* (f.) “atenção, cuidado!” (Heath, 2002, p. 242). A frase *hāki ktābki* “pegue seu livro (f.)”, registrada na cidade, corrobora essa hipótese. Ademais, a ausência do sufixo *-ki* nos dialetos saarianos, com as funções de objeto e de possessivo, talvez seja um indício de que o sufixo não é uma forma árabe anterior.

³³⁹ Os exemplos foram coletados tanto nos inquéritos como em conversações espontâneas dos informantes com interlocutoras do sexo feminino.

³⁴⁰ Fenômeno comum nos dialetos do norte do Marrocos e também na faixa atlântica (Heath, 2002, p. 240).

Os sufixos de plural *-kəm* e *-həm* são variantes encontradas na zona rural de Essaouira³⁴¹. Alguns exemplos encontrados em Sidi Ishaq são: *ḥūkəm* “o irmão de vocês”, *ḥūhəm* “o irmão deles”, *gāl līhəm* “ele lhes disse”, *mṣāhəm* “com eles”, *d-drāri dyūlhəm* “as crianças deles”, *t-iqālləb ʕlīhəm bāš išūfhəm* “ele os procura até achá-los”.

Quando sufixados às palavras que se referem a partes do corpo com plural em *-īn*, ocorre a queda de *n*: *rəžlīn* “pés”/ *rəžlīk* “teus pés”, *wūdīn* “ouvidos”/ *wūdīk* “teus ouvidos”. Com palavras femininas terminadas em *-a*, essa marca é substituída ou acrescida de *-t*: *mṛātu* “a mulher dele”, *bṣalti* “minha cebola”.

6.7.3. Pronomes demonstrativos

	Proximidade	Distância
m.	<i>hāda</i>	<i>(hā)dāk</i>
f.	<i>hādi</i>	<i>(hā)dīk</i>
pl.	<i>hādu</i>	<i>(hā)dūk</i>

Os pronomes demonstrativos de proximidade *hāda*, *hādi* e *hādu*, com função de adjetivo, abreviam-se frequentemente em *hād*, forma que sempre acompanha um nome determinado. Exemplos: *hād l-məṛṛa* “esta vez”, *hād l-ḥūḷa* “esta lâmpada”, *hād d-dār* “esta casa”, *hād lə-bḥār* “este mar”, *hād n-nās* “estas pessoas”. Os pronomes se mantêm quando estão na função de sujeito, como em *hādi qəṣṣa mən ʕādād dyāl l-qəṣṣāt* “esta é uma entre tantas histórias” (J) e *hādu məšryīn* “estes são uns comprados”, e para pôr em relevo o substantivo que lhe vem anteposto, como *l-ḥāḥām hāda (...)* “o *ḥāḥām*³⁴², esse (...)” (J2) e *ər-rqāq ka-yži mən blād ʔḥṛa hāda* “o *rqāq*, esse, vem de outros países”.

³⁴¹ São comuns em alguns dialetos do norte (Aguadé, 2008, p.296; Heath, 2002 p.241).

³⁴² Do hebraico, consiste num sábio ou estudioso da religião judaica e suas fontes (DAF vol. 3, p. 33).

Os demonstrativos que exprimem distância do que ou de quem se fala podem aparecer reduzidos em *ha*. Exemplos: *dāk t-ṭārbūš* “aquele chapéu”, *dāk lə-bka* “aquele choro”, *hādīk d-dār hīyya fīn kbər bāba* “aquela casa é onde cresceu meu pai”, *hīyya hādīk lə-mra lli* (...) “ela é aquela mulher que (...)”, *hādūk b-žūž* “aquelas em par”, *f-dūk bāṭwāt kwbār* “naqueles barcos grandes”, *mša dūk n-nās* “com aquelas pessoas”.

6.7.4. Pronomes e advérbios interrogativos

Os pronomes interrogativos encontrados no dialeto de Essaouira frequentemente podem associar-se a preposições e partículas de genitivo. Alguns deles também podem funcionar como adjunto adverbial e pronome relativo.

škūn “quem?”. Exemplos: *škūn nta?* “quem é você?”, *n-nās kāmīn t-iṣarfu škūn rābbi Hāyām Pinto* “Todas as pessoas sabem quem é Rabbi Haim Pinto” (J). Esse pronome não ocorre junto a preposições e partículas de genitivo, de modo que nesses casos utiliza-se *mən*. Exemplos: *mša mən* “com quem?”, *ntāṣ~dyāl mən?* “de quem?”, *l-mən* “para quem?”, *bhāl mən* “igual a quem?”.

āš “o que, que?”. Exemplos: *āš bīti?* “o que você quer?” (no interior, ocorre a forma contraída *š-bīti?*), *āš ka-ddīr?* “o que você faz?”, *āš ka-ngūlu?* “o que dizemos para?”, *āš ka-dgūlu ntūma?* “como vocês dizem?” (lit. “o que dizem vocês?”), *dāba āš ḡādi ddīr?* “o que você fará agora?”, *ās hbārḱ?* “como vai?” (lit. “quais as notícias?”) (J2). Com algumas preposições e partículas temos: *bhāl āš?* “como o quê?”, *dyāl āš?* “do que é?”, *mən āš mšāyab had əs-sāndwīs?* “de que é feito este sanduíche?”, *f-āš ḥəddām?* “em que trabalha?”, *mšāš ḡādi təmši?* “a que horas você vai?”. Com a preposição *mən* “de” significa “qual?”. Exemplos: *āš mən ktāb?* “qual livro?”, *āš mən ṣām nta ṣāqəl ṣlīha?* “de qual ano você está se recordando?”, *āš mən nūṣ dyāl l-ḥəlwa lli ka-ydīru l-īhūd?* “qual é o tipo de doce que os judeus fazem?”. Quando o pronome acompanha

smīyya “nome” ocorrem as formas: *āsmīyytək~āsmək?* (<*āš smīyytək?*), *āsmu~āsmīyytu?* “como se diz?” (lit. “qual é o nome dele?”) ³⁴³.

āšnu~ šnu~ āšna~ šna “que, qual?”. Exemplos: *āšnu?! “quê?!”*, *āšna hūwwa hāda?* “qual é este?”, *šna hīyya?* “qual é?”, *šnu ka-dgūlu l-hūbz?* “como vocês dizem pão?” (lit. “o que vocês dizem para pão”), *u-šnu ka-ydīru?* “que eles fazem?”.

wāš. Consiste num marcador de interrogação direta cuja utilização é opcional em frases interrogativas sem a presença de um dos outros pronomes aqui elencados. Exemplos: *wāš fhəmti?* “você entendeu?”, *wāš kāyna lāmārīyya?* “há maré cheia?”, *wāš kān ši həd lli hūwwa infirmier?* “havia alguém que era enfermeiro?”, *wāš gādi iżību?* “vão trazê-lo?”.

ʕlāš “por quê?”. Exemplo: *ʕlāš əṣ-šwīra dāʔimān bārda?* “por que sempre faz frio em Essaouira?” (lit. “por que Essaouira está sempre fria?”).

āymta~īmta “quando?”. Exemplo: *īmta ka-tkūn lāmārīya?* “quando há maré cheia?”.

fīn~fāyn “onde, aonde?”. Exemplos: *fīn kənti həddām?* “onde você trabalhava?”, *fīn bgīti tṣəlli?* “onde você quer rezar?”, *fīn kūnti l-bārəḥ?* “onde você esteve ontem?”, *fīn gādi?* “aonde você está indo?”, *Ūfrān ila ta-təṣṣəfha fāyn hīyya Ūfrān?* “Ifrane, isso se você souber onde é Ifrane” (J2).

mnīn~mnāyn “de onde?”. Exemplos: *mnāyn ntīna?* “de onde você é?” (J2), *ma ka-tšūf mnīn ka-yzi l-bārko* “você não vê de onde o barco vem”.

šhāl “quanto?”. Exemplos: *šhāl dgūl?* “quanto era na sua opinião?” (lit. “quanto você dirá?”), *šhāl mən ʕām ʕāndək?* “quantos anos você tem?”, *šhāl mən tābqa dyāl d-dār?* “quantos andares têm a casa?”, *bə-šhāl?* “quanto é?”.

³⁴³ Quando se quer recordar alguma ideia ou palavra.

kīfāš “como?”. Exemplo: *kīfāš kānt l-ṣālāqa dyāl l-īhūd (...)?* “como era a relação (de convivência) dos judeus (...)?”, *kīfāš ka-yhəḍru?* “como eles falam?”, *ma šʕftī-š l-bəgra kīfāš k-ižībdu mənna lə-ḥlīb* “você não viu como tiram leite da vaca”. Há também a forma contraída *ki-*: *ki dāyər?* “como vai?” (lit. “como está fazendo?”), *ki dūwwəzti n-nhār?* “como você passou o dia?”.

6.7.5. Pronome relativo

O pronome relativo do dialeto de Essaouira é *lli*. Ele aparece, na maioria das vezes, com seu antecedente determinado. Por ser invariável, equivale em português aos pronomes *o qual*, *os quais*, *a qual*, *as quais* e também ao *quem* relativo. Exemplos: *hādīk s-sārdīn lli žābuh* “aquela sardinha que eles trouxeram”, *hād š-ši lli kāyən* “isso é o que há”, *n-nəggāfa hīyya hādīk lə-mṛa lli ka-tbaddīl līha l-lbās* “*nəggāfa* é aquela mulher que troca as roupas dela”, *t-taqālīd lli ṣāndna dyāl l-ṣərs* “as tradições que temos para o casamento”, *kāynīn n-nās lli ka-ydīru n-nhār qābl l-ṣərs* “há pessoas que fazem um dia antes do casamento”, *kāyən lli ka-yītsənnāw ḥətta nhār l-ṣərs* “há quem espere até o dia do casamento”, *kāynīn fīhūm lli kānu flāykīyya* “há entre eles os que eram barqueiros”, *kān lli ḥəddāmīn f-l-bārko* “havia quem trabalhasse no barco”, *kūll ši lli bgīti nta* “tudo que você quiser”.

Os judeus da cidade apresentam a variante *əddi~di*³⁴⁴, registrada em Lévy (2009) e encontrada na fala do informante judeu mais idoso. Esse pronome é predominante nos dialetos judeus, sendo muito escasso na fala de muçulmanos³⁴⁵. Exemplos: *žəddi di bu*

³⁴⁴ É muito provável que esse pronome seja derivado da forma ár.cl. **allādi*. No árabe andalusino, há registro das formas *alli* e *addi* (Corriente, 2008a, p. 365) e no Iêmen setentrional encontra-se uma variante similar *ḍi* (Behnstedt, 2016a, p. 74, mapa 32).

³⁴⁵ A não ser por um registro na medina de Fez, onde esse pronome se alterna com *əlli* (Heath, 2002, pp. 494-495).

ḡāḡa “meu vô que é pai do meu pai” (J), *ṛābbi Knāfo di ktāb ḡazzāf d-əl-mṣāḡaf* “Rabbi Knafo que escreveu várias obras” (J).

6.7.6. Pronome reflexivo

O pronome reflexivo origina-se da gramaticalização do substantivo *ṛāṣ* “cabeça” que se anexa aos pronomes pessoais sufixados. Exemplos: *ḡammām u-qāl l-ṛāṣu* “pensou e disse a si mesmo” (J), *dārt ḡāda b-ṛāṣi* “fiz isto eu mesmo”.

6.7.7. Pronome indefinido

Os pronomes indefinidos no dialeto de Essaouira são:

ḡād “alguém”. Exemplos: *ila kān ṣi ḡād ḡūwwa ṡīb* “se havia alguém que fosse médico”, *tākṛti mṣa ṣi ḡād?* “você falou com alguém?”.

ṣi wāḡad “uma pessoa qualquer”. Apresenta flexão de gênero e número: *ṣi wāḡda* (f.) e *ṣi wāḡdīn* (pl.). A partícula de indeterminação *ṣi* mais o numeral *wāḡad* “um” expressa o sentido de “alguém” ou “alguma pessoa”, referindo-se normalmente a desconhecidos. Exemplos: *ṣi wāḡdīn ṣāw l-bārāḡ* “umas pessoas chegaram ontem”, *ṣi wāḡdīn dāzu mān hna* “umas pessoas passaram por aqui”, *ṣi wāḡdīn zwīnīn* “algumas pessoas bonitas”.

ṣi ḡāṣa “alguma coisa”. Exemplo: *ṣi ḡāṣa ḡākka fūq ṛāṣḡa* “uma coisa assim sobre a cabeça dela”.

ḡatta (tta) wāḡad “ninguém”. Exemplo: *ḡatta wāḡad ma ṣāwāb* “ninguém respondeu”.

wālu “nada”. Exemplos: *ma kāyān wālu* “não há nada”, *ma ṣāndūm wālu* “eles não têm nada”.

küll ši “tudo”. Exemplos: *ka-ddīr līha küll ši* “ela lhe faz tudo”, *žəṛṛəbna küll ši* “provamos tudo”, *ʕəndi küll ši bḥīṛ* “comigo está tudo bem”, *küll ši ʕāməṛ ḡīṛ b-əl-īhūd* “tudo cheio apenas com judeus”.

küll “todo, cada”. Exemplos: *līlāh yīkəmməl ʕla küll wāḥəd* “que Deus realize os desejos de cada um”, *hāda küllu* “tudo isso”, *küll wāḥəd f-əl-bəḥṛīyya ka-yṣību l-gāšte* “cada um dos marinheiros trazia sua marmita”.

āḥūr “outro”. Flexiona em gênero e número: *ūḥṛa* (f.), *ūḥṛīn* (pl.). Exemplos: *n-nḥār l-āḥūr* “o outro dia”, *hād əl-āḥūr* “este outro”, *b-ləbsa ūḥṛa* “com uma outra roupa”, *ḥwāyəz ūḥṛīn* “outras coisas” (J).

bāʕd “alguns”. Exemplo: *bāʕd əl-ḥəṭṛāt* “algumas vezes”.

āyy “qualquer”. Exemplo: *āyy īhūdi* “qualquer judeu”, *āyy žāməṛ* “qualquer mesquita”.

n-nās “as pessoas, todo mundo”. Exemplo: *ka-yṣīw n-nās ʕāndhūm* “todo mundo vem na casa deles”.

6.8. Genitivo

6.8.1. Sintético

O genitivo sintético consiste na anexação de um nome a outro, de modo que o segundo elemento estabelece uma relação de posse com o primeiro, o qual deve estar sempre determinado, mas sem o artigo definido.

No dialeto de Essaouira, o genitivo sintético costuma ocorrer principalmente em relações de parentesco³⁴⁶ e nomes de lugares. Exemplos: *wūld wūldu* “o filho do filho dele”, *bḥwāt l-qāyəd* “o pai do líder”, *bḥwāt hād əs-sīyyīd* “o pai deste senhor”, *mdīnət*

³⁴⁶ Principalmente com os pronomes sufixados: *mṛātu ~mārtu* “a mulher dele”, *ūlādu* “os filhos dele”, *žəddāti* “minha avó”.

Bərkan “Cidade de Berkane”, *Dərb əs-Skwīla* “Rua da Escola (nome)”, *ṛāṣ l-mūn* (ponta do cais de Essaouira)³⁴⁷.

Ocorre com nomes como *nhār* “dia”, *mūl* “encarregado de”, *wūṣṭ* “meio”, *žīha* “ao lado de”. Exemplos: *nhār s-səbt* “sábado” (lit. “dia de sábado”), *mūl lə-flūka* “barqueiro” (lit. “responsável, dono do barco”), *mūl l-kārṛūša* “carregador”, *f-wūṣṭ d-dār* “no meio da casa”, *mən žīhət š-šəlḥa* “do lado dos berberes”.

6.8.2. Analítico

Essa forma de genitivo é mais comum que a anterior. Pode ser realizada com as partículas *d-/dyāl* ou *(n)tāṣ*³⁴⁸ relacionando um substantivo com outro sempre determinado ou ainda com um pronome sufixado. Em alguns casos existe a possibilidade de concordância entre a partícula e o substantivo, podendo assumir as formas femininas *dyālt* e *ntāṣət* e plurais *dyūl* e *ntāwəṣ*³⁴⁹. Exemplos: *f-əd-dāḥəl dyāl d-dār* “dentro da casa”, *d-drāri dyāl Brāhīm ~ dyūl Brāhīm* “as crianças de Ibrahim”, *byūta dyūlhəm* “os quartos deles” (R), *d-du dyāl l-qāmār* “a luz da lua”, *d-dār dyāl Ṣāmmi Ḥasān* “a casa do meu tipo Hasan”, *n-nās dyāl əṣ-Šwīra* “a gente de Essaouira”, *l-mərṣa dyāl əṣ-Šwīra* “o porto de Essaouira”, *l-bārko d-əs-sərdīn* “o barco de sardinha”, *šwīyya d-əl-ma* “um pouco de água”, *bəzzāf d-əl- mṣəqsyāt* “muitas perguntas” (J2), *s-šīna dyālthūm* “a *šīna* deles³⁵⁰”, *l-mədra dyālt lə-ḥdīd* “a forquilha de ferro”, *l-ṣālāqa dyālthūm məzyāna* “a relação deles é boa”, *s-šīna tāṣ d-džāž* “a *šīna* é de frango”, *mṣa ārbṣa dyālt əl-ṣšīyya*

³⁴⁷ Lit. “cabeça da lua”, onde *mūn* vem do ing. *moon* “lua”. O nome é antigo e se deve ao formato de lua crescente do cais do porto de Essaouira. O uso de palavras em inglês era bastante comum no século XIX, sobretudo entre a aristocracia da cidade, devido aos fortes laços comerciais com a Inglaterra e a presença constante de embarcações inglesas no porto com finalidade comercial.

³⁴⁸ Essa alternância entre as duas partículas já estava presente em Socin (1893, p.184).

³⁴⁹ *ntāwəṣ* foi mencionado como presente pelos informantes, mas não registramos seu uso espontâneo em nenhuma gravação. Predomina *dyūl*.

³⁵⁰ Prato típico judeu.

“às quatro da tarde”, *mʕa t-tnāš ntāʕat n-nhār* “ao meio-dia”, *l-qānāt ntāʕ lūndūn* “o canal de Londres”.

6.9. Preposições

Dentre as preposições presentes no dialeto local, algumas equivalem a locuções prepositivas no português. São elas:

l-, *lī-* “a, para”. Exemplos: *žərf ɡa-nīmšīw līh* “um rochedo para o qual iremos”.

b-, *bī-* “em, com, por”. Exemplos: *ka-dḏūr bīh* “ela dá a volta com ele”, *bə-l-līl* “de noite”, *b-əl-ɡəšba* “com a vara de pescar”.

mən, *mənn* “de, por”. Exemplos: *fūq mən səttīn ʕām* “mais de sessenta anos”, *wāḥəd mənnūm kān zəddi* “um deles foi meu avô” (J2), *āna dīma ka-ndūz mən hna* “sempre passo por aqui”.

f-, *fī-* “em”. Exemplos: *f-əš-šəbka* “na rede”, *f-əš-šəhī s-səbʕa* “no mês sete”, *f-əš-šīf* “no verão”. Em alguns contextos pode significar “entre”: *f-əl-bāḥīyya* “entre os marinheiros”.

bīn “entre”. Exemplo: *ma bīn r-rāžəl u-lə-mṛa* “entre o homem e a mulher”,

ḥatta, *tta* “até”. Exemplos: *ḥatta nhār l-ʕərs* “até o dia do casamento”, *ḥatta tsāli l-ʕrūsa ka-yləbbsūha hākka* “até a noiva terminar, eles a vestem assim”, *t-yībki ktīr ḥatta d-dərri wūlla zārq* “chorava tanto até que a criança ficou azul” (J1).

bla “sem”. Exemplo: *bla sūkkār* “sem açúcar”, *bla flūs* “sem dinheiro”.

fūq ~ *fūg* “sobre, em cima de”. Exemplo: *fūq rāsha* “sobre a cabeça dela”. Pode ser empregado como advérbio com o artigo definido *l-*: *l-fūq* ~ *l-fūg*.

tāht “sob, embaixo de”. Exemplo: *tāht l-mḥadda* “sob o travesseiro”. Considerado advérbio com *l-*, sem assimilação com /t/: *l-tāht*.

ḥda “ao lado de”. Exemplo: *dār ḥda dār* “uma casa do lado da outra”.

qūddām~gūddām “em frente a”. Exemplo: *ka-ydīru l-ḡars qūddām ən-nās* “eles fazem o casamento na frente de todos”.

ḡānd “em, junto ao”. Exemplos: *Məsḡūd kān ḡāyf ḡānd ṣwāḡbu* “*Məsḡūd* era um hóspede na casa de seus amigos” (J2), *mšāt ḡānd ṛāžəlha* “ela foi para a casa do marido”, *hāda ḡānd š-šlūḡ* “isso (são costumes) entre os berberes”.

ḡla “sobre”. Exemplo: *dāyrīn dāk t-ṭāṛbūš ḡla hna* “eles colocam aquele chapéu sobre esta parte aqui”.

mḡa “com”. Exemplos: *t-imši mḡa ṛžāla* “ele sai com homens”, *wāḡəd əl-mṛa lli dzūwwžāt mḡa l-mālīk* “uma mulher que se casou com o rei”.

6.10. Advérbios

6.10.1. Lugar

hna, hnāya “aqui”. Exemplos: *ža hna* “ele veio aqui”, *hnāya dzādīna* “nascemos aqui”.

tamma ~ tammāya~ tammāk ~hnāk “aí, ali, lá”. Exemplos: *skən tammāk* “morou lá”, *lli ka-təlqa tamma* “que você encontra lá”, *ḡdəmt hnāk* “trabalhei lá” (J). O advérbio *lhīh(a)* “lá” apresenta um sentido muito semelhante, porém com a nuance de que se trata de um lugar realmente distante que não se pode ver.

6.10.2. Tempo

dīma “sempre”. Exemplo: *k-ibqāw ilāḡbu dīma hna f-əl-līl* “costumavam brincar sempre aqui de noite”.

ma ʕāmmər “nunca”. Exemplos: *ma ʕāmmərha ʔəržāt mʕa ši ʔād* “ela nunca saiu com alguém”, *ma ʕāmmərni ʕrəftš* “eu nunca soube”.

l-yūm(a) “hoje”. Exemplo: *kāyən ʕ-ʕmər l-yūma* “faz frio hoje”.

l-bārəḥ “ontem”. Exemplo: *fīn ʕāllīti l-bārəḥ* “onde você rezou ontem?”.

ḡadda “amanhã”. Exemplo: *fīn bə-tkūn ḡadda?* “onde você estará amanhã”.

mən bāʕd “depois”. Exemplo: *t-təqḏār dzūwwəž sətt šhūr mən bāʕd* “ela consegue se casar seis meses depois”.

bəkri “cedo”. Exemplo: *ta-yfīqu bəkri* “acordam cedo”.

(hā)dīk s-sāʕa “naquele tempo, época”. Exemplo: *ka-yītsamma hādīk s-sāʕa l-məskən dyāl l-ḥūt* “chamava-se naquele tempo a morada do peixe”.

bāqi “ainda”. Exemplos: *š-šīḥ dyāli bāqi ḥāyy* “o meu xeque³⁵¹ ainda está vivo”, *bāqi ʕāqəl ʕla l-īhūd?* “você ainda se lembra dos judeus?”.

māzāl “ainda”. Do verbo em ár. cl. **mā zāla* “ainda” (lit. “não cessou”), passou a uma partícula invariável no árabe dialetal marroquino. Exemplos: *māzāl ma-sālā-š l-ʕām* “o ano ainda não acabou”, *ḥna ʕḡār u-māzāl ma-kāyn-š d-du* “éramos pequenos e ainda não havia luz (energia elétrica)”. Um único falante tratou o advérbio como um nome, flexionando-o em gênero (*māzāla* (f.)) e número (*māzālīn* (pl.)). Exemplos: *māzāla bənt* “ainda é moça (virgem)” (J), *māzālīn f-əl-ḥāyāt* “ainda estão vivos” (J).

6.10.3. Quantidade

bəzzāf “muito”. Exemplos: *ma ʕqəlt-š ʕlīḥūm bəzzāf* “não me lembro muito deles”, *kūnna fāmīlya³⁵² kbīra bəzzāf* “éramos uma família muito grande” (J).

³⁵¹ Líder religioso muçulmano que dirige uma *zawiya*.

³⁵² < esp. *familia*.

gəddāš~ gəddāš-na “grande, enorme”. Consiste numa partícula qualitativa e exclamativa no sentido físico e moral. Exemplos: *wāḥəd d-dār gəddāš* “uma casa enorme”, *gəddāš-na ḥūwwa* “que grande (m.)!”, *gəddāš-na ḥīyya* “que grande (f.)!”.

šwīyya~šwi~šwāy “pouco”. Exemplos: *šwīyya dyāl l-ḥūt* “pouco peixe”, *šwāy d-ən-nəḥnəḥ* “um pouco de hortelã” (R), *ka-tṣāwūd tgləs bīha šwīyya* “ela volta a se sentar um pouco”.

6.10.4. Modo

ḡīr “somente, apenas”. Exemplos: *ḡīd l-ma ḡīr ḡāda* “a festa da água é apenas um costume” (J), *māši ḡīr šəbka wāḥda* “não é uma rede só”.

bḥāl~fḥāl “como, igual a”. O advérbio predominante em Essaouira é *bḥāl*, porém os informantes judeus ainda utilizam a variante *fḥāl*, presente no norte do Marrocos. Exemplos: *ka-ydīru bḥālkūm* “eles fazem como vocês”, *bḥāl ūrūpa* “como a Europa”, *fḥāl ḥādi* “como esta” (J), *fḥāl dāba* “por exemplo” (lit. “como agora”) (J), *bḥāl bḥāl~fḥāl fḥāl* “a mesma coisa”.

kīf “como”. Utiliza-se no mesmo sentido do advérbio anterior em sentenças comparativas. Exemplos: *tṣāllmu l-ṣāṣābīyya kīf l-ihūd* “aprenderam o árabe como os judeus”. Numa das canções dos pescadores locais, encontramos: *kīf l-bāreḥ kīf l-yūm kīf ḡadda nšāllāh* “que amanhã seja como hoje e ontem, se Deus quiser”³⁵³.

ḡāḥ “de forma alguma, em absoluto”. Exemplo: *ma yṣəṣfūh-š ḡāḥ* “não conhecem ele mesmo”.

³⁵³ Essa canção era cantada pelos pescadores no porto enquanto descarregavam os barcos, passando os cestos com peixes, *kānāṣṣa* (árabe local), de mão em mão. M3 nos relatou que já não se pode ouvi-la mais no porto, mas que antigamente era bastante comum e que se recorda dela na infância quando acompanhava seu pai no trabalho como marinheiro no porto.

hākka “assim, desta forma”. Exemplos: *kūnna ka-nḥūrzu bḥāl hākka* “costumávamos sair assim”, *kān ḡīr d-du dyāl l-qāmār bḥāl hākka* “só havia a luz da lua assim”, *dīma ka-ndīr hākka* “sempre fazemos assim”.

6.10.5. Dúvida

ḥāqqān ~ wāqīla “talvez”. Ambos podem ser utilizados para expressar dúvida. O advérbio *wāqīla* (<ár.cl.**wa-qīla* “e foi dito”) predomina em toda a costa atlântica, o que inclui Essaouira e o território Chiadma. Já *ḥāqqān* (< ár.cl.* *ḥaqqan* “de fato”) é próprio da cidade de Essaouira e possui o mesmo sentido de *wāqīla*. Exemplo: *ḥāqqān ḡādi iẓi flān* “talvez venha fulano”. Esse uso de *ḥāqqān* pode ter se estendido de seu uso também corrente e local para solicitar confirmação sobre uma afirmação: *ḥāqqān?* “realmente? verdade?”, assim como *b-əṣ-ṣāḥḥ?* “verdade?”.

6.11. Conjunções

6.11.1. Coordenativas

u-/w- “e”: conjunção aditiva. Exemplo: *u-ka-ydīru kūll šī, l-ḥənna, u-l-mākla, u-kūll šī* “e eles fazem tudo, a hena, a comida e tudo”.

wūlla, āwla “ou”: conjunção alternativa. Exemplo: *wāš kāyna lāmārya wūlla l-q^wšīyyər?* “Há maré alta ou baixa?”, *ḥādūk b-žūž āwla tlāta āwla ārbṣa* “aqueles de dois, ou três ou quatro”.

walākīn “mas, porém”: conjunção adversativa. Exemplo: *ila kānt l-q^wšīyyər rāh ma ḡa-ykūn-š l-ḥūt, walākīn ila kāyna lāmārya ka-ykūn (...)* “se houver maré baixa, não haverá peixe, mas se houver maré alta (...)”.

6.11.2. Subordinativas

ḥūt ~ *l-yānna~l-ʔānna* “porque”: conjunções causais. Exemplos: *āna mʕa ʕ-ʕʷgūr šūft hādāk š-ši ḥūt l-wālīd kān bāḥḥār* “eu, na infância, vi aquilo porque meu pai era marinheiro”, *ṛāh ma ǵa-ykūn-š l-ḥūt, l-ʔānna ka-yīṭlāš ḡīṛ šwīyya d-əl-ma* “não haverá peixe, uma vez que sobe só um pouco de água”.

kīmma “como”: conjunção conformativa. Exemplo: *kīmma ǵalt līk* “como te disse”.

bīnna~bāš “que”: conjunção integrante. Exemplos *āna ǵūtt līk bās³⁵⁴ bāḥa kān yīḥdām ʕānd Cartier* “eu te disse que meu pai trabalhava no *Cartier*” (J); *ḥūwwa ma ʕṛāf-š bāš Būgūta (...)* “ele não sabia que Bogotá era (...)”, *kānt ka-nəʕqəl bīnna bāšd l-āžānīb bərṭqīz kānu yībqāw hna* “eu me lembrava de que alguns estrangeiros portugueses ficavam aqui”.

bāš “para, a fim de que”: conjunção final. Exemplos: *ka-yšəʕlu līh d-du bāš ka-yži* “acendem a luz para atrai-lo”, *ka-ykūn ḥīt ḡlīd bāš ma-yītfərgəʕ-š* “usa-se uma linha grossa para não estourar”.

məlli~məddi~fāš “quando”: conjunções temporais. Exemplos: *məlli ka-tkūn bāḡa dži hna l-bādīyya ka-yžīw mʕāha nṣāra* “quando ela quer vir para o interior, os cristãos vêm com ela” (R), *fāš ka-yīdhūl l-ḥūt lə-l-məṛša t-igūlu (...)* “quando chega o peixe no porto, dizem (...)”, *məddi kūnna šḡār kūnna nəmsīw (...)* “quando éramos pequenos, íamos (...)” (J), *məddi kūnt šḡīṛ ana kūnt nəmsi l-əš-šla* “quando eu era pequeno, ia à sinagoga” (J).

³⁵⁴ < *bāš*.

6.12. Negação

A negação nominal pode ser realizada com a partícula de negação *māši* antes do elemento a ser negado ou com a partícula *ma* e o sufixo *-š/- šāy*, como acontece com os verbos. Exemplos: *māši bazzāf* “não é muito”, *māši fḥāl fḥāl* “não é igual” (J), *māši dyāl əl-lḥām* “não é de carne”, *mṛa ma mziwwza-šāy* “uma mulher que não é casada”, *ma mziwwzīn-šāy* “não são casados”, *kālām ma mazyān-šāy* “palavras que não são boas”, *ma mazyānā-š* “não é boa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a descrição do dialeto de Essaouira no capítulo anterior, confirmou-se que o dialeto urbano de Essaouira apresenta de fato uma grande quantidade de traços compartilhados pelos dialetos de tipo hilaliano, –*ṣrūbi*, beduíno ou central–, diferenciando-o dos dialetos pré-hilalianos –citadinos ou setentrionais– dos centros urbanos situados mais o norte do Marrocos, como alegava Colin (1945;1986). Exemplos: as realizações de *q > [q] e [g] (*fūq~fūg* “em cima de”); a monotongação (*līl* “noite”); as partículas de futuro *ḡādi*, *ḡa-*.

Se por um lado isso é verdadeiro, por outro os dados demonstram que o dialeto também apresenta traços pré-hilalianos, o que faz com que se insira no grupo das variedades de Marraquexe e Mequinez, que apresentam ambos os tipos de traços (Lévy, 1998, Colin 1986). Seguem alguns exemplos de alternância de variantes citadinas e beduínas, que aparecem nessa ordem: prevérbios *ka-* e *ta-*, as partículas de genitivo *dyāl* e *ntāṣ*; no léxico *lčīn* e *līmūn* “laranja”.

Quanto à origem dos traços pré-hilalianos, considerando que a população de Essaouira era em sua maioria natural do sul do país, pode-se cogitar que esses traços tenham vindo inicialmente de Marraquexe bem como de cidades como Fez e Rabat, de onde veio parte da aristocracia da cidade no passado. Aliado a isso, não se pode descartar o processo de coineização em progresso no país, em que o prestígio do dialeto de grandes centros como Casablanca, Rabat e Marraquexe, exercem influência sobre cidades menores por meio dos meios de comunicação.

Não obstante, ressalta-se que curiosamente certos traços pré-hilalianos ou setentrionais foram identificados na área rural, no território Chiadma, nas proximidades de Essaouira. Exemplos: a predominância do prevérbio *ka-*, o uso frequente da partícula

de genitivo analítico *dyāl*, o uso de *qāmār* “lua” e os pronomes sufixados *-kām* (2pl.), *-hām* (3pl.). Isso demonstra que certos traços pré-hilalianos podem ter sido trazidos pelos Chiadma para a cidade.

Esse dialeto de Aquermoud e arredores, no território Chiadma, caracteriza-se igualmente como um dialeto hilaliano beduíno, mas apresenta uma forte marca beduína saariana, compartilhando variantes que podem ser identificadas em dialetos como o *ḥassāniyya*. Essa variedade distingue-se do dialeto urbano de Essaouira pelos traços a seguir: a ditongação em contextos consonantais simples (*nsāyt* “eu esqueci”), o uso dos pronomes pessoais *tta* (m.)/*titi* (f.) e o uso do imperativo *tṣāla* “vem (m.)”. Já outros de seus traços, de origem saariana, parecem ter entrado no falar da cidade, como demonstram os exemplos identificados em Essaouira: o sufixo *-u* (3.pl.perf.) para verbos defectivos (*ta-yīžru* “eles correm”) e a realização de *q > [g] (*gāyla* “calor”, *tlāga* “ele se encontrou com”). Esses traços parecem corroborar a origem árabe dos Chiadma e a presença de tribos Maḳqil no seu território e em Essaouira³⁵⁵.

O dialeto de Essaouira havia sido classificado por Heath (2002) como pertencente aos dialetos judeus e muçulmanos da faixa atlântica (Al Jadida, Azamor e Safi) e nossos dados confirmam certas semelhanças como demonstram os exemplos: a elisão do pronome sufixado /h/ após consoante (*ṣāndha* > *ṣānda* “ela tem”); o particípio ativo f. sem *-y-* (*bāga* “que quer”); o ordinal *sātt* “sexto”; e o uso de palavras do contexto marinho como *šālabār* “rede de aterragem (pesca)”, *bṛāša* (unidade de medida para distância e profundidade) e *ṣūwwa* “gaivota”. Quanto às diferenças com relação aos dialetos vizinhos, destaca-se o sufixo de 3f.perf. *-āt* nos verbos simples regulares, em Essaouira e Marraquexe, ao passo que se tem *-at/-t* para Safi.

³⁵⁵ Ver capítulo II.

Dentre outras diferenças estão variantes que parecem ser exclusivas de Essaouira e arredores. Exemplos: os advérbios *ḥāqqān* “talvez” e *mwūnni?* “você está certo disso?”; e os itens lexicais *kāk* “torneira”, *ṣūni* “pedra”, *qāẓdār* “lagartixa”, *āylāl* “gaivota” e *kūčī* “charrete”.

Também foram encontradas variantes que ocorrem no sudeste do Marrocos (Tafilalt e Errachidia). Exemplos: o pronome sufixado 2f. *-ki* na função de objeto e de possessivo; o uso de *sātt* “sexto” – como em Safi –; de *t-tāli* “último” e o ordinal *ṣāwāẓ* “segundo”³⁵⁶. Nos nossos dados para o dialeto judeu identificamos /l/ < /n/ (*blītāt* < *bnītāt* “meninhas”; *āylān* < *āylāl* “gaivota”). Acreditamos que essas variantes comuns entre Essaouira e o sudeste possam ser explicadas pelo longo contato com a população berbere nas duas regiões, o que exigiria uma pesquisa mais aprofundada a respeito.

O dialeto judeu se caracteriza por variantes meridionais compartilhadas por muçulmanos tais como o uso do prevérbio *ta-* e do léxico local (*tāgārt* “praia de Essaouira”). Distingue-se, porém, por uma maior quantidade de traços setentrionais como se espera para os dialetos judeus. Seguem alguns exemplos que marcam a fala de judeus e muçulmanos respectivamente: *fḥāl* (J) e *bḥāl* (M) “igual a”; *ṣabba* (J) e *dda* (M) “levar”; *ṣmāl* (J) e *dār* (M) “fazer”; e o pronome relativo *ddi* (J) e *lli* (M).

No entanto, nossos dados revelaram indícios de nivelação entre as variedades dos dois grupos. Nota-se um início de mudança na neutralização das fricativas e sibilantes (/š/>/s/ e /ž/>/z/) na fala do informante judeu mais idoso, que passa a distingui-las em alguns casos: *ṣaddi~zaddi* “meu avô”. Ocorre algo semelhante também com a passagem de /q/ a /g/ em vocábulos específicos como *qāl~gāl* “dizer”, uma vez que os judeus locais empregavam sempre a variante com /q/.

³⁵⁶ Essas duas variantes são encontradas também no norte (Ujda e Branes).

Os fatos históricos sobre o povoamento da cidade aliados à descrição da variedade árabe local parecem revelar informações novas e relevantes sobre uma zona arabófono, que apesar de conhecida, fora deixada erroneamente em segundo plano. Esperamos ter suprido, pelo menos em parte, a carência de dados atualizados para as falas tanto de muçulmanos como de judeus em Essaouira e seus arredores, contribuindo para uma melhor compreensão da realidade linguística do sul do Marrocos.

Esperamos que este trabalho sirva de incentivo a novos estudos dialetais do árabe por brasileiros, uma vez que a linguística do árabe é um campo que está se desenvolvendo no país³⁵⁷ e a dialetologia árabe é uma disciplina nova dentro do arabismo no mundo lusófono. No Brasil, os países do Magrebe parecem mais distantes geograficamente que países como Egito, Líbano, Palestina e Síria. Acreditamos que todos os dialetos árabes devem ser pesquisados, visto que essa atividade é fundamental não só para a formação dos estudantes de graduação em árabe – que necessitarão comunicar, compreender, traduzir e interpretar diferentes variedades da língua –, como na publicação de dicionários, gramáticas e livros didáticos.

³⁵⁷ Dentre os estudos linguísticos do árabe no Brasil alguns deles estão associados também aos estudos da tradução. Cf. Gomes (2011); Francisco (2014); Tavares (2016); Lima (2017); Sano (2017); Rodrigues (2017); Gemignani (2018); Caffaro (2018); Alves (2019).

Abreviaturas das obras

AIDA	<i>Association Internationale de Dialectologie Arabe</i>
EALL	<i>Encyclopedia of Arabic Language and Linguistics</i>
EDNA	<i>Estudios de Dialectología Norteafricana y Andalusí</i>
EI	<i>Encycopledia of Islam</i>
DAF	<i>Dictionnaire Arabe-Français (Premare)</i>
MM	<i>Ma^clamat al-Mağrib</i> (Enciclopédia do Marrocos)
WAD	<i>Wortatlas der arabischen Dialekte</i>
WZKM	<i>Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes</i>
ZDPV	<i>Zeitschrift des deutschen Palästina -Vereins</i>

REFERÊNCIAS³⁵⁸

- ABBOUD-HAGGAR, Soha. Dialects: genesis. **EALL**. vol.1. Leiden-Boston: Brill, 2011. p.613-622.
- AD-DU^oAYYIF, Muḥammad. **Tārīḥ Aḍ-Ḍu^oayyif: Tārīḥ ad-Dawla as-Sa^oīda** (A História de *Aḍ-Ḍu^oayyif*: A História da dinastia bem aventurada). Rabat: Dār Al-Ma^otūrāt, 1986.
- ’AFĀ, Al-Ḥusayn; ’AFĀ, °Umar. **Qabīlat Masgīna fī Sūs ġarb al-’Aṭlas al-kabīr** (A Tribo dos Mesguina no Sus: oeste do Alto Atlas). Exprim’impression, 2017.
- AGUADÉ, Jordi. Remarques sur les particules de l’inaccompli en arabe maghrébin. **Langues et littératures**. Rabat: n.16, p.11-24, 1998.
- _____. Árabe marroquí (Casablanca). In: CORRIENTE, Federico; VICENTE, Ángeles (org.) **Manual de dialectología neoárabe**. Saragoça: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2008. p. 281 – 310.
- _____. On vocalism in Moroccan Arabic dialects. In: MONFERRER-SALA, J.P.; AL-JALLAD, N. (org.) **The Arabic language across the ages**. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 2010. p. 95-105.
- _____. Zum arabischen Dialekt von Settāt (Marokko). In: **Nicht nur mit Engelszungen: Beiträge zur semitischen Dialektologie**. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2013. p. 1-6.
- _____. The Maghrebi dialects of Arabic. In: HOLES, Clive (org.) **Arabic Historical Dialectology**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018. p. 29-63.
- _____. Estudio descriptivo y comparativo de los fonemas del árabe dialectal marroquí. **EDNA**. Saragoça, n. 7, p.59-109, 1997.
- AGUADÉ, Jordi; ELYAACOUBI, Mohammad. **El dialecto árabe de Skūra (Marruecos)**. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1995.
- AGUADÉ, Jordi; VICENTE, Ángeles. Un calco semántico del bereber em árabe dialectal magrebí: el uso de la preposición *ṣla* en el comparativo. **EDNA**. Saragoça, n. 2, p. 225-240, 1997.
- AGUADÉ, Jordi; CRESSIER, Patrice; VICENTE, Ángeles (org.) **Peuplement et arabisation au Maghreb Occidental: Dialectologie et Histoire**. Madri – Saragoça: Casa de Velázquez, Universidad de Zaragoza, 1998.
- AGUADÉ, Jordi; BENYAHIA, Laila. **Diccionario Árabe Marroquí**. Cádiz: Quorum Editores, 2005.

³⁵⁸ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

AL-[°]AZĪFI, Muḥammad Raḍwān. Al-fīnīqīyūn fī jazīrat aṣ-Ṣwīra (Os fenícios na ilha de Essaouira). In: **Essaouira: mémoire et empreintes du présent**. Université Ibnou Zohr, Publications de la Faculté des Lettres et des Sciences humaines – Agadir. Casablanca: Maṭbaʿa an-najāḥ al-jadīda, 1994. p.53-76.

AL-BAKRĪ, Abu ʿUbayd. **Kitāb Al-muḡrib fī dīkr bilād ʿIfriqiyya wa-l-Maḡrib (Description de L’Afrique Septentrional)**. Edição de De Slane. Argel: Imprimerie du Gouvernement; Maktabat al-Muṭanna bi-Baḡdād, .1857.

ALCALÁ, Pedro. **Arte para ligeramente saber la lengua arauiga**. 1505. Disponível em:

[http://bdh.bne.es/bneselect/biblioteca/Arte%20para%20ligeramente%20saber%20la%20lengua%20arauiga/qls/Pedro%20de%20Alcal%C3%A1%20\(n.%20ca.%201455\)/qls/bdh0000090898;jsessionid=CA9D675118C5A7D0B0E23647845EE310](http://bdh.bne.es/bneselect/biblioteca/Arte%20para%20ligeramente%20saber%20la%20lengua%20arauiga/qls/Pedro%20de%20Alcal%C3%A1%20(n.%20ca.%201455)/qls/bdh0000090898;jsessionid=CA9D675118C5A7D0B0E23647845EE310). Acesso em: 29 de Julho de 2019 às 13:42.

AL-ĠAZZĀL, ʿAḥmad bin al-Mahdī. **Natījat al-ʿIjtihād fī l-Muhādana wa-l-Jihād** (Frutos dos esforços em negociar a paz e a guerra). Bibliothèque National de France. Département des Manuscrits. Arabe 2297. Beirute : Ismaʿīl al-ʿArabī, 1980. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b11001977p.r=ghazzal?rk=42918;4>. Acesso em 29 de Julho de 2019 às 13:53.

AL-ĠWĀT, Muḥammad. Al-ʿaḥwāl al-iqtisādiyya wa-l-ijtimāʿiyya li-l-muhājirīn al-muqīmīn bi-madīnat aṣ-Ṣwīra (A situação econômica e social dos migrantes residentes na cidade de Essaouira). In: **Essaouira: mémoire et empreintes du présent**. Université Ibnou Zohr, Publications de la Faculté des Lettres et des Sciences humaines – Agadir. Casablanca: Maṭbaʿa an-najāḥ al-jadīda, 1994. p. 243-254.

AL-JĀḤID, Abu ʿUṭman. **Kitāb al-bayān wa-t-tabiyyīn** (“Livro da retórica e elucidação”). Disponível em: <http://www.alwaraq.net/Core/AlwaraqSrv/bookpage?book=65&session=ABBBVFAGFGFHAAWER&fkey=2&page=1&option=1>

AL-KĀNŪNĪ, Muḥammad Bin ʿAḥmad al-ʿAbdī. **Āsfī wa-mā ʿilayhi qadīman wa-ḥadītan** (Sobre Asfī ontem e hoje). Cairo: Maṭbaʿa Muṣṭafa Muḥammad, 1932.

AL-MUQADDASĪ, Šamsu d-Dīn. **ʿAḥsan at-taqāsīm fī maʿrifati l-ʿaqālīm** (“As melhores divisões para o conhecimento das regiões”). Leiden: Brill, 1906. Disponível em: <https://archive.org/details/AhsanAlTakaseemFeyMarefatAlAkaleem/page/n20>. Acesso em 29 de Julho de 2019.

- AL-QĀDIRĪ, Muḥammad Bin aṭ-Ṭayyib. **Našr al-Maṭānī li-ʿAhd al-Qarn al-Ḥādī ʿĀšr wa-t-Ṭānī** (Livro das crônicas do século XI e XII). vol.1-4. Rabat: Dār al-Mağrib, 1977.
- AL-SHARKAWI, Muhammad. Foreigner talk. **EALL**. vol.2. Leiden-Boston: Brill, 2011. p.116-121.
- ALVES, Jemima. **É Londres, meu caro: o encontro de culturas em tradução**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- AL-WER, Enam. Sociolinguistics. In: OWENS, Jonathan (org.) **The Oxford Handbook of Arabic Linguistics**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2013. p. 241-263.
- AN-NĀṢIRĪ, Jaʿfar; AN-NĀṢIRĪ, Muḥammad. **Al-Istiqṣāʾ li-ʿaḥbār duwal al-Mağrib: ad-dawla al-ʿalawiyya** (Exame das crônicas das dinastias do Marrocos: a dinastia alauíta). vol.8. Casablanca: Dār al-Kitāb, 1956.
- AR-RAJRĀJĪ, ʿAḥmad bin al-Ḥājj. **Aš-Šumūs al-munīra fī ʿaḥbār madīnat aš-Šwīra** (A luz do Sol sobre as crônicas da cidade de Essaouira). Rabat: *Al-maṭbaʿa al-waṭaniyya*, 1935.
- AŠ-ŠIDDĪQĪ, Muḥammad bin Saʿīd. **ʾIqāḍ as-sarīra li-tārīḥ aš-Šwīra** (O Despertar da consciência à História de Essaouira). Casablanca: Dār Al-Kitāb, 1969.
- AS-SŪSI, Muḥammad Al-Muḥtār. **ʾIlīg, qadīman wa-ḥadīṭan** (ʾIlīg, Ontem e Hoje). Rabat: Al-Maṭbaʿa al-Malikiyya, 2005 [1966].
- BADAWĪ, as-Saʿīd Muḥammad. **Mustawayāt al-ʿarabiyya al-muʿāšira fī miṣr** [Os níveis do árabe contemporâneo no Egito]. Cairo: Dār al-Maʿārif, 1973.
- BASSIOUNEY, Reem. **Functions of Code-Switching in Egypt: Evidence from monologues**. Leiden: Brill, 2006.
- _____. **Arabic Sociolinguistics : topics in Diglossia, Gender, Identity, and Politics**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2009.
- _____. Leveling. **EALL**. vol.3. Leiden-Boston: Brill, 2011. p.8-13.

BEHNSTEDT, Peter. Un Atlas linguistique du Maroc: problemes methodologiques et pratiques. *In* : **Dialectologie et Sciences Humaines au Maroc**. Casablanca: Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de Rabat, 1995. p.89 – 97.

_____. Von an-’Āṣar (Al-Qaṣr) nach Īgni (ĪGLI) : Ein Vorbericht zu einigen arabischen Dialekten der Provinz ʿar-Raṣīdiyya (Marokko). *In*: HAAK, Martine ; DE JONG, Rudolf ; VERSTEEGH, Kees. **Approaches to Arabic dialects**. Leiden – Boston : Brill, 2004. p.47-65.

_____. Árabe yemení. *In*: CORRIENTE, Federico; VICENTE, Ángeles (org.) **Manual de dialectología neoárabe**. Saragoça: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2008. p. 97 – 149.

_____. **Dialect Atlas of North Yemen and Adjacent areas**. Leiden – Boston : Brill, 2016a.

_____. The niktib-niktibu Issue Revisited. **WZKM**. Viena, n.106, p.21-36, 2016b.

_____. **Notes sur le parler “bédouin” des Ṣrāb Səbbāḥ**, no prelo.

BEHNSTEDT, Peter ; WOIDICH, Manfred. **Die ägyptisch-arabischen Dialekte I. Einleitung und Anmerkungen zu den Karten**. Wiesbaden : Reichert, 1985.

_____. **Wortatlas der arabischen Dialekte. Band I : Mensch, Natur, Fauna, Flora**. Leiden – Boston : 2011.

_____. Dialectology. *In*: OWENS, Jonathan (org.) **The Oxford Handbook of Arabic Linguistics**. Estados Unidos: Oxford University Press, 2013. p. 300 – 325.

BELL, Allan. Language style as audience design. **Language in Society**. n13. p.145-204, 1984.

BERGSTRÄBER, Gotthelf. Sprachatlas von Syrien und Palästina. **ZDPV**. Leipzig, n.38, p.169-222, 1915.

BIN MANṢŪR, ʿAbd al-Wahhāb. **Qabā’il al-Maġrib** (As tribos do Marrocos). Rabat: Al-Maṭbaʿa al-Malikiyya, 1968.

BIN AṢ-ṢAĠĪR, Ḥālid. aṣ-Ṣwīra. **MM**. vol.16, p. 5587-5589.

- BLANC, Haim. Style variations in Arabic: A sample of interdialectal conversation. *In*: FERGUSON, Charles A. (org.) **Contributions to Arabic Linguistics**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1960. p. 81-156.
- _____. **Communal dialects in Baghdad**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1964.
- BOUCHAREB, Ahmad. **Dukkāla wa-l-isti'mār al-burtuġālī 'ila sanat 'ijlā' Āsfi wa-Azammūr** (Doukkala e o imperialismo português até o ano da saída de Safi e Azamor). Casablanca: Dār at-ṭaqāfa, 1984.
- BOUKOUS, Ahmed. **Société, langues et cultures au Maroc**. Casablanca: Faculté des Lettres et des Sciences Humaines Rabat, Essais et études, 1995.
- BOUSSOFARA-Omar. Revisiting Arabic diglossic switching in light of the MLF model and its sub-models: The 4-M model and the Abstract Level model. **Bilingualism: Language and Cognition**. n.6(1), p. 33-46, 2003.
- CAFFARO, Paula da Costa. **Para a elaboração de um dicionário bilíngue da terminologia gramatical árabe-português**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Árabes). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- CANTINEAU, Jean. **Les parlers arabes de Ḥōrān, vol.I: Notions générales, grammaire, vol.II : Atlas**. Paris : Klincksieck, 1940.
- CANTINEAU, Jean. **Cours de phonétique arabe**. Paris: Klincksieck, 1960.
- CARITA, Rui. L'Ancienne Mogador au temps des portugais. *In*: **Essaouira: mémoire et empreintes du présent**. Université Ibnou Zohr, Publications de la Faculté des Lettres et des Sciences humaines – Agadir. Casablanca: Maṭba'a an-najāḥ al-jadīda, 1994. p.9-13.
- CAUBET, Dominique. Questionnaire de dialectologie du Maghreb (d'après les travaux de W. Marçais, M. Cohen, G.S. Colin, J. Cantineau, D. Cohen, Ph. Marçais, S. Lévy, etc.). **EDNA**. Saragoça, n. 5, p. 73 – 92, 2001.
- CAUBET, Dominique. Labiovelarization. **EALL**. vol.2, p. 621-623, 2011a.
- CAUBET, Dominique. Moroccan Arabic. **EALL**. vol.2, p. 273-287, 2011b.
- CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

- CHETRIT, Joseph. Délices et fastes sabbatiques: édition et analyse d'une qāṣi:da judéo-arabe d'Essaouira/Mogador sur le repas festif du Sabbat. In: DEN HEIJER, Johannes; LA SPISA, Paolo; TUERLINCKX, Laurence. **Autour de la langue arabe: Études présentées à Jacques Grand'Henry à l'occasion de son 70^e anniversaire**. Louvain-La-Neuve: Institut Orientaliste, 2012.
- COHEN, David. **Le dialecte arabe ḥassānīya de Mauritanie (parler de la Gǝbla)**. Paris: Klincksieck, 1963.
- COHEN, David. Le système des voyelles brèves dans les dialectes maghribins. In: COHEN, David. **Études de Linguistique Sémitique et Arabe**. Paris: Mouton, 1970. p.172-178.
- COLIN, George. Les parlers : l'arabe. **Initiation au Maroc**. Institut des Hautes Etudes Marocaines. Paris : Les Editions d'Art et d'Histoire, 1945[1938]. p. 219 – 47.
- COLIN, George. Al-Maghrib (VII. Aperçu Linguistique). **EI**. Vol.V, 1986. p.1193-1198.
- COUPLAND, Nikolas. **Style, language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- CORRIENTE, Federico. Árabe andalusí. In: CORRIENTE, Federico; VICENTE, Ángeles (org.) **Manual de dialectología neoárabe**. Saragoça: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2008a. p. 353-378.
- _____. Árabe egipcio (El Cairo). In: CORRIENTE, Federico; VICENTE, Ángeles (org.) **Manual de dialectología neoárabe**. Saragoça: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2008b. p. 235-254.
- _____. Andalusí Arabic. **EALL**. vol.1. Leiden-Boston: Brill, 2011. p.101-111.
- _____. **A Descriptive and Comparative Grammar of Andalusí Arabic**. Leiden-Boston: Brill, 2013.
- DOMBAY, Franz Lorenz vonœ. **Grammatica Linguae Mauro-arabicae: juxta vernaculi idiomatis usum. Accessit vocabularium Latino-Mauro-Arabicum**. Disponível em: <http://reader.digitale-sammlungen.de/en/fs2/object/display/bsb10521885_00058.html>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2019.
- DESJACQUES, Jean; KOEBERLÉ, Paul. Mogador et les îles purpuraires. **Hespéris**. Paris, n. 42, p.193-202,1955.

- DESTAING, E. **Textes arabes en parler des chleuhs du Sous (Maroc)**. Paris: INALCO, 1937.
- DOZY, Reinhart. **Supplément aux dictionnaires arabes**. Vol. I e II. Leiden: Brill; Paris: Maisonneuve Frères, 1927.
- DURAND, Olivier. **Dialettologia Araba**. Roma: Carocci editore, 2014.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**. p.87-100, 2012.
- EID, Mushira. Principles for code-switching between standard and Egyptian Arabic. **Al-Arabiyya**, n.21(1), p.51-79, 1988.
- EL MOUNTASSIR, Abdallah. **Méthode de Tachelhit**. Paris: L'Asiathèque, 2009.
- Encyclopédie Berbère**. vol.3. La Calade: Edisud, 1986.
- FERGUSON, Charles A. Diglossia (1959). In: HEBNER, Thom (org.) **Sociolinguistic Perspectives: Papers on Language in Society, 1959-1994**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1996. p. 25-39.
- FRANCISCO, Felipe Benjamin. **Pode entrar Meryl Streep! A ética da tradução em um romance de Rachid Daif**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- _____. Preliminary Notes on the Arabic Dialect of the Chiadma (North of Essaouira). In: Miller et al (org.) **Studies on Arabic Dialectology and Sociolinguistics : Proceedings of the 12th International Conference of AIDA held in Marseille from 30th May – 2nd June 2017**. Aix-en-Provence : IREMAM, 2019. p. 82-89.
- FUENTES, María-José. **Vocabulario Fenicio**. Barcelona: Biblioteca Fenicia, 1980.
- GARCÍA-ARENAL, Mercedes. **The Expulsion of the Moriscos from Spain : a Mediterranean Diaspora**. Leiden-Boston : Brill, 2014.

- GEMIGNANI, Beatriz Negreiros. **Estudo do vocabulário relacionado a poder e autoridade em Ibn- Almuqaffa**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- GERMANOS, Marie-Aimée; MILLER, Catherine. Sociolinguistique urbaine en domain arabophone: quels enjeux ? **Langage et Société**. Paris, n.138, p. 5-19, 2011.
- GILES, Howard; POWESLAND, Peter. **Speech Style and Social Evaluation**. Academic Press, 1975.
- GOMES, Elias Mendes. **Mil e um verbos árabes: uma proposta lexicográfica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- GÓIS, Damião de. **Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel**. Lisboa: Casa de Francisco Correa, 1566.
- GRIGORE, George. **A Bibliography of Aida (Association Internationale de Dialectologie Arabe): 1992-2017**. Iasi: Ars Longa, 2016.
- GUERRERO, Jairo. **El dialecto árabe hablado en la ciudad marroquí de Larache**. Saragoça: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2015.
- HADJ-SALAH, A. Lughā. **EI**, p.802-806.
- HARRAK, Fatima. Essaouira ou quelle ouverture sur L’Atlantique ?. *In*: KADDOURI, Abdelmajid. **Le Maroc et l’Atlantique**. Rabat: Publications de la Faculté des Lettres et des Sciences Humaines, 1992. p. 193-206.
- HARRELL, Richard. **A Short Reference Grammar of Moroccan Arabic**. 2 Ed. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2004.
- HEATH, Jeffrey. **Jewish and Muslim dialects of Moroccan Arabic**. Nova Iorque: Routledge, 2002.
- HIMMELMANN, Nikolaus P. Documentary and descriptive linguistics. *In*: **Linguistics**, n. 36, p. 161-195, 1998.
- HOLES, Clive (org.) **Arabic Historical Dialectology**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.
- HÖST, Georg. **Relations sur les Royaumes de Marrakech et Fès recueillies dans ces pays de 1760 à 1768**. Tradução de Frédéric Damgaard e Pierre Gailhanou. Rabat: Editions la Porte, 2002 [1779].

IBN KHALDUN, Abū Zayd ʿAbd ar-Raḥmān. **Al-Muqaddima** (Prolegômenos). Disponível em:

<http://www.alwaraq.net/Core/SearchServlet/searchone?docid=98&searchtext=2YHZiiDY09mGINmE2LrYqSDYp9mE2LnYsdio&option=1&offset=1&WordForm=1&exactpage=352&totalpages=1&AllOffset=1>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

IBN KHALDOUN, Abū Zayd ʿAbd ar-Raḥmān. **Histoire des Berbères et des dynasties musulmanes de l'Afrique septentrionale**. Tradução de De Slane. Alger: Imprimerie du Gouvernement, 1852.

IBN MANẒŪR. **Lisān Al-ʿArab**. Irã: Našr ʿAdab al-Ḥawza, 1984.

IBN SAʿĪD, Abū al-Ḥasan ʿAlī. **Kitāb Al-Juġrāfiya**. Texto fixado por Ismaʿīl Al-ʿArabī. Beirute: Al-Maktab at-tijārī, 1970.

JODIN, André. **Mogador: comptoir phénicien du Maroc Atlantique**. Tânger: Editions Marocaines et Internationales, 1966.

JUBRAN, Safa A-C.; FRANCISCO, Felipe Benjamin. Fī tarjamāt ma warada bi-l-lahja al-lubnāniyya fī riwāyat “Ṭiṣṭifil Meryl Streep” li-Rašīd aḍ-Ḍaʿīf (Sobre a tradução do dialeto libanês no romance “Ṭiṣṭifil Meryl Streep” de Rachid Daif). In: GRIGORE, George; BIṬUNĂ, Gabriel (org.) **Arabic Varieties: Far and Wide. Proceedings of the 11th International Conference of AIDA**. Bucureste: Editura Universităţii din Bucureşti, 2016. p. 331-336.

JUBRAN, Safa A-C.; JAROUCHE, Mamede Mustafā. **Min Ḥalab ilā Bārīs, riḥla ilā balāṭ Lūwīs ar-rābiʿ ʿaṣar** (De Alepo a Paris, uma viagem à corte de Luís XIV). Beirute: Manṣūrāt al-Jamal (Al-Kamel Verlag), 2017.

KHAN, Geoffrey. Judaeo-Arabic. **EALL**. vol.2. Leiden-Boston: Brill, 2011. p.526-536.

_____. Judeo-Arabic. In: KAHN, Lily; RUBIN, Aaron D. (org.) **Handbook of Jewish Languages**. Leiden: Brill, 2016. p.22-63.

KRAHMALKOV, Charles R. **Phoenician-Punic Dictionary**. Louvain: Peeters Publishers & Department of Oriental Studies, 2000.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

- LAKHDAR, Omar. **Mogador judaïca**. Rabat: Imp. El Maarif Al Jadida, 2015a.
- _____. **Mogador, mémoires d'une ville**. Casablanca: Géographique, 2015b.
- LAOUST, Pêcheurs Berbères du Sous. **Hespéris**. Paris, n.3, vol.III, p. 237-264; p. 297-361, 1923.
- LARCHER, Pierre. Diglossie arabisante et *fuṣḥā* vs. *‘āmmīyya* arabes: essai d'histoire parallèle. In: AROUX, Sylvain (org.) **History of Linguistics 1999**. Amsterdā/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p.47-61.
- _____. Al-lugha al-fuṣḥā : archéologie d'un concept 'idéolinguistique'. In: MILLER, Catherine ; HAERI, Niloofar (org.) **Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée**. Aix-en Provence, n.124, p. 263-278, 2008.
- LIMA, Suely Ferreira. **Do tempo e do aspecto entre o árabe e o português**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Árabes). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- LIPINSKI, Edward. **Semitic Languages Outline of a Comparative Grammar**. Louvain: Peeters, 1997.
- LÉVY, Simon. Le peuplement juif d'Essaouira et son parler. In: **Essaouira: mémoire et empreintes du présent**. Université Ibnou Zohr, Publications de la Faculté des Lettres et des Sciences humaines – Agadir. Casablanca: Maṭba‘a an-najāḥ al-jadīda, 1994. p.51-59.
- _____. Problématique Historique du Processus d'arabisation au Maroc : pour une histoire linguistique du Maroc. In. AGUADÉ, Jordi; CRESSIER, Patrice; VICENTE, Ángeles (org.) **Peuplement et arabisation au Maghreb Occidental: Dialectologie et Histoire**. Madri – Saragoça: Casa de Velázquez, Universidad de Zaragoza, 1998. p. 11-26.
- _____. **Parlers arabes des juifs du Maroc : Histoire, sociolinguistique et géographie dialectale**. Saragoça: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2009.
- MANA, Abdelkader. **Les rivages de pourpre, Essaouira-Mogador**. CasaExpress Editions, 2014.
- MARÇAIS, Ph. **Esquisse grammaticale de l'arabe maghrébin**. Paris: Maisonneuve, 1977.

- MARÇAIS, William. Comment l'Afrique du Nord a été arabisée. *In* : **Articles et Conférences**. Paris : Adrien-Maisonneuve, 1961[1938]. p. 171-192.
- MÁRMOL, Luis de. **Descripción general de África**. Casa de Rene Rabut, 1573. Disponível em: https://books.google.es/books?id=1WVevz1cDnwC&printsec=frontcover&vq=saydima&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=saydima&f=false. Acesso em 29 de Julho de 2019 às 22:00.
- MAUNY, R. Autour d'un texte bien controversé: le "périple" de Polybe (146 av. J.-C.). **Hespéris**. Paris, n. 36, p.47-67, 1949.
- MEJDELL, Gunvor. **Mixed Styles in Spoken Arabic in Egypt: somewhere between order and chaos**. Leiden: Brill, 2006.
- MICHAUX-BELLAIRE, M. **Villes et tribus du Maroc (Volume XI). Region des Doukkala: Tome II, Azemmour et sa banlieu**. Rabat: Publications de la Faculté des Lettres et des Sciences Humaines, 2012 [1932].
- MIFSUD, Manwel. Maltese. **EALL**. vol.3. Leiden-Boston: Brill, 2011. p.146-159.
- MITCHELL, T.F. What is educated spoken Arabic?. **IJSL**, n.61, p.7-32, 1986.
- MILLER, Catherine. Variation and Change in Arabic Urban Vernaculars. *In*: HAAK, Martine; JONG, Rudolf De; VERSTEEGH, Kees (org.) **Approaches to Arabic Dialects: A collection of articles presented to Manfred Woidich on the occasion of his Sixtieth Birthday**. Países Baixos: Brill, 2004. p. 177-206.
- _____. Arabic Urban Vernaculars: development and change. *In*: MILLER, Catherine *et al* (org.) **Arabic in the city**. Routledge Taylor, 2007. p. 1- 30.
- _____. Dialect koine. **EALL**. vol.1. Leiden-Boston: Brill, 2011. p.593-597.
- MOSCOSO, Francisco. El dialecto árabe de Essauira a partir de los textos publicados en 1893 por Albert Socin. **EDNA**. Saragoça, n.6, p. 35 – 97, 2002.
- MYERS-SCOTTON, Carol. **Multiple Voices: An introduction to bilingualism**. Oxford: Balckwell Publishing, 2006.
- OTTMANI, Hamza. **Une cité sous les alizés: Mogador, des origines à 1939**. La Porte, 1997.
- OWENS, Jonathan. Arabic Sociolinguistics. Leiden, **Arabica**. n. 43, p. 419-469, 2001.

- PALVA, Heikki. Patterns of Koineization in Modern Colloquial Arabic. **Acta Orientalia**, n. 43, p. 13 – 32, 1982.
- PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PERCEVAL, C. **Grammaire Arabe-Vulgaire [suivie de dialogues, lettres, actes etc, A l'usage des élèves]**. Paris, 1824. Disponível em : http://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/display/bsb10521872_00001.html. Acesso em: 6 de fevereiro de 2019.
- PEREIRA, Duarte Pacheco. **Esmeraldo de Situ Orbis**. Lisboa: Imprensa nacional, 1892.
- PREMARE, Alfred-L (org.). **Dictionnaire arabe-français (Langue et Culture Marocaines) (DAF)**. Paris : l'Harmattan, 1993.
- RABIN, Chaim. **Ancient West-Arabian**. Londres : Taylor's Foreign Press, 1951.
- RAMUSIO, G. Della Descrittione dell'Africa per Giovan Africano. In: *Delle nauigationi et viaggi raccolte da m. Gio. Battista Ramusio*. Vol.I, Veneza, 1613. Disponível em: https://books.google.es/books?id=xA_fOuebGzkC&dq=saidima+ramusio%27&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s . Acesso em 29 de Julho de 2019 às 23:00.
- Recensement général de la population et de l'habitat**. Alto Comissariado de Planejamento do Marrocos. 2014. Disponível em <http://rgphentableaux.hcp.ma/Default1/> . Acesso em 20 de Maio de 2019 às 14:00.
- RËTSO, Jan. **The Arabs in Antiquity: Their History from the Assyriads to the Umayyads**. Londres: RoutledgeCurzon, 2003.
- RICARD, Robert. **Les portugais au Maroc de 1495 à 1521**. Casablanca: Editions Frontispice, 2013 [1937].
- RODRIGUES, Júlia Cardoso. **Variação linguística e aspectos culturais na tradução de Táxi de Khalid el-Khamissi**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

- SANCHEZ, Pablo. **El árabe vernáculo de Marrakech: análisis lingüístico de un corpus representativo**. Saragoça: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2014.
- SANO, Walter Tsuyoshi. **A tradução escrita: sistema estendido de transposição ortográfica do árabe padrão moderno para o português brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Árabes). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SHOHAT, Ella. The Invention of Judeo-Arabic, Nation, Partition and the Linguistic Imaginary. **Interventions**. Estados Unidos: Routledge, 2016.
- SCHROETER, Daniel. **Merchants of Essaouira, urban society and imperialism in Southwestern Morocco, 1844-1886**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- SĪBAWAYHI, Abū Bišr °Amr Bin °Uṭmān. **Al-Kitāb**. Disponível em: <http://www.alwaraq.net/Core/SearchServlet/searchone?docid=33&searchtext=2YTYuti pINin2YTYrdis2KfYsg==&option=1&offset=1&WordForm=1&exactpage=12&otalpages=26&AllOffset=1> Acesso em 29 de Julho de 2019 às 22:00.
- SINGER, Hans-Rudolf. Ein arabischer Text aus Safi (Marokko). Dialectologia Arabica: a collection of articles in honour of the sixtieth birthday of professor Heikki Palva. **Studia Orientalia**. Helsinki, n.75, p.239-249, 1995.
- SOCIN, Albert. Zum arabischen Dialekt von Marokko. **Abhandlungen der philologisch-historischen Classe der Königlichen Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften**. Leipzig, n. 3. p. 151 – 203, 1893.
- SOCIN, Albert; STUMME, Hans (1894). Der arabische Dialekt der Houwāra des Wād Sūs in Marokko. **Abhandlungen der philologisch-historischen Classe der Königlichen Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften**. Leipzig, n.15, p.3-144.
- TAVARES, Pedro Daibert Machado. **Entre o cânone e o vernáculo: um estudo de caso da diglossia no Líbano**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- VANHOVE, Martine. **La langue maltaise**. Wiesbaden: Harrassowitz, 1993.
- VAUX, Bert; COOPER, Justin. **Introduction to Linguistic Field Methods**. Munique: Lincom Europa, 2003.
- VERSTEEGH, Kees. **The Arabic language**. 2 Ed. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.

VICENTE, Ángeles. **El dialecto árabe de Anjra (Norte de Marruecos): estudio lingüístico y textos**. Saragoça: Universidad de Zaragoza, Área de Estudios Árabes e Islámicos, 2000.

_____. Génesis y clasificación de los dialectos neoárabes. *In*: CORRIENTE, Federico; VICENTE, Ángeles (org.) **Manual de dialectología neoárabe**. Saragoça: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2008. p. 19-67.

VOLLERS, Karl. **Volkssprache und Schriftsprache im alten Arabien**. Estrasburgo: Trübner, 1906.

APÊNDICE – Textos

Texto 1 – M1

1.1. A noiva³⁵⁹

Transcrição³⁶⁰

hna ʕāndna f-əʃ-ʃwīra, l-ʕrūsa kā-yləbbsūha tākšīta ka-tʕāwūd u-təmši, u-tərʒəʃ b-ləbsa ūhra, ka-thəllī n-nās gālsīn u-ka-təmši. ka-ddəhḥəlha, ka-ttsəmma n-nəggāfa, n-nəggāfa hīyya hādīk lə-mra lli ka-tbəddīl līha l-lbās, nəggāfa, ka-tnəqqāš līha, ka-ddīr līha küll ši, ka-ddīha, ka-tʕāwūd dʒībha b-lbās dyāl š-šīlha, əl-lbās dyāl n-nās d-əʃ-šlūh, ši hāʒa hākka fūq rāsha u-*le rouge*, lə-ḥmār hūwwa dyāl əʃ-šlūh, ləbsa ḥəmra. ka-tʕāwūd tgləs bīha šwīyya u-ka-tʕāwūd ddīha u-dʒībha b-ləbsa dyāl š-šāmāl, ləbsa dyāl š-šāmāl ka-ykūn dāk š-ši fūq rāsha u-l-... žūž bnāt mʕāha k-... dāyrīn dāk t-tərbūš ʕla hna, u-hnāya ʕāmər b-dāk š-ši byəḍ, muḏawharāt ḥəyḍīn, kā-tʕāwd ddīr līha l-ləbsa dyāl ʃ-ʃāhḥra, ila bgāt.

Tradução

Aqui em Essaouira, vestem a noiva com a *tākšīta*, ela repete [a entrada], sai e volta com outro vestido, deixa todos esperando sentados e sai. Quem a faz entrar é a *nəggāfa*, a *nəggāfa* é aquela mulher que troca os seus vestidos, *nəggāfa* é quem lhe aplica rena, é quem faz tudo. Ela a traz novamente com o vestido dos berberes, o traje da gente berbere, com uma coisa assim sobre sua cabeça e *le rouge*, o vermelho, que é dos berberes, um vestido vermelho. Senta com ela um pouco e depois a leva novamente e a traz com o vestido do norte, que tem uma coisa assim sobre a cabeça, e duas moças com ela, fazendo aquele chapéu aqui, e aqui fica cheio daquela coisa branca, joias brancas, e depois coloca nela o vestido da região do deserto se ela quiser.

³⁵⁹ Gravado na casa da informante, em Essaouira, na presença de sua mãe e irmã.

³⁶⁰ Nas transcrições, os trechos em francês estão em itálico, e os trechos em árabe padrão, em negrito.

1.2. A vida no interior (Ṣrūbīyya)³⁶¹

Transcrição

kūnna ka-nṣīw lā-Ṣrūbīyya u-ḥna ṣḡāāār, māzāl ma-kāyn-š ɖ-ɖu, kānu ka-ydīru š-šmāš..
la bougie, d'accord? kānu ka-ydīru f-wūšɖ ɖ-ɖār bāš ka-ydūwwu u-ma-kān-š hād l-būla
bḥāl hādi ma-kān-š [interrupção] āh f-d-dāḥəl dyāl ɖ-ɖār ma-kān-š ɖ-ɖu, kān š-šmāš,
[F³⁶²: até hoje?] laaa! kūnna ka-nḥūrzu bḥāl hākka, ka-ybqāw ilāšbu... ḥna ṣ-ṣḡīwṛīn u-
kān ḡīr ɖ-ɖu dyāl l-qāmār bḥāl hākka.. k-ibqāw ilāšbu, k-ibqāw ilāšbu, dīma hna f-l-līl
w-āna kātt ka-nḥāf, āna ma ka-nbḡī-š nṓḥāṛṛāk.. dīma ka-ndīr hākka u-ka-nəbqa f-blāšti
bəzzāf u-(h)ūma ka-yžru w-ilāšbu. [...] dāba... (š)fti ɖ-ɖār lli mšīna līha dyāl šāmmi
Ḥasān u-dyāl šāmmi, līlāh yīṛḥamu, lli māt... hādīk ɖ-ɖār ḥīyya fīn kbəṛ bāḃa, ma fīn kbəṛt,
hādi kān ɖ-ɖār dyāl žəddi k-itsəmma k-itsəmma ɖ-ɖūwwār, šna ḥūwwa ɖ-ɖūwwār? ɖ-
ɖūwwār ḥīyya lli fīh ɖār ḥda ɖār, hādūk b-žūž āwla tlāta āwla āṛbša, k-isəmму ɖ-ɖūwwār,
ɖ-ɖūwwār ḥūwwa lli ka-yžəmmāš ɖār u-ɖār u-ɖār u-ɖār. šāfi? dāba ḥīyya kāy..hād ɖ-ɖār
ṭəmما, hāda kūllu k-isəmmīwh ɖ-ɖūwwār, yāk? [...] u-nkəmməl līk l-*histoire*? bāḃa fāš
kbəṛ <bāqi/bqa> wūlla šābb, mša yīntāqəl l-əš-Šwīra, mša ka-yḥāḍəm fə-l-bārko fa-mša
l-š-Šwīra u-skən ṭəmmāk u-ža hna u-dzūwwəž māma, māma kānt hna u-dzūwwəž bīha
u-ddāha ṣ-Šwīra, šāfi? w-**ulīdna**, ḥnāya dzādīna, u-kbəṛna ṭəmmāk.

Tradução

Vínhamos para o interior quando éramos pequenos, ainda não havia luz, colocavam vela,
la bougie, d'accord? (a vela, certo?) Colocavam no meio da casa para iluminar e não
havia lâmpada como essa, não havia [interrupção], sim, dentro da casa não havia luz,
havia vela, [F.: até hoje?] Não! Saíamos assim, ficavam brincando, nós, os pequenos, e
havia apenas a luz da lua, desse jeito. Brincavam, brincavam. Sempre aqui e de noite. Eu
tinha medo, eu não queria me mexer. Sempre ficava assim, bem parada no meu lugar,
enquanto eles corriam e brincavam. [...] Agora... vii aquela casa a que fomos, a do meu
tio Ḥasān e do meu [outro] tio, que Deus tenha misericórdia, que morreu? Aquela é a casa
onde cresceu meu pai, não onde eu cresci, era a casa do meu avô, que se chama *ḍūwwār*,
o que é o *ḍūwwār*? O *ḍūwwār* é quando há uma casa ao lado da outra, como aquelas, de
dois, três ou quatro, chamam de *ḍūwwār*, o *ḍūwwār* reúne uma casa, outra casa e mais

³⁶¹ Gravado no vilarejo de sua família, em Aquermoud, durante a noite.

³⁶² “F.” indica uma pergunta do entrevistador.

outra, certo? Agora tem aquela casa lá, tudo isso chamam de *dūwwār*, certo? [...] Termino de lhe contar a história? Meu pai, quando cresceu, ainda era moço, mudou-se para Essaouira e foi trabalhar com o barco, então foi para Essaouira e ficou morando lá. Veio aqui e casou-se com minha mãe. Minha mãe estava aqui e ele se casou com ela e a levou a Essaouira, entendeu? Nascemos aqui e crescemos lá.

Texto 2 – M2

2.1. Cotidiano dos pescadores³⁶³

Transcrição

b-nāhḍru dāba ʔhna ʕāl-lə-bḥār, lə-bḥār f-əṣ-Ṣwīra ʕāndu ʕālāqa mʕa s-sākina mʕa s-sukkān, n-nās dyāl əṣ-Ṣwīra: l-bəḥrīyya, r-ryās u-l-mʷās, l-bəḥri hūwwa ʕ-ṣəyyād, u-r-ṛāyəs hūwwa qāyəd l-bāḥīra, u-l-mūs hūwwa ḥāris l-bāḥīra [F.: como se chama?], l-mūs, l-mūs ta-ngūlu lu, l-mūs, s-səkkīn, u-l-mūs hūwwa l-ḥāris lə-l-bāḥīra, āyy səkkīn l-bāḥīra, yaḥrusuha, l-mūs, ʕāwd tāni f-əl-... bārko d-əs-sərdīn, l-bārko hūwwa l-bāḥīra, bārko, kāyən r-ṛāyəs u-hūwwa qāyəd l-mərkāb, qāyəd l-bārko, lə-ḥlīfa hūwwa musāʕid l-qāʕid, lə-ḥlīfa, fāš ka-yḥūrzu ka-yzi, qābl ma izi, ka-yḥūrzu, küll wāḥəd f-əl-bəḥrīyya ka-yziḥu l-gāšte, l-gāšte hūwwa l-māʕūna, l-māʕūn, l-māʕūna, l-ʕakl, yitsəmma l-gāšte ta-yḥūrzu ʕāl-lə-bḥār, l-bəḥrīyya ta-ykūnu səttāš, ārbʕa u-ʕəšrīn, bāḥḥār, bāḥri, āyy ʕəyyād.[...] <kān tkūn> bəʕda mwūḍḍi məzyān, mwūḍḍi, fārḥān, nəšət, fa-ta-yḥūrzu, ta-yšəyyḍu l-ḥūt, fāš ka-ydhūl l-ḥūt lə-l-məṛša <ta-yziw> mə-l-ʕānbār, l-mākān t-ikūn fīh s-sāmāk, s-sārdīn, u-t-igūlu:

*aḷḷāh mʕālli ʕlīk a ʕaṣūl ḷḷāh
aḷḷāh mʕālli ʕlīk a ʕāṣūl ḷḷāh
aaa žāāāh b-mūlāy mḥāmməd...
a žāāā b-...*

āna ḥāfḍa wa-nsītha, dāba nʕāwd nfəkkəṛ fīha..bāš āḷḷāh, ʕāzz u-žāll, yīnzəl l-bārāka l-dīk s-sārdīn lli žābu.

Tradução

Vamos falar agora do mar em Essaouira, o mar em Essaouira tem relação com os habitantes, com a gente de Essaouira: os marinheiros, *r-ryās* e os *mʷās*, o marinheiro é o

³⁶³ Conversa com o informante num café na praça Mulay Hassan.

pescador, e o *ṛāyāṣ* é o capitão do barco, ele é o capitão do barco, e o *mūs* é o vigia do barco [F.: como se chama?], chamamos de *mūs*, a “faca”, ele é o vigia do barco, a faca do barco, ele o protege, mais uma vez, *mūs*. No barco de sardinha, *bārko* é a mesma coisa que *bāḥīra* [nomes para o barco ou navio], há o *ṛāyāṣ*, o capitão do barco, o *ḥlīfa*, o ajudante do capitão... e o *ḥlīfa*, quando saem, ele vem... antes de vir, eles saem... cada um dos marinheiros traz o *gāšte*, *gāšte* é a marmita, a comida, que se chama *gāšte*, e então saem para o mar. São dezesseis, vinte e quatro marinheiros, isto é, pescadores. [...] Então, quando já estão prontos, alegres e dispostos, saem e pescam o peixe. Quando entra o peixe no porto, eles <o tiram> do porão, o lugar onde fica o peixe, a sardinha, e então dizem:

Que Deus lhe abençoe, ó, Mensageiro de Deus
Que Deus lhe abençoe, ó, Mensageiro de Deus
Glória ao nosso senhor Muḥammad...

Eu a memorizei, mas esqueci, depois vou tentar lembrar... a fim de que Deus, poderoso seja, faça recair a bênção sobre aquela sardinha que trouxeram.

2.2. Um prato judeu³⁶⁴

Transcrição

ka-tkūn əs-shīna ʕəndi, ka-ydīru əs-shīna nhār əž-žūmʕa f-əl-ʕšīyya, nhār ārbāʕ, ka-ydīru s-shīna dyālthūm, kūll ʕi l-ṭhūd... ka-ydīru s-shīna dyālthūm, kāyən lli ka-ydīra b-əl-lḥām, kāyən lli ka-ydīra b-əl-kūrʕīn... bāʕ ka-ydīrha... kāyn (lli) k-idīr l-ḥūmmūʕ, kāyn (lli) k-idīra b-ərrūz... kāyn (lli) k-idīra b-... hāda.. āsmu... ḥrām ʕlīh... u-nhār s-səbt ka-yžīw... mʕa ʔ-ṭnāʕ... mʕa ʔ-ṭnāʕ ntāʕət n-nhār ka-yžību lūḥa ka-yddi s-shīna dyāltūm, dīk s-sāʕa[...]. ka-yžīw n-nās ʕāndhūm, lə-msəlmīn, ka-yddīw ʕāndhūm s-shīna, n-nās lli ʕārḑīnhūm ka-ydīru ʔ-ṭəbʕīl dyāl s-shīna [...]. HS: āšmən ʕām nta ʕāqəl ʕlīha? MF: ḥāmsa u-ḥāmsīn.

Tradução

Havia *shīna* onde eu morava, faziam a *shīna* de sexta-feira de tarde, na quarta-feira faziam a *shīna* deles, todos eles, os judeus, faziam a *shīna*, havia quem a fizesse com carne e quem a fizesse com pé (de carneiro)... para fazê-la... havia quem a fizesse com grão-de-bico e quem a fizesse com arroz... quem a fizesse com isso... como chama?... que é proibido... e no sábado eles vinham, às doze horas (meio-dia) traziam uma tábua onde

³⁶⁴Conversa gravada por M2 entrevistando um antigo padeiro da cidade.

colocavam a sua *shīna*, isso naquela época. [...] As pessoas vinham à casa deles, os muçulmanos, e [os judeus] levavam *shīna* para eles, preparavam o prato de *shīna* para as pessoas que conheciam [...]. HS: Você está se recordando de qual ano? MF: cinquenta e cinco.

Texto 3 – M3

3.1. Sobre a maré³⁶⁵

Transcrição

[F.: Já ouviu falar da palavra *mārīyya* (maré)?] AH: kāyna... kāyna... ka-yſāwdu... t-igūlu: wāš kāyna lāmārīyya wūlla l-q^wšīyyə? lāmārya hīyya **lamma** t-iſmār lə-bhār t-yītləſ t-yītləſ bəzzāf u-ta-yīsrāh bəzzāf u-l-q^wšīyyə hīyya ila b-yīſmār ka-yīſmār gīr šwīyya, t-yīſmār-š bəzzāf, u-ila b-yīsrāh ka-yīsrāh gīr šwīyya u-hīyya ſānda ſālāqətha mſa l-qāmār, hād l-ſāmālīyya. āna f-nəfs l-wūqt kánt āna u-ſhābi bə-l-līl ka-nſīyydu bə-l-q^əſba f...f-ən-nāhya d-ſ-Šwīra hna ž-žrāf u-dāk š-ši, u-ka-nrūddu l-bāl lāmārya, īmta ka-tkūn lāmārya t-igūlūh wūlla l-q^wšīyyə, yəſni həſſna nſārſu bīnna ž-žərſ lli ga-nīmšīw līh, ila kánt l-q^wšīyyə rāh ma ga-ykūn-š l-hūt, l-?ānna ka-yītləſ gīr šwīyya d-əl-ma. walākīn ila kāyna lāmārya ka-ykūn... u-lāmārya **gālibān** tə-ttəſrəf ſənd əl-bəhḥāra b-?īnna ta-džīb l-hūt šwīyya, hīt lə-bhār tələſ mən tīsāſ āktār. hādīk l-qāḍīyya dyāl l-qāmār ila kən l-qāmār kāmīl, *pleine lune*, **məbda’iyyan** ka-tkūn l-q^wšīyyə, ma t-yīſmār-š lə-bhār bəzzāf, ma ta-yīsrāh-š bəzzāf, sərḥa, ta-yīsrāh.

Tradução

[F.: Já ouviu falar da palavra *mārīya* (maré)?] AH: Há... há... dizem: [hoje] tem *lāmārīya* [maré alta] ou *q^wšīyyə* [maré baixa]? A *lāmārīya* é quando o mar enche, sobe bastante e baixa bastante. O *q^wšīyyə* acontece se... quando o mar enche, enche só um pouco, não enche muito e, se baixa, baixa pouco, e isso tem relação com a lua, esse processo. Eu estava com meus amigos de noite pescando com a vara nos arredores de Essaouira, aqui nas rochas, e ao mesmo tempo prestávamos atenção na maré, quando havia *lāmārya* ou *q^wšīyyə* eles diziam, isto é, temos que saber para qual rocha teremos que ir. Se for *q^wšīyyə*, não vai ter peixe, porque a água sobe pouco. No entanto, se for *lāmārya*... a

³⁶⁵ Entrevista com M3 em sua galeria.

lāmārya é conhecida frequentemente entre os marinheiros por trazer só um pouco de peixe, pois o mar está subindo, pegando uma extensão maior. Aquela questão da lua... se a lua está cheia, *pleine lune*, a princípio é *q^wšȳyər*, o mar não enche muito nem baixa muito, fica baixo.

Texto 4 – J1

4.1. Milagres do Rabino Haim Pinto³⁶⁶

Transcrição

[F.: que tipo de poder tinha o rabino Haim Pinto?] JS: mātalān ta-yhərž wāhəd z-zənqa u-ta-yšūf n-nās, nta šāndāk qṭəf dyāl lə-flūs b-žībək, šṭīh l-masākīn, idīr hādi... fhāl hādi. wāhəd... nšāwdək wāhəd l-qīšša. Rābbi Dāwīd Pīnto lli hūwwa məs?ūl b-(h)di Hīllūla f-əš-Šwīra lli ta-yžīw fīh l-ūlād xxx fūq mən səttīn šām, řāžəl, tḃārək əlīāh, b-ləḃya u-muḥtārām u-n-nās ta-yīhtārmu tḃīšāt l-hāl. hādi l-qīšša di išāwəd šlīna hūwwa b-fūmmu. kān žāyy mən Bārīs l-əš-Šwīra fə-t-ṭīyyāra, gāl līk: gīr *l-avion* tzātt mə-l-ārḍ, wāhəd d-dərri š-sgīr, šāndu šī sīmāna wūlla šāšř īyyām, t-yībki t-yībki u-dāk lə-bka mīši šādi, t-yībki ktīr ḥətta d-dərri wūlla zārḳ, *la mamam* dyāl d-dərri tḥəllšāt, šīyytāt l-*hôteesse de l’eau*, gālt līha *le bébé* ma gādi... ma bqa šī... ḥdāt *micro* xxx ta-nṭəlbū mən *les passagers* ila kān šī ḥād hūwwa tḃīb, ḥətta wāhəd ma žāwəb, wāš kān šī ḥād lli hūwwa *infirmier*, tta wāhəd ma žāwəb, wāš kān šī ḥād lli <īḥəšš išāwən> ma žāwəb, *l-hôteesse de l’eau* ta-ḍḍūr hākka u-tšūf l-ḥəzzān rābbi Dāwīd Pīnto, gālt “šūf, nžīb līk hād d-dərri, ḥna xxxx dyālķūm, šūf nta ddīr līh... žəřəbna küll šī, tta ḥāža ma...”, gāl līha “āna nīt mṛīḍ, <ḥəšš li ibārək šlīyya, yīḥəšš li yīṭəlb šlīyya>”, gālt līh “ma ta-nəqbəl-š hād l-kīlma, gādi nžību līk”, u-žāt līh *le bébé*, t-yībki, u-igūl līh “ya rābbi Ḥāyəm, ma tḥəssəmnī-š mša hādi n-nās, bīyyīn lə-šžāyəb dyālək”. gīr gāl hād l-klām d-dərri nšās f-īdīh. hādi qəšša mən šādād dyāl l-qəššāt.

Tradução

[F.: que tipo de poder tinha Rabbi Haim Pinto?] JS: Por exemplo, ele saía por alguma rua, olhando as pessoas, [e dizia-lhes]: “você tem um pouco de dinheiro no seu bolso, dê aos pobres”. Ele fazia isso... algo desse tipo. Um... vou lhe contar uma história. O rabino

³⁶⁶ Entrevista com J1 sobre os poderes sobrenaturais do célebre rabino Haim Pinto, que viveu em Essaouira no fim do século passado.

David Pinto, que é o responsável pela *Hillūla*³⁶⁷ em Essaouira, quando vêm seus filhos xxx, ele tem mais de sessenta anos, é um senhor, benza Deus, com barba, um homem de respeito. As pessoas o respeitam obviamente. Esta história que nos contam saiu de sua boca. Ele estava vindo de Paris a Essaouira de avião. Assim que o avião levantou voo, uma criança começou a chorar. Tinha uma semana ou dez dias. Chorava, chorava. Era um choro fora do normal. Chorou até ficar azul. A mãe da criança ficou apavorada e chamou a aeromoça. Disse-lhe: “o bebê não vai... não há nenhum...”. Então ela pegou o microfone xxx “pedimos aos passageiros que se houver algum médico...”. Ninguém respondeu. “Há algum enfermeiro?”. Ninguém respondeu. “Há alguém que <possa ajudar>?” e ninguém respondeu. A aeromoça virou assim e viu o rabino David Pinto e lhe disse: “vou trazer a criança para o senhor, nós xxx do senhor, veja o que pode fazer, já tentamos de tudo e nada...”. Ele lhe respondeu: “estou doente, é necessário que seja eu?”. Então disse: “não aceito o senhor dizer isso, vou trazê-lo para o senhor”. Ela lhe trouxe o bebê, que chorava, e então ele disse: “Rabino Haim, não me <desampare> junto a essas pessoas, mostre seus milagres”. Ao dizer essas palavras, a criança dormiu em suas mãos. Essa é uma dentre várias histórias.

Texto 5 – J2

5.1. Lembranças do porto³⁶⁸

Transcrição

āna nəʃqəl ʕla l-mərʃa d-əʃ-ʃwīra, kānīt... kānu fīha *les dépôts*, l-ḥnāsi, kānu izīw f-əl-bāḇūrāt, kānu hnāk ḥnāsi d-lūz, u-d-kāwkāw, *les cacahouètes*, u-d-ḥərṛūb mətḥūn, u-kūnna nzīw nḥəllu si... f-əl-ḥənsa u-<xxx> mən hnāk, kāwkāw u-l-lūz, mədḍi kūnna ʃgār. u-kānu... u-kūnna nəmsīw ʕāl-l-.. kūnna nṣīyydu hnāk f-əl-mərʃa mən ʕla bərṛa u-kūnna nəmsīw ta-ntsənnāw mədḍi izīw s-sərdīl kūll nhār fə-ʃ-ʃbāḥ... kānu izīw l-bāḇūrāt b-əs-sərdīl u-kūnna nzīw b-... b-wāḥəd l-ḥənsa f-īdīna kūnna... yīʃṭīwna s-sərdīl b-fāḇūr, bla flūs, hād s-si ta-nəʃqəl ʕla... ʕāl-l-mərʃa.

Tradução

³⁶⁷ Espécie de peregrinação anual ao túmulo do rabino Haim Pinto organizada por seus descendentes.

³⁶⁸ Resposta do informante, por meio do *Whatsapp*, a respeito de suas lembranças do porto de Essaouira.

Lembro-me do porto de Essaouira, era... havia *les dépôts* (depósitos), os sacos que vinham nos navios... havia sacos de amêndoa, de amendoim, *les cacahouètes*, e de alfarroba moída, e íamos abri-los e <tirávamos> do saco, de lá, amendoim e amêndoa quando éramos pequenos. Íamos ao... ficávamos pescando lá no porto, do lado de fora... íamos... e ficávamos esperando quando chegavam as sardinhas. Todo dia de manhã vinham os navios com as sardinhas, íamos com uma sacola na mão e nos davam a sardinha de graça, sem dinheiro, é disso que me lembro sobre o porto.

ANEXO A – Mapas

Mapa 1

Fonte: Behnstedt (2016), *The niktib-niktibu Issue Revisited* (no prelo).

Mapa 2

Fonte: *WAD*, vol. I, *Fisch*, mapa 115 p. 337

Mapa 3

Carte des Tribus au 500.000^e. Mogador-Safi-Marrakech. Feuille N^o. 6. Casablanca.

Fonte: *Bibliothèque Nationale du Royaume du Maroc.*

Mapa 4

Mapa das tribos do Marrocos, *Bureau des cartes du Résident*.

Fonte: *Bibliothèque Nationale du Royaume du Maroc.*

Mapa 5

Map 3 Essaouira: quarters, markets and places of business (based on a map drawn by the British engineer James Craig, in the 1860s, in DAR/Ess. 9, in Arabic)

Bairros de Essaouira no século XIX d.C.

Fonte: Schroeter, D. *The Merchants of Essaouira*, 1988, pp. 16-17

Mapa 6

Carte linguistique du Maroc (Laranja: árabe; Amarelo: berbère)

Fonte: Boukous, A. *Société, langues et culture au Maroc*. Casablanca: Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de Rabat, 1995.

ANEXO B – Fotografias do campo

Imagem 1

Vista aérea da *medina* de Essaouira.
Fonte: autor desconhecido (Redes sociais).

Imagem 2

Vista aérea de Essaouira (medina, porto e parte nova).

Fonte: autor desconhecido (Redes sociais).

Imagem 3

Praia de Bḥəybəḥ, litoral norte de Essaouira. Vista da costa para o continente.
Município de Aquermoud.
Fonte: arquivo pessoal do autor.

Imagem 4

Vilarejo da família de nossa informante, em zona rural, no município de Aquermoud.
Fonte: arquivo pessoal do autor.

Imagem 5

Hafid e o autor na *Pâtisserie Driss*.
Fonte: arquivo pessoal do autor.

Imagem 6

Ahmed em sua galeria, no interior do muro da medina de Essaouira.
Fonte: arquivo pessoal do autor.

Imagem 7

Vista do muro da *medina* e da torre onde se encontra a galeria de Ahmed.
Fonte: arquivo pessoal do autor.

Imagem 8

Barcos tradicionais (*flūka*) no Porto de Essaouira
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 9

Sufyan e o autor na *Pâtisserie Driss*.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 10

Joseph na *Galerie Aida*.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 11

Cemitério judaico de Essaouira.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.